This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

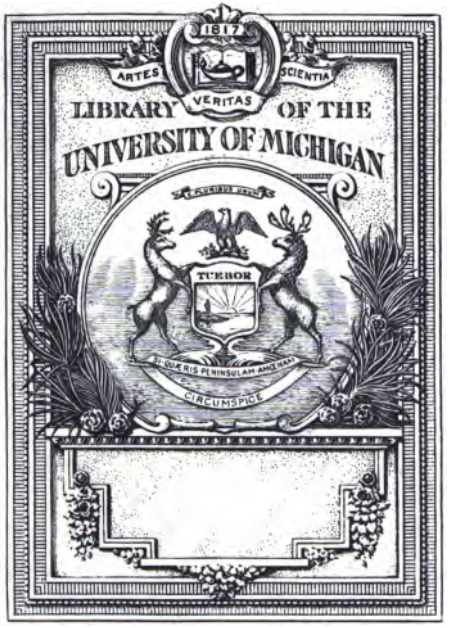
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
P645tr

DO·ESTUDO·FLORESCE·A·LUZ
LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO — TELEFONE, 25988



Pina de Mello, Francisco de,

TRIUMPHO DA RELIGIAÕ.

Poema Epico-Polemico;

QUE

A' SANTIDADE DO PAPA

BENEDICTO XIV.

DEDICA

FRANCISCO DE PINA E DE MELLO,

Moço Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade Fideliſſima, e Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza.

COIMBRA:

Na Officina de ANTONIO SIMOENS FERREIRA, Impreſſor da Univerſidade, Anno de 1756.

Com todas as licenças neceſſarias.

869.8
P645 tr

13- 3744/07

LICENÇAS DO S. OFFICIO.

O M. R. P. M. D. Fr. Bernardino de S. Roſa, Qualificador do S. Officio, veja eſte Livro de Franciſco de Pina e de Mello, e infórme com o ſeu parecer. Coimbra em Meza de Abril 2. de 1754.

Garrido.

Juizo, e approvaçaõ do M. R. P. Fr. Bernardino de S. Roſa, da Ordem dos Prégadores, Meſtre, e Doutor na Sagrada Theologia pela Univerſidade de Coimbra, Preſentado do numero pela liçaõ dos Eſtudos geraes da ſua ſagrada Religiaõ, Conſultor do S. Officio, Examinador das Trez Ordens Militares, Regente dos Eſtudos, e Reitor do Real Collegio de S. Thomás da meſma Univerſidade.

Muito Illuſtres Senhores Inquiſidores Apoſtolicos.

POR ordem deſſe rectiſſimo Tribunal vi, e examinei o *Triumpho da Religiaõ*, ou *Poéma Epico-Polemico* de Franciſco de Pina, e de Mello, Moço Fidalgo da Caſa de S. M. e Academico da Academia Real, e conto por favor eſta Ordem, que recebo; pois em ter lido eſte brilhante *Poéma* tenho logrado huma ſingular complacencia, vendo feitas Religioſas, e ſagradas as Muſas mais aménas, nas quaes entre os Poétas do ſeu tempo he facilmente Principe Franciſco de Pina, e de Mello. Elle as paſſa neſte Poéma, deſde o monte Heliconio para o monte Siaõ, e ſe deixa ver Philoſopho, e Theologo todo coroado de Louro. Elle em ſuave metro deſfaz os errados Syſtemas dos *Atheiſtas*, *Politheiſtas*, *Deiſtas*, *Libertinos Religionarios*, e *Cyrenaicos*, do *Mahometiſmo*, *Hebraiſmo*, *Lutheraniſmo*, *Calviniſmo*, e dos *Inchoerentes*, e aſſim cantando o mais glorioſo Triumpho da Religiaõ Catholica Romana

nos mostra a Espada dos seus illustres Maiores degenerand
em lustrosa penna, a penna em palma, e a palma em Lour
Elle, deixadas as fabulas, faz servir o verso ao verdadei
Nume, illustrando as Musas com o pincel da verdade, e
naõ ter dado outro nome ao seu elegante Poêma, eu lhe ch
mara o *Anti-Virgilio*, ou *Anti Ouvidio*, assim como aquelle
celebre Cardeal Polignac se diz o *Anti-Lucrecio*. Tanto,
mais dista o Pina da mentira, como aquelles dous Poetas
fama distaraõ da verdade. Toda esta obra respira doutrina
lida proposta com ardor, e efficacia, declarada com subtil
veza, authorisada com todas as letras; as divinas com gra
proprio, e judicioso commentario; as profanas com tal gra
que sendo ellas pura folha à luz das divinas, as converte a
destreza em penetrante espada, que adoçando o ouvido con
florida, se sente no coraçaõ como pedra preciosa, que edifi
Destes milagres hum só se conta em a natureza; porém ne
fabrica hum, e muitos em cada folha. Nobre Edificador
este Poéta, que de novo levanta a gloriosa Torre do Liba
contra a Cidade de Damasco, adornandoa com os dourad
Escudos da verdadeira Religiaõ, e despindo de todo o gen
de defeza aos pestiferos dogmas, de que triumpha neste clari
mo *Poêma*. Elle oppoem aos rebeldes as armas, que es
pendentes dos Baluartes da Igreja, e com taõ uniforme di
plina, que sendo os modernos sectarios, como máos ovos
máos Corvos, tirados das cinzas dos antigos Hereges, a hu
e outros acomette com Catholico valor, tirando do Thes
ro da sua vastissima erudiçaõ novas, e antigas preciosidad
Tambem os Hereges quizeraõ adoptar as Musas para mel
encobrirem a perversidade dos seus fantasticos enredos.

Ario no principio do 4. seculo da Igreja, primeiro scisi
tico, depois fatal Heresiarca, compôs a sua infame Thale
que era huma Cantilena molle, em a qual exprimio tod
veneno do seu erro contra a consubstancialidade do Filho,
com este artificio atrahir os ignorantes de hum, e outro
ao seu nefando partido. Seguio Ario neste genero de Poesi
impurissimo Sotades. Outros Hereges poetizaraõ, e pod
agitar o seu espirito com dous furores, hum nobre, outro v
simo, o nobre da Poesia, o vilissimo da Seita. Distingui
Theodoro Beza, celebre Discipulo de Calvino, de cujos ve
nos dá noticia Santeño com outros. Cantou na confusa

nel

nebra, onde ſe recolheu depois do afamado colloquio de Poiſſi. O falſo Oraculo de Londres junto à porta *Alderghet*, onde de hum cavado muro, recluſa por induſtria dos Hereges *Izabel Croſte*, pronunciava infauſtos ſucceſſos à graõ Bretanha, reinando a Catholica Maria, era huma eſpecie de Apollo Delfico, porque tudo quanto pronunciava era verſo. Porém deſcobrio-ſe, que o Author deſtes verſos era o infame *Drar*, que aſſim inſtruſa a recluſa *Izabel Croſte*, para animar *o Proteſtantiſmo*, qne naquelle reinado hia declinando. Porém as Muſas ſendo de ſua natureſa luſidas, na doloſa lingoa dos filhos das trevas eſtaõ como violentas. Bem ſei, que no Etniciſmo, e principalmente no ſeculo de Auguſto ſobiraõ ao ponto mais brilhante; mas ainda nas lingoas dos Gentios padeciaõ ſua violencia, e eſtavaõ como Ancillas. Apareceo a glorioſa Legiaõ dos SS. PP. e as chamou para a fortaleſa da Igreja. Foraõ cantados em doces verſos os Dogmas Sagrados do *Catholiciſmo*. De Ancillas paſſaraõ as Muſas a Senhoras, e. como deixados os ſuaves licores de Aganippe, principiaraõ a beber mais chriſtalinas agoas na perenne fonte do Libano.

Deſde o Vaticano uſou dos metricos numeros o Santo Pontifice Damaſo, natural de Guimaraens confórme a mais ajuſtada tradiçaõ, e naõ de Madrid, como queria Flavio Dextro, Author de cuja exiſtencia duvida a Critica moderna. Pio II. foi excellente Poeta, e Urbano VIII. foi na meſma arte peritiſſimo. S. Proſpero Padre do 5. ſéculo invicto Defenſor da Doutrina Auguſtiniana contra os Palegianos, e Semipelagianos, das meſmas ſentenças de S. Agoſtinho compós, e deixou à Poſteridade hum livro de Epigrãmas, de cujo primeiro diſtico ſe conhece bem a excellencia da obra, aſſim como da unha a grandeſa do Leaõ:

Dum ſacris mentem placet exercere loquelis,
Cæleſtique animam paſcere pane juvat.

Alguns lhe quizeraõ atribuir o Poêma de *Providentia Dei*; mas já os Eruditos tem moſtrado, que he de Author Pelagiano, o qual naõ explica bem a graça de Chriſto. Aſſim deixádo o tal Poêma aos Sectarios, temos por obra certa, e indubitavel de S. Proſpero o *Carmen de ingratis* contra os Pelagianos, cujo argumento, e Prefacio he eſte:

Unde voluntatis ſanctæ ſubſiſtat origo;
Unde animis pietas inſit, & unde fides;
Adverſus ingratos, falſa & virtutes ſuperbas
Centenis decies verſibus excolui.

S. Gregorio Nazianzeno Padre do 4. ſéculo, e chamado por antonomaſia o Theologo, enriqueceo a Igreja de excellentes Verſos, e ainda hoje ſervem de admiraçaõ aos mais cultos engenhos o Poêma, que dirigio a Chriſto: o da virgindade: o outro às Virgens; e varios opuſculos em verſo, ſem que contemos a tragedia da Paixaõ de Chriſto, a qual naõ quer Belarmino ſeja obra ſua, porque naõ diz com a gravidade do Theologo. S. Paulino de Nola, Padre do 5. ſéculo eſcreveo huma Carta poética a Jovio, em a qual entre varias doutrinas, que lhe explica, enſina, que nada faõ o fado, e a fortuna. Eſcreveo outra a Auſonio: outra a Ciltherio: outra a Pe-Neumacio: os verſos Natalicios de S. Felix, e cantou com novo metro muitos Pſalmos de David: varios verſos, e de varios argumentos cantou S. Joaõ Damaſceno, Padre do 8. ſéculo. Iſto baſta para ſe perceber o como ſe viraõ as Muſas em Siaõ, e que naõ foi ſó o Parnaſſo, onde habitaraõ. Ellas, como todas brilhantes, tambem fizeraõ a ſua guerra às ſombras.

Entre as Muſas do Parnaſſo cultivou-ſe a Muſa ſublime de Lucrecio. Foi Tito Lucrecio Caro, Poeta Latino elegantiſſimo, Philoſopho Epicureo, de naçaõ Romano. Conta-ſe, que eſtudou em Athenas, e que tivera por Meſtres a Zeno, e a Phedro, que naquelle tempo eraõ os Principes da Seita Epicurea. Seja, como for, Lucrecio, tirada toda a providencia do Nume, naõ ſó tirou a Religiaõ, mas tambem todo o raciocinio, eſcrevendo ſeis livros de *natura rerum* em verſo belliſſimo. Nelles tudo reſpira hum puro *Atheiſmo*. Dizem, que a obra de Lucrecio fora emendada, e acabada por Cicero, Principe da Eloquencia Romana, o qual lhe achou mais arte, que engenho. Quintiliano a louva. Carlos Stefano julga, que elle ſeguio o ſyſtema Philoſophico de Empedocles. Por ultimo Edmundo Purchote no Prefacio à Fiſica o poem na claſſe de Ariſtoteles. Seja, como for, Muſa mais feliz achou o Cardeal de Polignac em Siaõ, e com tal Muſa oppos ao *Atheiſta* Lucrecio nove livros no glorioſo reinado do Chriſtianiſſimo Luis XIV. em que delineou o ſeu *Auti-Locrecio*. Quem foi o ſenhor Polignac, e quanto foi eſtimada a ſua obra, conſta dos elogios, que lhe pronunciaraõ nas

Aca-

Academias reaes das Inſcripçoens, Bellas letras, e ſciencias M. de Boze, e M. de Mairan. No livro 1. dos amores celebrou Ovidio a profana Muſa de Lucrecio:

Carmina ſublimis tunc ſunt peritura Lucreti,
Exitio terras quem dabit una dies.

Nos faſtos da honeſtidade, e da honra elogiaraõ aquelles Sabios de Paris o merecimento, e virtude do ſenhor Polignac. Nunca a Urna do eſquecimento terá em depoſito o ſeu nome, e a ſua Muſa.

O Methodo do Eminentiſſimo Polignac contra o *Atheiſmo* he ſeguido pela eminente Muſa de *Prãciſco de Pina e de Mello*, cõtra o *Atheiſmo*, *Politheiſtas*, *Deiſtas*, *&c.* Huma, e outra Muſa de Polignac, e de Pina ſe abraçaraõ em Siaõ. Mais dilatado argumento ſegue o noſſo *Pina*, e ſe os Franceſes tem a gloria de que o ſeu Polignac confutou em altiloquo verſo ao *Atheiſmo*, os Portuguezes, levando mais a diante a ſua gloria, temos no noſſo egregio *Pina* o acerrimo confutador de tantas Seitas, quantas ſe vem proſtradas neſte valente *Poêma*. O Polignac ſeguio Carteſio, e peleijando com Epicuro converteo as armas contra os Aũxiliares deſte velho *Atheiſta*. Ao Spinoſa a cometteo de paſſagem, a Hobbeſio por hum lado, apertou muito a Lochio, e Newton, reſervando a eſte ultimo algum reſpeito, porque nelle admirou a pericia das artes Mathematicas. O *Pina* ſem perdoar à Ariſtoteles, chama a juizo o Carteſio, e a quantos ſe fizeraõ Anteſignanos no Orbe Philoſophico, moſtrando-ſe ſabedor de todos os Syſtemas, ſem abraçar algum delles, e com ſagacidade evita o *Pirrhoniſmo*, tomando para ſi de cada hum o melhor. Aſſim bem inſtruido entra no conflicto com os Sectarios de varias idades; e nos repreſenta hum invencivel Herôe, taõ *peregrino*, que diſcorrendo pelo ambito da terra triumpha glorioſamente de todos os falſos Syſtemas, ſem lhe eſcapar Confucio na China, e Mafoma na Arabia. Eſte he *Franciſco de Pina e de Mello*, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, e Academico da Academia Real Portugueza, Herôe, Peregrino, e Illuſtre Ciſne, que, ameu ver, excede a todos, quantos tem cantado nas margens do noſſo aprazivel Mondego. Elle ſerá gloria a todo o Portugal.

Heſpanha teve a Prudencio Poéta Palatino, mas Chriſtaõ, e inſigne em toda a litteratura. Eſcreveo *de Mundi fabrica*, *de Relatione in cælites*, *de pugna animi*, *de Origine Peccati*. Gennadio

no livro de *Viris illuſtribus*, diz, que Prúdencio eſcreve hum *Enchiridion novi, & veteris Teſtamenti*. Labbéo na Diſſertaçaõ de *Script. Eccleſ.* entre as obras de Prudencio conta dous livros contra Symmacho Preſidente de Roma, o qual defendia a Ara da Victoria, e o culto antigo dos Deoſes. Italia teve o Conde de Mirandula Joaõ Pico, que entre varias obras Dogmaticas deixou o celebre *Poêma* da Cruz. Alemanha teve o famoſo Alberto Pighio eſtimado dos Soberanos Pontifices Adriano VI. Clemente VII. e Paulo III. que deixando as Eſpeculaçoens Mathematicas, para as quaes inclinava muito o ſeu animo, ſeguio com todo o eſtudo a Rainha das Sciencias; e confutou com polidiſſimos eſcritos Luthero, Melanthaõ, Bucero, e Calvino. Outros Reinos, e Provincias no meſmo Eſtado ſecular, e na meſma faculdade Theologica tiveraõ Varoens eminentes. Ao Cathalogo deſtes vem dar novo luſtre *Franciſco de Pina, e de Mello*. O Pighio teve hum eſtilo mais Ciceroniano, que Eſcholaſtico. O *Pina* na proſa dos Prolegomenos, e Notas tem huma locuçaõ brilhante, no verſo huma facundia ſublime. O Pico, como querendo comprehender a todo o ſcivel, reconheceo o Palacio de todas as Sciencias. O *Pina* leva o ſeu Herôe a examinar quanto no Mundo ſe ſabe.

Mais queria dizer; porém ſuſpendo a penna, porque quando fui a eſcrever a cenſura, tudo o que eſcrevia hia ſahindo Elogio, aindaque ſempre inferior à qualidade do Author, e à grandeſa da obra. O celebrado nome do Author ſobra, paraque a eſtudioſidade faça a maior eſtimaçaõ das ſuas precioſas fadigas.

Com ſaberſe na Antiguidade, que a Eſtatua era de Fidias ou o lenço de Apelles, baſtava para aplaudir em hum os acertos do pincel, e em outro os golpes do buril. Na deſtreza dos Artifices ſe comprometia o juizo dos curioſos. Eſtimavaõ as ſuas obras pelo ſobreſcrito dos nomes. Tal nome tem o Author deſte *Poêma*, que no juizo dos Eruditos com qualquer obra ſua naſce gêmea a recomendaçaõ mais plauſivel.

Peloque julgo, que ſendo todo eſte *Poêma* dirigido á eſtabelecer os Dogmas Catholicos com os argumentos, ou dos Santos Padres, ou dos mais famigerados Polemicos, naõ pude encontrar nelle oppoſiçaõ alguma à Fé Catholica. Nos coſtumes tambem o naõ acho delinquente. Em fim no *Triumpho da Religiaõ* merece o *Jô triumphe* dos Ceſares, que cantaraõ claras victorias de quaſi todo o Mundo; pois o Author faz huma guer-

ra

ra geral aos Sectarios, e ligado com os PP. e mais Doutores Orthodoxos, leva ao Capitolio da Igreja os deſpojos ganhados aos *Atheiſtas*, *Politheiſtas*, *Deiſtas*, *Mahometanos*, *Hebreos*, *Libertinos*, *Lutheranos*, *Calviniſtas*, e *Incoherentes*. Eſte he o meu parecer; eſſe rectiſſimo Tribunal mandará o que for ſervido. Coimbra no Real Collegio de S. Thomás 12. de Abril de 1754.

Doutor Fr. Bernardino de S. Roſa.

O M. R. P. M. D. Fr. Jozé Caetano de Souza, Qualificador do Santo Officio, veja eſte Livro de Franciſco de Pina e de Mello, e infórme com o ſeu parecer. Coimbra em Meza de Abril 22. de 1754.

Pitta. *Garrido.*

Juizo do M. R. P. M. Fr. Jozé Caetano de Souſa obſervante de N. S. do Carmo, D. na Sagrada Theologia pela Univerſidade de Coimbra, Lente jubilado, Qualificador do S. Officio, Examinador das Ordens Militares, Conſultor da Bulla, e Definidor actual da ſua Provincia.

Illuſtriſ. Rever. Senhores Inquizidores Apoſtolicos.

LI o *Triumpho da Religiaõ* cantado em nove livros de hum *Poëma Epico polemico*. A doce, util, ſuave liçaõ deſte volume me inſtruio, e deixou arrebatado; elle voa e leva em ſi hum anathema ou maldiçaõ contra os principaes erros que perturbaõ o entendimento dos fieis; elle me trocou com importantes intereſſes o Caracter ſevéro de Cenſor no reſpeito, ardor, e ventura de dicipulo. Concebi huã grande idea, penetreime de ſentimentos ſobre a grandeza deſta obra, os quais naõ ſey medir mais q̃ pelo nome do ſeu Author; e naõ achei melhor proporçaõ. *Franciſco de Pina, e de Mello* illuſtre por naſcimento, e por merecimentos, ainda mais illuſtre por ſi, ſendo-o muito pela natu-

natureza, deu à luz eſte parto naõ de monte, mas fim da eminente capacidade do ſeu profundo juizo. Elle deve a origem, e ſãgue aos *Pinas* chefes deſta Familia em Aragaõ; Iſabel a trouxe a Portugal, nelle tiveraõ os ſeus maiores as eſtimaçoens que lhe continua eſte deſcendente bem capaz de ſer tronco de ſua genealogia, de que he ramo. A Mageſtade Fideliſſima o conta entre os familiares da ſua caza no exercicio de Moço Fidalgo. A ſociedade Real das Sciencias, e Bellas letras, da Hiſtoria Portugueza, e Latina tem a gloria da ſua Companhia, e eſtudos. Quando o mundo naõ tiveſſe admirado athe agora que eſte grande homẽ naõ ſe acha facilmente hoſpede nó Palacio de todas as Sciencias, neſta obra elle ſe deixaria ver, e ouvir *Theologo*, *Dogmatico*, *Eſcolaſtico Polemico*, *Hiſtoriador*. Elle ſem declinar para o *Pirroniſmo* trata com hum *Septiciſmo* prudente todos os ſyſtemas antigos, e modernos, e conhece em qualquer delles aquella incerteza que ſerve de abater a vaidade do entendimento humano, o qual naõ tem evidencia dos admiraveis ſegredos da natureza. Elle vizita o *Peripato*, e nota-lhe a obſcuridade dos ſeus effugios pelas qualidades occultas: elle examina o Carteſianiſmo, e deſcobre a difficil organizaçaõ dos atomos: elle contempla o Newtoniſmo, e eſtranha o eſtabelecimento da mechanica: elle ouve aos mais Philoſophos ſem aquelle imprudente deſprezo com que o vulgo trata à quelles dos quaes naõ approva as doutrinas; verdadeiramente vem a ſer eſte livro hum compendio das mais nobres fadigas, livro de ouro digno de trazer-ſe aos hombros dos homens ſabios, e de ſervir-lhes de Coroa, como de outro livro dizia o Principe da Idumea no cap. lib. 31. Cõta *Franciſco de Pina e de Mello* cincoẽta, e nove annos de idade occupada naõ ſó cõ a cõſonancia das Muſas, das quais he mimo, mas com os eſtudos mais ſerios, e proveitozos que examinaõ aos melhores Meſtres da eloquencia, e ſabedoria. Com eſta diſtracçaõ formou hum parto taõ bello como eſte, que tarda ſeculos para a ſua producçaõ. Nós já vimos a benificio da luz publica o dedo deſte Gigante, agora admiramoſ-lhe a corpulencia. Vimos os ſeus *Poẽmas*, elles ſerviaõ de exemplares, e impoſſibilitavaõ a imitaçaõ: elle ideou, e levantou hum Palacio da eloquencia, ao qual chamou *Theatro*: Que grandeza que apparato que erudiçaõ pede eſta obra promettida no titulo, e fachada, mas deſempenhada no ámago, e effeito! Eſta maquina athé agora occulta entre outras que eſconde o ſeu meſmo Author, ſe deu à noticia do mundo pelo inſigne Diogo Barbo-

za

za Machado, na ſua Bibliotheca Luſitana. A Hiſtoria, hum dos eſpiritos que alentaõ a eloquencia, que naõ he outra coufa mais que huma arte de fallar bem, tem deſta Sciencia dobrados eſpiritos *Franciſco de Pina, e de Mello*: elle eſcreveu hum *Epitome da Hiſtoria Romana deſde Romulo athe Carlos ſexto*; aonde reduzia á compendio os ſucceſſos de vinte ſeis ſeculos: Que caracter, q̃ verdade, que ſinceridade reſpiraõ as lembranças deſte Imperio! Elle eſcreveu o diſpotiſmo dos Reis, o reſpeito dos Conſules, a dignidade dos Magiſtrados, e paſſando às fortunas da guerra faz prezentes as victorias que fizeraõ formidaveis aos Romanos no mundo todo. Tinha merecido para o ſeu Author eſta obra huma gloria immortal; elle a deſpreza, dá hu ſepulcro glorioſo na ſua Biblioteca a eſte precioſo manuſcripto, no qual ſe continha huma, e a melhor porçaõ da hiſtoria univerſal. Alguma innocente curioſidade vio o trabalho, e merecimento, e neceſſidade deſta producçaõ mas taõ pouco ſatisfeito vive das ſuas *Franciſco de Pina, e de Mello*, que lhe nega a licença da luz publica; eſta reſoluçaõ he o caracter do homem ſabio: ſó os que o ſaõ ſe fazem auſteros cenſores de ſi meſmos; a vaidade dos eſtudos proprios he indole muito natural da ignorancia. Quando decia do Parnaſo ſoltava a penna neſſes bellos rafgos; athe que concebendo a difficuldade de huma obra dignaõ do ſeu nome, eſtado, e piedade entrou nado o *Triumpho da Religiaõ* contra os ſeus inimigos, e deſertores. Eſcolhe para credito, e Patrono a hum Mecenas, que no capitolio de Roma cinge trez coroas: naõ tinha liberdade para eſcolher outro: a proporçaõ da obra com o Mecenas he huma força, e neceſſidade da eleiçaõ. A Regra viſivel da Igreja, e da Fé, a Cabeça da Religiaõ, o Capitaõ da milicia Chriſtã eſtava declarando huma evidente juſtiça para que ſe lhe conſagraſſe o *Triumpho*: Elle, e nós ſomos Soldados que vencemos athe dar a vida, e o ſilencio da morte he a mais eloquente confiſſaõ no martyrio: a quem levanta o eſtendarte, e declara os vencedores ſe devia a victoria. Offerece proſtrado *Franciſco de Pina, e de Mello* eſte *Jo triumphal* ao Santiſſimo Padre, e Pay univerſal *Benedicto Decimo quarto* noſſo Senhor, e na ſerie dos Pontifices duzentos, e quarenta, e ſete. A lembrança, e eleiçaõ dos Mecenas he huma das melhores provas da capacidade, e eſpirito dos eſcriptores: o Protector da obra deve conhecella para a ſaber eſtimar, e tem huma gloria que o faz Author quando defende a producçaõ alheia. O Mecenas que honrou a Virgilio, e Horacio, o que mereceu que os ſeculos

los

los futuros reſpeitaſſem o ſeu nome, e o deſſem aos protectores dos Sabios; quer Voſſio que naõ ſó patrocinaſſe a cauſa dos homens doutos, mas tambem que o foſſe: elle o conta entre os Poetas Latinos: muito devedoras lhe ſaõ as letras; parece que hum taõ declarado amor aos que as profeſſavaõ naõ poderia eſtar em hum entendimento ociozo deſta cultura, e que facilmente ſe empregaria nas aplicaçoens que patrocinava nos mais. Deſte caracter he o Mecenas de *Franciſco de Pina, e de Mello.* Que amor, que protecçaõ, a favor dos homens ſabios naõ tem declarado o Santiſſimo Padre? Quanto os diſtingue nos benificios, na affabilidade na eſtimaçaõ! He eſta inclinaçaõ, poderoza no ſeu real animo hũa eſpecie de innocẽte amor proprio; elle patrocina nos mais aquelle merecimento; q̃ conhece em ſi meſmo cõ eminente ventagem. As delicias da ſua mocidade de Bolonha, e de Roma ſacrificou aos mais ſerios, e importantes eſtudos dignos do ſeu eſpirito, das ſuas eſperanças, e das q̃ fiava delle a Chriſtandade para o govetno da Igreja. No trono Pontificio entre os cuidados do ſeu rebanho eſtuda a arte de o apaſcentar; elle deſempenha as obrigaçoens de Meſtre univerſal, e aquellas mãos ſagradas que ſe occupaõ com a vara, e com a bençaõ naõ largaõ a penna, antes a ſua he vara de ouro, com que lança as medidas à edificaçaõ eſpiritual da ſua Jeruſalem. Inſtrue aos povos, aos Biſpos, e aos ſeus ſucceſſores, e para guardar os preciozos volumes da ſua cõpoſiçaõ tem a Biblioteca Vaticana hũ erario mais amplo do que para as obras dos ſeus Anteceſſores. Quaõ grande Theologo Philoſofo, Juriſperito, Hiſtoriador ſe moſtra nos ſeus livros! Em que regiaõ, e provincia do orbe literario poderá ſer hoſpede? Nada mais direi, porque ſempre direi pouco: o mundo adora no Santiſſimo P. *Benedicto Decimoquarto* o eſpirito dos Leoens dos Gregorios, Innocencios, Alexandres, Martinhos, Clementes, Urbanos, e outros. O zelo da Religiaõ, a obſervancia, e reformaçaõ da diciplina Eccleſiaſtica, a providẽcia de prevenir o remedio aos damnos, avigilancia de arrancar a Zizania que apparece entre o ſeu trigo; e outras qualidades de hũ SS. Vigario de Chriſto fazem a eſte amavel, e prudentes os dezejos da ſua dilatada conſervaçaõ. Ainda *Franciſco de Pina, e de Mello* teve outra ventagem na eleiçaõ deſte Protector: elle ſe tem declarado na affeiçaõ, e eſtimaçaõ dos Portuguezes. Deſde que o Grande Rey digno de eternas ſaudades o Rei Joaõ Quinto trarou com o Santiſſimo a aliança de huma correſpondencia frequente fez inclinar

o

o olio Pontificio para os interesses de Portugal; faceis se fizeraõ entaõ as maiores dependencias; ouvia Roma com respeito o nome deste Monarcha; elle mereceu para os seus Vassallos que o Santissimo os amasse; delles ainda agora fia os seus favores, economia, e affabilidade. Neste fiador espera *Francisco de Pina, e de Mello* os effeitos do Soberano patrocinio para esta sua estimavel Obra. Elle os mereceu por si, e pela empreza. Eu ainda naõ vi tanta utilidade com tanta doçura em huma composiçaõ que me promettia huma escuridade austera. Quando eu lia as declamaçoens contra os erros, me persuadi que escutava hum Bellarmino, hum Gregorio de Valença, hum Soares, hum Natal Alexandre, hum Bossuet, hum Gotti, hum Petavio, hum Gravina, e outros que se declaraõ a favor da Christandade contra os infelices Sectarios do *Atheismo*, *Deismo*, *Paganismo*, e *Heresia*. Os inimigos da Fé fogem de interessar-se nestas disputas, porque a si mesmos ameaçaõ o infalivel desdouro de serem convencidos: para estabalecer os delirios do *Mahometismo*, prohibia o seu infausto Legislador aos seus professores outros argumentos mais que os da espada, estabalece na valentia o que naõ tinha fundamentos na razaõ: assim temem, e aborrecem a razaõ os que se declaraõ antagonistas da verdade: sabe *Francisco de Pina, e de Mello* fazer-se familiar aos inimigos, a fim de que a benificios da astucia, e disfarce penetre o interior para abrir brecha facil, para levantar com menos resistencia o estendarte da Religiaõ à vista de todas as Seitas. Os desgraçados Coriféos dos erros que inficionaraõ as quatro partes do mundo teriaõ talvez por alivio na sua infelicidade ouvir o canto deste *Triumpho*; porque ainda com proveito seu veriaõ preparados os meios para a evidencia dos seus delirios. He este *Poema* hum *Cathecismo* facil, suave, forte, capaz de conduzir à verdade athe os animos mais obstinados na infidelidade. Tanta efficacia, tanto poder lhe reconheço como em outro que compoz em cincoenta razoens o Serenissimo Antonio Ulrico Duque de Brunswic Elle q̃ fora creado no *Lutheranismo* concebeu escrupulos desta profissaõ, quis contemplar as outras, lançou os olhos para o *Calvinismo*, *Arrianismo*, *Analaptistas*, e quantas reformaçoens fizeraõ destes erros em outros peiores os Filippes, Melanthoens, os Carlostadios, Oecolampadios Bucceros; este ultimo peior que os primeiros fundou o estabalecimento do seu erro nas esperanças de tirar da Igreja a hum só homem o Angelico Thomaz, tanto o respeitava e temia, ainda quando des-

preza-

prezava as ſuas doutrinas. Monſ. de Valtemont conta de Bucer aquella temeridade e louca expreſſaõ *tolle Thomam & diſipabo Eccleſiam*. Prometia-ſe aquelle infeliz huma facil invaſaõ neſte Parayzo da Igreja, ſe Thomaz como Anjo q̃ a guarda naõ defendeſſe a entrada. Eſte deſertor de duas profiſſoens ſabia o eſforço com que Thomaz eſgrimia a eſpada; e aqui veraõ muito ſe as doutrinas eſcolaſticas ſe fazem formidaveis à hereſia. Deſte exame que fez o Duque de Brunſwic ainda entaõ profeſſor do *Lutheraniſmo* tirou elle huma conſequencia firmada com evidencias da razaõ, e da Fé que ſó a Religiaõ Catholica Romana era digna de hum homem que via com attençaõ as importancias do eſpirito. Eu as li no primeiro tomo da Theologia do Padre Bento Schmier Meſtre deſta Faculdade, e de hum, e outro direito na Univerſidade Benedicta Salisburgenſe: Contra todos eſtes fortes armados que defendem o partido contrario ao Chriſtianiſmo, ſahe a campo *Franciſco de Pina, e de Mello*, do Parnaſo toca o clarim para o deſafio; elle naõ teme a multidaõ dos inimigos, porque vai fiado na valentia da verdade, e na juſtiça da cauſa: O Eminentiſſimo Polignac tambem cantou em ſuave metro o ſeu triumpho contra o *Atheiſmo*; ouvio eſte na victoria o ſeu deſdouro, mas a conſonancia da lyra fez doces athe as vozes do vencedor ao vencido. Aquelle Principe foi o Homero da França, e deſagravou a ſua Patria do erro commum que lhe diſputava o bom goſto para o *Poema*; erro commum parece negar aos Francezes a cultura, e capacidade da Poeſia, quando o mundo ſe eſtá aproveitando com reſpeito das ſuas bellas letras, critica, eloquencia, e eſtudos. Naõ he alheia do *Poema* a materia que neſte ſe trata. O Grande Thomaz, Anjo da ſua eſcolla, e das mais, quer que os Poetas antigos foſſem Theologos, entre elles conta a Orpheo Muſeu, e Lino, e diz que Theologos ſe chamavaõ os Poetas entre os Hebreos quando eraõ governados pelos Juizes. S. Agoſtinho nos enſina que nos principios deſta divina arte da Poeſia mereciaõ, e gozavaõ os ſeus profeſſores das honras de Theologos; entaõ cantavaõ os louvores de Deos. Setecentos annos antes que houveſſe na gentilidade Philoſofos todas as materias da Religiaõ ſe liaõ, e guardavaõ nos *Poemas*, aſſim ſe communicavaõ de Pays a Filhos eſtas ſagradas tradiçoens; os verſos ſe cantavaõ particularmente nas caſas, e publicamente nas praças. Melhorou *Franciſco de Pina* neſte *Poema* os antigos; fez ainda mais ſagrado o ſeu plectro. Para a efluencia ſingular bebeu enchentes naquelle rio

que

que nâce da face do Senhor do qual correm incendios de furor divino arrebatado: neste fogo pronuncia novos estragos às infames frias cinzas dos *Atheos*, *Polytheistas*, *Deistas*, e outros q̃ pagaõ nestas chamas huma pena posthuma dos seus erros. O Prolegomeno desta obra devia ser hum corpo separado: naõ necessita o *Poëma* desta prefacçaõ; por si se declara, e leva aquella luz, e distribuiçaõ que lhe daria o Prologo que serve para hom entendimento da materia que se trata. Este he a melhor arte Poetica, Critica, Apologetica, rara, e preciosa: enfina a poetizar com facilidade, e ella faz muito dificultozo hum *Poëma* perfeito; a theorica nunca se enfinou melhor, a imitaçaõ nunca foi mais ardua, porque naõ ha no *Poëma* maior embaraço que a obfervancia de tantas leis q̃ propoem *Francisco de Pina*, *e de Mello*, q̃aes elle enche cõ os poucos dos que athe agora foraõ mimo, e delicias das Musas. O que notaráõ todos he a facilidade, e propriedade com que cabem sem violencia os termos proprios das Philosophias e da Theologia, e ainda aquellas palavras q̃ pedio à lingua latina a necessidade, e penuria de vocabulos. He qual devia ser esta obra, qual se devia à materia, ao artificio ao Author. No ultimo livro prepara a pompa, e Mageftade do *Triumpho*; falta neste apparato que *Francisco de Pina*, *e de Mello*, vença a sua modestia para ouvir o merecimento do applauso. Elle deve levado nos braços dos mais valerozos, e vencedores Capitaes do *Christianismo* athe o Capitolio de Roma, aonde escute por *vivas* a suave harmonia deste seu canto; deve-se-lhe a coroa civica porque salva em huma guerra da Religiaõ aos Cidadãos da Igreja militante contra os seus mais arrogantes inimigos: O seu nome será eternamente celebre na memoria dos homens, no *Christianismo*, e na Fama: esta obra he o monumento mais perenne que o bronze, he a estatua e queftre; elle a delineou e lavrou com a penna; a pezar do seu desinteresse nobre debuxou assim huma imagem do seu engenho, e gloria, à qual adorará a posteridade. Naõ sey que haja em Portugal quem dispute a *Francisco de Pina*, *e de Mello* a vaidade de primeiro nesta nova producçaõ, elle he o Author, e inventor: poderáõ conceber estimulos poderozos, e fecúndos os espiritos Portuguezes para a imitaçaõ, este será o eterno louvor deste exemplar. Na Bibliotheca do Vaticano terá distincto lugar entre os veneraveis defensores do *Christianismo* este: aquelles venerandos Próceres haõde respeitar a hum homem que ajunta em si o preciczo cabedal de muitos sabios. Este

he,

he, Illuſtriſſimo Santo Tribunal da Fé, o conceito, e idea que concebi mais como final da minha licçaõ, e reſpeito, do que da minha cenſura: He pura a obra como a Fé que trata: aſcetica na regra dos coſtumes Sanctos, os quais perſuade no ultimo livro: he obra digna do Cedro, da luz publica, e da immortalidade. Coimbra, no Real Collegio da Senhora da Conceiçaõ da Ordem do Carmo da obſervancia aos 28. de Mayo de 1754.

Doutor Fr. Joſeph Caietano de Souza.

Poſſe ſe imprimir o Livro, de que ſe trata, e naõ correrá ſem nova licença, para o que torne conferido. Coimbra em Meza 1. de Julho de 1754.

Garrido. Pitta.

DO

DO ORDINARIO.

O M. R. . M. D. Fr. Jozé da Trindade, Agoſtinho deſcalço, do ſeu Collegio de Santa Ritta deſta Cidade, reveja o Livro de que o ſupplicante faz menção, e informe com o ſeu parecer. Coimbra de Junho 18. de 1754.

Gama.

Juizo, e approvação do R.P.M.Fr. Jozé da Trindade, Lente duas vezes Jubilado em Theologia, e Doutor pela Univerſidade de Coimbra, Oppozitor às ſuas Cadeiras, Qualificador do S. Officio, Examinador Synodal do Biſpado de Lamego, Ex-Diſcreto do Capitulo Geral pelo ſeu Convento de Porto de Móz, Prelado, q̃ foy das ſuas Cazas de Coimbra, e Malhada Sorda, Ex-Commiſſario Geral da Provincia da Beira da Real Congregação dos Eremitas Deſcalços de S. Agoſtinho, &c.

Reverendiſſimo Senhor Doutor Provizor.

VI o Livro intitulado *Triumpho da Religião*: *Poema Epico-Polemico*, q̃ à Santidade do Papa *Benedicto* XIV. dedica *Franciſco de Pina e de Mello*, Moço Fidalgo da Caſa de S. M. e Academico da Academia Real, e por informar com o meu parecer ſobre a Licença para a ſua publicação, digo que não ſómente ſe lhe deve conceder eſta por não contêr couza algũa contra o depoſito da Fé, Bondade da Diſciplina, e Immunidades da Igreja, aſſim univerſal, como particularmente Luſitana; mas que eſta, e mais particularmente a noſſa Conimbricenſe ſe deve gloriar com eſte illuſtre Filho, e com eſte Divino eſforço do ſeu ſempre admiravel Talento, de que ainda perſevera no ſeu campo aquella fertilidade primitiva para as producçoens ſagradas, que lhe deixou com a ſua Benção Apoſtolica, o glorioſiſſimo S. Mancio Fundador da noſſa Igreja. Eſte grande Eſpirito, tão

diſtincto entre os primeiros 72. Diſcipulos de Chriſto, deſde o Sagrado Siaõ, onde adminiſtrou a agua no ultimo, e myſterioſiſſimo Banquete do Meſtre Sacroſanto, até os *Caſtellos de Manlio*, hoje *Monte-Mór o Velho*, e Monte tambem ſagrado por muitos Titulos, onde colhia os abundantes fructos do ſeu Luzitano Apoſtolado, quando o Ceo no lo arrebatou para lhe dar em Evora a glorioſa Coroa do Martyrio, ficando os noſſos Collimbrienſes innocentes do ſangue de ſeu Paſtor, primeiro eſpalhou juntamente com as Luzes da Fé, hum Eſpirito de Piedade, e verdadeira Religiaõ, que em todas as idades naõ ſó ſe tem deixado perceber florente, mas com deſculpavel inveja de outras Igrejas menos diſtantes, tem offerecido à Sacroſanta de Roma, univerſal Mãy, e particularmente ſua, precioſiſſimos, e ſazonadiſſimos frutos da ſementeira Evangelica, com que a Caza do Senhor, e a ſua Familia na Terra naõ ſó ſe nutre, mas ſe fortalece, vence, e triumpha com eſtes esforços de todos os ſeus inimigos os Eſpiritos das trevas. Naõ individûo eſta abundancia, porque a diggreſſaõ naõ converta a informaçaõ em Hiſtoria, e porque quando faltaſſem tantos argumentos da ſolida, e antigua Religiaõ da noſſa Igreja; baſtava eſte heroico deſempenho com que hum taõ illuſtre Manliano faz ſervir as Muſas taõ felizmente, e taõ novamente nos miniſterios da Chriſtandade, para que o Vaticano ſaiba, o Reino conheça, e admirem as mais Naçoens Catholicas em os ſeus mais celebres, e eſtudioſos theatros da Theologia, que a Providencia de Deos ſempre extraordinaria, e benevola com Portugal concedeo à Igreja de Coimbra, e iſto em o Eſtado Laical, hum Engenho tambem empregado, e hum Eſpirito taõ ſuperior a todos os empregos do coraçaõ humano, e ao meſmo tempo taõ rendido, taõ unido, e taõ penetrado dos Divinos Oraculos, que ſobre ſerem ſempre innocentes os ſeus Eſcritos, como confeſſaõ obrigados da evidencia os ſeus meſmos emulos, que ſó ſe lhe arrojaraõ disfarçados, agora faz ver a todos os incredulos o quanto ſaõ vaſtos, continuos, proprios, maduros, ſagrados, e bẽ lògrados os ſeus eſtudos, a fim de fazer patente, e dar a razaõ da ſua Fé; e radicalla forte, e ſuavemente em todos os Eſpiritos, e Coraçoens: Novo genero naõ ſó de Poêſia, que ſendo tanto, he no meu conceito o menos que reſplandece neſta obra; mas de *Cateciſmo*, de *Miſſaõ*, e ainda, ſe he Licito explicarme aſſim, de Martyrio incruento, qual aquelle com que os SS. DD. da Igreja nos deixa-

raõ

raõ da verdadeira Fé tantos publicos Teſtemunhos, como livros, unicamente trabalhados para converſaõ, inſtrucçaõ, e conſervaçaõ dos vindouros. Tal he o fructo que ſe póde eſperar deſte Livro taõ delicado como o goſto do prezente ſeculo, cujo genio conhecendo bem o Author, elegeo, entre tantas outras para publicar, eſta ſingulariſſima producçaõ, em que logra todo o ſeu influxo naõ ſó o enthuſiaſmo natural, q̃ todos lhe reconhecem excellentiſſimo, mas a eſpecial aſſiſtencia daquelle Eſpirito cujos auxilios ſe ordenaõ à verdadeira gloria, que he a da ſalvaçaõ dos Authores, dos Leitores, e dos Lidos em eſtes tratados: Dous grandes Francezes, os meus Santos Paulino, e Proſpero eſcreveraõ antigamente *Poêmas* contra Sectarios: Modernamente outros dous Francezes Polignac, e Racine eſcreveraõ *Poêmas* de argumento ſemelhante; porém eſte Portuguez ſem encarecimento os excede neſta obra tanto, que naõ lhe impede a excellencia de Author original a antecedencia de todos os quatro. Glorêe-ſe pois a noſſa Igreja de que ainda fóra da ſua Athenas he fecunda em taõ precioſos frutos da ſaudavel ſabedoria, e naõ ſó conceda, mas exhorte ao Author a fazer publica eſta, e as mais ſuas digniſſima applicaçoens. Aſſim o ſinto. Coimbra, e Collegio Real dos Agoſtinhos Deſcalços 26. de Junho de 1754.

O D. Fr. Joze da Trindade.

PO'de-ſe imprimir o Livro intitulado *Triumpho da Religiaõ*, e depois de impreſſo, torne conferido, ſem o qual naõ correrá. Coimbra, e de Julho 2. de 1754.

Teixeyra.

DO PAÇO.

LUis Fraciſco Pimentel Coſmografo mór do Reyno, e Academico da Real Academia veja eſte papel, e interpondo o ſeu parecer o remetta à Meſa. Lisboa 8. de Agoſto de 1754.

Com tres rubricas.

SENHOR

O Livro que V. Mageſtade me manda vêr, intitulado: *Trumpho da Religiaõ*, que para fazer imprimir pede licença ſeu Author *Franciſco de Pina, e de Mello*, vem dignamente approvado por ſeus inſignes, e doutiſſimos Reviſores com as mais eruditas, elegantes, e encomiaſticas cenſuras; e para eu os igualar na expoſiçaõ dos louvores, de que ſe moſtra, e ſempre reconheci benemerito eſte taõ illuſtre Eſcritor, entendo que baſta proferir o ſeu nome, que tranſcende a todos os elogios.

Conſta eſta obra de utiliſſimos Prolegomenos, e inſtrucçoens ſobre a Arte Poetica, judicioſas reflexoens, e criterios ſobre as obras de muitõs Authores, em que eſtabelece regras, e preceytos conducentes para a perfeyçaõ da meſma Arte, que conſequentemente exemplifica em hum elegante Poêma de Verſos elevados, dirigido a convencer, e refutar os delirios de todas as ſeytas hetherodoxas.

Aſſim me parece eſte livro huma riquiſſima torrente de doutrinas Sagradas, e profanas, e hum dos que mais ſatisfaz o preceyto de ajuntar o util com o deleytavel; em que ſeu Author naõ ſó ratifica, mas excede todas as acclamaçoens, com que he applaudido por hum dos mais doutos Eſcritores que illuſtraõ o preſente ſeculo.

E por naõ conter couza alguma contra o ſerviço de V. Mageſtade, entendo ſerá muito conducente ao bem publico a brevidade com que, dando-ſe ao prélo, ſatisfaça os alvoroços com que todos os eruditos, que tem noticia deſta obra, eſtaõ dezejando a ſua ediçaõ. Iſto me parece. V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa 15. de Agoſto de 1754.

Luis Franciſco Pimentel.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e ſem iſſo naõ correrá. Lisboa 2. de Setembro de 1754.

Com duas rubricas.

Eſtà

ESTá conforme ao ſeu Original. Coimbra no Real Collegio de S. Thomás 15. de Março de 1756.

Fr. Bernardino de S. Roſa.

PO'de correr. Coimbra em Meſa 18. de Março de 1756.

Garrido. Vaſconcellos. Pitta.

PO'de correr, viſto eſtar conforme ao ſeu Original. Coimbra, e de Março 22. de 1756.

Teixeyra.

ESſtá conforme com o ſeu Original. Lisboa 10. de Mayo de 1756.

Luis Franciſco Pimentel.

QUe poſſa correr, e taxaõ em quatro centos reis. Lisboa 12. de Julho de 1756.

Com tres rubricas.

Erra-

ERRATAS DO PROLEGOMENO.

Erratas.		*Emendas.*	*Erratas.*		*Emendas.*
Pag.	*reg.*		*Pag.*	*reg.*	
I.	18	Idomea	Idumea
II	10	Caliope	Calliope
II	13	e Epigrãmatogra-fhos	Epigrãmatogra-phos
II	36	moderavel	memoravel
II	38	Metamorpheſcos	Metamorphoſcos
IV	21	aſpiraõ	aſpiraraõ
V	32	Aedro	André
VI	7	Racini	Racine
VI	16	GraoBretanha	GraõBretanha
VI	20	e julgaraõ	e a julgaraõ
VII	6	que fazemos	que fizemos.
X	28	animaveis	amaveis
X	29	nã Italia	na Iliada
X	39	ſobre ſi juſtiça	ſobre ſi a juſtiça
XI	29	com violencia	com a violencia
XI	33	q̃ he de Jeruſalem	que he a de Jeru
XII	22	de liſonja	da liſonja
XII	33	com que eſte parece	com que eſte ceito parece
XVI	15	Ulyſſes fez	Ulyſſes a fez
XVI	26	ou Tragedia	ou tragica
XVII	4	aquelles trabalho	aquelles traball
XIX	24	infelecidade	infelicidade
XXX	25	frontefpicio	frontiſpicio
XXXIII	44	Sectuarios	Sectarios
XXXV	11	Achiles	Achilles
XXXV	19	congruencia	conſequencia
XLVII	27	Racini	Racine.
XLIX	1	na Fabula	da Fabula
L	5	ſe faria	ſe fazia
LI	38	ad Heren,	ad Heren.
LII	30	Deiſtae	Deiſtas

ERRATAS DO POEMA.

Adverte-ſe que V. vale verſo, e R. as regras das notas, e que temos na conta das regras, aſſim o principio das linhas, como os verſos, que vaõ allegados.

8	V. 25	que taõ heroico	que eſſe heroico
12	R. 9.	Olympiade	Olympiada
19	V. 21	figura	figura
20	V.	16 Epicoro	Epicuro
22	R.	4 Demotrite	Demoçrito
23	R.	11 lespais	les pais
23	R.	ult. de Popin.	de l'opinion
26	V.	9 ſeja qualquer for	ſeja qual for
28	V.	16 A' fanteſia	A fanteſia
29	V.	3. Aſtrologos	Aſtronomos
29	R.	11 Poſeſe	Pode-ſe
30	R.	2. Pelinganio	Palingenio
30	R.	13 in æva	in ævo
30	R.	15 mortum	motum
32	R.	2 rebuſſis	rebus iis
32	R.	3 abundantii	abundant ii
32	R.	4 unde	deinde
33	R.	1 inpyxide	in pyxide
35	V.	16 vehementes	vehemente
37	V.	13 eile	e les
37	R.	1 Athao	Atheo
39	V.	7 mierocoſmo	microſcopio
39	V.	8 vivefica	vivifica
40	R.	4 d'au tres	d'autres
43	R.	ult. lid.	lib.
44	R.	2 Ceita	Seira
44	R.	12 Idlos	Idolos
45	R.	5 ſó movia	ſe movia
47	V.	12 aſparas	aſperas
53	V.	9 amente	a mente
53	R.	2 & onne	ètonnè
ibidem		e' coute	ècoute
53	R.	6. e' couter	ècouter
55	V.	4 A garganta	A' garganta
62	a regra quinta ſe deve unir com o prime da regra 6.		
67	a palavra *como* naõ reclama o principi pagina ſeguinte, e em ſeu lugar ſe ó põr *as noſſas*		
70	R.	10 Soltaõ	Soldaõ
70	R.	22 Lerde	leide
70	R.	23 bodanico	botanico
72	V.	ult. A ſapiencia	A' ſapiencia
72	R.	3 noui	nous
72	R.	6 parece que	parceque
72	R.	7 a ſez	aſſez
72	R.	8 aitete	ait été
72	R.	8 l'etemile	l'eternité
73	R.	3 vingtans	Vingt ans
77	R.	3 Dephane	Daphne
77	R.	3 Cidede	Cidade
78	V.	10 exmplar	exemplar
78	V.	17 o viſſeis na figura	o viſſeis nas gens
79	R.	5 Uliſſem	Ulyſſem
80	R.	4 Medinde	Melinde

Erratàs.	Pag.	reg.	Emendas.
	81	V. 9	queriria — quereria
	84	R. 3	e adoraçaõ — e adoraraõ
	85	V. 4	todo — toda
	87	V. 8	Nhum — N'hum
	88	R. ult.	religiao — religiaõ
	94	V. 23	greſſeiro — groſſeiro
	98	V. 9	joelhos — geolhos
	104	V. 16	obedecido — obedecido?
	105	V. 4	adeo — a deo
	114	V. 23	virao — Viraõ
	116	V. 17	e homem — eque he homem
	119	R. 16	Pericofem caõ — Pericofem caõ
	122	V. 2	a terra — aterra
	122	R. 2	Aiay — Ajax
	123	V. 8	ropera — rompera
	145	V. 10	juntamente — e juntamente
	148	V. 7	Aquelle — A' quelle
	151	R. 3	das ſuas — das duas
	152	R. 12	defiliis — de filiis
	152	R. 20	quis enim adducet — quis enim cum adducet
	157	R. 7.	notricio — nutricio
	163	R. 7	de meure — demeure
	163	R. 8	jugens — jugeons
	ibidem		rompent — rompant
	163	R. 9	roves — roues
	ibidem		n'ya — n'y a
	ibidem		deſtruite — detruite
	163	R. 12	Chap. 21 — Chap. 2
	163	R. 13	la foibbeſſe — la foibleſſe
	163	R. 14	mé tablit — on établit
	164	R. 1	l' onles — l'on les
	ibid.		desformes — des formes
	ibid.		ſonti ennen — ſoutiennen
	164	R. 4	convain quantes — convainquantes
	ibid.		ſompr iſes — ſont priſes
	164	R. 5	qu'il ya — qu'il y a

Erratas.	Pag.	reg.	Emendas.
	164	R. 7	ſe fournit — on fournit
	164	R. 10	pour quoi — pourquoi
	169	R. 1	etendiie — etendiiie
	169	R. 6	quel que fois — quelque fois
	169	R. 11	p. 1. tom. 2. lib. 2. art. 3. — p. 1. tom. 2. lib. 3. c. 5. art. 3.
	169	R. 13	ſ'ila — S'il a
	ibid.		del' etendii — del' etendiiie
	169	R. 13	ſii'l nen — & ſ'il n'en
	169	R. 14	quel ſprit — que l'ſprit
	173	R. 15	entreprand — entreprend
	173	V. 2	clara — chara
	192	R. 1	ænone — Oenone
	192	R. 3	ænon. — Oenon.
	192	R. 5	y las penas — y las peñas
	203	V. 4	apontallo — apartallo
	205	V. 6	ſem fadigas — ſem fadiga
	235	V. 17	offenſa — offenſa
	239	V. 8	e dificios — e edificios
	240	V. 3	Libidia — Libidia
	241	V. 5	Amſtardam — Amſterdam
	141	V. 8	podeis — podeis
	252	V. 21	e Hebdomada — e a Hebdomada
	269	V. 15	que — que
	287	V. 13	lhe pedimos — lhes pedimos
	287	V. 17	reconpeuſa — recompenſa
	287	V. 21	Confiçaõ — Confiſtaõ
	288	R. 11	orentes — orantes
	291	R. 5	Baſſuet — Boſſuet
	293	V. 2	ſe quereis o Pontifice — ſe quereis que le Pontifice
	299	V. 15	occidente — accidente,
	309	V. 5	impaciente — impaciente
	317	V. 14	eſtimolo — eſtimulo
	323	V. 17	elequente, — eloquente
	331	V. 14	eſplendidos perenes — eſplendidos, perennes

BRE-

BREVE,

Que o Santiſſimo Papa reinante concedeu ao Author deſte Poema:

BENEDICTUS P. P. XIV.

Dilecte fili, Salutem, & Apoſtolicam Benedictionem. Litterarum ſcientia, vitæ, ac morum honeſtas, aliaque laudabilia probitatis, & virtutum merita, ſuperquibus apud Nós fidè digno commendaris teſtimonio, Nos inducunt, ut tibi reddamur ad gratiam liberales. Eapropter, ut magis, magiſque & in ſtudiis, & in pietate proficias Apoſtolica auctoritate tenore præſentium tibi, ut in tua Bibliotheca, ſub clavi tamen, quorumvis Hæreticorum, & Hæreſiarcharum, & aliorum quorumcumque reprobatorum Auctorum quacumque auctoritate prohibitos, & prohibendos libros, manuſcripta, & opera tam hactenus in lucem edita, quam imposterum edenda, ſeu ſcribenda quæcumque habere, legere, & tenere liberè, & licitè, & abſque ullo conſcientiæ ſcrupulo poſſis & valeas, concedimus, & indulgemus. In contrarium facientibus non obſtantibus quibuſcumque. Et Apoſtolicam Benedictionem tibi, dilecte fili, peramanter impertimur. Datum Romæ apud Sanctam Mariam Maiorem ſub annullo Piſcatoris die XI. Septembris MDCCLIII.

Pontificatus noſtri anno Decimo quarto.

Cajetanus Amatus.

E nas coſtas do Breve

Dilecto filio Franciſco de Pina, & Melo, nobili Conimbricenſi.

PRO-

PROLEGOMENO

PARA

A BOA INTELLIGENCIA,

E

CONHECIMENTO

DO POEMA.

PRIMEIRA PARTE.

§. I.

SE Adam (como querem alguns escriptores) compôz o Psalmo 92, que anda entre os de David, hé a Poesia tão antiga como o Mundo; e quando começou a nascer logo principiou a poetizar. Ao menos Santo Isidoro nos diz que os Versos se conhecerão primeiro, que a Prosa. A Poesia se deve a sociedade humana, porque Lino, Orpheo, e Museo forão os primeiros, que com a suavidade dos numeros poeticos civilizarão os homens, e os arrancarão da barbaridade das selvas para a cultura das Povoações. Apuleo, Florid. lib. 2. observa que Pherecides fora o primeiro que introduzio a Prosa. Strabão no lib. 1. ajunta a Pherecides, Cadmo, e Hecateo; o que nos faz considerar que terião bastante exercicio antes do Deluvio; e apenas a Terra se levantou sobre as aguas, fez harmonicos os seus Vaticinios a Sibylla Chaldea, Neta, ou Nora de Noé; o que prova que o conhecimento do Verso vinha dos Antedeluvianos. *Antiguidade da Poesia.*

Tubal trouxe a Poesia ás Hespanhas 150 annos depois do Deluvio; e forão em Verso as Leis, que deu aos Hespanhões. Passados seis Seculos appareceu Job, Principe, ou Regulo da Idumea, com os seus livros poeticos, como affirma S. Jeronymo. O Oraculo divino nos assegura que Moyses, com o Povo de Israel na sahida do Egypto, deu graças ao Senhor em verso, pelos livrar daquelle captiveiro. Ao depois David fez cadentes os seus Psalmos como inuou Cassiodoro. Imitou-o seu filho Salomão no suavissimo Poe-

ma dos Cantícos. De cinco mil versos compostos por este filho de David faz menção o livro 3 dos Reis, cap. 4. v. 32. *Loquutus est quoque Salomon tria millia parabolas: & fuerunt carmina ejus quinque & mille.* E aqui temos desde o principio do Mundo, os homens maiores do Testamento velho, os mais sábios, e os mais illustres, estimando, e exercitando a Poesia.

Poetas gentilicos. Dos Poetas gentilicos, o primeiro, que se descobre entre a escuridade da Historia antiga, hé o famoso Orpheo, que a Thracia, donde era natural, pretendeu inculcallo tão divino, que o fez filho de Apollo, e da Musa Caliope: Floreceu 950 annos depois do Deluvio: seguiosselhe seu discipulo Museo, quasi coetaneo de Lino.

Poetas Gregos. Tres Seculos adiante se conhecerão os Poetas Gregos, assim heroicos, como lyricos, elegiacos, e pigrammatographos, comicos, e tragicos. Distinguiraõse Antimacho, Apollonio Rhodio, Aristhenes, Parthenio, Hesiodo, Alceo, Anacreonte, Philoxeno, Alexis, Hermippo, Aristophanes, Diodoro, Eutyches, Menandro, Alcimenes, Cleophon, Euripides, Sophocles, Architas, Callimacho, Phocilides, Theocrito, Symonedes, Tirteo, Xenophanes, e Hyponnas: Até que passados 1332 depois do Deluvio veio ao Mundo Homero, para deixar de repente, como o Sol todas estas estrellas escurecidas.

Poetas Latinos. Mais de 300 annos depois de Homero, passou a Poesia, dos Gregos para os Latinos; e os primeiros versos, que se ouviraõ no Lacio foraõ os que se cantaraõ nos sacrificios de Numa Pompilio; mas devese entender que estes Versos eraõ estrangeiros, porque o primeiro Poeta, que se conheceo entre os Romanos, foi Livio Andronico, que floreceu quasi aos vinte annos da segunda guerra Punica.

Naõ tardou Ennio a fazerse attendivel, e logo Plauto inimitavel no theatro. Dahi a cem annos se conheceu Terencio; e a outros cem, Virgilio, que fez no Lacio o que Homero tinha feito na Grecia. Nascia em Mantua, quando M. Tullio accusava a Verres: succedeu ao magisterio da Prosa o da Poesia; ou para que Roma perdesse as saudades de Cicero, ou para que à vista da Prosa se percebesse melhor a ventagem do Verso.

A Virgilio se seguio Ovidio: a sua desgraça o fez mais moderavel, e talvez que maior o seu grande engenho; porque me parece que as elegias do Ponto he o melhor das suas obras, ainda que elle fizesse dos Metamorpheseos toda a sua jactancia.

Foi Horacio quasi seu Coetaneo, e repartira Virgilio com elle a sua gloria, se soubesse conhecer o seu sublime espirito. A preguiça, ou as delicias de Roma o fizeraõ inclinar para o Lyrico, sendo o seu genio todo heroico.

No tempo de Nero veio o Seneca tragico, se acaso este he tam-

tambem o philoſopho; e Lucano ſeu ſobrinho, ſacrificados ambos à enveja, ou à crueldade deſte abominavel diſcipulo.

Forão ſuccedendo Perſeo, Sylo Italico, Stacio, Marcial, Juvenal, os dois Catulos, Tibulo, Auſonio, Lucrecio, Propercio, e Claudiano.

Depois da ruina do Imperio, o mais antigo Poeta da Italia, he Dante: chamarão-lhe Divino, porque pareceu huma coiza muito rara ſahir eſta Poeſia de entre a barbaridade dos Godos, de que ainda ſe não tinha polido aquella Provincia.

A fama de Petrarca foi igual à de Dante. Arioſto pretendeu eſcurecellas; e não ſei ſe Triſſino teve o meſmo intento com a ſua Tragedia de Sophonisbe, a primeira, que ſe eſcreveu em Lingua vulgar; e com a ſua Epica da Reſtauração de Italia, livrada da oppreſſão dos Godos pelas armas de Belizario. *Poetas Italianos.*

Mas aqui fizerão outro enſaio as Eſtrellas para produzirem ſobre eſtes modellos a Torquato Taſſo. Na meſma Italia não tambem famoſos Ludovico Dolce, os Cavalheros Marino, e Guarino, Preti, Sannazaro, o Cardeal Bembo, Mario de Leo, Tanſillo, João Bocacio, Serafino Aquilano, Pamphilo Saſſo, Bernardino Rota, Ludovico Paterno, o Conde de S. Martinho; e outros, que não podem numerarſe, porque não há campo Apolfineo mais regado com as agoas da Hypocrene. No prezente Seculo houve Bernardino Perfetti, que foi laureado no Capitolio, ſegundo a noticia, que derão as Gazetas: e Pedro Metaſtaſio que com as ſuas *Operàs* tem adquirido huma grande eſtimação entre os Poetas Dramaticos.

Em toda a Heſpanha, o primeiro, que conheceu a Poeſia foi o noſſo Rei Dom Diniz: Hoje exiſte na livraria do Eſcurial hum livro de Verſos ſeus, que elle mandou a ſeu Avô Dom Affonſo X. de Caſtella, a quem chamarão o ſabio. Seu filho o Infante Dom Pedro Conde de Barcellos, a quem deve tanto a Nobreza de Portugal pelas ſuas geneologias, deixou em Teſtamento outro livro tambem de Verſos a ſeu ſobrinho D. Affonſo XI. Seu neto o Rei D. Pedro I. foi tambem Poeta. Do Infante Dom Pedro, filho do Rei Dam Joaõ I. ſe achaõ alguns Verſos em louvor da Cidade de Lisboa.

Os Poetas mais antigos de Caſtella ſaõ Fernando de Pulgar, e Joaõ de Mena, que vivẽo no Reinado de Fernando, e Izabel. No de Carlos V. floreceu Boſcan: no de Philippe II. ſeu filho, Jeronymo Corterreal; e hé do meſmo tempo meu patricio Jorge de Montemaior, que pertence aos Caſtelhanos por eſcrever neſte idioma. A ſua Fabula de Piramo, e Tisbe tem todo o eſforço poetico, que podia dar de ſi aquella idade; e talvez que neſta, não chegue a ſer excedida de toda a delicadeza dos Modernos. *Poetas Caſtelhanos.*

Entre todos ſe diſtinguio Garcillaſſo de la Vega: Não ſei ſe diga que Caſtella não tem Poeta de maior eſtimação. Luiz de

Gongora, e Franciſco de Quevedo trataraõ a Poeſia com grande pulſo, engenho, e agudeza: Na fertilidade, nenhum ſe compara com Lope de Vega: De cómicos há tanto numero, que naõ cabem no algariſmo, quanto mais na memoria: He muito digno della Eugenio Gerardo Lobo: Entre os tambores, e clarins, ſe ouvis o ſeu plectro na campanha.

Poetas Portuguezes.

Os que precederaõ ao tempo do noſſo Rei Dom Joaõ III. foraõ tambem outros typos, que formaraõ os aſtros para ſe enſaiarem na producçaõ de Luiz de Camoens: Eſte grande Eſpirito levantou a Poeſia ao auge, que entre a incultura Portugueza ſe podia eſperar de hum impulſo humano: Deunos a meſma felicidade, que teve a Grecia com Homero, e o Lacio com Virgilio, a Italia com Taſſo.

Arrebatados deſta gloria emprenderaõ tambem as ſuas Epicas Diogo de Paiva nos ſeus Chauleidos, Miguel da Silveira no ſeu Machabeo, Vaſco Mouſinho na ſua Arzila, Gabriel Pereira de Caſtro, e Antonio de Souſa de Macedo, hum na ſua Ulyſſea, outro na ſua Ulyſippo: Franciſco de Sá de Menezes na ſua Malaca conquiſtada, e o Conde da Ericeira Dom Franciſco Xavier de Menezes na ſua Henriqueida.

Os outros Poetas de Portugal, que naõ aſpiraõ a tanto, foraõ Bernardino Ribeiro, Simaõ Machado, Antonio, e Jorge Ferreira, Diogo Bernardes, Paulo Gonſalves de Andrade, e outros muitos, que ſe podem ver na Bibliotheca do eruditiſſimo Diogo Barboza Machado, Abbade de Ceves.

De entre todos me naõ devo eſquecer de Franciſco Rodriguez Lobo, taõ infeliz no ſeu Poema do Condeſtavel, como admiravel nas ſuas Eglogas, e em outras Poeſias paſtoris, em que naõ foi menos venturozo Dom Franciſco Manoel.

No prezente Seculo encheraõ de reſplandores o Pindo o Conde da Tarouca Joaõ Gomes da Silva, o Marquez de Fronteira Dom Fernando Maſcarenhas, o Conde de Valladares Dom Carlos de Noronha, o Viſconde da Aſſeca, o Abbade de Sambade Manoel de Souſa Moreira, e Gaſpar Leitaõ da Fonſeca.

Merece hum lugar muito diſtinto o Conde de Villar-maior Manoel Telles da Silva; naõ ſó por cultivar com feliciſſimo genio a affluencia hereditaria da ſua caſa; mas pelo egregio patrocinio, que tem dado à poeſia com a Academia dos Occultos de que ſe fez Mecenas, e Secretario aonde ſe ouvem todos os mezes as obras dos melhores engenhos da Corte, de que produzio o Cathalogo da meſma ſorte, que me foi communicado.

Alexandre Antonio de Lima.
Dom Antaõ de Almada.
Antonio de Brito de Oliveira.

	Antonio Carlos de Oliveira.	
	Antonio Jozé de Mello.	
O P. Doutor	Antonio de Santa Marta Lobo.	Loio.
O Principal	Antonio de Saldanha de Albuquerque.	
	Antonio de Saldanha da Gama.	
O Doutor	Braz Jozé Rebello Leite.	
O Dezembarg.	Carlos Joſé de Mello.	
O Monſenhor	Fernando Xavier Botelho.	
	Dom Franciſco de Almada.	
	Franciſco de Pina e de Mello.	
O Monſenhor	Franciſco de Saldanha da Gama.	
	Gaſtaõ Joſé da Camara Coutinho.	
O Doutor	Jacinto da Silva.	
	Jayme da Silva Telles.	
	Joaõ de Alpoem de Brito.	
O Doutor	Joaõ Manoel da Coſta.	
	Joaõ Manoel de Mello.	
	Dom Joachim Bernardes.	
	Joachim Simpliciano do Canto.	
O Monſenhor	Dom Joſé de Almeida.	
O P. Fr.	Joſeph de Lemos.	Graciano.
	Joſé Masceranhas Pacheco.	
	Dom Jozé Miguel de Portugal, Marquez de Valença.	
O Doutor	Joſé Teixeira de Magalhens.	
O P. Doutor	Manoel Joachim de Santa Martha Teixeira.	Loio.
	Manoel Telles da Silva Conde de Villar-maior.	
	Marcos Joſé Monteiro.	
	Martinho Correia de Sá, Viſconde de Aſſeca.	
	Martinho de Mello de Caſtro.	
O Monſenhor	Dom Miguel Lucio Portugal de Caſtro.	
	Paulo Nogueira de Andrade.	
	Pedro Joſé da Silva Botelho.	
O P. Fr.	Salvador Correia de Sá.	Jeronymo.
	Veriſſimo Manoel de Almeida.	
O Doutor	Vicente da Silva.	
O P. Fr.	Victorino de Almeida.	Graciano.
	Dom Urbano Joſé de Mello.	

Falecidos:

	Diogo Joaõ de Serpa	
O Doutor	Franciſco Antonio da Silva.	
	Dom Franciſco de Portugal, Marques de Valença.	
O P. Fr.	Manoel da Silveira.	Dominico.
	Joſé Manoel Penalvo deixou de hir à Academia.	

VI. *Prolegomeno.*

Poetas Francezes.

A França, ainda que reconheceu tarde os primores da Poeſia tem alcançado para o goſto poetico da ſua Naçaõ engenhos muito diſtintos: Entre os Francezes hé muy eſtimavel o ſeu Ronſardo, Corneille, Moliere, Ryer Malherbe, Montfuron, Habert, Chapelain, Guinaut Balzac, e outros: Eu naõ tenho viſto mais que alguns modernos: o Abbade Geneſt no Poema da Philoſophia, Racini no da Religiaõ, e da Graça, Voltaire no da Henriade, nas Tragedias, e em outras Poeſias: Porem Deſpreaux me parece melhor que os outros. O Cardeal de Polignac no ſeu Anti-Lucrecio enſinou á ſua Patria o modo com que devia uſar da Poeſia; pois deſprezando a frauta Franceza, pegou da trombeta Latina, e inſpiroulhe tanto impulſo, que fez menor o eſtrondo, com que no Lacio tinha retumbado a Æneida.

Poetas Inglezes.

Em Inglaterra naõ conheço mais, que Milton, e Pope: ouço gabar muito ao Inglezes o ſeu Poeta tragico Shakeſpear: Voltaire, ſendo muito apaixonado pela GraoBretanha, o condemna ſem piedade: Os maiores homens eſtaõ ſogeitos a eſſes deſaſtres. O padecellos hé a melhor prova de ſerem grandes.

Temos viſto que as Provincias mais cultivadas ſempre fizeraõ da Poeſia hum ſublime conceito; e julgaraõ pela primeira, e mais eſtimavel de todas as artes: Se recorremos outra vez á Antiguidade, achamos que o mundo no berço foi embalado com Verſos: Que com elles ſe agradeciaõ a Deoſ os maiores beneficios: Que nelles ſe compunhaõ as Leis, e ſe eſcreviaõ os mais altos myſterios do Santuario: Que entre as glorias, e triumphos da Aſia chorava Alexandre o naõ ter outro Poeta como teve Achilles: Que o Povo Romano ſe levantava quando apparecia Virgilio no theatro para recitar os ſeus Verſos, e que lhe fazia o meſmo obſequio, que a Auguſto: E ſepomos diante dos olhos o noſſo Seculo, reconhecemos tambem a eſtimaçaõ que tem a Poeſia na Italia, França, Alemanha, Polonia, Pruſſia, Dinamarca, GraõBretanha, Olanda, Suecia, e Moſcovia.

Jorge I. de Inglaterra mandou dar há bem poucos annos cem mil cruzados a Pope pela traduçaõ de Homero, e fez todas as inſtancias para o paſſar da Religiaõ Romana para a Proteſtante a fim de o occupar no miniſterio da Corte: He fama que a Voltaire lhe tem produzido mais de meio milhaõ de cruzados as reimpreſſoens das ſuas Poeſias; e no conſumo dellas ſe prova o goſto, que tem deſta arte huma Naçaõ taõ polida, e ſabia como a Franceza: Pelos ſeus Verſos o elevou o grande Genio do Rei da Pruſſia reinante ás maiores honras da ſua Corte, e ao mais diſtinto agrado do ſeu Gabinete. A incõparavel magnificencia, e profunda capacidade do ſempre Auguſto Dom Joaõ V. da glorioſa memoria, ſe fez Mecenas da Academia poetica dos Arcades de Roma; e edificou naquella ſcientifica Cidade hum novo Helicona para fazer mais deliciozo, e illuſtre o congreſſo dos Academicos.

§. II.

§. II.

MAs para que exporei todos eſtes exemplos á viſta do noſſo Portugal, ſenaõ para lhe moſtrar que elle deſpreza aquelle meſmo Ornamento, de que homens taõ grandes, e Reinos taõ civilizados tem feito a ſua maior liſonja?

Que mais triſte teſtemunho de taõ inculta influencia, que o pouco caſo que fazemos do noſſo Camoens! Sempre pobre, perſeguido, deſterrado, até vir a morrer no meſmo hoſpicio do deſamparo, e da miſeria. Eſte foi o conceito, que formaraõ os Portuguezes daquelle tempo deſte ſublime eſpirito; elle nos louva muito nas Luſiadas, mas igualmente nos condemna neſta eſtancia.

Em fim naõ houve forte Capitaõ,
Que naõ foſſe tambem douto, e Sciente:
Da Lacia, Grega, ou barbara Naçaõ,
Senaõ da Portugueza taõ ſomente:
Naõ, ſem vergonha, o digo; que a razaõ
De alguem naõ ſer por verſos excellente
He naõ ſe ver prezado o Verſo, e rima;
Que quem naõ ſabe a arte, naõ a eſtima.

Mas naõ foraõ ſó os Portuguezes os que ſe infamaraõ com o tratamento, que deraõ ao maior Poeta da ſua Naçaõ: Tambem os Italianos praticaraõ a meſma inſolencia com outro homem igual ao noſſo Camoens.

Infelicidade do Taſſo.

Bernardo Taſſo natural de Surrento, e ſua molher Porcia de Roſſi, nobiliſſima Veneziana, tiveraõ a felicidade de ſerem illuſtres Genitores de Torquato Taſſo. Sendo o Principe de Salerno deſpojado dos ſeus dominios por Carlos V. ficou comprehendido Bernardo Taſſo na meſma deſgraça, por ſer muito familiar deſte Principe; porem ainda ficou com alguns meios de ſuſtentar o filho nos Eſtudos de Padua. Diſtinguio-ſe muito neſta Academia; mas com a morte do Pai, deixou a applicaçaõ civil para ſeguir a poetica, para onde o chamava o natural impulſo do ſeu grande genio. As grandes honras, que recebeo em França de Carlos IX. pelo patrocinio do Cardeal de Eſte, lhe naõ detiveraõ o deſejo de voltar á Italia, aonde ſe fez ſeu Mecenas o Duque de Ferrara; mas naõ baſtou eſte patrocinio para naõ padecer varios deſgoſtos neſta Corte; e dizem que pelos amores, que teve com huma Irman do meſmo Principe: Cahio por eſta cauſa em huma hypochondria, que o perſeguio vinte annos, em que foi reputado por louco; e eſte infortunio o reduzio a huma grande calamidade, tanto pela falta de bens, como pela perſeguiçaõ dos ſeus inimigos, até ſer prezo por ordem do meſmo

Duque; e depois de muitos tempos, ſahio do Carcere na mais deploravel miſeria. Apé, e quaſi deſpido foi procurar huma ſua Irman, que ainda vivia em Surrento; mas naõ achando aqui o ſocorro que eſperava, voltou para Ferrara, e nella foi preſo ſegunda vez: Eſtas continuas vexaçoens deſconcertaraõ a ſua boa conſtituiçaõ, e depois de tantos damnos, perdeu tambem a ſaude, e a reputaçaõ dos ſeus grandes talentos.

Eſtando ſem alguma eſperança de ſurgir deſſe naufragio, o chamou a Roma o Pontifice Clemente VII. para o laurear no Capitolio, coremonia de grande eſtimaçaõ, e applauſo na Curia. Fora de Roma foi recebido por dois Cardeaes, e por hum grande numero de Prelados, que o conduziraõ a audiencia do Papa: *Eu quero* (lhe diſſe Clemente) *que vós honreis a Coroa de Louro, que tem honrado ategora a todos, que a conſeguiraõ.* Adoeceu o Taſſo neſte tempo, e morreu no meſmo dia, em que ſe eſperava eſte triumpho: Eſte ultimo periodo da ſua vida deve parecer mais infelice, que os outros; pois o aſſaltou a morte entre as ſuas maiores eſperanças.

Naõ ſei ſe a Camoens, e a o Taſſo lhe trouxeraõ os ſeus coſtumes baſtante parte deſta infelicidade; porem muito ſe deve perdoar aos eſpiritos de taõ alto caracter, como fizeraõ os Gregos, e Romanos aos ſeus mais diſtintos engenhos.

Eu eſtou certo que nada me perdoariaõ os Portuguezes, e muito menos concorrendo, e conſpirando para a condemnaçaõ do conceito de ſemelhante eſtudo: Entre nós o nome de Poeta, he como o de Viſionario em França. Com tudo eu ainda tenho alguma eſperança de que mudemos de opiniaõ, quando vejo que temos começado a deſterrar as ſombras que tem feito mais eſcuro o noſſo occidente. Eiſqui o que diz o P. Rapin nas ſuas Reflexoens ſobre a Poetica.

Conceito, que ſe deve fazer da Poeſia.

O pouco conhecimento, que vulgarmente ſe tem do verdadeiro preço da Poeſia, faz com que ſenaõ forme della aquelle conceito, que ella merece. Só nos eſpiritos ſublimes hé que ſe conſegue a ſua devida eſtimaçaõ. E ſabendo-ſe que Alexandre, Scipiaõ, Julio Cezar, Auguſto, e todos os grandes homens da Antiguidade, ſe arrebataraõ tanto com eſta arte, hé preciſo que ſe conceba della huma grande idea. Hé de todas as artes a mais perfeita: as outras ſaõ limitadas; eſta naõ tem limite, porque todas abrange, e abrange todas as ſciencias. Mas o ſeu valor naõ ſe pode bem alcançar, ſenaõ pelas qualidades neceſſarias, que deve ter hum Poeta: Neceſſitaſe de hum genio extraordinario, de hum grande natural, de hum eſpirito ajuſtado, fertil, penetran-

trante, ſólido, e traſcendente: de huma intelligencia pura, e regulada; de huma imaginaçaõ limpa, e agradavel: Eſta elevaçaõ de genio, que naõ depende da arte, nem do eſtudo, e que he hum dom puramente Celeſtial, deve ſer ſoſtida de huma grande intelleçaõ, e igual vivacidade: intellecçaõ para cogitar ſabiamente das cóiſas: vivacidade para exprimillas com aquella graça, e abundancia, em que conſiſte a formoſura.

Porque o juizo, ſem genio, ſerá frio, e languido: O genio, ſem juizo, eſtravagante, e cego: ..... Em fim para ſe fazer hum Poeta perfeito, he preciſo hum temperamento de eſpirito, e de imaginaçaõ: de força, e doçura: de penetraçaõ, e delicadeza: e ſobre tudo, huma ſoberana eloquencia, e huma profunda capacidade: Eſtas ſaõ as qualidades, que ſimultaneamente devem concorrer para ſe formar hum Poeta; e para poder ſuſtentarſe neſte caracter.

Aqui tem o noſſo Portugal em breves palavras tudo o que inclue o nome de Poeta, que taõ mal ſôa nos ſeus ouvidos, e que lhe parece taõ deſaprazivel na ſua imaginaçaõ.

Agora quizera perguntar: ſe quem lograſſe todas eſtas prerogativas, ou a maior parte dellas, ſeria digno de admiraçaõ, ou de deſprezo? Será por ventura neceſſario tanto para ſe conſeguir o Caracter de Philoſopho, Theologo, Juriſperito, ou Medico, que ſaõ as Faculdades, que ſe attendem ſó no noſſo Reino.

Bem advirto que nem todos os que fazem verſos ſe podem chamar Poetas: mas eu louvara a noſſa Naçaõ ſe eſtimaſſe os Poetas, e deſprezaſſe os Verſificadores; porem que ſe me pode dizer em ſer mais eſtimado Gabriel Pereira de Caſtro, e Antonio de Souza de Macedo pelas ſuas Deciſoens Juridicas, que pelos ſeus Poemas Epicos?

Ariſtoteles, que foi, ſegundo querem os Peripateticos, o maior de todos os Philoſophos, e que foi Theologo, Juriſperito, Medico, Aſtrologo, Ethico, Politico, e Rhetorico, foi tambem o maior Meſtre da Poeſia: Sobre os Poemas de Homero hé que fundou eſta doutrina; e que dirãõ os Profeſſores das noſſas Sciencias, ſe eu affirmaſſe agora que todas as regras ſcientificas, que hoje conhece o Mundo ſe originaraõ deſtes Poemas? Eſta he huma propoziçaõ, que ſenaõ pode trazer a publico, ſem hum grande Patrono: O meſmo P. Rapin a authoriza com as palavras ſeguintes, fallando de Homero.

Poeſia, origem das artes e ſciencias.

Nos ſeus Poemas liê que ſe tem formalizado as grandes Perſonagens da Antiguidade; Delles tomaraõ os

Le-

Legisladores a planta das Leis que derão aos homens: Delles sahirão os modellos, com que se fundarão as Monarchias, e Republicas: Nelles acharão os Philosophos os elementos da Ethica: Nelles estudarão os Medicos os remedios para as doenças: Nelles descobrirão os Astrologos a Sciencia do Ceo; e os Geographos, a da Terra: Os Reis, e os Principes acharão nos mesmos Poemas a arte do governo civil; e os Generaes a do militar: Com este grande Original hé que Socrates, Platão, e Aristoteles se fizerão philosophos: Com que Apelles, e Polygnotes encherão de admiração a pintura: com que Alexandre se fez invencivel.

util, e deleitoso da Poesia.

Daqui se conhece tambem que a Poesia, como alguns erradamente presumem, não se dirige só ao deleite; mas tem outro objecto mais sublime, que hé o da instrucção dos homens. Não há arte alguma, que não deva attender á utilidade publica; e a Poesia como arte mais eminente, deve tambem constituirse neste necessario, e proveitozo intento. Mas com huma grande differença, que as outras artes instruem com fadiga; esta com suavidade: Pelo voto de Aristoteles e de Horacio, consiste a Poesia no *util*, e no *suave*: este hé o seu maior Elogio. A maior parte dos homens aborrecem as instrucçoens pelo trabalho, que experimentão no ensino: A Poesia insensivelmente os leva arrecebello com a doçura da consonancia, de que não há espirito humano, que senão agrade; e só os espiritos malevolos hé que desesperão com a harmonia.

Para se alcançar este admiravel effeito, hé muito mais proporcionada a Poesia, do que a Prosa: Nenhum Historiador faria tão animaveis as façanhas de Achilles, nem tão odiosos os desalentos de Thersites, como Homero na Ilia: Quem não amará em muitas acçoens a clemencia de Eneas no *Poema* de Virgilio, e quem não aborrecerá a Crueldade de Mezencio! Talvez que não podesse produzir tão vivamente estes contrarios affectos toda a elegancia de Tito Livio. Quando leio em João de Barros a historia da India, confesso que fico ensinado: mas quando recito o seu descobrimento nas Lusiadas não só fico ensinado mas commovido.

Para a instrucção, he melhor a Poesia do que a Prosa.

Com os olhos neste impulso pathetico hé que Sophocles representa com tanta vivacidade o castigo de Egisto depois de haver gozado tantos annos das suas maldades: E assim nos persuade que o delicto sempre tem sobre si Justiça divina, e que quanto mais se dissimúla, mais gravemente se castiga; compensandose a tardança do supplicio com a gravidade da pena.

Para curar a vaidade das molheres de Athenas he q̃ Aristophanes debuxou com todas as cores poeticas, a louca jactancia de Praxagoras: Para mostrar aos Valentoens de Roma a verdadeira fortaleza, hé

que

que Plauto deſcreveu as bravuras de hum Capitaõ arrogante no ſeu *Soldado glorioſo.* Com eſtes, e ſemelhantes intentos ſe compozeraõ as Epicas, as Tragedias, e as comedias, que ſaõ os Poemas maiores: Naõ fallo nas Eglogas, nas Satyras, Elegias, Odes, e outros Poemas menores, em que os Poetas ſezudos ſeguiraõ ſempre a ideia de accuzar o vicio, e louvar a virtude: E hirei ſó aos preceitos da Epopea, tirados da arte de Ariſtoteles, que he o que me pertence no prezente aſſumpto.

§. III.

DEve o Poema epico conſtar de *Fabula*, e *Epiſodios*: chama-ſe *Fabula* a acçaõ principal, ou ſeja verdadeira ou fingida: Chamaõ-ſe *Epiſodios* a todos os acontecimentos, que acompanhaõ a *Fabula*; e que finge o Poeta para a exornar, e introduzir a ficçaõ, e o artefício no meſmo Poema; porque ſem artificio, e ficçaõ naõ ha Poeſia; e por ella he que ſe diſtingue formalmente da Hiſtoria. *Poema épico.*

A *Fabula* deve ſer perfeita, e acabada; e que faça com os *Epiſodios* huma proporcionada grandeza; pois muitas coizas ha que ſaõ acabadas, e perfeitas, e tem o defeito de naõ ſerem grandes: Tambem deve ſer unica, exemplar, e digna de ſer imitada; pois na dignidade do exemplo, e da imitaçaõ he que conſiſte o *util* do Poema. *Fabula.*

Naõ ſei ſe a colera de Achilles, e a deſtruiçaõ de Troia, que he a *Fabula* da Iliada, he muito digna de imitaçaõ.

Nos Ethnicos ſe contava a vingança, e a ferocidade entre as virtudes do Heroiſmo: Homero, ſe merece deſculpa, he porque poetizou debaixo deſte conceito.

Mais imitavel, e exemplar he a *Fabula* da Eneida pela fundaçaõ do Imperio Romano: ainda que o modo de o fundar naõ foi muito virtuoſo. Eneas naõ tinha alguma juſtiça para ſucceder em hum Reino eſtranho, e muito menos com violencia da guerra, e com a morte de Turno, a quem ſe devia o Cazamento de Lavinia, herdeira da Coroa.

O deſcobrimento da India para a introduçaõ do Evangelho na Aſia, que he a *Fabula* das Luziadas; e a reſtauraçaõ dos lugares Sagrados, que he a de Jeruſalem conquiſtada, ſaõ acçoens muito exemplares, e mui dignas de imitaçaõ.

A *Fabula* da *Thebaida* naõ tem nada de exemplar pelo odio dos dois Irmaons Etheocles, e Polynices. A do famoſo Milton no *Paraizo perdido*, mais ſervia para Tragedia, que para Epopea.

Na eſcolha das acçoens naõ deixa de parecer tambem viciôſa a ideia de Virgilio, e a do Taſſo: Todo o intento do primeiro foi liſonjear a Aſcendencia de Auguſto: a do ſegundo a do ſeu Mecenas, o Marques de Ferrara, fazendo a Rinaldo, ſeu aſcendente, ainda

maior

maior, que o Herôe do seu Poema.

De Homero naõ sabemos o intento, com que celebrou a Achilles, e a Ulysses: Isocrates no Panegyrico de Helena nos diz que ella lhe apparecéra em huma visaõ nocturna; e o persuadira a que cantasse os Varoens, que morreraõ no cerco de Troia porem esta noticia teria melhor lugar nos Episodios da Iliada, do que na austeridade da Oratoria.

A escolha mais pura, e innocente foi a do nosso Camoens: A mesma ingratidaõ, com que o trataraõ os Portuguezes purificou o heroico pensamento da sua Epiça: Faz lastima ouvilo sobre esta materia.

E ainda Nymphas minhas naõ bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senaõ que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus Versos me tornassem:
A troço dos descanso, que esperava
Das Capellas de Louro, que me honrassem,
Trabalhos, nunca usados, me inventaraõ,
Com que em taõ duro estado meditaraõ.

Na escolha da *Fabula*, se he verdadeira, se deve attender ao tempo, em que foi succedida: Pertende-se, que naõ seja muito proximo, nem muito remoto; por naõ cahir o Poeta no perigo de lisonja, ou da escuridade do successo. Aquelles, que contaõ menos tempo, desde a destruiçaõ de Troia até o nascimento de Homero, fazem este intervallo de 250 annos; ainda que Voltaire lhe dá pouco mais de hum Seculo: Em dois Seculos, e meio já parece a acçaõ bastantemente remota: A acçaõ da Eneida foi remotissima; pois desde a destruiçaõ daquella Cidade até o nascimento de Virgilio se contaõ mais de 1500 annos. Desde a conquista de Jerusalem ao nascimento do Tasso vaõ 450 annos. O nosso Camoens a escolheu modernissima; pois desde a partida de Vasco da Gama para o Oriente até que viesse ao Mundo este Poeta, naõ se passaraõ mais, que vinte annos. Com que este parece de pouco momento porque nenhum destes grandes homens cuidou muito em lhe dar satisfaçaõ.

§. IV.

Herôe. ASsim como a *Fabula* ha de ser unica, tambem o *Herôe* naõ deve ser mais do que hum. Bem se vê que naõ ha mais do que hũ *Herôe* na Iliada, na Odyssea, e na Eneida: Na Jerusalem, ainda que se propoem sómente hum; Rinaldo, e Godofredo parecem dois. O nosso Camoens claramente disse que cantava *as armas, e os Varoens*, e he bastantemente accusado por naõ observar aquelle preceito.

De-

Deve tambem o *Herôe* ſer illuſtre, e o que mova a parte maior da *Fabula*: Virgilio, e Camoens pontualmente o cumprirão: Homero, ainda que pretenda que o ſeu *Herôe* obre tudo o que ha de grande na Iliada, lá ſe eſquece delle por muito tempo; e deixa paſſar alguns livros, ſem que haja memoria de Achilles: excedeu-o o Taſſo neſte defeito com a introduçaõ do ſeu Rinaldo; pois naõ ſó o faz maior, que Godofredo; mas elle he o que executa as mais arduas acçoens do Poema, em quanto o *Herôe* deſcança e o faz parecer inutil na conquiſta: Rinaldo he que vence, e mata a Adraſto, a Tyſapherne, a Solimaõ; e aos principaes Capitaens dos inimigos: elle he o que deſata os preſtigios da Floreſta encantada: elle he o que agita os *Epiſodios* mais importantes: A elle he que ſó ſaõ reſervadas as maiores emprezas.

As virtudes, do *Herôe* as deve reprezentar de ſorte o Poeta, que o faça amavel aos Leitores; e que lhe commova o deſejo delle ſer feliz em todas as ſuas acçoens: Que ſe alegrem com as ſuas victorias, e ſe entriſteçaõ com os ſeus infortunios.

Nem Homero, nem Virgilio me parece que figuraraõ os ſeus *Herôes* por eſte modo. Achilles na Iliada, he baſtantemente feroz, injuſto, deſarrezoado, e cruel: Ulyſſes na Odyſſea, muito aſtuto, e intencionado: Eneas na Eneida, muito ingrato, iniquo, e vingativo: O noſſo Camoens tratou melhor o Caracter de Vaſco da Gama: elle o fez magnanimo no arrojo de aceitar a empreza do deſcobrimento da India: terrivel nas traiçoens de Moçambique: afavel nos agazalhos de Melinde: acautellado nos perigos de Calicut; religioſo nos ſuſtos da tempeſtade; inpavido nos ameaços do gigante: erudito na diſcripçaõ da Europa: modeſto nas delicias da Ilha.

Preceitua-ſe tambem que o *Herôe* alcance novas honras com o triumpho da empreza: Achilles ſe fez famoſo com a expugnaçaõ de Troia; porém Ulyſſes conſeguio mais gloria neſta guerra, que na volta, que fez para a ſua Patria: Na Eneida, na Jeruſalem, e nas Luſiadas, ſubiraõ os dois primeiros *Herôes*, de peſſoas particulares a Principes ſoberanos; o terceiro de gentilhomem, a grande do Reino.

§. V.

OS *Epiſodios* he que daõ a devida grandeza ao Poema; porque a *Fabula* em ſi he commummente limitada. Por eſta cauſa ſe eſtranha em Homero que ſoſſe a *Fabula* da ſua Iliada a expugnaçaõ do Ilion; durando dez annos o cerco, q̃ lhe poſeraõ os Grégos, havia de offerecer taõ dilatado tempo muitos ſucceſſos, que naõ podiaõ caber na devida proporçaõ da *Epopea*. *Epiſodios.*

Devem os *Epiſodios* ſer taõ dependentes da *Fabula*, que ſe conſiga neſte compoſto huma unidade perfeita: Homero, e Virgilio para os fazerem admiraveis, lhes introduziraõ as ſuas Deidades Genti-

Gentilicas: Pertenderaõ que as acçoens humanas, manejadas pelos Deoſes, ſe fizeſſem mais illuſtres, e attendiveis. E porisſo parece prodigioſo tudo o que obra Telemaco na Odyſſea pela inſpiraçaõ de Minerva, disfarſada na figura de Mentor: tudo o que executa Achilles na Iliada pelos influxos de Thetis: o que intenta Eneas pelo patrocinio de Venus.

Porem Homero para divinizar os ſeus Herões, humanizou demaſiadamente os ſeus Deoſes: Longino naõ pode tolerar que eſte Poeta deſacredite as ſuas Deidades com tantos odios, e adulterios; e outras ſemelhantes fraquezas, que ſe fazem ainda abominaveis entre os homens. Emfim na Odyſſea, e na Iliada, vendo-ſe que os Numes obraõ tantas indignidades, e os homens tantas proezas parece que ſaõ Deoſes os homens, e que os homens ſe fazem Deoſes.

O noſſo Camoens he juſtamente arguido pelos Francezes em imitar a Homero, e Virgilio na introduçaõ deſtas ſuperſticioſas perſonagens. O Poeta Grego, e Latino fallaraõ como Pagaons; e Camoens, ſendo Poeta Chriſtaõ, fallou como gentio. De pouco lhe vale a defeza do ſeu commentador Manoel de Faria; pois a ſubtileza com que o defende prova melhor a razaõ com que ſe accuſa.

Huns dos lugares mais reprehenſiveis nas Luſiadas he chamar claramente Vaſco da Gama pelo Deos verdadeiro no aperto da tormenta; e ſer Venus a que vieſſe ſerenar a tempeſtade: He huma incongruencia, que com nenhuma allegoria póde ficar diſculpavel.

Entendiaſe naquella idade, que ſem ſe imitarem taõ ſervilmente os Poetas, e Oradores Gentilicos, naõ haveria Poeſia, nem Proſa, que mereceſſe applauſo: Com eſta preoccupaçaõ hé que diſſe o Cardeal Bembo na eleiçaõ de hum Pontifice que elle fora elegido. *Deorum immortalium beneficiis*: expreſſaõ indiguiſſima na elegancia Catholica; e ſem mais fundamento, que imitar os termos de que uſava Cicero.

Taõ arreigado eſtava eſte coſtume entre os Poetas Chriſtaons, que até nos Poemas mais Sagrados ſe introduzirão eſtes indecoroſos adornos. Sannazaro na ſua Epica de *Partu Virginis*, tendo-lhe levado vinte annos de conſideraçaõ, confiou das vozes de Protheo os myſterios mais ſublimes da noſſa Fé: Quando deſcreve a Chriſto S. N. ſobre as agoas, o acompanha de hum Choro de Nymphas: Fáz com que Neptuno lhe renda o ſeu Tridente; e introdûz ao rio Jordaõ a fallar do meſmo Senhor com as ſuas Nereidas; e ainda aſſim lhe fez o Papa Leam X. eſte Elogio: *Divina factum Providentia, ut Divina ſponſa tot impiis oppugnatoribus, lacératoribuſque laceſſita, talem, tantumque natâ ſit propugnatorem.*

O Taſſo reconheceu a indecencia, e o abuſo deſtas introduçoens; e por fugir de hum extremo, cahio em outro, naõ menos cenſuravel; que foi o de fazer que os Eſpiritos do Empyreo moveſſem as acçoens dos ſeus *Epiſodios*. Se Homero, e Virgilio miſturaraõ

os

os Deoſes com os homens he porque talvêz naõ faziaõ dos ſeus Idolos aquelle Soberano conceito, que nós fazemos dos Santos. Naõ devemos pertender que as noſſas *Epopeas* ſejaõ taõ admiraveis, que com eſte intento profanemos o ſacro com o profano; e que para as fazer mais divinas, as façamos menos religioſas. O P. Bougeant he de opiniaõ que a verdadeira eſſencia do Poema epico conſiſte na introduçaõ das Deidades do Paganiſmo, pois ſó aſſim he que ſe póde lograr o maravilhoſo que ſe pertende nas *Epopeias*. Mas iſto he hum conceito extravagante, e totalmente ſolitario entre todos os Poetas; eſpecialmente nos da Provincia deſte P. que todos ſeguem hum penſamento contrario; coiza inaudita ou bem eſtranha ſeria que dependeſſe a bondade da Poetica da ſuperſtiçaõ gentilica; e que ſenaõ podeſſe trasladar huma arte taõ divina para a Religiaõ Catholica, aonde ſe podeſſe melhorar o ſeu maravilhoſo exercicio. O P. Bougeant era do humor daquelle Poeta Alemaõ, a quem reprehendeu Franciſco Pico della Mirandola por haver introduzido em hum Poema Catholico Apollo, Diana, Mercurio com o Papa, e com os Eleitores do Imperio, a que elle reſpondeu que os verſos de Heſiodo, de Homero, e de Virgilio eſtavaõ cheios das Fabulas deſtes Deoſes; e q̃ ſe tambem aſſim o haõ fizeſſe, naõ poderia conſeguir o nome de Poeta. Taes ſaõ as preocupaçoens do juizo humano.

§. VI.

A Connexaõ, e a diſtribuiçaõ, ou o *Deſenho* do Poema, he huma das fadigas mais arriſcadas, que ſe offerece ao Poeta: Algumas vezes ſe cogita felizmente, e quaſi ſempre ſe executa com infelicidade pela grande diſtancia que vai do que ſe concebe ao que ſe pratica. O *Deſenho* nas obras pequenas, deve ſer pequeno; nas grandes deve haver *Deſenho* grande. O da Epica naõ ſó deve ſer grande, mas admiravel, judicioſo, e perfeito, qual foi o da Eneida: Aqui tudo he proporcionado à inſtituiçaõ do Imperio Romano, e à gloria de Auguſto: Em todas as partes do Poema ſe obſerva a proporçaõ, o juizo, e a grandeza: O Poema do Taſſo ſe concebeu com o meſmo eſforço, mas teve muitos deſeitos na execuçaõ. Pertença ao *Deſenho* a repartiçaõ da Fabula entre os Epiſodios. *Deſenho.*

§. VII.

A *Epopea* deve principiar pelo meio da *Fabula*: aſſim o executou Homero, Virgilio, Taſſo, e Camoens: Manoel de Gallegos intentou provar que eſtes quatro Poetas deraõ principio aos ſeus Poemas pela origem, e naõ pelo meio da acçaõ: Foi huma empreza infelice; pois claramente ſe conhece que ſendo a expugnaçaõ do Iliou, determinada na Grecia; que Homero dá principio á Iliada com *Abertura do Poema.*

com a colera de Achilles em Troia. A *Fabula* da Odyſſea teve o ſeu principio na volta que fèz Ulyſſes deſta Cidade para Ithaça; e Homero principia eſte Poema cõ o *Heróe* na Ilha de Calypſo. A *Fabula* da Eneida teve o principio em Creta, quando os Deoſes determinarão a Eneas que foſſe fundar o Imperio Romano na Italia; e Virgilio principia com o ſeu *Heróe* á viſta de Carthago. A *Fabula* da Jeruſalem teve principio no armamento, que fizerão os Principes Catholicos em Françа; e o Taſſo dá principio à ſua *Epica* com Godofredo na Aſia, e depois da expugnaçaõ de Nicea, e Antiochia. A *Fabula* das Luſiadas teve principio na eleiçaõ, que fez o noſſo Rei D. Manoel, de Vaſco da Gama para o deſcobrimento da India; e Camoens principia o ſeu *Poema* com eſte *Heróe* na coſta de Moçambique.

Mas devendo-ſe abrir o *Poema* pelo meio da *Fabula*, he preciſo que em algum *Epiſodio* ſe faça menção da ſua origem; e ao *Heróe* he que pertence eſta narraçaõ: Ulyſſes fez na Odyſſea ao Rei Alcinoo: Na Eneida afez Eneas a Dido: Nas Luſiadas, a fez Vaſco da Gama ao Rei de Melinde: Torquato Taſſo ficou em ſilencio com eſta noticia, de que o accuſou a Academia da Çruſca.

§. VIII.

Compoſiçaõ, e ſimplicidade da Fabula.

A *Fabula* ainda deve ter outra repartiçaõ: pois ha *Fabula ſimples*, e *Fabula compoſta*; ſegundo a doutrina de Ariſtoteles: A *Fabula ſimples* he como a da Iliada; porque naõ tem mudança de fortuna: A *Fabula compoſta* he a mudança de huma infelicidade para huma ventura, que ſe executa na *Epica* como o fez Homero na *Odyſſea*: ou a de huma ventura para huma infelicidade, que ſe pratica na *Tragedia*, como a de Prometheu, de Eſchylo, e a de Hercules de Seneca.

Peripecia.

A eſta mudança, ou *Tragedia*, ou *heroica*, chama o meſmo Ariſtoteles: *Peripecia.*

§. IX.

Artifício, e desfecho da Fabula.

SUbdivideſe tambem a *Fabula* em outras duas partes; A primeira ſe chama *artificio*: a ſegunda *desfecho*: O *artificio* he que enreda os acontecimentos: O *desfecho* he que os deſata. He *artificio* tudo o que precede à mudança da fortuna: he *desfecho* tudo o que acontece depois della.

A Princeza Andromache no Poema de Euripides, depois de perder a Hector ſeu marido: depois de ver matar a ſeu Pai Priamo: depois de prezenciar a expuguaçaõ, o incendio, e a ruina da ſua Patria, veio finalmente a ſer eſcrava de Neoptolemo: Aqui a pertende matar Hermione molher deſte Principe, inſtada de hum ciume, que lhe tinha influido a formoſura da eſcrava: Menelão, Pai de Hermione a faz conduzir ao patibulo com hum filho, que teve de Pyrrho, chamado Moloſſo: Eiſaqui o *artificio*: Neſte grande aper-

to

to a livra Thetis, e Peleo, que deſtinaõ o filho a ſer Rei dos Moloſſos; e a Mai a ſer Rainha com o caſamento de Heleno: eiſaqui o *deſfecho*.

Na *Odyſſea* ſe conhece o *artificio* em todos aquelles trabalho, que padeceu Ulyſſes deſde Troia até Ithaca; e lografe o *deſfecho* na chegada da Patria, e na vingança, que tomou dos amantes de Penelope.

Eneas deſterrado do ſeu domicilio, deſpojado de todos os ſeus bens, combatido das tempeſtades, deſamparado dos Deoſes, e dos homens; no fim de tantas deſgraças veio a ſer o fundador da maior Monarquia do Mundo: eſte he o admiravel *artificio*, e *deſfecho* da *Fabula* da *Eneida*. Da meſma ſorte ſe vê lograd nas *Luſiadas*: os horrores do Tormentorio, as traiçoens de Moçambique, os perigos das tempeſtades, os empenhos de Baccho, e Neptuno, as deſconfianças de Calecut, parece que fariaõ deſgraçada a empreza; mas a reduçaõ à Patria, com o deſcobrimento de tantos mares incognitos, encheu de gloria, e felicidade ao *Heroé* do *Poema*.

§. X.

FIcará a *Epica* mais illuſtre ſe a *Peripecia* concorrer com a *Epignoſis*, que he hum novo, e eſtranho acontecimento de tudo aquillo, que ſe ignorava. Eſtas novidades ineſperadas, naõ ſó produzem o *admiravel* nos ſucceſſos, mas conſeguem tambem as commoçoens do animo; principaes, e proveitoſos effeitos da *Epopeia*. *Epignoſis.*

Nenhuma *Epignoſis* dos antigos, e modernos deu maior commoçaõ aos Eſpectadores, que a do Oedipo de Sophocles: Era Oedipo, Rei de Thebas, aonde a peſte tinha feito hum horroroſo eſtrago: conſultou o Rei ao Oraculo; e reſpondeulhe, que a peſte ceſſaria, ſe elle vingaſſe a morte do Rei Laïo ſeu anteceſſor: Procurou Oedipo com as maiores diligencias deſcobrir o homicida do Rei: Com os depoimentos de Creonte, Tyreſias, Jocaſte, e do Enviado de Corintho, veio Oedipo a conhecer que elle fora o matador, o que atéli ignorava.

Naõ pára aqui a *Epignoſis*: Conheceuſe tambem que Laïo era Pai de Oedipo, e que Jocaſte, com quem elle ſe achava caſado, era ſua Mai. Eſtas extemporaneas novidades enchiaõ, humas vezes os ouvintes de ira, outras de piedade, aborrecendo, e laſtimando-ſe ao meſmo tempo do meſmo author do delicto, e da calamidade; e ſendo eſta Tragedia muitas vezes repetida no theatro de Athenas, nunca deixou de produzir os meſmos effeitos. Tal foi a dexteridade comque Sophocles produzio eſta admiravel *Epignoſis*!

He muito boa a da *Eneida* quando o *Heroé*, chegando à Coſta da Thracia, e querendo arrancar humas murtas para cobrir os al-

tares, reparou que as ſuas raizes deſtilavaõ ſangue; e ouvio logo a vóz de Polydoro, que lhe dizia; que o naõ deſpedaçaſſe, porque aquelles arbuſtos eſtavaõ pegados ao ſeu Cadaver.

Porém a *Epignoſis* mais admiravel em todas as *Epopeias* hê a do Cabo de Boaeſperança nas *Luſiadas*. Pareceulhe a Vaſco da Gama que encontraria huma dilatada ſerrania, que naquella fluctuante ſoledade aſſombraſſe o aſpecto do Antartico, e moveſſe no combate, comque as ondas aſſaltavaõ os rochedos, toda a horribilidade, e indignaçaõ das tormentas: E achouſe com a formidavel carranca do gigante Adamaſtor, que vaticinou aos Portuguezes todos os naufragios, que alli ſe haviaõ de padecer nas viagens da India.

§. XI.

Admiravel, e veroſimil.

O *Admiravel*, que ſe procura nas *Peripecias*, nas *Epignoſis*, e em outros ſucceſſos do *Poema*, nunca deve exceder o *Veroſimil*. Eſte he hum preceito bem pouco obſervado dos melhores *Epicos*; porque arrebatados com a tentaçaõ de livrarem as ſuas *Epopeias* da vulgaridade, cahiraõ, ſem advertencia, no extremo contrario de fazerem os *Epiſodios* improporcionados. O Poeta naõ tem obrigaçaõ de contar as coizas como foraõ, pois iſſo pertence aos Hiſtoriadores; mas ſim como devem ſer; e no que deve ſer, aindaque tenha lugar o extraordinario, o naõ póde ter o incrivel; Bem que o extraordinario commova mais, que o commum, perde totalmente eſte effeito, ſe excede os limites da probabilidade; e em vez de ſe fazer *admiravel*, ſe faz *ridiculo*.

Naõ advertio Homero neſta reflexaõ, quando fez a vóz de Stentor mais forte, e encorpada, que a de cincoenta homens: nem quando pintou taõ deſmedido o penhaſco, que Poliphemo arrojou a Ulyſſes, que hiaõ ſobre elle os rebanhos, que paſtavaõ na Tinacria. Virgilio tambem cahio neſta extravagancia, quando nos diz que o meſmo Poliphemo era de eſtatura taõ deſmeſurada, que no meio do Mar Tyrrheno lhe naõ chegavaõ as ondas à cintura; e quando deſcreve o ramo de ouro, que Eneas arrancou do boſque para facilitar a entrada do Averno.

O Poema de Arioſto eſtá fundado neſtes delirios poeticos. O Hippogripho, ou Cavallo de Rugero: os gigantes, e os monſtros. O anel de Angelica, que a fazia inviſivel: os combates de Marfiſa, Bradamante, e Olypia: as viſoens, os encantamentos, e outros ſucceſſos deſte caracter, ſaõ como os ſonhos de hum enfermo, aonde naõ ha reprezentaçaõ, que naõ ſeja monſtruoſidade.

§. XII.

§. XII.

TEndo definido Ariſtoteles que a *Epopeia* he: *Imitaçaõ de huma acçaõ illuſtre*: devemos advertir, pela doutrina do meſmo philoſopho, que neſta *Imitaçaõ* ſe devem conſiderar três pontos principaes: a ſaber: o *Inſtrumento*, *comque ſe imita*: o *modo*, *comque ſe hà de imitar*: a *coiza*, *que deve ſer imitada*. *Imitaçaõ.*

A coiza que ſe imita hè a *Fabula* do Poema; e os *coſtumes*, e *perturbaçoens*, que ſe produzem dos ſucceſſos triſtes, horridos, e tragicos: O *inſtrumento*, *comque ſe imita*, hè a *locuçaõ*: e neſte *inſtrumento* differe tambem a *Epopeia* da *Tragedia*, e da *Comedia*; porque eſtas imitaõ com a muſica, e com os adornos dos vêſtidos, e perſpectivas das Scenas: O *modo*, *com que ſe imita* hè a *Narraçaõ*; outra differença da *Epopeia* com os *Poemas dramaticos*; pois a *Epopeia* imita narrando, e os outros reprezentando. Eſtes naõ fallaõ em nome, ou peſſoa do Poeta; mas na dos Interlocutores; e na *Epopeia* falla o Poeta em ſeu nome, e peſſoa, ainda que deve introduzir outras Perſonagens, que fallem para ſe conſeguir a *Imitaçaõ*; porque raras vezes ſe logra quando o Poeta hè o que falla no Poema.

A *Imitaçaõ* naõ ſe deve apartar da regra, e modo, com que procede a Natureza; e lhe compete propor as acçoens, que imita, taõ naturaes, e taõ vivas, como ſe eſtiveſſem diante dos olhos. As *acçoens*, e naõ os *coſtumes*, hè que principalmente ſe devem imitar; porque ainda que ſe imitem os *coſtumes*, hè ſó por amor das *acçoens*; A felicidade, ou infelecidade da *Fabula* depende da *acçaõ*; e a maldade, ou a bondade, hè que depende do *coſtume*: O principal intento da *Epopeia*, naõ attende a que ſeja bom, ou máo o *coſtume*, mas a que ſeja a *acçaõ* ou deſgraçada, ou venturoſa. Com que temos na *Imitaçaõ* a *Fabula*, os *coſtumes*, as *Perturbaçoens*, as *Locuçoens*, a *Narraçaõ*, e as *Dramas*: Da *Fabula* temos dito o que baſta: Vamos às outras partes, que ſe devem imitar.

§. XIII

COm os *coſtumes* ſe reprezenta o caracter das Perſonagens, que ſe intruduzem na *Epopeia*, conformando as palavras, e os penſamentos com o eſtado, com as profiſſoens, com os genios. Quando falla o Rei deve ſe imitar taõ propriamente o Caracter da Mageſtade, que ninguem poſſa duvidar de ſer Rei aquelle, que falla. E aſſim deve o Principe fallar com ſoberania, e magnimidade: O general com eſforço, e arrojo: o ſabio com erudiçaõ: o ſervo com ſubmiſſaõ: o avaro com cubiça: o puſilanime com receio: o velho com deſconfiança. Muitos pertendem que Homero naõ poſſa *Coſtumes.*

ſer vencido neſta admiravel propriedade: Porém eu a naõ deſcubro em alguns lugares dos ſeus Poemas. Nem em Ulyſſes, nem em Achilles eſtaõ bem configuradas as prendas, comque ſe repreſenta hum *Heroé*: Já fiz eſta ponderaçaõ na minha *Balança intellectual.*

Monſieur de S. Evremond nos diz, que Virgilio nos propoem a Eneas mais, como hum fundador de huma religiaõ, que de hum Imperio: Se Homero, e Virgilio cahiraõ neſtes defeitos; naõ hê muito, que Arioſto, e Taſſo ſe achem incluidos na meſma accuſaçaõ. O *Heroé* do Arioſto hê muito afeminado, e a ſua Angelica muito immodeſta: O Rinaldo do Taſſo hê muito terno, e a ſua Armida muito deſenvolta.

§. XIV.

Perturbaçoens. AS *Perturbaçoens* naſcem daquelles ſucceſſos, com que o animo ſe commove, a que chamamos *imagens patheticas*: Saõ admiraveis as que produzio Homero no ſacrificio de Ephigenia: Na *Eneida*, as dos amores, e deſgraça de Dido, as da infelicidade de Niſo, e Eurialo, e as das exequias de Pallante; e nas *Luſiadas* as da morte de D. Ignês de Caſtro: Naõ ſe achaõ taõ felices no *Poema* do Taſſo: Eſperavaõ-ſe na morte de Clorinda, e nas exclamaçoens do ſeu amante Trancredo; mas o Poeta pertendeo fundar eſtas imagens na diſcripſaõ, e na agudeza, que raras vezes deſempenhaõ as expreſſoens do ſentimento: Saõ excellentes aquelles verſos:

O' Saſſo amato, ed onorato tanto,
Che dentro hai le mie fiamme, & fuori il pianto:

Porém eſtá mui diſcreto para figurar a magoa de Trancredo na morte de Clorinda.

§. XV.

Locuçaõ A *Locuçaõ*, ou *Dicçaõ*, como lhe chama Ariſtoteles, pertence ao *eſtylo*: Todos os Rhetoricos o dividem em *ſublime*, *infimo*, *mediocre*: O *infimo*, ou *humilde* hê para as Cartas, e Dialogos: O *mediocre*, ou *moderado*, para os Oradores, e Hiſtoriadores: O *ſublime* para os Poetas. Porém em que conſiſte a *ſublimidade* do *eſtylo*, hê queſtaõ das mais ventilidas entre as Naçoens eruditas.

Dionyzio Longino, que floreceu no terceiro ſeculo da era chriſtan, fêz hum Tractado de *ſublime*; e podera ſervir de texto, e deciſaõ na contenda, ſe elle naõ fallara mais da *ſublimidade* dos penſamentos, que dos Periodos.

Ariſtoteles, que ſe deve reputar neſta materia pelo mais ſeguro magiſterio, preceitûa com toda a evidencia, que o *eſtylo ſublime* ſe deve fundar nas vozes mais ſonoras, nos periodos mais numc-

numeroſos, e nos adornos da Rhetorica, que produzem as diverſas figuras, de que ſe compoem a eloquencia.

Os Francezes, que tem formado hum goſto particular na ſingeleza da ſua explicaçaõ naõ ſe pódem acommodar ao uſo das metaphoras, hyperboles, ſynedoches, antitheſes, nem de outros tropos rhetoricos; e deſconhecem os verbos, os nomes, e os adverbios *reflexivos*, que enchem de reſplandor, e de energia a Oraçaõ; ſem que admitaõ mais, que aquelles que ſaõ puramente naturaes, e proprios do ſignificado, e os que (como elles dizem) *naõ neceſſitaõ de deſculpa*; ſendo que neſta *deſculpa* hê em que muitas vezes conſiſte toda a força da elegancia.

L'enaſtitude Francaiſe n'admet rien, qui ait beſoin d'excuſe

diz Voltaire no ſeu enſaio ſobre a *Epica*. Pela confiſſaõ deſte meſmo author he totalmente diverſo o eſtylo de França, de Heſpanha, Italia, e Inglaterra.

Naõ embaraça eſte conceito a que os mais doutos Francezes confeſſem que o eſtylo da *Epica* deve ter cinco propriedades: eiſaqui as que lhe aſſigna o referido P. Rapin: *Congruo, claro, natural, brilhante, numeroſo.*

> Pela propriedade de *congruo* (acreſcenta o meſmo P.) naõ deve ter nada de impuro, ou de barbaro: Pela *clareza* deve ſer perceptivel; por ſer a eſcuridade hum dos grandes defeitos do diſcurſo..... Pela naturalidade deve ſer ſem alguma affectaçaõ..... As phraſes muito eſtudadas, o eſtylo muito flôrido, os modos muito compaçados, as palavras formoſas, os termos muito procurados; e todas as expreſſoens extraordinarias, ſaõ inſoportaveis na verdadeira Poeſia. Pelo *brilhante* ſe deve uſar daquellas vozes que naõ ſejaõ humildes, nem vulgares; mas que produzaõ as expreſſoens fortes, de cores vivas, e impulſos ardentes. Pelo *numero* deve ſoſter aquella mageſtade, de que ſe ſerve a Poeſia para exprimir toda a força, e dignidade dos grandes objectos, de que ella falla.

Eſta ultima qualidade do eſtylo tambem pede que ſejaõ os Verſos *Harmonicos, conſtantes, cheios, e encorpados.* Mas eu naõ ſei na verdade, como regeitando-ſe o eſtudo, e o cuidado das *phraſes*: o florîdo dos *termos*: a regularidade dos *modos*: a formoſura das *palavras*: a pompa das *expreſſoens*, ſe poſſa fazer huma Poeſia elegante, com *dicçoens nobres, e magnificas*, que ſe diſtingua da *pratica commua*, e que tenha *expreſſoens fortes, cores vivas, e impulſos ardentes.*

Eſta, que parece contradiçaõ, naõ ſe póde ſalvar ſenaõ com o goſto, que o uſo tem produzido na elegancia Franceza. Os meſmos Francezes conhecem que eſte goſto naõ tranſcende ao das outras Naçoens. Eiſaqui o que diz Voltaire no ſeu referido Enſaio.

> A ſuavidade, e a brandura da lingoa Italiana, ſe tem introduzido nos genios Italianos: a pompa das palavras, e das metaphoras; e o eſtylo mageſtoſo, me parece, geralmente fallando, que he o caracter dos Eſcriptores Heſpanhões: a força, a energia, o atrevimento hê muito peculiar aos Inglezes; e ſobre tudo ſaõ mui inclinados às allegorias, e comparaçoens:.... De todas eſtas differenças naſce o deſgoſto, e o deſprezo, que humas Naçoens fazem das outras.

E ſe cada huma provincia tem hum certo goſto de elegancia, que ſenaõ percebe na outra, parece que naõ deviaõ contender as Naçoens ſobre eſte ponto; e deixar que cada qual diſſeſſe, ou poetizaſe, conforme a regra, que eſtabeleceu o ſeu coſtume.

§. XVI.

Narraçaõ

A *Narraçaõ*, que he a q̃ dá o caracter à *Epopeia*, pois com ella, como já diſſemos, ſe diſtingue da *Tragedia*, e da *Comedia*, deve ſer, por eſta cauſa, hum dos objectos mais attendidos do Poeta. Pertendem os Meſtres que ella ſeja *Sucinta*, por ſe evitar a ſuperfluidade, e o deſcahimento; e que tambem ſeja *animada*, *viva*, *agradavel*, *ſimples*, e *natural*. A maior parte dos *Epicos* ſe deſviaraõ deſtas taõ preciſas qualidades: Virgilio eſtá baſtantemente diffuſo, froxo, e atrevo-me a dizer que impertinente, na diſcripçaõ dos jogos, que fez Eneas nas Exequias de ſeu Pai Anchiſes: ſaõ muito dilatadas, e pueris as *narraçoens*, q̃ faz Arioſto do palacio de Alcino; e o Taſſo no de Armida: Alguma coiza peccou o noſſo Camoens na da Ilha de Venus: Homero, ainda que foi hum grande falladõr, naõ gaſtou o tempo, como diz Luciano, em deſcrever os tormentos dos Manes, quando Ulyſſes deſceu ao Averno, tendo taõ boa occaſiaõ para aproveitar eſte impulſo narrativo; tentaçaõ, a que naõ reſiſtio Virgilio, quando lá levou o ſeu Eneas.

As *narraçoens* naõ devem ter mais, que o preciſo para a intelligencia da *Fabula*, ou do *Epiſodio*, ou para a commoçaõ do animo. E he melhor que tenhaõ o defeito de breves, que de froxas, e importunas: A que fez Homero da morte de Patrocolo, hê mui gabada de Quintiliano.

§. XVII.

§. XVII.

AS *Ficçoens*, que ſe introduzem nos *Epiſodios*, ſaõ das melhores partes da *Narraçaõ*: ellas hê que daõ todo o eſplendor à Poeſia, e conſtituem o ſeu verdadeiro caracter. Mas para iſſo, torno adizer, que naõ devem apartarſe do *Veroſimil*. O que ſe finge deve-ſe fingir com as feiçoens da verdade: Muitas verdades hà, que parecem fingimento; mas naõ deve haver fingimento, que naõ pareça verdade: As *ficçoens* deſte caracter fazem com que na Poeſia ainda as coizas bem pequenas, ſe configurem grandes, de que reſulta muita parte do *admiravel*, que ſe procura na *Epopeia*. *Ficçoens.*

O pouco agrado, com que Agamemnon tratava a Achilles parecia negocio de pouca importancia no cerco de Troia; e fez-ſe de grande conſideraçaõ, e tomou hum ſemblante novo, quando Homero fêz ſubir Thetis ao Olympo para ſe queixar a Jupiter da incivilidade deſte General: queixa, que convocou os Deoſes em hum Conſiſtorio, e os dividio em dois partidos, diſputando a deliberaçaõ, que ſe devia tomar neſta materia.

A *Ficçaõ* de aportar Eneas em Carthago, podera ſer das mais admiraveis da *Eneida*; porque a ingratidaõ com que ſe houve o Herôe com a ſua Bemfeitora dava fundamento ao odio, que ſempre tiveraõ os Carthaginezes aos Romanos, deſafogado em huma, e outra guerra Punica: Porém desfigura-ſe muito no erro da Chronologia, na indecencia dos amores de Dido, na infamia deſta famoſa Rainha, e na crueldade de hum *Herôe* aquem ſe tinha formado o caracter de *piedoſo*.

O Taſſo ainda foi mais defectuoſo nas ſuas *ficçoens*: Baſta a Floreſta encantada, e todas as partes, de que ella ſe compoem, para ſe fazer conceito das outras.

A do Gigante Adamaſtor nas *Luziadas*, hê a mais portentoſa, e feliz, que ſe tem viſto em alguma *Epopeia*. Os meſmos Francezes o confeſſaõ: Voltaire, fallando deſta *ficçaõ*, diz aſſim:

Doit reuſſir dans tous les tems, & chez toutes les Nations.

E depois de traduzilla acreſcenta: *Cela eſt grand en tout Pays, ſans doute.*

Naõ ſe pode negar tambem que he em muita parte prodigioſa a da Ilha de Venus, que ſervio de exemplar ao Taſſo para a Ilha da ſua Armida. A do Concilio Celeſte, e maritimo, hê igualmente brilhante: As perſonagens de Jupiter, Venus, Marte, Neptuno, e Baccho, deſempenhaõ todos os primores da Poeſia.

A França aceita com grande violencia eſtas *ficçoens*: Parece-me que vejo inclinado Voltaire a condemnallas, tendo baſtantes na ſua *Henriade*; e huma taõ irreligioſa, como a de levar S. Luiz Rei França a Henrique IV. ao Ceo, ainda no tempo, em que era

Hugo-

Hugonete, e ſe achava excommungado pela Sé Apoſtolica. Porém ſe Voltaire hê inimigo das *ficçoens* Poeticas, parece que o naõ hê das *ficçoens* Hiſtoricas; pois nos diz no ſeu referido *Enſaio da Epica*, que o noſſo Camoens naſcera em Heſpanha debaixo do Reinado dos Reis Catholicos Fernando, e Iſabel, e quando reinava em Portugal Joaõ II.; e que depois da ſua morte viera a Lisboa no primeiro anno do Rei Manoel: Que o meſmo Camoens fora grande amigo de Vaſco da Gama: Que eſta amizade apezar dos ſeus parentes, o fizera acompanhar no deſcobrimento da India: e que na volta deſta viagem ſe perdera a náo, em que vinha na Coſta do Malabar; e que ſahira do naufragio nadando com hum braço, e ſalvando com o outro o ſeu Poema. Saõ infelices as noſſas Hiſtorias entre os impulſos das pennas eſtrangeiras: eu naõ conheço alguma, que as naõ perverta.

Monſr. Adiſſon nas *Reflexoens*, que fez ao Poema de Milton nos moſtra que tem ſeus intentos de deſterrar as *ficçoens* da Poeſia; e gabando tanto a *Epopeia* deſte Poeta Inglêz, naõ ſe dignou de reparar, que toda eſta obra eſtá fundada em huma ideia, quaſi arbitraria: pelo que inutilmente ſe canſa em provar, que Virgilio fundara as ſuas *ficçoens* na tradiçaõ, trazendo por exemplo a das náos convertidas em Nymphas: He verdade que o meſmo Virgilio diz neſte lugar:

Priſca fides facti, ſed fama perennis.

Mas ainda que ſe conceda que os Romanos reputavaõ eſta tranſformaçaõ por ſucceſſo hyſtorico; que tradiçaõ nos offerece Monſiéur Adiſſon para a deſcida de Eneas ao Averno, que hê huma pura imitaçaõ da Odyſſea? Que tradiçaõ nos dá para o deſembarque dos Troianos em Carthago, e para a hiſtoria de Dido, que nunca foi imaginada dos Romanos, antes do Poema de Virgilio?

§. XVIII.

Dramas. NAs *Dramas* hê que ſe lograõ os *Coſtumes*. Quem houver de fallar no theatro da Epica deve fallar, como quem hê, obſervando nas vozes, nos penſamentos, e nas acçoens o caracter, que reprezenta.

Agamemnon naõ tem na Iliada penſamento, ou palavra, que naõ ſeja de Rei: Achilles, de hum Capitaõ arrojado, impavido, e forte, ainda que feróz, cruel, e indomito. Na *Eneida* eſtá melhor reprezentada a crueldade de Mezencio, que a piedade de Eneas; mas tambem ſenaõ póde figurar melhor a traiçaõ de Sinon, nem a deſeſperaçaõ de Dido. Metaſtaſio naõ fica devendo nada a Virgilio, quando deſcreve a auzencia daquelle Troiano em hum dos ſeus Poemas *Dramaticos*. Hê dos lugares mais illuſtres, que tem as ſuas *Operas*.

Todo-

Godofredo na Jeruſalem naõ incûlca muito o caracter de Conquiſtador. Vaſco da Gama nas Luſiadas póde ſer o modello da propriedade heroica.

§. XIX.

COnſiſte em fim toda a perfeiçaõ de hum Poema epico, ſegundo a doutrina de Ariſtoteles, na regular, e juſta proporçaõ de todas eſtas partes, que tenho propoſto; mas ainda atéqui naõ houve engenho, que as ſoubeſſe unir em huma compoſiçaõ perfeita.

As *Epopeias* de Homero, Virgilio, Taſſo, e Camoens devem ſer os exemplares, que ſigamos; porque naõ temos outros Originaes, com menos defeitos. Devemos ſeguillos no que acertaraõ, e deſviarnos, quanto for poſſivel dos defeitos, em que cahiraõ.

As outras *Epicas* ſó ſervem de encarecer a difficuldade deſta grande empreza; pois ſendo tantos os que a emprenderaõ, ſaõ taõ poucos os que conſeguiraõ a reputaçaõ de *Poetas heroicos*.

Entre os Gregos ſó ſe louva em Heſiodo huma elegancia agradavel: em Colutho no *Roubo de Helena* ſe obſerva hum limitado deſenho, e hum eſtylo froxo, e deſanimado: Tryphyodoro na *expugnaçaõ de Troia*, he muito baixo, e groſſeiro: Apollonio Rhodio, na *expediçaõ dos Argonautas*, muito ſimplex, & ſingelo: Nicandro he duro: Oppiano he ſecco: Nonno na *Appotheoſe de Bacho*, hê mais hiſtoriador, que Poeta.

Entre os Latinos cahio Petronio no ſeu pequeno Poema da *Corrupçaõ de Roma* em todas as culpas, que tinha condemnado: Stacio, ainda que pompoſo, he muito deſproporcionado: ſe acabara a *Achilleida*, tahiria melhor Poema, que o da *Thebaidea*; porque eſtá principiado com mais juizo: Silio Italico no ſeu *Annibal* tem mais artificio, que genio: Valerio Flacco nos *Argonautas* hê de hum caracter muito mediocre.

Entre os Italianos, Dante (que Caſtelvetro introduz entre os Poetas epicos) hê muito ſombrio, e melancolico: Petrarca, muito baſto: Boccacio muito fallador: Arioſto de muita extravagancia: Boiardo, e Pulci, de pouca conſideraçaõ: Sannazaro, e Jeronymo Vida, naõ tem adquirido mais louvor, que a grandeza do eſpirito, e a pureza do latim: Pontano, Policiano, os Cardeaes Bembo, e Sadolet, Palcoti, e Strozzi, tiveraõ o meſmo caracter, mas com genio muito inferior: Triſſino alcançou a gloria de ſer o primeiro, que com alguma juſtiça podeſſe aſpirar ao conceito de Poeta heroico entre os Italianos; porém o ſeculo, em que viveu, que foi no Pontificado de Leaõ X, naõ tinhà a cultura neceſſaria para felicitar eſta empreza.

Entre os Heſpanhões, Dom Alonſo de Ercilla na ſua *Araucana* tem algum lugar, em que excede a Homero; porém a maior parte

do

do Poema hê monſtruoſo, e irregular: Loppo de Vega na ſua *Jeruſalem* tem muita fertilidade, e pouca obſervancia. Eſta *Epica* ſe fêz em deſpique de que o Taſſo naõ fizeſſe caſo dos Heſpanhóes no ſeu *Poema*; porém Loppo naõ tinha partido para entrar em combate com o Taſſo. Franciſco Loppes de Zarate no ſeu Poema da *Cruz* hê mais polido, que Loppo; menos fertil, e igualmente deſcuidado. O Principe de Eſquilache no ſeu *Napoles conquiſtado* deu hũa grande expectaçaõ a Caſtella, que conſpirava para o applauſo com o merecimento deſte Cavalheiro; mas ao depois ſe conheceu que a trombeta de Calliope naõ melhorou nada a froxidaõ do eſtylo, que ſe acha nas ſuas Rimas.

Entre os Portuguezes, tem Miguel da Silveira no ſeu *Machabeo* toda a pompa, de que ſe agrada a elegancia Heſpanhola: Vaſco Mouſinho de Quebedo na ſua *Arzilla* tem alguns votos de que ſatisfizera aos preceitos da Epica: Franciſco de Sá de Menezes na *Malaca conquiſtada* tem alguns defenſores: Antonio de Souſa de Macedo na ſua *Ulyſſippo* naõ hê dos mais culpados: Gabriel Pereira de Caſtro, na ſua *Ulyſſea* abaixo de Camoens, hê o melhor *Epico* de Portugal; ainda que o naõ conſinta Manoel de Faria de Souſa: Franciſco Botelho de Vaſconcellos no ſeu *Alfonſo* ſe conformou baſtantemente com as leis da *Epopeia*: Dizia que naõ conhecia outros Poetas, ſenaõ Virgilio, e Taſſo; e ainda aſſim ſe obſerva que o ſeu eſtylo hê arrancado com hum picaõ dos rochedos do Pindo. Enganado com a falſidade de huma cultura eſtranha, affectou eſta eſcabroſidade conſórme me aſſegurou o Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes. Tem o *Alfonſo* muita eſcuridade de termos, e daquelles, que os Francezes chamaõ *Galimatias*: Entre eſtes horrores, ſaiem às vezes de repente algumas labaredas, que enchem de luzes o *Poema*, ainda que fazem, como os relampagos no meio da tormenta, ou mais corpulentas, ou mais viſiveis as ſombras: Gaſpar Leitaõ da Fonceca tem compoſto hum Poema do martyrio de Santa Iria, heroina da ſua patria, a que deu o titulo de *Ireneidos*; eu o vi na minha primeira idade; e pela pouca lembrança, que tenho delle, naõ poſſo fazer juizo do ſeu merecimento: ſei que o meſmo Conde da Ericeira o eſtimava muito.

Eſtava França, ſem *Poema Epico*; e ella meſma tem confeſſado muitas vezes pela boca dos ſeus maiores homens, que nem o ſeu idioma; nem o ſeu Eſpirito era baſtantemente habil para eſta empreza: Pertendeu Franciſco Voltaire no prezente ſeculo deſmentir eſta ſincéra confiſſaõ, e ſuperar a difficuldade com a ſua *Henriade* de que elle meſmo diz na ideia deſte Poema que he *ſogeito o Cerco de Paris principiado por Henrique de Valois, e por Henrique de Bourbon; e acabado por eſte ſó*: e acreſcenta que o *lugar da ſcena ſe entende deſde Paris até Ivri, onde ſe dá a famoſa batalha,*

que decida a fortuna de França, e da Caſa de Bourbon.

Mas naõ ſei ſe com eſte Poema confirmou mais Voltaire a grande difficuldade, que os ſeus meſmos patricianos conſideraõ no deſempenho da *Epopeia*. Naõ fallo nas eſpinhas, que tem a *Henriade* pelo que reſpeita ao decoro Catholico, como as do Epiſodio de S. Luiz, de que já fiz mençaõ: as da criminoſa opiniaõ, que faz do Governo de Roma, do Tribunal do Santo Officio, e da memoria do Papa Sixto V. as que ſe deſcobrem na *Caſa do Deſtino*, e as do conceito que fâz do *Inferno*; porque ſaõ materias, que pertencem mais à Religiaõ, que à Poeſia; e notarei ſó o que ſe cinge aos preceitos da Epica.

Se o ſogeito da *Henriade* he o cerco de Paris, executado por Henrique de Valois, e Henrique de Bourbon, temos dois Heroês no Poema: Dizer que eſte *cerco foi acabado por eſte ſó*, he miſturar o fingimento com a hiſtoria; porque Henrique de Bourbon naõ acabou o cerco; pois o levantou logo depois da morte, que deu a Henrique de Valois, Jacome Clemente, e por eſte lado temos tambem a hum dos *Heroês*, *tragico*, e naõ *Epico*; e com eſta Tragedia ficou a *Fabula* imperfeita, e por acabar, pois por eſte cerco ſenaõ conſeguio o rendimento da Cidade.

A batalha de Ivri, que venceu ao depois Henrique de Bourbon, naõ tem alguma connexaõ com o cerco de Paris; porque o motivo deſte combate foi querer o Duque de Mayene, Lugar Tenente da Liga, inſtado dos Senhores Colligados, que Henrique de Bourbon levantaſſe o ſitio de Dreux; e parece huma deſproporçaõ enorme da *Fabula* o querer que o cerco de Paris dependa da batalha de Ivri, extendendo até eſta Campanha o curſo da ſcena. Nem a batalha de Ivri, como pertende Voltaire decidou a fortuna de França, e da Caſa de Bourbon, pois a hiſtoria deſtas guerras civis eſtá cheia de innumeraveis acontecimentos, deſde eſte combate até a converſaõ de Henrique IV. que foi a que verdadeiramente o collocou no throno.

A grande fome do cerco de Paris tambem naõ ſuccedeu no primeiro cerco de Henrique de Valois, ſenaõ depois da batalha de Ivri, quando a cercou Henrique de Bourbon: e eſte ſegundo cerco he outra acçaõ muito alheia da que Voltaire propoem; e nem ainda com eſta ſe daria fim à *Fabula*; porque Paris foi ſoccorrida pelas armas de Philippe II. de Caſtella, ſendo ſeu General Alexandre Farneſe; e Henrique de Bourbon vendo vitualhada Paris, com a expugnaçaõ de Lagni, deſamparou o ſitio deſta Cidade. E naõ deixa de parecer hum intento bem pouco ſincêro o diſſimular o Poeta eſta acçaõ, talvez por naõ dar a merecida gloria à ſabia conducta do Principe de Parma, em que ficou vencida toda a fama militar de Henrique de Bourbon.

A entrada, que o meſmo Henrique fêz em Paris, que he

aonde Voltaire dá fim à *Fabula*, e acaba o *Poema*; naõ tem alguma analogia com o ſogeito, que elle propoem na *Henriade*, que he o primeiro ſitio de Paris, nem taõ pouco com a batalha de Ivri; pois todas ſaõ acçoens differentes; nem della ultima póde reſultar a Henrique algum applauſo digno da *Epopeia*; porque Paris naõ foi entrada com as armas do *Herôe*, mas pela negociaçaõ, que ſe fez com o Conde de Briſſac ſeu Governador.

E aſſim ſe nos reprezenta toda a *Fabula* da *Henriade* como hum corpo monſtruoſo de diverſas cabeças, e membros heterogeneos, aonde ſe offende, e perverte a verdade dos ſucceſſos. E ainda que Voltaire pertende ſahir della accuſaçaõ com a deſculpa, de que naõ compôz *Hiſtoria*, mas *Poema*, poderaſe lembrar que quanto à *Fabula*, ſendo verdadeira, naõ tem o Poeta juriſdicçaõ, authoridade, ou licença para deſfiguralla; e as *ficçoens* ſó ſe concedem nos *Epiſodios*. E hum Eſcriptor, que *naõ admitte deſculpa nas palavras*; tambem podera eſperar dos Poetas que lha naõ admittiſſem nos *Poemas*.

Naõ ſó falta à exacçaõ da *Fabula*, mas tambem em varios incidentes, que acommodou ao ſeu intento. No 4. canto da *Henriade*, antes da morte de Henrique de Valois, introdúz a prociſſaõ, que fizeraõ os Frades armados dentro de Paris, ſendo eſte ſucceſſo depois da morte do meſmo Henrique, e no ſegundo cerco, que lhe pôz Henrique de Bourbon. Logo tambem depois daquella deſgraça fáz o ajuntamento dos eſtados do Reino, ſendo eſtes convocados quatro annos adiante da morte de Henrique. He outro erro da hiſtoria o ſahir ferido o Duque de Biron na batalha de Ivri, o que acontenceo no combate de Fotaine Françaiſe, donde o livrou o valor de Henrique IV. O combate do Marechal de Turene com o Cavalhero de Aumale, he outro *fingimento* bem alheio da verdade. Se Voltaire ſe agradava de meter algum Duelo neſte Poema, tinha bem à maõ o deſafio, que teve no primeiro cerco de Paris o Senhor de Marivaux da parte dos Realiſtas com Claudio Maroles da parte dos Colligados à viſta da Cidade, e do exercito; em que Maroles ſahio victorioſo, ſendo hum moço de bem poucos annos, e baſtantemente delicado, e Marivaux, o guerreiro mais intrepido, e de maiores forças, que havia nas tropas dos ſitiadores: Eu naõ ſei ſe tambem aqui pertendeu Voltaire encobrir eſta deſgraça do ſeu partido, para dar huma gloria falſa a hum Hugonote com o deſpojo fingido de hum Catholico. Tambem ſe deve reparar, em que faça mais heroico, e virtuoſo que o ſeu *Herôe*, o ſeu valido Du Pleſſis-Mornay. Deixo de referir outros reparos; porque eſtes baſtaraõ para ſe julgar o merecimento da *Henriade*.

Mas a razaõ porque eſtes Poetas, e outros, que omitto, ſe infelicitaraõ com a *Epopeia*, he porque eſta empreza parece que

excede

excede a todo o esforço humano: Naõ me atrevo a paſſar em ſilencio o que della diz o referido P. Rapin.

> O Poema Epico he o que ha de mais nobre, e grande na Poeſia: Eſta he a obra mais ſublime do eſpirito dos homens: Toda a nobreza, e elevaçaõ dos mais perfeitos genios, naõ he baſtante para formar tudo o que he neceſſario para hum Poeta heroico. A difficuldade de ſe achar em hum ſó ſogeito, hum juizo, huma imaginaçaõ, hum calór, huma moderaçaõ, huma ſabedoria, hum enthuſiaſmo, competente a eſta grande empreza, he que difficulta a raridade deſte Caracter, e deſte feliz temperamento, que fáz a perfeiçaõ de hum Poeta. Saõ neceſſarias humas grandes imagens; e hum eſpirito, ainda maior, para as ſaber formar. He neceſſario, em fim, hum juizo taõ ſolido, hum diſcernimento taõ exquiſito, hum conhecimento taõ perfeito da lingoa, em que ſe eſcreve, hum eſtudo taõ conſtante, huma meditaçaõ taõ profunda, huma extençaõ de capacidade taõ vaſta, que a penas todos os ſeculos podem produzir hum genio capáz de hũ Poema Epico.

Eſte teſtemunho de hum homem taõ grande como o P. Rapin pode dar ao noſſo Portugal hum conceito talvêz bem differente daquelle, que tem concebido da *Poeſia*, e da grandeza de hum *Poema Epico*; mas ao meſmo tempo accuſa o atrevimento de eu emprender com hum alento taõ debil hum arrojo taõ deſmedido. Porém eu naõ pertendo deſculparme: Ha eſpiritos atrevidos, ou por genio, ou por fatalidade: Eſcuſo de pedir perdaõ da ouſadia; pois naõ ha clemencia no Tribunal da Critica. E por naõ gaſtar o tempo em ſatisfaçoens, hirei ſó a moſtrar, ſe no meu Poema eſtaraõ deſempenhados os preceitos, que tenho propoſto, ainda que eſta demonſtraçaõ ſe me julgue por ſegunda temeridade.

PRO-

PROLEGOMENO.

SEGUNDA PARTE

§. XX.

Do *titulo* do *Poema*.

SErve o *titulo* em todos os eſcriptos de dar huma clara, ainda que breve noticia, do argumento da obra. A maior parte dos AA. tem cahido na tentaçaõ de os fazerem pompoſos para formarem hum appetite à curioſidade da Leitura. Porém a mim ſó me compete o *titulo* das *Epopeias*. Homero dirivou o titulo das ſuas, hum da acçaõ, outro do *Herôe*: O da *Iliada* foi derivado da expugnaçaõ de Troia; porque ella Cidade tambem ſe chamou Ilion, nome, que lhe deu Ilo, filho de Tros: A *Odyſſea* foy derivada de Ulyſſes, que he o *Herôe* deſte *Poema*. A *Eneida*, de Eneas; as *Luſiadas*, da Luſitania &c.

Mas eu já adverti na minha *Balança intellectual*, que Homero, Virgilio, e Camoens, parece que naõ acertaraõ com o *titulo* das ſuas *Epicas*; porque o de *Iliada* inculca todas as acçoens, que ſe obraraõ no cerco do Ilion, em que preciſamente ſe haõ de envolver as de Agamemnon, Ulyſſes, Diomedes, Aiax, Menelão, e as dos mais Principes Gregos. O *titulo* de *Eneida* tambem inculca todas as acçoens de Eneas, e naõ devia attender ſenaõ às da fundaçaõ do Imperio Romano. O titulo de *Luſiadas* perſuade da meſma ſorte todas as acçoens dos Portuguezes, devendo ſó annunciar as do deſcobrimento da India. E aſſim o Taſſo acertou melhor com o titulo chamando à ſua Epica *Jeruſalem liberta-da*.

Fundado neſte diſcurſo attendi mais à propriedade, q̃ à pompa do *titulo*; e ſingelamente intitulei eſte Poema *Triumpho da Religiaõ* Com elle ſe conhece o argumento da obra, em que conſiſte todo o deſempenho do frontespicio.

Digo tambem que eſte *Triumpho da Religiaõ* he *Poema Epico—polemico*. *Poema* he palavra generica, que pode acommodarſe a toda a eſpecie da Poeſia: *Epico* vem do Grego *Epos* que ſignifica *narraçaõ*, *diſcurſo*, ou *palavra*, que os Poetas tem applicado a huma *Fabula* illuſtre, exemplar, e digna de ſer imitada, e annunciada por huma *narraçaõ poetica*. *Polemico* procede do Grego *Polemos*, que

he

he o meſmo que *guerra*, e daqui ſe podia inferir que eſte Poema ſe fundava em algum ſucceſſo guerreiro; porém os Theologos ſignificaõ, com o termo *polemico*, aquella Theologia, que combate os erros da noſſa Religiaõ; e neſta diſputa he que ſe funda a *Fabula* deſte Poema.

Paulo Benio na *Poetica de Ariſtoteles* partic. 124. pag. 478. naõ ſó pertende que a *Fabula* do *Poema heroico ſeja militar*, *mas que o Herôe ſeja Capitaõ de hum exercito, em que ſe logre o exemplo de huma fortaleza guerreira, e de huma prudencia civil.*

O P. Le-Boſſu, ſobre o Poema Epico, lib. 1. cap. 3. diz que a *Epopeia he hum diſcurſo inventado com arte para formar os costumes, por meio de inſtrucçoens, debaixo das allegorias de huma acçaõ importante, referida em Verſo, de modo que ſeja verosimil, deleitavel, e maravilhoſa.*

D. Ignacio de Luſan na ſua Poetica, que deu à lûz em Zaragoza no anno de 1737. lib. 4. cap. 7. pag. 465. ſe perſuadio mais da opiniaõ do Echio, que da do P. Le-Boſſu, ſendo eſta de baſtante pezo pelo grande conhecimento, que tinha eſte P. deſtes eſtudos; e nos diz que *todos los aſſuntos de las Epopeas. (por lo menos de las mas perfectas) ſean de guerra; y que todos ſus Herôes principales ſean guerreros, y militares.* E acreſcenta que *tal ha ſido ſiempre la pratica de los Poetas Epicos; y el ir contra ella ſeria una novedad, que lograria, a mi ver, poco aplauſo.*

Eu confeſſo que dos Authores Heſpanhoes, que tem eſcripto neſte aſſumpto, eſte he o melhor, que tenho viſto; e injuſtamente diſſe o Barbadinho, ou quem quer que ſeja o Author do *Nova Methoda de eſtudar*, que naõ tinhamos na Heſpanha huma boa arte Poetica, pois duvido que alguma dos Francezes, ou Italianos ſeja melhor do que eſta.

Com tudo na opiniaõ de ſe fazer eſcrava a *Epopeia* das acçoens militares, ſem ficar com alvedrio de romper eſta rigoroſa prizaõ, naõ acho baſtante fundamento paraque ſe eſtabeleça eſte preceito; porque ſendo pela commua aceitaçaõ a *Fabula* da *Epica* huma acçaõ heroica, he dar a entender que o *Heroiſmo* ſe limita ao eſpirito da guerra, quando eſta, aliàs, he dos maiores males, que introduzio no Mundo a miſeria do peccado.

Sempre entendi que o *Heroiſmo* tinha outras acçoens mais brilhantes, juſtas, e louvaveis, em que ſe deſempenha o ſeu admiravel Caracter. Triſte coiza ſeria ſe todas as outras virtudes, que naõ foſſem as guerreiras, cahiſſem na deſgraça de naõ ſerem dignas daquelle applauſo, e daquelle exemplo, que ſe póde conſeguir entre os melhores eſforços da eſoquencia.

O maior Herôe, que ſe eſpera no Mundo hade ſer aquelle, que reduza ao ſeu dominio todas as Provincias da Terra; e eſte he aquelle Herôe, de quem diz Eſdras, lib. 4. cap. 13. v. 12.

Hominem

Hominem deſcendentem de monte, & vocantem ad ſe multitudinem aliam pacificam. E no v. 26.

Ipſe eſt quem conſervat Altiſſimus multis temporibus, qui per ſemetipſum liberavit creaturam ſuam :::: non tenebat frameam, neque vas bellicoſum.

Pelo conceito de Benio e de Luſan, ainda entre os ſagrados Heroês ſeriaõ ſó dignos da *Epopeia* os eſpiritos militares de Moyſes, Joſuè, Gedeaõ, e de Judas Machabeo; e ſe regeitariaõ as altas virtudes de Joſeph no Vice-reinado do Egypto, e as do Conſtantiſſimo Job, de quem diſſe o meſmo Deos, que naõ havia outro Heroê ſemelhante na Terra.

Eu eſtou no conceito de que o verdadeiro *Heroê* he o que ſabe vencer as ſuas proprias paixoens, e naõ deſtruir os individuos da ſua meſma eſpecie. Se Homero, e Virgilio naõ alcançaraõ eſte *Heroiſmo*, aſſim como naõ devemos ſeguir a introduçaõ das ſuas Deidades gentilicas, tambem devemos melnorar de penſamentos.

Todas as aeçoens ſublimes, que eſtaõ dentro da Ethica Sagrada, ſaõ muito mais benemeritas da *Epopeia*, que as que ſe cantaraõ na Odyſſea, na Iliada, e na Eneida. Se aſſim como Milton eſcolheo para o ſeu Poema a perda da innocencia, tomara po aſſumpto o mundo reſtaurado, talvez que hoje fizera menos ruido a trombeta do Lacio, e do Arcipelago.

Se as Aventuras do Telemaco, engenhoſamente fabricadas pelo incõparavel Fenelon, para inſtruçaõ dos Principes Reaes de França, ſe annunciaſſem em Verſo heroico, e lhe tiraſſem algumas narreçoens difuſas, e preceitos economicos, ainda aque o ſeu aſſumpto naõ he verdadeiramente guerreiro, teria emmudecido a fama de Homero, e de Virgilio. Que *Fabula* mais illuſtre, nem mais unida? Que *Epiſodios* mais coherentes com a acçaõ? Que *Heróe* mais unico, e bem caracterizado? Que *Coſtumes* mais proprios, que *doutrina* mais proveitoſa, que *artificio* mais limpo, e engenhoſo, que *narraçaõ* mais viva, e animada, que *dramas* mais bem introduzidas, que *locuçaõ* mais eloquente? Que *imagens* mais brilhantes, que *belleza*, que *doçura*, que *deduçaõ*, e que *eſforço* de huma feliciſſima ideia?

Cuido que baſtaõ eſtas reflexoens para ſe enfraquecer a opiniaõ do Benio, e de Luſan; e que ſe me naõ condemne o apartarme no aſſumpto deſta Epica de huns veſtigios gentilicos, a que naõ deve eſtar ſogeito hum Poeta Catholico.

§. XXI.

Da Unidade da Fabula.

REpartindo o Poema em nove Livros, e ao parecer com differentes combates, facilmente ſe pode imaginar, que cada combate produz huma acçaõ; e que naõ he huma, mas que ſaõ muitas as *Fabulas* deſte Poema. Porém

Porém a unidade da *Fabula* julga-ſe pelo intento, e pelo fim da empreza. O fim, e o intento da minha he triumphar a Religiaõ das ſeitas, que eſtaõ diſtribuidas pelos oito Livros; e ainda que eſtas ſejaõ muitas, como o intento, e o fim naõ he mais, do que hum, tambem por elle ſe conſegue que ſeja unica a *Fabula*. Muito differentes foraõ as acçoens, que ſe obraraõ no cerco de Troia, porém como todas tendiaõ à ſua expugnaçaõ, poriſſo ſe julga que tem huma ſó *Fabula* a Iliada de Homero. Suppo-hamos tambem que naõ eraõ ſó os Vaſſallos de Priamo os que defendiaõ o Ilion; e que na guarniçaõ deſta Cidade havia Soldados de diverſas Noçoens, bem ſe vê que naõ obſtante concorrerem todos a ſuſtentar a praça, que ſe deve reputar por huma unica acçaõ o rendimento della. Iſto he debaixo da ſuppoſiçaõ de que a fabula da Iliada, como querem alguns, ſeja ou deva ſer o rendimento, ou a expugnaçaõ de Troia; porque outros, cingindo-ſe à propoſiçaõ de Homero, de que cantava a ira de Achilles, reduzem a fabula do Poèma, deſde o deſgoſto, que teve o Heroe com Agamemnon até a morte de Hector.

Em Creta ſe deu principio ao intento de fundarem os Troianos huma nova Troia na Italia: De Creta paſſaraõ às Ilhas Strophades, a Accio, a Epiro, duas vezes a Sicilia, a Carthago, a Cumas, a Caieta, ao monte Circeo, ao Tibre, ao Campo de Laurento, que confinava com o Lacio: Em todas eſtas viagens ſe obraraõ muitas acçoens ſeparadas, mas como todas levavaõ o fim de procurar a Italia para fundaçaõ do Imperio Romano, todas ſe julgaõ por huma para a *Fabula* da Eneida.

He verdade que naõ ſe póde formar huma *Epopeia* dos trabalhos de Hercules, porque cada hum delles pela ſua deſuniaõ póde fazer huma acçaõ principal; porém ſe fingiſſe a Mithologia que Hercules para roubar as maçans das Heſperides lhe era neceſſario deſempedir o caminho com o triumpho do Leaõ da Selva Nemea, da Serpente de Lerna, do Touro, do Cerbero &c. preciſamente ſe haviaõ de incluir no furto dos pomos todas as victorias, que alcançou deſtes monſtros, julgando-ſe por huma ſó acçaõ as que lhe foraõ neceſſarias para executar o intento; e aſſim os triumphos, que conſeguio o Peregrino dos *Atheos*, *Polytheos*, *Deiſtas*, *Libertinos* &c. tambem ſe devem julgar por huma, e unica acçaõ, pois todos tendiaõ a ficar a Religiaõ triumphante, deſtas Seitas ainda-que eſtas foſſem differentes. Finjamos huma cidadella, ou Fortaleza, que ſe acha preoccupada v. g. em hum baluarte pelos *Atheos*, em outro pelo *Polytheos* &c. e que o Heroe pertende eſtabelecer neſta cidadela o verdadeiro culto naõ ſó expugnando-a, mas obrigando os vencidos a ſeguir a lei do vencedor. Depois de tudo iſto conſeguido ainda-que foſſem muitos os Sectuarios, e os defenſores, ninguem poderá dizer que deixe de ſer huma ſó a acçaõ: Por onde ſe vetam-

bem que ſó pelo fim das emprezas he que ſe deve julgar a ſua *unidade*.

Eſta he a doutrina de todos os Epicos, explicada pelo referido Luſan, lib. 3. cap. 5. pag. 308.

> Logra-ſe eſta unidad en los Poemas Epicos, u dramaticos con la unidad de la accion en ellos representada, la qual unidad conſiſte en ſer una la Fabula, ó ſea el argumento compueſto de varias partes dirigidas todas a un miſmo fin, y a una miſma Concluſion.

§. XXII.

Da Verdade, ou da ficçaõ da Fabula.

A *Fabula* das quatro principaes *Epopeias* ſe reputa por verdadeira, e naõ fingida; porque eſtá na opiniaõ de ſucceſſo hiſtorico a expugnaçaõ de Troia; e a reduçaõ, que Ulyſſes fêz deſta Cidade para Ithaca; ſe bem que a caſtidade, e os amantes de Penelope tem ſuas duvidas; e nenhuma a conquiſta de Jeruſalem por Godofredo de Bulhoens; nem o deſcobrimento da India por Vaſco de Gama.

O exemplo deſtas quatro *Epopeias* podia daſatar a queſtaõ, ſe a *Fabula* deve aſſentar na verdade, ou no fingimento; mas naõ tem atèqui convindo a diverſidade dos juizos humanos ſobre a deciſaõ deſte ponto; pois por huma, e outra parte ha boas razoens, e fundamentos ſólidos.

Os que ſeguem a verdade na *Fabula*, dizem que dirigindo-ſe a Epica à imitaçaõ da virtude, e ao tedio do vicio, que melhor perſuade hum exemplo verdadeiro, que hum modello inventado, e que melhor commoverá a heroicidade de hum Samſam, que a de hum Alcides. Os que pertendem que a *Fabula* ſeja fingida, argumentaõ que ſe a acçaõ do Poema heroico hade ſer illuſtre, perfeita, maravilhoſa, e digna de imitaçaõ, que naõ ſe pódem conſeguir eſtas qualidades nos ſucceſſos verdadeiros, e que he preciſo procurallas na ficçaõ paraque a *Fabula* ſe offereça, ſem algum defeito.

A Academia da Cruſca avocou a cauſa com o deſejo de que ficaſſe averiguada, e decidida naquelle ſupremo Tribunal das bellas letras; mas foraõ tais os diſcurſos, que ſe fizeraõ por ambas as partes (que eu tenho na minha maõ) que naõ ſe atreveraõ os Juizes a proferir a ſentença, e ficou eſta queſtaõ como a de Protagoras com o ſeu diſcipulo.

Voltaire teve a ouſadia de ſe intrometer em huma contenda, em que os maiores homens da Europa em eſtudos poeticos, naõ ouſaraõ tomar reſoluçaõ; pois deciſivamente determina que a *Fabula* e o *Herôe* da *Epopeia* devem ſer verdadeiros, e parece que tem por ridiculo o juizo, que ſeute o contrario: Com tudo ainda que Voltaire naõ deve ſer attendido, eſtando da outra parte os votos de huma Aſſamblea taõ reſpeitada, confeſſo que me

vi

vi em baſtante perplexidade quando entrei no intento da minha *Epica* ſobre qual das opiniões havia de ſeguir; e me reſolvi depois de varias reflexoens, a conſpirar com os votos da *Fabula* fingida; porque me fêz huma grande força o preceito de que os Poetas naõ devem cantar as coizas como foraõ, mas ſim como devem ſer para ſerem perfeitas.

§. XXIII.

Da perfeiçaõ, principio, meio, e enito da Fabula.

A *Fabula* para ſer perfeita, conſórme a doutrina de Ariſtoteles, deve ter *principio*, *meio*, *e fim*. Alguns pertendem que a *Fabula* da Iliada naõ tivera *fim*; pois fundando ſe na ira de Achiles, dizem que eſta naõ acabara com a vingança da morte de ſeu amigo Patroclo, nem com a deſtruiçaõ de Troia. Do meſmo defeito accuſaõ a Eneida, porque devendo acabar a acçaõ com o caſamento de Lavinia, que foi o que fêz Rei a Eneas, e lhe deu a origem do Imperio Romano, acaba eſte Poema com a morte de Turno.

Mas ſenaõ tem *fim* eſtes dois Poemas, tem *principio, e meio*. O *principio* da Iliada he a conſpiraçaõ que fizeraõ os Principes Gregos para vingarem a affronta de Menelão; e o *meio* he a congruencia deſte congreſſo na jornada, ou cerco de Troia, no caſo q̃ a ſua expugnaçaõ deva ſer o projecto da Iliada. O *principio* da Eneida he quando os Deoſes Penates por hum preceito de Apollo intimaraõ a Eneas que foſſe fundar hum novo Imperio na Italia; e o *meio* he o deſembarque dos Troianos em Carthago. O *principio* da Jeruſalem libertada he a expediçaõ q̃ fizeraõ os Principes Catholicos para reſgatarẽ os lugares Sagrados da tyrannia dos Turcos; o *meio* he a expugnaçaõ de Nicea, e de Antiochia; o *fim* he a entrada da Santa Cidade. O *principio* da Luſiada he a eleiçaõ que fez o Rei Dom Manoel de Vaſco da Gama para o deſcobrimento da India; o *meio* he a navegaçaõ da coſta Moçambique; o *fim* a chegada das Naos à Calecut, e à volta para Lisboa.

Donde ſe vem a conhecer que o *principio* da *Fabula*, naõ he tudo o que precede ao *meio*, e ao *fim*, mas o que neceſſariamente ſe conſidera antes do *meio*, e do *enito*; e eſta he a razaõ porque Horacio condemna os que vaõ procurar huma origem remota, e que naõ tem a preciſa dependencia com a *Fabula* do Poema.

E por iſſo à *Fabula* deſta *Epica* ſe lhe deu o ſeu *principio* no primeiro intento, que teve o Peregrino de que triumphaſſe a Religiaõ das ſeitas vivas do preſente ſeculo: O *meio* he tudo, o que acontece deſde o boſque dos Atheos até a ſegunda entrada no campo dos Deſſas: O *fim* he o Triumpho da Religiaõ, que ſe deſcreve no ultimo livro. E por eſte modo ſe conhece tambem que ſenaõ falta ao preceito de abrir o Poema pelo *meio*, e naõ pelo *principio* da acçaõ. Sem embargo que neſta doutrina eſtaõ divididos os meſtres da Poetica: eiſaqui o que diz o referido Luſiau, lib. 4. cap. 11. pag. 492.

El

El orden, con que ſe debe hazer la narracion padece tambien ſus dudas. Los Autores Poeticos dividen el orden en Natural, y Artificial el orden Natural es el que naturalmente tiene la miſma accion, en la qual lo primero es el principio, ſeguindoſe deſpues el medio, y fin: el Artificial procede diferentemente, coloçando primero el medio de la accion, y deſpues el principio, y fin. Los comentadores de Ariſtoteles, y de más Autores de la Poetica eſtan divididos en pareceres diſtintos: unos aprueban el orden Natural, otros el Artificial: unos, y otros alegan en ſu favor exemplos de buenos Poetas.

O modo, con que Luſan concilia eſtas duas opiniones, e moſtra que ainda que ſe principie pelo *meio* da acçaõ ſempre ſe logra a ordem Natural, ſe póde ver no meſmo lugar acima referido, que naõ treſlado por ſer extenſo. Seguindo a meſma conciliaçaõ, ſe póde verificar que obſervo neſte Poema a ordem natural, aindaque pareça que eſcolhi a artificial, quando digo na abertura do meſmo Poema.

No meio do caminho de huma vida.

E ſe imita a Dante, que aſſim he que principia o ſeu primeiro Canto:

Nel mezo del camin di noſtra vita.

§. XXIV.

Da grandeza, ou da extenſaõ da Fabula.

A *Fabula* com os *Epiſodios* deve fazer huma grandeza proporcionada: A eſta proporçaõ ſe deve reduzir a medida de que o Poema naõ ſeja taõ extenſo, que cauſe faſtio, nem taõ pequeno que deſacredite a ideia. Ariſtoteles nos preceitúa que a extenſaõ do Poema tragico ſeja tal, que poſſa conſervar-ſe o ſeu *principio, meio, e fim*, e todas as ſuas partes na memoria. Funda eſta doutrina no coſtume da Grecia, que era julgarſe a ventagem das Tragedias a penas ſe acabavaõ de repreſentar; e aſſim ſe faziaõ de ſorte, que os Juizes as podeſſem comprehender para naõ arriſcarem a ſentença. Porém a *Epica* póde ter maior extenſaõ, que a *Tragedia*, conforme a explicaçaõ do referido Luſan, lib. 4. cap. 4. pag. 453.

Ariſtoteles nó determina preciſamente la grandeza material de la Fabula Epica, pero dize lo baſtante para que el prudente Poeta ſepa arreglar la grandeza de la Fabula Epica; porque hade ſer (dize) tal que ſe pueda facilmente comprehender, y tomar de memoria ſu principio, y ſu fin, y todo ſu principal contexto, el qual ſin duda hade ſer mayor, que el de una Tragedia. Y aunque en otra parte dixo tambien lo miſmo de la grandeza de la Fabula tragica, con que parece que en eſto las hazia iguales, nó obſtante, es claro lo contrario, ſi ſe advierte que el contexto de la Fabu-

la tragica, ó comica para poder-se comprehender bien, y tomar de memoria hade ser mucho mas reduzido, que el de la Epica; porque la representacion dramatica es continuada, y nó dá lugar a meditar, ni a recorrer lo representado; y al contrario en la narracion Epica, como solamente es hecha para ser leida, puede pararse el lector, y hazer todas las reflexiones, que quizière, y recorrer en su memoria lo que há leido, y a un holverlo a leer: Por esta razon la fabula Epica, a un siendo mucho mayor, que la Tragica puede comprehender-se más facilmente, y aprender-se de memoria todo su contexto. Bien es verdad que nó hade exceder tanto, que confunda la memoria de los lectores; defecto, que algunos notan en la Jerusalen de Lope de Vega, y en el Orlando furioso del Ariosto, tanto por la multiplicidad de las acciones, como por lo dilatado dellas, y de sus Episodios.

E eu acrescentara que tambem excede a medida a Iliada, e a Odysséa de Homero, e a Jerusalem do Tasso. Virgilio se chegou mais à proporçaõ da devida grandeza; e cuido que inda mais o nosso Camoens. Pareceume fazer este Poema más pequeno, que a Lusiada, tirando quasi a quarta parte dos 8U736. Versos, de que ella se compoem: o *Triumpho da Religiaõ* he de 6U846, que he bastante grandeza para o fastio, que tem Portugal a este genero de estudos;

§. XXV.

Da exemplaridade, e dignidade da Fabula.

A Maior parte dos Epicos fundaraõ a *Fabula* na heroicidade profana: eu a procurei na heroicidade Catholica, por me parecer que assim ficaria mais exemplar, e mais digna de ser imitada. He muito maior o Heroismo, que se alcança com as virtudes Christans, que o que se consegue com as proezas militares. E daquellas saõ as mais dignas de exemplo, e de imitaçaõ as que se empregaõ na conversaõ dos infieis, e dos sectarios: Estas foraõ as mais heroicas emprezas de hum Santo Agostinho, de hum S. Jeronymo, Santo Athanasio, Santo Ambrosio, S. Joaõ Chrysostomo, e outros grandes Luminares da Igreja: Para esta heroica empreza hé que Christo Senhor Nosso escolheu os seus Discipulos, e os encheu de tanta graça, de tantos dons, e de tantas luzes.

Com que póde haver Poema de muitas mais engenhosas qualidades, que a minha *Epica*, porém ao menos sempre se me deve conceder alguma ventagem na escolha do assumpo, e o ser Poema Original, o que sempre foi attendido de todos os Authores, que fallaõ dos exemplares.

Deſde a minha Adoleſcencia trouxe diante dos olhos a fabrica de huma *Epopeia*: Intentei formalla no prodigio, que alguns dos noſſos Eſcriptores poem entre os maravilhoſos ſucceſſos da Hiſtoria, de que dizem fora theatro a minha Patria na degolaçaõ, e reſurreiçaõ dos ſeus moradores. Depois de eſtar eſta obra baſtantemente adiantada, a levei ao incendio, e entreguei as ſuas cinzas ao eſquecimento. Principiei logo a *Conquiſta de Goa* pelo famoſo Affonſo de Albuquerque, acçaõ que eſtabeleceu o noſſo Imperio na Aſia, e paſſados alguns annos propuz a *Jornada de hum Heróe para o templo da Fama*: Seguioſe-lhe outro novo projecto, que foi o de *Mundo reſtaurado*; e todos eſtes enſaios vieraõ a produzir em idade mais madura eſte *Triumpho da Religiaõ*.

Naõ ſei ſe nelle eſtaraõ tratadas as queſtoens com aquella força, digeſtaõ, e facilidade, que eu deſejava. Proſeguir huma materia taõ delicada entre os apertos das clauſulas, e a lei das ſyllabas, e dos conſoantes, e ſuſtentar nella a elegãcia na ſua fluida clareza, e naturalidade, e o metro no ſeu canoro eſtrondo, e ſuave harmonia, ſe he difficultoſo, e talvez inſuperavel, iſſo ſó pertendo que o julgue hum poeta pratico, e naõ eſpeculativo.

Na eſcolha da acçaõ cuido que tambem ſenaõ deſcobre algum daquelles vicios, que deixamos notados em Virgilio, e no Taſſo: ella ſe faz taõ pura por ſi meſma, que naõ neceſſita de inculcar-ſe para defender-ſe.

§. XXVI.

Do tempo, e do lugar da Fabula.

QUerem os Meſtres da *Epiça* que o *tempo* da *Fabula* naõ ſeja muito proximo, nem muito remoto; como já advertimos, e tambem moſtramos que os melhores Poetas naõ attenderaõ muito a eſte preceito; mas quando elle foſſe mais eſſenſial, ſó ſe podia lograr na *Fabula*, verdadeira, e naõ na fingida; porque o fingimento naõ eſtá ſogeito à obſervaçaõ das Epocas. E aſſim eſpero que ſe me naõ accuſe a ſuppoſiçaõ, de que o Peregrino combateſſe o Hebreo no anno de 1753. como ſe colhe dos Verſos 315. e 316. do livro ſetimo.

O *tempo*, que deve durar a *narraçaõ* da *Fabula*, he dos preceitos mais difficeis na *Tragedia*, e na *Comidia*. Os mais obſervantes deſtas leis pertendem, que a acçaõ correſponda pontualmente com a repreſentaçaõ, e naõ lhe preſcrevem mais, que o eſpaço de tres horas. Grandes incoherencias ſe vem nas *Comedias* Heſpanholas com a pouca obſervancia deſte dictame: Ha muitas que extendem a *Fabula*, naõ ſó a muitas horas, mas a muitos annos. Na primeira jornada ſahe huma das perſonagens na figura de menino, e na ſegunda, ou na terceira já faz o papel de Velho.

Na *Epopeia* ſe dá maior extenſaõ de *tempo*. Preceituaſe que ſendo a *Fabula* militar deva extenderſe a hum anno, ou a huma

Prima-

Primavera, e Eſtio. Os que cingem a *Fabula* da Iliada à quelle eſpaço que houve deſde o reſentimento de Achiles até a morte de Hector lhe daõ a duraçaõ de quarenta, e ſete dias, e à da Odyſſea daõ cincoenta e oito. A' Eneida lhe daõ hum anno; porém eſta regularidade ſó deve ter lugar em huma empreza guerreira, e naõ em hum projecto Aſcetico, e Theologico, e menos naquelle onde ſaõ preciſas repetidas, e grandes viagens para ſe conſeguir o triumpho.

O *lugar* da *Scena* nos Poemas dramaticos, tambem he baſtantemente delicado; e tem igualmente ſido bem pouco obſervado dos noſſos Poetas; pois em muitas das ſuas Comedias vemos as figuras em Provincias diſtantes. Os menos eſcrupuloſos querem que a Tragedia, ou a Comedia, naõ poſſa dilatar a *Scena* fora de huma Povoaçaõ: outros naõ lhe concedem mais diſtancia, que a de hum Palacio, e quando muito até o jardim. A *Fabula* da *Epopeia* naõ eſtá ſogeita a eſta regra; porque narra, e naõ reprezenta; como ſe conhece pelo que praticou Homero, Virgilio, Camoens, e o Taſſo; pois o lugar da *Fabula* da *Iliada* ſe póde dizer que foi na Grecia, e dahi paſſou para Troia. O da *Odyſſea* foi em Troia, ou em Ogigia, e acabou em Ithaca. O da *Eneida* foi na meſma Troia, ou em Carthago, e feneceu no Lacio. O da *Jeruſalem libertada* foi em França, e teve o ſeu exito na Paleſtina. O das *Luſiadas* foi no Occidente, e no Oriente; e o da minha facilmente ſe percebe que foi na Aſia. Elegi eſta grande parte do Mundo para o triumpho da Religiaõ pelos muitos, que ella alcançou neſtas dilatadas Provincias depois que os Portuguezes as illuminaraõ com as luzes do Evangelho. Com que aindaque a *Fabula* por huma parte pareça fingida, naõ ſe póde negar que he por outra, verdadeira; pois eſtas Sagradas Victorias ſe eſtaõ ainda hoje continuando pelos Miſſionarios da China, do Japaõ; e da India.

§. XXVII.

Da Propoſiçaõ, e Invocaçaõ.

ANtes de entrar na abertura do Poema ſe manda propor o argumento, dando-ſe huma breve noticia da *Fabula*, e ſe coſtuma invocar hum auxilio ſuperior paraque influa o incendio poetico. Tudo eſtá executado neſta *Epica*, deſde o verſo primeiro até o vigeſſimo primeiro. Os Poetas gentios invocaraõ as Muſas: o noſſo Camoens, ſendo Poeta Chriſtaõ, ſeguio inconſideradamente eſte exemplo, invocando as Nimphas do Tejo; e naõ ſei com que motivo, porque nellas nunca ſuppoz o Paganiſmo algum commercio com o Parnaſſo. Eu invoquei o Numen verdadeiro, naõ ſó attendendo ao decoro da Religiaõ, mas à gravidade do aſſumpto.

Depois da *Propoſiçaõ*, e *Invocaçaõ* introduziraõ alguns Epicos a *Dedicatoria*, a qual ſenaõ acha nas *Epopeias* de Homero, nem na de Virgilio. Os Mecenas commummente ſe procuraõ por liſonja:

Eſte vicio he para mim dos mais abominaveis: Diz Santo Thomás: *Multo indignius eſt mente ſervire quam corpore.* Preſumir-ſe que ſe buſcaõ eſtes ſublimes patrocinios para ſe embotar a mordacidade dos Zoilos, he encobrir, com eſte pretexto, a indignidade da adulaçaõ. Hum homem de cabello vermelho, boca negra, pé pequeno, e viſta trocida, naõ ſe lhe dá de quantos reſpeitos obſerva o obſequio para naõ enſangoentar os dentes na clava de Alcides.

Crine ruber niger ore, brevis pede, lumine Luſcus, Rẽ præſtas magnam, Zoile, ſi bonus eris. Marcial.

Com tudo reſolvime a dedicar o meu Poema ao Pontifice reinante: Hum *Triumpho da Religiaõ* naõ devia eſcolher outro Mecenas. As altas qualidades deſte Sagrado Moderador do Mundo Catholico moveraõ o meu animo a eſte, aindaque diſtante, preciſo obſequio. Que Principe de maior caracter para banhar de reſplandores o patrocinio? Que intelligencia mais penetrante para dar o ſeu digno valor à Poeſia? Que eſpirito mais digno das influencias de Bolonha?

§. XXVIII.
Do Herôe.

NA *Fabula* fingida deve tambem ſer fingido o *Herôe*; e as razoens, que ha para a *Fabula* ſer mais illuſtre no fingimento ſaõ as meſmas com que produz a ficçaõ do *Herôe* maiores, e mais illuſtres qualidades.

Aindaque Cyro foi dos *Herôes* mais famoſos, e taõ benemerito, que teve a approvaçaõ, e o patrocinio do Oraculo Divino como conſta do Cap. 44. de Iſaias, v. 28. *Quis dicit Cyro, paſtor meus es, & omnem voluntatem meam complebis*; quando Xenephonte eſcreveu as acçoens deſte Principe, para fazer dellas hum exemplar a todos os Soberanos, naõ contou as proezas de Cyro, como ellas foraõ, mas ſim como deviaõ ſer. * E ſe com eſte illuſtre intento he que fez eſtimavel a ſua Hiſtoria; com muito maior razaõ deve ſer eſtimavel o meſmo intento na Poeſia, pois a obrigaçaõ do Hiſtoriador he narrar o que foi; e a do Poeta o que devia ſer. *La Poeſie dit les choſes comme elles doivent être, & L'Hiſtoire comme elles ſont.*

* *Non ad Hiſtoriæ fidem; ſed ad effigiem veri. Imperii ſcriptã eſſe Cicer.*

Rapin, Reſl. ſur l'Hiſt. §. 25.

Caſtelvetro pertende que o *Herôe* ſeja Principe, e chefe de huma armada: eſte preceito me parece impertinente, pois além de naõ eſtar verificado na Iliada, nem na Odyſſea, donde ſe devem tomar os exemplos, he querer que ſó nos Principes ſe conſiga o *Heroiſmo*, quando haverá muitas peſſoas particulares, e ſem illuſtre naſcimento, como Fernando Cortêz, que ſe poſſaõ numerar entre os Varoens mais inſignes, que ſe devem recomendar à poſteridade.

Demais que com eſte preceito fica cingido o *Heroiſmo* às acçoens militares; e o caracter de *Herôe*, como já advertimos, póde alcançar-ſe por mui differente caminho. Hum Santo he hum *Herôe* muito mais verdadeiro, que todos os q̃ tẽ aſſuſtado a campanha com as ſuas proezas;

o

e he muito mais *heroica* a victoria, que ſe alcança das paixoens, que a que ſe conſegue dos exercitos. O caracter do meu *Herói* he o de *religioſo*, muito mais illuſtre, que o de *piedoſo* em Eneas, que o de *ſagaz* em Ulyſſes, e o de *leve de pés* em Achilles.

Eſte caracter ſe vê deſempenhado no Zelo de extender a Religiaõ, diſcorrendo por tantas Provincias da Aſia para combater os inimigos, e deſertores da Igreja: combates mais glorioſos, que os da expugnaçaõ de Troia, que os dos amantes de Penelope, que os dos campos de Laurento.

Aſlém do caracter de *religioſo*, ſe vê tambem o de *ſabio* nos argumentos, o de *modeſto* no modo de propolios, e ſeguillos; o de *ardente* no activo das expreſſoens; o de *valeroſo* na baralha dos Libertinos; o de *impavido* nos horrores do boſque da Arabia; e o de *prodigioſo* na ſahida da Caverna.

O Benio no ſeu 2. Diſcurſo Academico, intenta perſuadir q̃ ſeja o *Herõe* a unica Perſonagem, que mova todas as partes da *Fabula*, e dos *Epiſodios*. E podendo parecer aos menos inſtruidos neſtes preceitos, que o Peregrino, ſendo o principal motor das acçoens deſte Poema; faltava à variedade com que fica mais agradavel à Poeſia, ſe conhece por eſta opiniaõ, que ſe fêz particular eſtudo de ſe cumprir com eſta doutrina: Eu produzo as palavras originaes do meſmo Benio paraque fique eſte preceito mais conhecido.

> Coſtui Poema, oltra eſſer heroico, é fatto anco di attentione di uno aſſolutamente ſolo. Ecio ad Eſſempio, non già dell'Eneide, ove con eſſercito opra Enea; má bien dell'Iliade, & Odyſſea dove alfin è Achille, & Ulyſſe ſolo fá heroiche empreſe: perciò conclude che il Poema di Dante ſia eccellentemente maraviglioſo, & illuſtre.

Deſtas palavras do Benio póde ſahir o reparo de que ſe admitte o ſuppoſto falſo de ſer ſómente Achilles o que executou as acçoens heroicas no cerco de Troia, havendo tantos Principes Gregos, que quaſi ſempre eſtiveraõ em acçaõ nas emprezas daquelle aſſedio. Porém facilmente ſe moſtra pela meſma Iliada, que ſó a Achilles ſe devem attribuir eſtas heroicas acçoens, porque a elle ſó ſe devem as victorias, que alcançáraõ os Gregos dos Troianos; e para iſſo finge Homero que Achilles ſe deſgoſtara com Agamennon por eſte lhe tirar a eſcrava Briſeida, que elle eſtimava muito; e que por eſta cauſa ſe retirara do campo dos Confederados, e naõ quizera mais peleijar com os defenſores do Ilion. Apenas Achilles tomou eſta reſoluçaõ, ſe paſſou toda a ventagem das armas, que atélli tinhaõ conſeguido os Gregos, para a parte dos Troianos: Reconheceu-ſe com eſta experiencia que ſem a aſſiſtencia de Achilles ſenaõ deſtruiria o Reino de Priamo: Fizeraõ-ſe todas as inſtancias; para o reduzirem ao campo, e

todas

todas forão inuteis, até que a morte, que deu Hector a ſeu grande amigo Patroclo o excitou a tomar outra vêz as armas para vingar a morte do amigo; e dali por diante ſe tornou a mudar a fortuna dos Troianos para os Gregos, e com as acçoens de Achilles he que ſe conſeguio a ruina de Troia, e a vingança da Grecia, moſtrando-ſe por eſte modo que ſó a elle ſe deve attribuir eſte triumpho.

Naõ ſe póde negar que eſtá muito engenhoſa a ideia de conſtituir Homero a Achilles o *Heróe* do *Poema*; mas tambem ſenaõ póde livrar da accuſaçaõ de fingir em Achilles hum carácter taõ pouco *heroico*, que ſe lhe deva o motivo das ſuas Proezas mais à paixaõ particular de vingar a morte de Patroclo, que ao deſejo commum da Grecia de ſatisfazer a injuria do roubo de Helena; e que hum reſentimento privado de ſe lhe tirar a eſcrava podeſſe mais no ſeu conceito, que a publica confederaçaõ, para deſamparar a empreza. Na verdade que eſte procedimento naõ concorda bem com o *Heroiſmo* de hum triumphador de Troia.

O outro preceito de que o *Heróe* deve alcançar novas honras com a felicidade da empreza, pareceme que eſtá deſempenhado com as que conſeguio o Peregrino na Colonia dos *Deiſtas*. Eu o fiz tambem illuſtre, e Portuguez, attendendo à gloria da Patria, e a que nenhuma das outras Provincias tem moſtrado maior zelo em dilatar a Religiaõ por todas as partes do Mundo, nem de outra tem ſahido maior numero de Nuncios para a miſſaõ do Evangelho. Naõ ha Naçaõ politica, e Catholica, que pertenda negar eſta gloria à Luſitania. E ainda aſſim ſe reſolveu a dizer Mr. Voltaire no citado *Enſaio da Epica*, que os Portuguezes forão deſcobrir os mares Orientaes, em primeiro lugar com o intento do commercio, e em ſegundo com o do augmento da Religiaõ. Naõ ſei ſe eſte conceito he por falta de conhecer a noſſa hiſtoria, ou por outra apprehenſaõ, menos deſculpavel. Eu me admirei de achar eſte penſamento nos eſcriptos de hum Poeta daquelle Reino, que por antonomaſia ſe chama *Chriſtianiſſimo*; mas fiquei menos admirado depois que o Pontifice reinante mandou pôr as obras de Voltaire no Indice Romano.

§. XXIX.
Dos Epiſodios.

OS *Epiſodios* deſte *Poema* ſaõ as diſcripçoens do boſque dos *Atheos*, e *Polytheos*, e as dos ſeus templos, e oraculos; A do campo, e Cidade dos *Deiſtas*, aſſim na primeira como na ſegunda entrada: A da hiſtoria do Peregrino a Confucio: A do ſonho do Peregrino: A do boſque da Arabia: A das Povoaçoens, que ſe viaõ da montanha: A do Paraizo Mohometano: A da Cidade Celeſte: A batalha dos *Libertinos*, e *Deiſtas*: As pazes, que ſe firmaraõ

firmaraõ entre eſtas duas Colonias; e a hiſtoria de Polyphilo.

Eſtes *Epiſodios* naõ fazem tanta extenſaõ como o corpo da *Fabula*, e nas outras *Epicas* ſaõ muito mais extenſos, que a *Fabula* os *Epiſodios*. Se iſto he defeito, eu me naõ deſcontento delle, porque me parece que no aſſumpto deſte *Poema* era preciſo que os *Epiſodios* foſſem menos extenſos, que a *Fabula*.

O delicado, e difficil preceito de que os *Epiſodios* ſejaõ taõ dependentes da *Fabula*, que neſta connexaõ ſe conſiga huma perfeita *unidade*, ſe me naõ engano, cuido que neſta *Epopeia* eſtará baſtantemente conſeguido. Para ſe conhecer bem a *unidade*, que deve ter a *Fabula* com os *Epiſodios* haõde perceber-ſe os *Epiſodios* como hums modos da meſma *Fabula*, ou que eſta ſe acha modificada na differença dos *Epiſodios*.

O da Narraçaõ do boſque dos *Atheos* he para moſtrar, com huma profunda allegoria, a fomnolencia, e a eſcuridade em que elles vivem com o deſconhecimento de huma *Cauſa ſuperior*, que eſtá taõ patente a todo o diſcurſo humano.

A meſma força allegorica tem a diſcripſaõ do campo, e Cidade dos *Deiſtas*, e a do boſque, e monſtros *Mahometanos*. Os Edificios, Idolos, e Oraculos de Confucio, ſaõ huma imagem da cegueira com que os Pagaons frequentaraõ a Idolatria. A ſegunda entrada no campo dos *Deiſtas* reprezenta tambem allegoricamente com a mudança de arvores, e fructos, a felicidade dos que ſe convertem à Religiaõ Catholica.

A narraçaõ do Peregrino a Confucio foi para ſe dar principio à *Fabula*, e para ſe ter a neceſſaria noticia do *Heróe*. A hiſtoria de Polyphilo foi para ſe acabar de conhecer o Peregrino. A batalha dos *Libertinos* foi para preparar as pazes; e conſtituir hum lugar decente para o *Triumpho da Religiaõ*. A diſcripſaõ das Povoaçoens, que ſe viaõ da montanha foi para ſe offerecer entre ellas a Colonia de *Lutheranos*, e *Calviniſtas*, que deviaõ entrar no combate. A do Paraizo dos *Turços*, e a da Cidade Celeſte; foi para moſtrar melhor à viſta de dois contrarios o verdadeiro conceito da Bemaventurança.

Todos eſtes *Epiſodios* eſtaõ formados, ſem Numes Gentilicos, nem eſpiritos celeſtiaes, que nas *Epopeias* ſe chamaõ *maquinas*, e que ſaõ os defeitos, de que ſe accuſaõ a Camoens, e ao Taſſo; e ſem eſte concurſo naõ deixa de ſe lograr o *admiravel*, que nelles ſe procura.

O ſonho do Peregrino na jornada da Arabia, aindaque tenha figuras *eſpirituaes*, ſaõ daquellas que nos propoem a noſſa Religiaõ; e ſendo eſte *Epiſodio* baſtantemente pathetico, e eſtranho, o faz muito *verosimil* o ſer em ſonhos; e o ſer juntamente muito provavel que o Inferno fizeſſe todas as diligencias para deſencaminhar os projectos do Peregrino.

A diſcripſaõ do campo dos *Deiſtas* tem baſtante de extraordinaria paraqué tambem o *admiravel* ſe conſiga; e a formoſura exterior dos pomos das arvores, das folhas, e das flores tem muita veriſemelhança com os exemplos de Peutapolis.

Tambem o *veroſimil* naõ ſe perde no *admiravel* do boſque, e monſtros da Arabia por allegorizarem a difficuldade do caminho, que ha para ſe combaterem os *Turcos* ſobre a ſua ſeita, tendo fiado toda a diſputa na violencia do alfange.

Na portentoſa criaçaõ do *Herbe* concorda tambem o *admiravel* com o *veroſimil*, offerecendo-nos a tradicçaõ gentilica como ſucceſſo hiſtorico a criaçaõ de Romulo, e Remo. Na hiſtoria, e tragedia de Polyphilo ſe lograõ as imagens *pathiticas*, que devem introduzir-ſe nos *Poemas* para commover, ou para, como diz Ariſtoteles, expurgar o animo.

Ainda que regeitamos nos *Epiſodios* as *maquinas* gentilicas, uſamos (bem que poucas vezes) de algum nome, que reſpeita á ſua ſuperſtiçaõ, como Phebo, Herebo, Stygia, Lethes, Acheronte &c. o que póde conceder-ſe aos Poetas Catholicos, conforme a doutrina de Luſan na ſua referida Poetica, lib. 4. Cap. 9.

> Pero quanto a lo phyſico, y moral bien poderá, a mi entender, el Poeta Epico valer-ſe de todas las expreſſiones de los gentiles, que eſtan yá univerſalmente recebidas, y uſadas, como adorno proprio de la Poeſia. De modo que no hallo dificultad, ni reparo alguno en que un Poeta Catholico ſe hade hablar de una borraſca, diga en fraſe poetica que Neptuno irado commovió todo ſu Reyno, y con la miſma libertad podra añadir a eſſe Neptuno los Tritones con ſus cochas, Eolo con ſus vientos, y las Nimphas marinas cymodoe, Deyopeya, y otras, con ſus perlas, y corales.

§. XXX.

Do Deſenho.

E Iſaqui todo o *Deſenho* do Poema. O Peregrino depois de conceber o deſejo de que triumphaſſe a Religiaõ, ſe achava combatido de varios cuidados pela difficuldade da empreza: Deſatou eſta conſideraçaõ o ſeu meſmo Genio, offerecendoſe-lhe a acompanhallo na jornada; com eſte agradavel eſpirito paſſou o Peregrino ao boſque dos *Atheos*: Repreſenta-ſe neſte domicilio com a diſcripſaõ do meſmo boſque toda a eſcuridade, e fomnolencia, em que vivem os que naõ reconhecem huma *Cauſa ſuperior, e independente*. Moſtra o Peregrino aos coripheos do *Atheiſmo* a falſidade da ſua ideia com varias demonſtraçoens aſſim philoſophicas, como hiſtoricas, aſtronomicas &c. Deſconfia de que ellas produzaõ

effeito em hum diſcurſo tão tenebroſo. Deixa eſte ſitio, e mette-ſe na eſtrada, que o levava aos templos dos *Polytheos*. Encontra aqui hum Philoſopho da China, que he hoje o Imperio, em que mais ſe frequenta a Idolatria. Dalhe conta o Peregrino dos ſucceſſos da ſua vida, e da ſua eſtranha criação: chegão ao bolque dos Idolos. Declama o Peregrino contra a ſuperſtição gentilica. Reſente-ſe o Philoſopho envergonhado de não poder dar reſpoſta aos arguimentos. Segue o Peregrino a ſua empreza, e chega ao campo dos *Deiſtas*. Aqui ſe representão allegoricamente as falſidades deſta Seita: Entra o Peregrino na Cidade deſtes Sectarios a tempo que o ſeu principal Miniſtro explicava o *Deiſmo* ao Povo: Pede-lhe licença para arguillo; e moſtra-lhe o engano dos ſeus diſcurſos: Commove-ſe o Miniſtro, e hoſpeda o Peregrino em ſua caſa, a tempo que os *Libertinos*, moradores de outra Cidade viſinha, pertendem invadir com hum exercito a Cidade dos *Deiſtas*, ſaem-lhe eſtes ao encontro; e dáſe a batalha, aonde o *Heróe* moſtrou a ſua fortaleza. Fica indeciſa a victoria, e ambos os exercitos ſobre as armas para a decidirem na manhan ſeguinte. Naquella noite perſuade o *Heróe* ao Miniſtro dos *Deiſtas* que faça as pazes com os *Libertinos*, e inſinua-lhe a falſa gloria dos Conquiſtadores com o exemplo de Alexandre Magno. Offerece-ſe a ſer o Nuncio da propoſta: Paſſa com eſte intento ao campo dos *Libertinos*: inſinua-lhes q̃ para viverem ſem emulação he o melhor meio que ambas as Colonias concordem nos penſamentos religioſos: com eſte motivo combate em primeiro lugar a Seita dos *Libertinos religionarios*, e ao depois a dos *Libertinos Cyrenaicos*. Convem huns, e outros em fazer as pazes com os *Deiſtas*, aceitando todos a Religião Chriſtã. Com eſte intento mandão ao velho Polyphilo, grande amigo, e confidente do ſeu Miniſtro, na companhia do *Heróe* para ſe conſeguir eſte ajuſte, que foi admitido pelos *Deiſtas*. Naquella noite referio Polyphilo ao *Heróe* os ſucceſſos da ſua vida: por elles conheceu o *Heróe* que Polyphilo era ſeu Pai: explica-ſe o alvoroço deſta novidade: Intenta o *Heróe* ſeguir a ſua empreza procurando o combate das outras Seitas: O Pai apeſar da ſua ſaudade, lhe permitte que a continue, dando-lhe palavra de voltar outra vez aquelle ſitio. Recommenda-lhe o *Heróe* que na ſua auzencia acabe de aperfeiçoar a idéa da converſão dos *Deiſtas*, e *Libertinos*. Daqui paſſa em companhia do Genio à Arabia feliz. No meio do caminho teve hum ſonho, em q̃ ſe deſcreve hum Conciliabulo infernal para lhe embaraçar o intento de hir combater na meſma Provincia a Mahumed, hum Eremita da lei Mahometana, que vivia em huma gruta, em que aſſiſtio Maſoma. Acordou eſpantado com o ſonho, que lhe fêz perder o caminho, e ſem tino de jornada, que levava, diſcorreu pela Perſia, e Indoſtan, e voltando à Syria viſitou os lugares Sagrados, aonde recobrou o acerto da viagem, que tinha premeditado. Antes de ſe chegar à gruta, em que aſſiſtia o Eremita Mahometano,

havia

huvia hum boſque horrivel infeſtado de varios eſpectros, que pertenderão impedir o paſſo ao *Heróe*: Foi neceſſario combater com elles, e depois de vencidos, chega o *Heróe* à Cayerna do *Turco*; e eſte o recebe com hum grande aſſombro, por ter chegado áquelle ſitio, vencendo a horribilidade do boſque, e a fereza dos monſtros, formando por eſta cauſa do *Heróe* hum ſuperior conceito; e aqui ſe allegoriza o vencer-ſe a difficuldade de ſerem combatidos os Mahometanos na ſua Seita. Naõ póde reſponder o *Turco* às demonſtraçoẽs do *Heróe*, mas antes que ſe deſſe por vencido procura que elle ouça tambem outro Eremita Hebreo, que vivia da outra parte da montanha, por ſe fundar a lei de Mafoma em muitos delirios de Thalmud. Paſſa o *Turco*, e o Peregrino à gruta do *Hebreo*: para iſſo foi preciſo ſubir ao cume da ſerra. Della ſe deſcobriraõ as Povoaçoens, que eſtavaõ pela coſta da Arabia: Diſtinguia-ſe entre todas huma Cidade pelos Edificios modernos: Pergunta o *Heróe* quem a habitava? Diz-lhe o *Turco* que era huma Colonia de *Lutheranos*, e *Calviniſtas*: Eſtima o *Heróe* eſta noticia pelo deſejo que tinha de combatellos: Chegaraõ à gruta do *Rabbino*: Faz-lhe o *Heróe* patente a allucinaçaõ das ſuas eſperanças: Da-ſe o *Hebreo* por rendido, e juntamente o *Turco*. Daqui vaõ todos tres à Colonia hereticà: Entraõ em Caſa do principal *Miniſtro*, que pertendia em huma grande aſſamblea concordar a differença das Seitas. Pede venia o *Heróe* para lhe moſtrar o indeſculpavel erro de ſe apartarem da Religiaõ Romana. Naquella noite acabou o Miniſtro de reconhecer o ſeu engano, e para ſe firmarem mais no penſamento da verdadeira Fé, quiz o *Miniſtro*, o *Rabbino*, e o *Turco* prezenciar o que tinha obrado o *Heróe* nas Colonias dos *Deiſtas*, e *Libertinos*; e por eſta cauſa o acompanharaõ neſta jornada. Chegaõ ao campo dos *Deiſtas*, e reconhece o *Heróe* nas ſuas differentes produçoens quanto tinha conſeguido a mudança da Religiaõ: Entraõ na Cidade, e ſe adverte o muito que Polyphilo a tinha felicitado. Foi o *Heróe* recebido com grande alvoroço do Pai, e das duas Colonias: Emprendem eſtas reprezentar todas eſtas victorias em hum magnifico triumpho: Prepara-ſe eſte portentoſo apparato, e conduzem o *Heróe* ao templo, que os *Deiſtas* tinhaõ edificado na ſua auzencia: Antes de ſe dar principio à acçaõ declama o *Heróe* contra os *Incoherentes* à viſta daquelle grande concurſo. O Prelado, que tinha vindo de Roma para promover as funçoens Eccleſiaſticas, aſſegura o *Heróe* da verdadeira, e ſincera fé de toda aquella gente: Daſe principio ao triumpho, e deſcreve-ſe toda a ſua pompa.

Devo confeſſar que eſte *Deſenho* naõ he taõ magnifico, e adornado, como o da *Iliada*, *Odiſſea*, e *Eneida*, e o da *Jeruſalem* do Taſſo; nem aſſim o pedia o argumento, aonde ſe devia attender mais à ſubſtancia da *Fabula*, que ao apparato dos *Epiſodios*. As outras *Epicas* ſe fundáraõ ſómente em huma maxima moral, e a minha ſe funda em todas as maximas, e demonſtraçoens

da

da noſſa Religiaõ. A Iliada fez-ſe com o intento de ſe enſinar ſómente aos Principes a ruina que póde reſultar da deſuniaõ dos confederados: maxima muito importante naquelle tempo para moſtrar às Cidades da Grecia, que a naõ ſe unirem todas na ſua confederaçaõ, triumphariaõ da ſua liberdade os ſeus inimigos. Com a Odyſſea deu Homero outra maxima aos ſoberanos, moſtrando as infelicidades, que lhe podia cauſar a auzencia dilatada dos ſeus eſtados, aſſim como as padeceu Ulyſſes dilatando-ſe tantos annos ſem voltar ao ſeu Principado. Com a Eneida moſtrou Virgilio que às Républicas, e Reinos ſe acabavaõ, e principiavaõ outros pela vontade dos Deoſes como ſuccedeo no eſtrago de Troia, e na inſtituiçaõ do Imperio Romano para que com eſta maxima podeſſe applacar a ferocidade Romana que naõ podia acommodarſe ao Dominio abſoluto de Auguſto, lembrada ainda do governo Républicano.

Qualquer deſtas maximas, por ſerem taõ breves, e conciſas, dava lugar a cingir-ſe a *Fabula*, e a dilatar, e ornar os *Epiſodios*, o que naõ ſe podia lograr em hum aſſumpto taõ extenſo, como o moſtrar no combate de taõ differentes ſeitas as verdadeiras luzes da Religiaõ Chriſtan. Por eſta cauſa, ainda que o meu *Deſenho* hé ſimples, e natural, tambem me parece que ſe acha baſtantemente unido, e conducente para o exito da empreza, que ſaõ as prerogativas, que lhe preſcreve Horacio para elle ſer perfeito.

Denique ſit quodvis ſimplex dumtaxat, & unum.

E com tudo tem ornato baſtante; e o que ſe podia eſperar de huma Poeſia ſéria, aſcetica, e religioſa.

Monſieur Racini, filho, fez hum Poema da Religiaõ, ſem algum adorno; e por iſſo lhe naõ deu a devida extenſaõ; e nos diz no ſeu Prefacio que

> A Religiaõ hé taõ grave, que a fieçaõ mais judicioſa tomará nella hum ár de fabula, que ſenaõ poderá conciliar com a verdade.

Porem as minhas *ficçoens* todas ſaõ allegoricas, e inculcaõ ainda mais a gravidade do aſſumpto pelas verdades, que produzem; e por eſta cauſa taõ pouco irreconciliaveis com ella, que antes a promovem com maior efficacia. A ſeveridade, com que procedeu Racini neſte Poema: ou para melhor dizer a dureza, e a ſecura, fez com que o *util* ſe naõ lograſſe no *deleitavel*, ſendo eſte o preceito mais ſabido de Horacio:

Aut prodeſſe volunt, aut delectare Poetæ,
Aut ſimul, & jucunda, & idonea dicere vitæ.

§. XXXI.

§. XXXI.

Da Peripecia, e da Epignoſis.

COm a *Peripecia* ſe póde chamar a eſta *Epopeia, Poema compoſto*, requiſito que faltou á Iliada, e conſeguio a Odyſſea, e a Eneida. Celebra-ſe muito a *Peripecia* da Eneida repreſentando Virgilio ao ſeu *Heroe* perſeguido dos homens, deſemparado dos Deoſes, profugo, deſpojado, e ſem eſperança de ſaudar a ſua Patria, e depois de tantas calamidades mudarſe a ſua fortuna para vir a fundar a maior Monarquia, que teve o Mundo. Eu tambem repreſento o meu *Heroe* taõ infeliz, que logo que naſceu foi levado pela ferocidade de hum bruto á hum caverna, de que era impoſſivel o egreſſo: Alli foi ſuſtentado pela meſma fera entre a companhia de outros Irmaons de taõ eſtranha, e incompativel eſpecie: A penas teve o uſo da razaõ ſe apoderou do ſeu eſpirito todo aquelle eſpanto, e afogo, que ſe póde conſiderar em hum carcere taõ horroroſo, e inſuperavel.

Parece que ſe mudava a fortuna quando por hum ſuperior auxilio ſe livrou da quelle tenebroſo captiveiro, e deu com os olhos de repente em toda a maquina do Mundo; porém reconheceu no mamente a infelicidade, de ignorar o ſeu naſcimento, e obrigarſe á peregrinaçaõ de varias Provincias, ſem outro ſoccorro mais que o generoſo impulſo de reconhecer as artes, e as ſcienCias. Ainda parece que continuava a meſma deſgraça no combate dos *Atheos*, e *Polytheos*, por entender que os naõ deixava conſeguidos. Principiou a mudarſe a fortuna, quando conheceu, que Polyphilo era ſeu Pay, e ſoube na ſua hiſtoria o ſeu illuſtre naſcimento. Dahi em diante foraõ felices todas as ſuas acçoens até fazer triumphar a Religiaõ das ſeitas, que era o fim da ſua empreza.

Os inſtruidos nos eſtudos Poeticos he que devem julgar ſe temos ſatisfeito ao caracter da *Peripecia*. Com ella ſe acompanha a *Epignoſis*, verificada no repentino conheçimento, que teve o *Heroe* de toda a fabrica, e adorno do Univerſo, e no dos ſeus Progenitores, que lhe encheu o animo de alegria, e de alvoroço. Preſumo que em todos eſtes lugares, e nos mais, que ſe achaõ no *Poema*, ſe attendeu muito ao *veroſimil*, metendo o hyperbolico, e extraordinario na ſua devida porporçaõ para que ficaſſe *congruente, natural, e digno de credito.*

§. XXXII.

Da Imitaçaõ, que pertence á felicidade, ou infelicidade na Fabula: dos coſtumes; e da Commoçaõ pathetica.

NA *Imitaçaõ* deſte *Poema*, tambem me parece que tive por exemplar a Natureza; e eſtá quanto baſta repreſentada *a felicidade, e infelicidade* da *Fabula*, e do *Herôe*, como deixamos dito no §. antecedente; e da meſma ſorte os *coſtumes*, que ſe imitaõ, por amor da meſma *Fabula*. Em todas as partes moſtra o Peregrino o caracter de *Religioſo, infatigavel, intrepido, erudito, modeſto*, e *Catholico*. No combate das ſeitas deſempenha heroicamente o *zelo* da *Religiaõ*; e o *conhecimento* dos pontos mais principaes da controverſia: Nas jornadas da Azia a *conſtancia* da ſua empreza: Na batalha dos *Libertinos*, e no ataque dos monſtros, o ſeu *valor*: No modo de triumphar dos Sectarios, a ſua *modeſtia*. Sempre conſerva eſte caracter, ſem haver ou acçaõ, ou palavra, em que o deſminta, no que errou tantas vezes Virgilio com a *piedade* do ſeu Eneas.

Perſuado-me que juntamente eſtaõ imitados com decoro os amores de Polyphilo, e a honeſtidade da Dama. Os *coſtumes* das Perſonagens, que entraõ nas diſputas da Religiaõ, cuido que tambem ſenaõ apartaõ da propriedade: Falla o *Atheo* com *ignorancia*: o *Polytheo* com *cegueira*: o *Deiſta*, e *Libertino* com *deſcuido*: o *Hebreo* com *obſtinaçaõ*: o *Lutherano*, e *Calviniſta* com *deslumbramento*.

A *Commoçaõ pathetica* ſe logra com ſufficiente impulſo na diſcripçaõ da caverna, em que ſe criou o Peregrino, e nas paixoens, que lhe incitava aquella indiſſolluvel eſcuridade: Na hiſtoria, e tragedia de Polyphilo; e na ſua exclamaçaõ laſtimoſa: No ſonho do Peregrino: Na carranca do boſque da Arabia, e no combate dos monſtros.

§. XXXIII.

Da Locuçaõ.

SE o eſtylo da minha *Epica* tem todas as qualidade, que lhe aſſigna o P. Rapin: ſe he *congruente, claro, natural, brilhante numeroſo*: e ſe os verſos ſaõ *conſtantes, cheios, canoros, encorpados*, naõ devo eu decidillo, porque eſta ſentença pertence ao juizo dos meus Leitores. Só digo que procurei hum temperamento entre a pompa Hеſpanhola, e a ſimplicidade Franceza; eſtou perſuadido que parecerei *claro, e natural*; mas naõ ſei ſe neſta clareza, e naturalidade ſe conſerva a *conſtancia*, o *eſforço*, e a *boa harmonia* do Verſo: Ninguem póde ſer Juiz em cauſa propria.

Algum tempo me levou a conſideraçaõ em que genero de Poeſia faria eſte Poema: os Poetas Vulgares, tanto Hеſpanhóes, co-

mo Italianos, todos fizeraõ os ſeus em *oitava rima*, excepto Dante, que o fez em tercetos. O çoſtume ſe queria converter em preceito; mas eu tinha reparado que a Poeſia das oitavas pela obrigaçaõ de clauſular, ao menos de quatro em quatro verſos, ſe faria froxa, e languida, e naõ permittia aquelle deſafogo, que dá maior impulſo ao rapto poetico. Nos Poetas Latinos, aonde naõ ha eſtas preciſas eſtancias deſcobria a verſificaçaõ mais livre, e impetuoſa; e mais bem logradas as diſcripçoens, os penſamentos, as figuras, as imagens; e a narraçaõ mais corrente, unida, e proporcionada.

Conheci tambem que Ariſtoteles ſó preceitúa nos Poemas *Epicos*, ou *Tragicos*, o verſo Hexametro, que correſponde ao noſſo hendecaſſyllabo; e naõ via por nenhuma parte alguma neceſſidade, que me obrigaſſe a fazer o *Poema* em Oitavas. He verdade q̃ Ariſtoteles naõ tinha na Poeſia Grega eſta eſpecie de verſo para poder preceitualla; mas nem os Poetas, que a elegeraõ para as ſuas *Epicas* tinhaõ authoridade para a introduzirem entre os preceitos da *Epopeia*.

Reſolvime emfim, a eleger outra verſificaçaõ, em que podeſſe imitar o deſafogo dos Gregos, e Latinos acreſcentando-lhe os conſoantes; porque a Poeſia vulgar, ſem elles, fica inſipida, e deſaprazivel, e poriſſo diſſe Luiz de Gongora na Fabula de Leandro.

Que yò a piè quiero ver màs
Un toro ſuelto en el campo,
Que en Boſcan, un verſo ſuelto,
Aunque ſea en un andamio.

Aſſegurei o meu intento com o voto do referido P. Rapin, que nos diz que as eſtancias Italianas enfraquecem muito a força, e vigor da Poeſia; em que conſiſte huma grande parte do caracter do verſo heroico. Eſte voto he de tanto pezo que naõ poſſo deixar de produzillo com as meſmas palavras Francezas:

> Ces repos toutefois, & ces interruptions auſquelles la Poëſie Italienne eſt ſujette par ſes ſtances, me ſemblent affloiblir beaucoup la force, etle Viguer, qui fait une partie du caractere du vers heroique.

Os modernos tem introduzido varias impertinencias na Poëſia vulgar, e algumas contra o preceito de Ariſtoteles Naõ querem admittir palavra, que naõ eſteja muito adoptada no noſſo Idioma: O Philoſopho diz o contrario.

> *Multa enim dictionis ipſius affectiones ſunt, quas Poetis indulgemus.*

Pe-

Peregrinum vero varietatem linguarum, translationem, mutationem, tum quodcumque à proprio alienum eſt.

Uſei com toda a moderaçaõ deſta licença: raras ſaõ as vozes Latinas, ou Greco-Latinas, que ſe encontraõ neſte Poema: Virgilio ſe aproveitou, àlém deſta, de outras licenças, com que a Rhetorica, dando-lhe o nome de figuras, tem deſculpado eſtas ouſadias. Eu apenas pratico a *ſyncope*; dizendo *offrece* em lugar de *offerece*: *exprimentos*, em lugar de *experimentos*: *eſpritualizar* em lugar de *eſpiritualizar*. E alguma vêz farei huma ſyllaba longa em lugar da breve; e a breve em lugar da longa.

Tambem naõ conſentem os Ariſtharcos do noſſo tempo, em que haja aſſoantes ſeguidos, ou no fim, ou no meio, ou no principio do Verſo; nem que as ultimas diçoens ſe correſpondaõ com os meſmos aſſoantes. Em hum Soneto bem ſe pódem admittir eſtes eſcrupulos; na extenſaõ de huma *Epica* deſejara vellos executados, ſem que perdeſſe a Poeſia huma grande parte do ſeu eſforço: A noſſa lingoa he muito pobre para a obſervaçaõ deſtes dictames. Se Quintiliano diſſe da Latina; *Paupertate ſermonis laboramus*; que poderemos nós dizer da Portugueza?

Com tudo ainda que neſte *Poema* ſe achaõ algumas vezes, e naõ ſeraõ muitas, os aſſoantes juntos no principio, ou no meio, ou no fim do verſo, naõ haverá verſo, que nas ultimas diçoens os tenha correſpondentes.

Reprovaõ tambem as Cacafonias, e he certo que as rigoroſas ſe devem evitar, como aquella do noſſo Camoens *mas morra*: as outras devem-ſe ſofrer; pois ſe nos melhores Proſiſtas ſe perdoaõ, quanto mais ſe devem perdar nos Poetas?

Muitos pertendem que na *Epica* devaõ ſer frequentes as *ſentenças*, os *conceitos*, as *reflexoens*, e as *agudezas*: Macrobio no cap. 16. do liv. 5. nos diz que os Poemas de Homero eſtaõ cheios de *Sentenças*, e que a cada huma dellas ſe lhe póde dar o nome de *proverbio*. Porém o famoſo critico Heinſio pertende na ſua Poetica de Ariſtoteles, que eſtas *reflexoens ſentenciſas* pertencem mais ao *Poema Dramatico*, que ao *Epico*, porque o caracter mais eſſencial da *Epica* he a *narraçaõ*, a qual deve ſer *unida*, e *ſimples*, ſem affectaçaõ de figuras, e apparato de *reflexoens*, que ſempre interrompem a força, e o progreſſo da Oraçaõ: Cicero he do meſmo voto no lib. 4. ad Heren, (ou quem quer q̃ ſeja o Author deſta obra) aonde inſinua que as *Sentenças* ſe devem uſar mui raramente na *Epica* para que ſenaõ veja que as *perſonagens*, que nella fallaõ, ſe conſtituem meſtres dos *coſtumes*.

E ſe as *Sentenças* ſenaõ devem admittir por eſtas razoens no *Poema Heroico*; muito menos ſe haõ de permittir os *conceitos*, e as *agudezas*, porque deſordenaõ mais o curſo da Oraçaõ.

Por eſta doutrina ſe conhecerá o motivo, porque neſta *Epica* attendi ſó ao *narrativo*, e me fiz eſquecer do *figurado*, do *agudo*, e do *conceituoſo*, ainda que em alguma parte ſenaõ perdeu totalmente da memoria. Em todas as *Epopeias* acho os *ſimiles* muito frequentes, e dilatados; e naõ ſei com que motivo pervertendo-ſe nelles tambem o progreſſo dos periodos: Os poucos *ſimiles*, que eu trago ſaõ de muita conciſaõ, e ſimplicidade, e ſem aquelle apparato, com que os tem adornado os melhores Poetas: Se me accuſarem por me apartar neſta parte dos ſeus veſtigios, póde ſervirme de conteſtaçaõ o reconhecimento da culpa.

§. XXXIV.

Da Narraçaõ da Fabula, e das Dramas.

VEndo que nas melhores *Epicas* ſe condemnaõ as *narraçoens* diffuſas, pûz todo o cuidado, em que as minhas foſſem ſucintas: Se ellas tem defeitos ſaõ mais pelo conciſo, que pelo extenſo; antes quiz deixar o meu Leitor deſejoſo, que enfaſtiado. Se àlém da conciſaõ ſe póde dizer que eſtas *narraçoens ſaõ animadas, vivas, ſimplices, agradaveis, e naturaes*, que he como as procuraõ os criticos, naõ eſtá da minha parte o proferillo, e ſó receber com docilidade o juizo alheio.

Nas *Dramas* eſtá fundado, e tecido todo eſte *Poema*: o *Heróe* he o ſeu principal motor, e parece-me que cada huma das perſonagens falla conforme a figura, que repreſenta.

§. XXXV.

Da Allegoria.

REputa-ſe a *Allegoria* pela alma do *Poema Heroico*: A mais illuſtre ſe deve fundar em hum combate da virtude com o vicio: Debaixo deſta doutrina parece que era eſcuſada alguma *Allegoria* neſte *Poema*; pois neſte meſmo combate ſe funda a acçaõ literal do *Triumpho da Religiaõ*, mas por naõ faltar ao preceito de huma Allegoria occulta, digo que no *Heróe*, acompanhado do *Genio* ſe ſymboliza o *entendimento* acompanhado da *Razaõ*. Nos *Atheos Polytheos*, *Deiſtas*, *Libertinos*, *Mahometanos*, *Hebreos*, e *Proteſtantes*, ſe ſymbolizaõ os ſete peccados Capitaes: Nos combates, que tem o *Heróe* com eſtes Sectarios, e nas victorias, que delles alcança, ſe ſymbolizaõ os que tem o *Entendimento* com as paixoens vicioſas, quando ſe acompanha da *Razaõ*, e tudo com baſtante propriedade, pois aſſim como na *Epopeia* naõ ha coiza mais rara, e excellente, que o *Heróe*, aſſim no compoſto humano naõ ha coiza taõ excellente, ſingular, e rara, como o entendimento; e por eſta cauſa dei ao *Heróe* o nome de *Peregrino*; pois com elle nome ſe explica, naõ ſó

o que

o que anda viajando pelo Mundo, mas tudo o que eſtá cheio de *excellencia*, de ſingularidade, e admiraçaõ; e aſſim como o *Heróe* he a perſonagem mais nobre da *Epopeia*, aſſim o *entendimento* he a mais illuſtre das potencias. Aſſim como o *Heróe*, inſtado do *Genio*, reconheceo tantas Provincias, aſſim o entendimento com a natural propenſaõ de ſaber, ſe dilata por todas as partes do Univerſo: Deixo de trazer outras combinaçoens entre o *Heróe*, e o *entendimento* para as deixar à intelligencia, e curioſidade dos Leitores.

Da meſma ſorte ſe continúa a analogia entre a *Razaõ*, e o *Genio*. Pois aſſim como o Anjo Cuſtodio nos encaminha, perſuade, e acompanha em todas as acçoens virtuoſas, aſſim a *Razaõ* he que dirige, perſuade, e acompanha o entendimento a reconhecer a virtude, e a abominar o vicio.

Com a meſma congruencia eſtá ſymbolizada a *Soberba* nos *Atheos*; pois aſſim como eſtes naõ aceitaõ *Cauſa ſuperior*, que domine o univerſo, aſſim a *ſoberba* naõ póde ſogeitar-ſe a alguma ſuperioridade: com eſta elevaçaõ he que Lucifer, que *he a Pai da ſoberba*, negou a ſogeiçaõ ao ſeu meſmo Criador.

Symboliza-ſe nos *Polytheos* a *Avareza*; pois aſſim como eſtes fizeraõ taõ ambicioſa a ſua ſuperſtiçaõ que naõ houve produçaõ na Natureza que naõ pertendeſſem introduzilla entre as ſuas Divindades, adorando até as plantas, e fructos, que naſciaõ nas hortas, e ainda as coizas mais vis, e immundas, aſſim a *Avareza* deſeja poſſuir quanto lhe vem à imaginaçaõ; e eſte deſejo, e a poſſe de tudo aquillo a que aſpira, he o ſeu maior Idolo.

Symboliza-ſe a *Luxuria* nos *Deiſtas*; pois aſſim como eſtes deſprezaõ todos os preceitos da Religiaõ, aſſim naõ ha eſtimulo taõ vehemente como o da *Luxuria* para o deſprezo de todos os dictames, civis, ecopomicos, e Sagrados. Nos campos dos *Deiſtas* eſtaõ ſymbolizados tambem os effeitos da meſma *Luxuria*: As arvores, e os pomos, ſem ámago, e as eſpigas, ſem graõ, reprezentaõ que neſte vicio naõ ha mais, que hum deleite exterior: As hortigas entre as fearas inculcaõ as deſgraças e os remorſos, que deſte incendio ſe originaõ: A inſtantanea côr das folhas; e das flores, e que ſe diſtingem, a penas ſe tocaõ, declara que neſte vicio naõ ha mais, que huma apparencia fugitiva. O ribeiro claro, fetido, e amargoſo, inſinúa o arrependimento, que ſe ſegue à ſatisfaçaõ do appetite: Os Edificios, ſem telhado, porta, ou janella intimaõ a diſſoluçaõ deſte peccado, ſempre patente a todos os objectos, que ſe lhe offerecem.

Symboliza-ſe à *Ira* nos *Libertinos*; porque aſſim como eſta ſeita he a menos contida em todas as regras, que dicta o lume natural, aſſim naõ ha paixaõ mais indomita do que a *Ira*: Na irrupçaõ que os *Libertinos* emprenderaõ na Cidade dos *Deiſtas*, e no furor com que ſuſtentaraõ a batalha eſtaõ reprezentados todos os impulſos de hum movimento colerico.

Symbo-

Symboliza-ſe a *Gula* nos *Mahometanos* ; pois aſſim como na ſua lei ſe conſtitue toda a felicidade do homem nos banquetes, e em outros goſtos ſenſiveis, aſſim a *Gula* poem toda a felicidade no appetite dos manjares. Diziaõ os Iſraelitas, quando eſtavaõ ameaçados da invaſaõ dos Chaldeos.

Ecce gaudium, & Lætitia: Occidere vitulos; & jugulare arietes: Comedere carnes, & bibere vinum: Comedamus, & bibamus, cràs enim moriemur.

Sardanapalo mandou gravar no ſeu ſepulcro eſte epitaphio.

Ede, bibe, Lude, poſt mortem nulla voluptas.

Symboliza-ſe a *Enveja* nos *Hebreos* ; porque a que tiveraõ aos milagres de Chriſto: *Hic homo multa ſigna facit*, he que os fez precipitar no Deicidio do ſeu meſmo Meſſias, e ſuſtentarem-ſe na obſtinaçaõ da Synagoga.

Debebant (diz o Alapide) *ex tot Jeſus ſignis, & miraculis convinci, & credere eſſe Meſſiam Dei Filium: ſed odio, & invidia excæcati, contrarium dicunt, & agunt.*

Symboliza-ſe a *Preguiça* nos *Proteſtantes* ; porque aborrecendo as ceremonias ſagradas, excogitaraõ huma ſeita preguiçoſa, que os eximiſſe da ſatisfaçaõ dos ritos Eccleſiaſticos, e da frequencia dos Sacramentos; e o deſcuido, e a laxidaõ da ſua vida, he que os difficulta a voltarem para o gremio da Igreja.

No *Triumpho da Religiaõ* ſe ſymboliza a victoria, que deſtes vicios capitaes alcança o *entendimento* ; e nas ſete carroças, em que ſe reprezentaõ rendidas as ſeitas, ſe torna a ſymbolizar o rendimento dos meſmos vicios triumphando delles o *Entendimento*, ſymbolizado no Peregrino.

Suppoſta a declaraçaõ, e combinaçaõ de todos eſtes preceitos, naõ preſumaõ os meus Leitores que eu fico com o deſvanecimento de ter ſatisfeito ao deſempenho da *Epica*, que conſórme a doutrina de Ariſtoteles, *he hum juſto, regular, e proporcionado compoſto de todas eſtas partes* ; porque ainda que eu podeſſe ſuperar taõ alta difficuldade, qual ſeria o critico, que me quizeſſe conceder aquella gloria, que ſe tem negado aos primeiros engenhos da profiſſaõ Poetica ? He taõ arriſcado, o juizo dos Cenſores, que ſendo o P. Rapin dos mais habeis, e ingenuos, que ſe conhecem, ſe vê com baſtante admiraçaõ, que aquelles meſmos lugares, que louva em Homero nas ſuas *Reflexoens do Poema Epico*, ſaõ os meſmos, que condemna no *Paralello*, que fez de *Homero*, e *Virgilio*. Tal

he

he o perigoſo humor dos mais labios Criticos, que humas vezes reprovaõ o que outras applaudem. Em Tribunal taõ inconſtante, e voluntario, qual ſerá o engenho, que ainda que conſiga o acerto, ſe poſſa livrar de huma iniqua cenſura?

Para merecer alguma deſculpa nos meus erros ſeja-me permittido o dizer que eſte *Poema* he obra de dois mezes; pois ſe lhe deu principio a 23. de Maio, e ſe acabou a 23. de Julho do meſmo anno; tempo, em que eſtava o meu animo combatido das maiores afflicçoens, tanto do corpo, como do eſpirito. Se ſe adverte que Virgilio andou mais de doze annos com a ſua *Eneida*; Taſſo quaſi outros tantos com a ſua *Jeruſalem*; Camoens perto de deſoito com as ſuas *Luſiadas*, e Sannazaro mais de vinte com o ſeu Poema de *Partu Virginis*, poderá parecer a brevidade, com que ſe compoz o meu *Triumpho* hum dos ſucceſſos mais inverosimeis, que podia ter o *Poema*. Se todos tem errado na fabrica da *Epopeia* ſem embargo de lhe levar tantos annos de conſideraçaõ, pareceme que ſerá mais deſculpavel hum deſacerto repentino, que hum erro premeditado.

A D-

ADVERTENCIA.

Ainda que a fabula *na accepçaõ vulgar ſe reputa por huma narraçaõ quimerica, naõ a tomou Ariſtoteles na ſua* Arte poetica *neſte ſentido; pois com ella quiz ſignificar na* Tragedia, *ou na* Epopeia *huma acçaõ illuſtre, ou eſta foſſe fingida, ou verdadeira. A razaõ diſto he, porque a* Fabula *pela ſua etymologia naõ ſignifica propriamente huma coiza inventada, pois ſe deriva daquelle verbo Grego, que correſponde ao verbo* faris *dos Latinos: e os Etymologiſtas derivaõ com Ambrozio Calepino a* Fabula *à* fando; *e como aquelle que falla, pode dizer tanto a verdade, como a mentira, fica ſendo a* Fabula *hum vocabulo indifferente, para o ſucceſſo, ou para a ficçaõ: o que ſe verifica na acçaõ da* Epopeia, *que ou ſeja ideiada, ou ſuccedida, ſempre tem o nome de* Fabula: *e os que ſaõ inſtruidos nos preceitos do* Poema Epico *naõ tomaõ a ſua* Fabula *naquelle ſentido, em que diſſe o Apoſtolo:*

> A' veritate quidem auditum avertent,
> Ad fabulas autem convertentur.

Mas concebem pela Fabula *huma acçaõ illuſtre, e digna de ſer imitada.* Fabulas *chamou Eraſmo aos prodigios do noſſo Salvador:*

> Attentè conſideremus mirabilem illum orbem, & conſenſum totius Chriſti fabulæ, quam noſtra cauſa peregit.

E ainda que o famoſo Muratori pertenda deſculpar eſte atrevimento com a origem deſta palavra, elle foi accuſado naõ ſó deſta, mas de outras ouſadias por muitos AA. Catholicos; eu antes quizera arguillo, que defendello.

TRI-

Et immiſit in os meum canticum novum: carmen Deo noſtro.

Pſalm. XXXIX. ℣. IV.

TRIUMPHO DA RELIGIAÕ.

Poema Epico-polemico.

LIVRO I.

Contra o Atheiſmo.

GRande acçaõ me arrebata ao alto cume
Do ſempre claro, incomprehenſivel Lume,
Onde em Luzes naufraga a intelligencia:
Que ardor mais digno de immortal cadẽcia,
Que aquelle, em que o dezejo ſe deſtina

Atheiſmo: Vem do Grego *Theos*, que ſignifica *Deos*, e do ſeu (*a*) privativo; e he o meſmo que Seita, que nega a exiſtencia de Deos. Porém os que ſeguem eſte delirio ſaõ huns monſtros, ou abortos da Natureza. *Neque ulla tam barbara gens fuit, quam Deorum religio non imbuerit*: diz Cicer. Tuſcul. 2. e no livr. 1. de Legib. *De hominibus nulla gens eſt tam immanſueta, quæ non etiam, ſi ignoret qualem Deum habere deceat, tamen habendum ſciat.* Entre os que deſprezaraõ a Divindade ſe numera Mezencio, Rei dos Tyrrhenos: (Virgilio faz delle mençaõ no livr. 7. da Eneid. v. 64.)

Primus init bellum Tyrrhenis aſper ab oris
Contemptor Divûm Mezentius — — — —

Macrobio teſtifica que elle fora: *Impius in homines, ſine Deorum reſpectu.*

A' ſabia comprehenſaõ da Lei divina?
Pendente fique a Lyra da vaidade,
Com que a incauta, ligeira mocidade
Ferio debalde as cordas do inſtrumento
Em taõ ocioſo, deſmaiado alento:
Emendem-ſe eſtes erros, eſtes danos
No deſprezo de objetos taõ profanos.
Chamem-ſe as Muſas a mais nobre empreza:
Mas èm que Muſas fallo na grandeza
De impulſo tanto? O' Nume Omnipotente,
Sciencia eterna, Virtude intelligente,
Immutavel Razaõ, Ente improduto,
Inſpirai no meu peito o ardente fruto
Do voſſo reſplandor, da voſſa ideia,
Porque deſate a ſombra, que me enleia,
E ſondar deſte eſpanto o golfo poſſa:
Ajudai, e influi, que a cauſa hé voſſa.

E Vós, O' Vice-Deos do Santo Imperio,
Que

Affirma Suidas, que os Athenienſes deſtruîraõ a Ilha Melos, por terem *Athoos* todos os ſeus moradores; ſem eſcapar deſte eſtrago mais que Diagoras: Prothagoras Abderita, diſcipulo de Democrito, foi expulſado de Athenas pelo meſmo crime: Theodoro arrogantiſſimo Sophiſta, e diſcipulo de Ariſtippo, cahio na meſma loucura. O meſmo Ariſtippo fundador da Seita Cyrenaica, e Pyrrhon da Pyrrhonica, ſe infamaraõ com eſte delicto. O Egocidio de Philippe Strozza, o fez tambem mui ſoſpeitoſo dõ Atheiſmo.

Hé verdade que alguns tiveraõ eſta reputaçaõ, naõ por deſconhecerem alguma Divindade, màs por naõ quererem aceitar o Deos, que outros adoravaõ: Iſto ſuccedeu a Anaxagoras, e a Evemero com os Athenienſes; e talvez que por eſta razaõ deſterraſſem a Diagoras. Alguns Authores nos querem perſuadir que naõ ſó houve individuos errantes com

Que elevado no throno Pontificio
Regeis da nova aliança o Magiſterio:
Do incruento, ineffavel Sacrificio
Supremo Sacerdote: Luz brilhante
No pharol do Navio militante:
Meſtre da Fé: Oraculo da Igreja
Onde de balde a colera forceja,
Do Abiſmo com arrojo temerario:
Succeſſor, e legitimo Vigario
De Pedro, e Chriſto: Interprete divino
Da Maxima celeſte: Hum Peregrino,
Que intenta na expreſſaõ de hum novo Verſo
Eſpalhar voſſa gloria no Univerſo,
Affavel conſenti que buſque amparo
Entre os raios de aſylo taõ preclaro.

No voſſo Nome ſe achaõ circunſcritos
Os dotes immortaes dos Beneditos:
Eſta feliz, ſagrada heroicidade
Impreſſa vinha já na claridade

eſta barbara opiniaõ, mas que a tiveraõ Naçoens inteiras. Entre ellas conta Jacobo Onzelio aos *Boruſſos*, povos da Sarmata Europea: Jozeph da Coſta aos *Chichemecos* da nova Heſpanha: Herberto, author Inglez, aos *Solanos*, povos da Africa. O Miniſtro Jurieu nos affirma que a Naçaõ dos *Cannibales* conhecia taõ pouco huma Divindade ſuperior, que eſtava no conceito que o delicto mais horrivel lhe naõ gravava a conſciencia. O Author deſta noticia he mui ſoſpeitoſo depois de ter provado tanto o ſeu fanatiſmo na expoſiçaõ que fez ao Apocalypſe. Outros referem, que entre os Barbaros do Cabo da Boa Eſperança ha a Naçaõ dos *Hottentotes*, que tambem deſconhece a exiſtencia divina. Mas naõ ſei ſe todas eſtas narraçoens eſtaõ expurgadas com a advertencia de huma boa critica.

Da caſa Lambertini: * O ſeu progreſſo
Confunde o vaticinio no ſucceſſo:
Proſpero vos chamaſtes no Baptiſmo:
Caracter foi o Nome, e Catheciſmo.

Se alto Patrono a Epica procura,
Onde Mecenas de maior altura
Se póde deſcobrir? Se douto o emprende,
A que parte naõ chega, ou naõ ſe extende
Da voſſa erudiçaõ o rapto altivo?
Se hum favor, ou indulto ſucceſſivo
Dezeja conſeguir, quem mais piedoſo,
Mais placido, benigno, e generoſo?
Deſcobri, Santo Padre, o pé ſagrado,

Para

* A Caſa *Lambertini*, de quem deſcende o Pontifice Reinante Benedicto XIV. he das mais illuſtres de Bolonha, ſua Patria; e todos os ſeus gloriosos Aſcendentes occuparaõ os mais relevantes empregos no tempo em que foi Republica eſta Cidade: ſaõ as armas deſta familia quatro palas de vermelho em campo de ouro, e ſaõ tambem as dos Reis de Aragaõ, concedidas por el-Rei D. Affonſo do meſmo Reino a Aldragheto *Lambertini* em remuneraçaõ dos ſerviços, que lhe fez na Conquiſta do Reino de Valença, e das Ilhas de Malhórca, e Menorca.

Aldragheto tomou o appellido *Lambertini* em memoria de Lamberto ſeu Geneſiarcha, que era Alemaõ, filho do Conde Mendo, e veio á Italia em companhia, e ſerviço do Imperador Otton o Magno, que lhe deu bens na meſma Cidade de Bolonha, onde ficou vivendo, e a ſua poſteridade. Foi ſeu deſcendente Gerardo *Lambertini*, que ſe cruzou, e acompanhou a Gothfredo de Bulhon na guerra da Paleſtina pelo anno de 1096. No de 1149. foi Egano *Lambertini* o que ganhou o primeiro premio nas juſtas publicas, que houve na Cidade de Bolonha: No de 1300. ſe achava Capitaõ de Orvietto Lambertino *Lambertini*. No de 1326. Egano *Lambertini* ſeu filho foi Embaixador dos Bolonhezes aos Florentinos, e pelos grandes ſerviços, que fez á ſua patria com eſta negociaçaõ, lhe deu o Senado o Senhorio de Vicellino. No de 1331. foi Governador de Perugia, e depois Poteſtade de Citacaſtello de Rimini, e de Florença. No de

Para que o Herôe no throno ſublimado
Humildemente o beje, antes que intente
Levar a pura Lei do Occaſo ao Oriente;
Recebendo de Vós a luz Divina,
Que promove a Evangelica Doutrina;
E eſte esforço, que o tempo naõ conſome,
Mais que ao plectro, ſe deva ao voſſo Nome.

Naõ ſe deſdenhe o excelſo Vaticano,
Nem da Parrhaſia o eſpirito Romano,
Se entre o illuſtre, ſcientifico ſocego
Ouve cantar huma Ave do Mondego:
Se eſta cadencia chega ao voſſo Solio,
Digna ſerá de ouvilla o Capitolio;

1333. era Guilhelme *Lambertini* Senhor de Poggio: eſte ſe empregou toda a ſua vida no ſerviço da Patria: Foi Embaixador de Bolonha ao Rei de França; depois Superintendente de todas as fortalezas do eſtado de Bolonha, e ultimamente Poteſtade de Placencia, e depois de Aſti. Teve a Guido *Lambertini*, que foi Senhor de Poggio; de quem foi filho Egano *Lambertini*, que no anno de 1378. foi General de grande nome em ſerviço da Igreja contra Bernabê Viſconti, Conde, e Senhor de Milaõ, e depois foi General do Marques de Ferrara; e no anno de 1379. General do ſocorro, que os Bolonhezes mandáraõ aos Florentinos: No de 1383. mereceu o titulo de Conſervador da Patria, por haver livrado Bolonha do grande perigo de huma conjuraçaõ. Foi filho deſte Joaõ Antonio *Lambertini*, o qual foi Pai de Egano *Lambertini*, que no anno de 1491. foi Senador de Bolonha, e de taõ grande talento, que Fernando Rei de Napoles o convidou para hir viver na ſua Corte; e além de outros empregos, de que o encarregou, o fez Vice-Rei de Sicilia: Succedeu-lhe no ſenhorio de Poggio Aldraghetto *Lambertini*, que ſervio no exercito do Rei D. Affonſo de Aragaõ commandando hum corpo de tropas na reſtauraçaõ, e Conquiſta do Reino de Valença, e Ilhas Baleares; por cujos ſerviços lhe concedeu aquelle Rei as ſuas meſmas armas, como aſſima ſe diſſe. Deſte foi filho o Conde Guido Antonio *Lambertini*, que teve por filho o Conde Sartorio *Lambertini*, que ſervio com diſtinçaõ em Flan-

E de que o Tibre naõ ſe deſcontente
De introduzir hum Ciſne do Occidente
Nas ſuas doces margens: Sendo aceito
No voſſo agrado o harmonico conceito;
O Quirinal, o Celio, o Palatino,
Viminal, e Tarpeio, e o Exquilino
Há naõ ſó de attender ao canto novo;
Porém ſe Protecçaõ taõ alta provo,
Hirá do Tejo ao Ganges, porque ſuba
O metrico clangor da minha tuba
Ao thalamo da Aurora; e ſe ennobreça,
Deſde onde a ſombra baixa, e a luz começa.
Do meu Herôe o ingenito deſinio
Entrego ao voſſo Sacro Patrocinio:

Os

dres ao Imperador Carlos V. e ao Rei Philippe II. Continua-ſe eſta eſclarecida deſcendencia no Sobrinho do Papa Reinante, que he D. Egano *Lambertini*, Marquez de Poggio, Cavaleiro privilegiado de Malta, Patricio Romano, Veneſiano, Genovêz, e Ferrarêz. Foi eleito Gonfaloneiro da Juſtiça de Bolonha no anno de 1747.

Além deſtes, houve neſta familia Varoens muito doutos, como Joaõ Baptiſta *Lambertini*, filho do Senador Bartholomeu *Lambertini*, Varaõ doutiſſimo, que renunciou as eſperanças do ſeculo na Religiaõ da Companhia de JESUS: Bartholomeu *Lambertini*, filho de Alberto *Lambertini*, que foi Collegial, Doutor, e Lente de Leis, e hum dos Reformadores do Eſtado de Bolonha no anno de 1431.

Guido *Lambertini* Doutor em Leis, e Capitaõ da expediçaõ de Piſtoia, e o que admittio, e ſocorreu os Franciſcanos para fundarem a ſua primeira Caza em Bolonha. Naõ ſó em armas, e letras, mas tambem em ſantidade, tem ſido clariſſima eſta familia: della procede a Beata Imelia, Religioſa Dominica, que faleceu com opiniaõ de Santa em 1333. Joanna *Lambertini* Freira de Santa Clara de Bolonha, diſcipula de Santa Catherina de Bolonha, e ſua ſucceſſora no Abbadeçado: morreu com fama de ſantidade no anno de 1476.

Os ſublimes impulſos, que o arrebataõ,
No voſſo grande esforço ſe retrataõ:
Vós o eſpirito ſois dos ſeus alentos:
Taõ ſantos, taõ illuſtres penſamentos
Tomai por voſſa conta o dirigillos,
Ficará pela minha o repetillos.

No meio do caminho de huma vida,
De encontradas ideias combatida,
Se achava hum Peregrino, acompanhado
De novas impreſſoens do ſeu cuidado,
Quando vio ao ſeu lado hum paſſageiro
De alegre aſpecto, roſtó liſongeiro,
Que com doce agaſalho o perſuadia
A aceitallo na ſua companhia:
Perguntou-lhe quem era? * Naõ conheces
O teu Genio? lhe diz: Se he que appeteces.

Hir

* *Genio* entre os Ethnicos era aquelle eſpirito, que preſidia na geraçaõ de todos os entes, na fundaçaõ dos Reinos, e Cidades, e no naſcimento dos homens; tomando á ſua conta os augmentos da ſua fortuna: Entre os Chriſtaons ſignifica o *Genio* o noſſo Anjo Cuſtodio, que he o que verdadeiramente nos aſſiſte com o ſeu patrocinio: Nem nos podem accuſar que expliquemos hum auxilio Celeſte com huma palavra, que teve eſte meſmo ſentido na ſuperſtiçaõ Gentilica; porque Boldonio nos adverte na ſua Epigraphica, que *Genio* naõ he palavra taõ profana, que naõ poſſa ſer adoptada de huma ideia Catholica. Tambem póde ſignificar o meſmo *Genio* aquella propenſaõ natural, com que ſe movem as noſſas acçoens; aonde parecem faceis todas as emprezas difficultoſas. Eſte ſegundo ſentido eſtá mais conforme com o reparo deſte lugar; e neſta figura do *Genio* natural, ſe póde repreſentar o *Genio* Celeſte; e fica ſendo huma imitaçaõ de Homero, quando na figura de Mentor encobrio a Deoſa Minerva para acompanhar, e dirigir a Telemaco na ſua peregrinaçaõ, quando andava buſcando a ſeu Pai Ulyſſes.

Hir ver o que ha no Mundo, que he projecto
Dos que tem às ſciencias grande affecto,
Em mim ſempre terás hum bom amigo:
Em todo o tempo me acharás comtigo
Para aſſiſtirte, para acompanharte.
Tu vens: o Peregrino lhe reſponde:
Em taõ boa occaſiaõ, que perſuadido
De hum intrinſeco arrojo o meu ſentido
Me impeliá a levar a Fé Romana
Ainda muito àlem da Taprobana,
Se me foſſe poſſivel: Tanta empreza
Me acende o coraçaõ! E fortaleza
Cuido que tenho, e impúlſo vigoroſo;
E naõ ſei que deſtino portentoſo
Para fixar o Lenho Sacroſanto
Sobre os çumes do Tauro, e do Erymanto:
Naõ temerei da Lybia a areia ardente,
Nem as neves do Caucaſo: patente
Farei da redondeza o Labyrinto,
Pelo excelſo valor, que em mim perſinto:
Se acaſo neſte empenho me acompanhas,
Sondarei as Provincias mais eſtranhas,
Até que, deſde o Poente até o Levante,
Triumphe a Igreja na parte mais diſtante.

Muito me alegro que eſſe heroico intento
Conceba o teu ſublime penſamento;

Lhe

Lhe diz o Genio: Vamos, que eu te aſſiſto;
E ſem outra demora, que os detenha,
Ambos as luzes ſeguem, que os empenha
A procurar com animo devoto
Do Univerſo o caminho mais remoto.

Admirado ſe via o Peregrino
Do eſtranho companheiro: Conſultava
Se nelle algum myſterio ſe occultava:
Lembrou-ſe cuidadoſo, e reſoluto
† Do eſpirito de Socrates, e Bruto:
Máo Genio naõ ſuppunha na influencia
Deſta ſanta, e benigna Intelligencia:

Que

† Saõ famoſos na antiguidade os *Genios* de Socrates, e Bruto. Apul. de *Deu Socrat.* diſſe que o *Genio* de Socrates era hum Deos. Lactancio, Inſtit. lib. 2. cap. 14; e Tertul. no *Apolog.* diſſeraõ que era hum Anjo máo. Apul. tem crido que era viſivel; Plat. *in Theag.* que era inviſivel. Maxim. de Tyr. *Sermonib.* 26. & 27. ſegue que era o remorſo da conciencia. Pomponac. de *Incantat.* cap. 11. & 12. vai com a opiniaõ de que era o Aſtro, que dominava no ſeu horoſcopo, &c.

Segundo Juſt. Lipſ. *monit. & exempl. Polit.* lib. 1. cap. 5. foi viſitado Bruto, marido de Porcia, do ſeu *Genio*, e perguntando-lhe quem era? lhe reſpondeu que ſe tornaria a ver nos campos Philippicos; e antes da batalha que nelles ſe deu, em que Bruto foi morto, cumprio o *Genio* a ſua palavra.

Póde-ſe dizer que repreſentando aqui o *Genio* a inclinaçaõ propria, que naõ he veroſimil dar-ſe figura humana a huma qualidade abſtracta; porém os pintores eſtaõ continuamente pintando eſtas figuras, como v.g. a Prudencia, a Juſtiça, *&cet.* e aos poetas concede o Meſtre Horacio na ſua Arte poetica a meſma licença que ſe permitte aos pintores: Além de que naõ he novo na hiſtoria eſte apparecimento de qualidades abſtractas em figuras humanas. Conta Plinio Junior epiſt. 7. ad *Surám.* que a Q. Curcio Rufo lhe apparecera huma mulher, que lhe diſſe que era a Africa, annunciando-lhe o futuro governo deſta Provincia. O que aqui era eſte *Genio* ſe verá no ultimo livro, quando deſappareceo do Lado do Heróe.

Que Anjo foſſe o deſejo, pertendia:
Mas taõ alto favor naõ preſumia.

Ao diſcurſo lhe vem, que ſer podeſſe
A propria inclinaçaõ; mas que tiveſſe
Figura humana, todo o ſeu deſvello
Naõ podia fingillo, ou comprehendêllo.

Neſta confuſa ideia ſuſpendido,
Rompe as imagens do velôz ſentido,
Entregando o valor de tanto affecto
Aõ nobre execuçaõ do ſeu projecto:
Deſata o ſuſto, a duvida deſpreza,
E obedece ao clamor da illuſtre empreza.

* Depois de hum largo, laborioſo curſo,
Se offrece entre as fadigas do diſcurſo
† Hum boſque, taõ funeſto, e emmaranhado,
Que nunca o Sol o tinha penetrado
Com ſeu brilhante incendio: a noite eſcura
Fazia aqui morada, ou ſepultura.

Carregavaõ-ſe os ramos com o pezo
Das indigeſtas ſombras: no deſprezo
Das luzes, ſuſpirava o tronco enorme:

O

* *Depois de hum largo.* Allegoriza-ſe a difficuldade de ſe acharem os *Atheos*, pela conſideraçaõ de ſerem muito raros os que caiem neſte abſurdo.
† Toda a deſcripſaõ deſte boſque he huma allegoria da eſcuridade, e ſonolencia, em que ſe acha o diſcurſo dos que ſeguem o *Atheiſmo*, por ſer taõ patente a evidencia que tem o entendimento humano de que ha huma Cauſa ſuperior.

O vento ſe apalpava: adormecia
Em profunda modorra o negro dia:
Tudo taõ ſonolento, taõ conforme
A' feia cerraçaõ, que inda hum ribeiro,
Rebalſado n'hum circulo groſſeiro,
Parecia, infeſtando o rudo monte,
Reproducçaõ da Eſtygia, ou de Acheronte,
Formando de ſeus halitos medonhos
Fantaſmas triſtes entre horriveis ſonhos.

Hum phoſphoro nitroſo, e quaſi extinto
Palpitava no infame Labyrinto:
Nos deliquios da luz ſe repreſenta
A névoa inda mais torpe, e corpulenta,
Fingindo as refracçoens do opaco enredo
Mais feio o eſpanto, mais turbado o medo.

Neſta horrenda, exquiſita ſoledade,
Que indigna pareceu de humano hoſpicio,
Vivia alguma gente, que à vontade
He que vota ſómente o Sacrificio:
Da torpe habitaçaõ deſtes horrores,
Horriveis, e ſacrilegos Cultores
* Eraõ os Hottentots; vivendo em tanta
Miſeravel cegueira, e pondo a planta,
Sem nunca ver o Ceo, taõ diſſolutos,

Que

* Eſtes barbaros já vem nos mappas modernos: Vivem da meſma ſorte que os brutos.

Que em fórma de homens, pareciaõ brutos.

Regía a turba deſte povo necio,
Huma vez † Epicuro, outra †† Lucrecio;
Unia a ſociedade tenebroſa,
††† Ou LiszinK, ou Vanini, ou (†) Eſpinoſa:
Naõ que foſſe Eſpinoſa, nem Vanini,
Ou LiszinK, ou Lucrecio, ou Epicuro;
Mas outros, que aceitando o dogma impuro,
Tomaraõ neſte barbaro aphoriſmo
Os nomes dos Autores do Atheiſmo.

Vinhaõ de novo alguns, que conduzia
Para a meſma inſenſata companhia

A

† *Epicuro.* He dos famoſos philoſophos da Antiguidade: Foi natural de Athenas; e eſtá na opiniaõ de que enſinara que o ſummo Bem conſiſte nos deleites mundanos. Começou a philoſophar de doze annos, e fundou a ſeita Epicurea. Outros dizem que Ariſtippo, fundador da ſeita Cyrenaica foi o que levou eſta doutrina. Diogenes Laercio defende a *Epicuro* deſta accuſaçaõ: S. Jeronymo tambem o defende; e quem mais o patrocina he Pedro Gaſſendo. O Syſtema dos Atomos eternos propende muito para o penſamento de negar hum Ente Superior. Naſceu na Olympiada 179: Dizem outros que na 109. Dos livros que compoz traz o Cathalogo Diogenes Laercio no ſeu Livro XI.

†† *Lucrecio.* Tito Lucrecio Caro naſceu de huma illuſtre familia em Roma: Eſtudou em Athenas. Foraõ ſeus meſtres Zeno, e Phedro, que eraõ Sectarios de *Epicuro.* Daqui bebeu *Lucrecio* a Opiniaõ da eternidade dos atomos. Sua molher Lucillia arrebatada de huma paixaõ cioſa, lhe deu a beber hum philtro, que o fez phrenetico. Nos lucidos intervallos he que compoz os ſeus ſeis Livros poeticos de Natura. Contra eſtes Livros eſcreveu hum Poema Latino o Cardeal de Polignac, que intitulou *Anti-Lucrecio.* He das obras de maior eſpirito, que nos tem dado a Naçaõ Franceza. Morreu *Lucrecio* de 43. annos e nos 701. da fundaçaõ de Roma, e precedeu pouco tempo a Cicero.

††† *Liszink.* Caſimiro Liszink foi Polaco: e condemnado em Polonia ao incendio por ſeguir o *Atheiſmo*: Foraõ as ſuas cinzas metidas em hu-

A penna infauſta, o miſero deſvello
Das nefandas liçoens de ~~ Machiavello.

Suſtentava-ſe a plebe mais groſſeira
Em hum lugrebe ſono: a ribanceira
Das encharcadas agoas, tinha troncos,
Onde dos ramos àridos, e broncos
Pendiaõ varios pomos; que o ſuſtento
Aos menos rudes davaõ; ſem que o alento
Podeſſe reſtaurar no fructo amargo
A torpeza infelîz deſte Lethargo.

Pomos, e troncos tem a ſemelhança
Do fraudulento Lotho; onde a lembrança
Da patria ſe eſcurece: a goma impura,
Que deſtilla eſta funebre eſpeſſura
He quaſi como o Opio; e ſó de abono,
Ou de deſculpa ſerve a tanto ſono;

Eſtan-

ma bombarda, e as diſpararaõ para a parte, que olhava para a Tartaria; querendo moſtrar por eſte modo eſta Naçaõ, que nem a memoria queria de taõ inficionadas reliquias.

Vanini. Julio Ceſar Vanini natural da Apulîa, foi tambem queimado em Toloſa de França pelo meſmo *Atheiſmo* no anno de 1619. Seguio a Philoſophia de Ariſtoteles, que eſtudou pelos Commentos de Averrhoes; e delles beberia o veneno; porque tambem dizem que eſte Arabe ſe apartara de toda a religiaõ; porque achava a Catholica por impoſſivel com o Myſterio da Euchariſtia: a Judaica, por impertinente pelas ſuas muitas Ceremonias: e a Mohematana por religiaõ de brutos; porque ſó attendia ao deleite dos ſentidos. Contaõ de *Vanini*, que principiando achama a apoderarſe-lhe do corpo, exclamara: *O mon Dieu!* o Jeſuita, que lhe aſſiſtia ao ſupplicio, lhe perguntou: Como chamava por Deos, ſe naõ o conhecia? Reſpondeu: *Que era modo de fallar.*

Eſtancia de huma Circe, em que mudados
Noutras fórmas os homens deſcuidados
Vivem neſte Embriaõ, neſte jazigo
Ignorantes do premio, e do Caſtigo.

Que triſte, miſeravel gente he eſta?
Pergunta o Peregrino; taõ moleſta,
Inda mais, do que aos olhos, à memoria?
Gente naõ; diz o Genio: ſe o parece,
Certamente o naõ he, negando a Gloria,
O Abyſmo, a Alma, e Deos: Quanto envilece
(Pondéra o Peregrino) eſſe conceito
A Natureza humana! O' gente infame,
Que reprovando eſtás o altivo effeito
Deſſe teu proprio Ser, por mais que clame
Tanto impulſo interior, tanta eloquencia
Da meſma tua ſingular eſſencia!

Negas, O'cego, a Cauſa Primitiva; Don-

(†) *Eſpinoſa.* Bento Eſpinoſa foi Hebreo, e profeſſor da lei de Moyſes, que tambem ſeguiraõ ſeus Pais: Por cuja cauſa fugio de Portugal para Amſtardam: Conhecendo alli a Synagoga, e vendo o pouco fundamento com que os Rabbinos explicavaõ o texto, deſprezou com eſſa lei todas as mais religioeus, e ſe reduzio á loucura do *Atheiſmo*: Dizem que hum Alemaõ, meſtre de Grammatica, lhe communicara eſte delirio, que ainda naõ tinha aos trinta annos da ſua idade, como ſe conhece da demonſtraçaõ Geometrica dos principios de Deſcartes. A Philoſophia Carteſiana tem eſte máo Condiſcipulo; aſſim como em Averrhoes, e em *Vanini* os tem a Peripatetica. Com qualquer eſtudo ſe póde perverter o diſcurſo humano.

÷ *Machiavello.* Nicolaõ Machiavello naſceu em Florença: Teve boa reputaçaõ ſendo Secretario deſta Républica. Foi ao depois accuſado em duas conſpiraçoens contra a Caſa de Medices. Cahio por eſte, e outros

Donde Ceo, Mar, e Terra ſe deriva?
Eſſa origem felîz, de que procedes,
Deſconhecer pertendes? Quanto medes,
Quanto julgas do Abyſmo até o Empyreo
Nas toſcas apprehenſoens da tua ideia,
Quanto vêz neſſa maſſa produzida,
Ou ſeja inanimado, ou tenha vida:
Quanto no valle eſtá, quanto no monte:
Quanto germîna o Prado, e rega a Fonte,
Refreſca o Boreas, vivifica Phebo:
Tudo o que a brange a Luz, e eſconde o Herébo,
Tudo tem o ſeu Ser, impulſo, e pauſa
De huma Primeira ſoberana Cauſa.

Naõ pódes duvidar que ha muitas coizas,
Que tiveraõ principio na exiſtencia:
A tua meſma fraca intelligencia,
Me deve conceder que naõ podiaõ
Ser cauſa de ſi proprias: * Se exiſtiaõ,
Outra as fez exiſtir; pois bem ſe alcança

deſaſtres em miſeria de bens, e de juizo, abraçando o *Atheiſmo*; de que daõ baſtante prova os ſeus livros. *Carlos Frederico Rei da Pruſſia* lhe fez huma excellente impugnaçaõ ao *Tractado do Principe*, que imprimio *Franciſco Koltaire*. Morreu *Machiavello* de huma purga, que tomou fóra de tempo no anno de 1528. ou 29.

* *Quidquid eſt mutabile, & contingens, creatum eſt, aut increatum: Si creatum, ergo oportet eſſe conditorem omnium rerum mutabilium, & contingentium: Si increatum; ergo non contingens, ſed immutabile; quoniam non poteſt eſſe mutationi ſubjectum, niſi quod eſſe capit à mutatione.*

Div. Joan. Damaſc. lib. 1. de Fid. orthodox.

Que o que ainda naõ he, naõ tem virtude.
Para fazer que alguma coiza ſeja:
Metido neſta meſma ſemelhança,
Por mais que a tua comprehenſaõ eſtude,
Fica tudo o que intentas, que ſe veja
Nas meſmas producçoens: Nunca procedem
De ſi proprias: há cauſa, que as produza:
Huns a outros eſtimulos ſuccedem:
Pois ſe ha alto Principio, que os deduza,
Ou hás de confeſſar Cauſa Primeira,
Donde emane eſta ſerie verdadeira,
Ou admittir com ruſtico delito
O * proceſſo de hum circulo infinito.

Junto da raia, que divide a Selva,
Fazendo leito da viciоſa relva,

Atten-

* *In rerum naturâ eſt primum aliquod movens omnia alia, quod ipſum à nullo movetur. Omnia enim, quæ moveri experimur moventur ab alio: Quod enim movet eſt actu, & quod movetur eſt in potentia: & nihil eſt ſimul in actu, & potentiâ ad idem. Omnis, autem motus ejus, quod movetur ab alio, debet neceſſario venire ab aliquo primo movente immobili moventis prioris: Sicut baculus non movet lapidem niſi per hoc, quod eſt motus à manu: neque poteſt in hoc eſſe proceſſum in infinitum; quia tunc nullus eſſet motus, cum nunquam terminari queat proceſſus in infinitum.*

Ariſtot. Phyſic. 7. & 8. & Metaphyſ. 9.

Res aliquas eſſe, quæ eſſe cæperint, ſenſu ipſo, & confeſſione omnium conſtat. Ea autem res ſibi non fuerunt cauſa, ut eſſent; nam quod non eſt, agere non poteſt, nec ipſa res eſſe potuit antequam eſſet: ſequitur igitur ut aliunde habeant ſui originem; quod non tantum de illis rebus, quas ipſi aut conſpicimus, aut conſpeximus fatendum eſt, ſed & de his unde illæ ortum habent, donec tandem ad aliquam cauſam perveniamus, quæ eſſe nunquàm cæperit.

Hug. Grotius lib. 1. de Veritat. Relig. Chriſtian.

Attendeu Epicuro ao que dizia
O douto Peregrino; e reſpondia:

Todas as coizas, que ſe vem criadas
Se podem conceber encadeiadas
N'huma voluvel connexaõ, aonde
Cada fuſil ſe move, e correſponde
Mutuamente entre ſi: Neſte concurſo
Se eſcuſa de admittir tanto o diſcurſo
De huma Primeira Cauſa, como o exceſſo
Da extençaõ infinita do proceſſo.

Naõ vês (lhe diz o ſabio Peregrino)
Neſſe teu enredado deſatino,
Que eſſas partes de ſi naõ ſe produzem,
Nem que impulſo reciproco as dilata?
Tudo quanto eſſe circulo retrata
Naõ he mais que huma ordem pertencente
A'ſua connexaõ: Impertinente
Prova ſerá, ſe tem principio occulto,
O dizer, que o naõ vês: Eu te conſulto
De outro modo mais facil: Neſta areia
O circulo debuxa; e tendo a ideia
De como o traçarás mais certo, e pronto;
No principio hás de pôr ſomente hum ponto;
Outros riſcando hirás junto ao primeiro,
Até pores o ponto derradeiro;

Dirás entaõ com boa conſequencia
Que algum ponto naõ teve precedencia?

Dou-te que em hum eſpaço indeſignavel
Finjas outra cadeia interminavel;
E os ſeus meſmos fuzîs tambem te admitto
Que poſſaõ dilatarſe no infinitò:
Sempre ſerá preciſo que preſumas
Que inda neſſa fingida infinidade
Se naõ há onde prendaõ tantas ſummas
Das meſmas collecçoens, a gravidade
Moſtraria, a pezar deſſa diſtancia,
Da ſua ſubſiſtencia a repugnancia.

Já ſabes que eu concebo (inſta Epicuro)
Hum immenſo vaſio; e que procuro
Que aos atomos, que o medem, ſempre aſſiſta
Tendencia de baixar; e que conſiſta
No empenho de ajuntarſe a variedade
Das muitas formas, que na immenſidade
De tantas producçoens o Mundo encerra
Sejaõ no Ar, no Ceo, no Mar, na Terra:
Cauſa primeira aos atomos concedo;
Ao ſeu tendente, repartido enredo
Chamo cauſas ſegundas; donde infiro
Que eſſa Primeira Cauſa, em que o retiro

Fa-

Fazes do teu diſcurſo, imaginaria
Sò pode conceberſe neſta Varia
Collecçaõ do Univerſo; e ſe he preciſa,
Donde ſe encontra? Donde ſe diviſa?

Laſtima tenho (o Peregrino acode)
Que o teu toſco diſcurſo * ſe accommode
A querer penetrar, com viſta cega,
O immenſo reſplandor, em que navega
Taõ ſoberano Objecto: abate o alento
No abyſmo do teu proprio penſamento:
E reſpondendo aos atomos, que inculcas,
Se ſe movem por linhas paralélas,
De balde em teu ſyſtema te deſvéllas;
Porque, hindo todos por direita Via,
Nunca ſe há de lograr a companhia:
De huns atomos com outros neſſe eſpaço,
Que riſcas no diſcurſo, nem o Laço
Que dá o ſer ás formas; pois ſe obſerva
Que a linha paralélla ſe conſerva,
Por mais que ſe dilate, ſem tocarſe
Com a linha de identica figura:
E ſe as linhas, talvês, podem curvarſe,
He contra a tua meſma conjectura;

* *Nemo iſta præ unum Leucippum ſomniavit, à quo Democritus eruditus hæreditatem ſuitiæ reliquit Epicuro.* Lact. Firmian. lib. *Divinar. Inſtit.* III. cap. 17.

Pois aos atomos dás innato affecto
Para tenderem com impulſo recto.

Lucrecio, que a Epicuro a companhava,
Reſponde ao Peregrino, que ſe dava
Hum ente firme, donde, em toda a idade
Se poſſa produzir tanta entidade
Como nos moſtra a vaſta Natureza:
Que he grande confuſaõ, ſumma fraqueza
Preſumir, no que a ideia naõ repouſa,
Que do nada ſe faça alguma couſa.

Sim:* do nada, he que Deos fez a materia;
O Peregrino diz: Quem o duvida,
Dirá que eſſa materia he Divindade,
Ou feita de ſi meſma, ou produzida.

Dos atomos recorro à eternidade;
Epicuro lhe torna: Aqui ſe funda,

Tan-

* *Stratonis Lampſaceno* diſſe que o Mundo fora ingenito, que pela ſua propria virtude exiſtira ab *æterno*. *Plataõ* com os *Eſſoicos* confeſſou que o Mundo fora feito por Deos, porém de materia incriada, e coeterna com o meſmo, Deos. Os antigos *Peripateticos* affirmáraõ com *Ariſtoteles* que Deos naõ criara o Mundo ab *æterno* por voluntario arbitrio, mas por precisa neceſſidade. Os *Epicureos* enſinaraõ que o Mundo ſe conſtruira, pela caſual concorrencia dos atomos que ſuppunhaõ ingenitos. A *Religiaõ Catholica* nos propoem, que do nada he que Deos fizera o Mundo, ou a materia, de que o formou: He text. expreſſo no lib. 2. dos Machab. Cap. 7. *Peto nate, ut aſpicias ad Cœlum, & terram, & ad omnia, quæ in eis ſunt, & intelligas quia ex nihilo fecit illa Deus.*

Tanto a cauſa effetrîz, como a ſegunda:
Os atomos perpetuos, e inſectiveis,
Saõ hum principio certo, e neceſſario,
Que daõ ſer aos periodos viſiveis;
Humas vezes conſtante, ſe outras vario,
De que todos os entes ſe originaõ,
Em que todas as fórmas ſe combinaõ.

Olhai; o Peregrino lhe reſponde:
Que os atomos na ſua propria eſphera,
Huns mais ſolidos ſaõ, outros mais fundos, *
Outros mais lentos, outros mais rotundos:
Huns cubicos fingîs, ou triangulares,
Outros de mui diverſos exemplares:
Vede que ſempre em colliçoens activas
Se tocaõ, comtendencias ſucceſſivas,
Se talvez os naõ quebra, ou desfigura
Eſta ſempre continua Limadura;
E por mais inſectiveis, e valentes,
Naõ ſaõ, como os fazeis, taõ preſiſtentes.

Dado que a ſolidêz ſeja perfeita,
E que eſta os faça origem, cauſa, ou fonte

* *Les corpuſcules d'Aſclepiade ètoient imperceptibles aux ſens, & extrèmèment déliès, diviſibles, frageles ſujets à augmentation, & à retranchement, & à prendere de nouvelles figures par le froiſſement, au lieu d'ètre indiſſolubles, & inaltèrables comme ceux de Démocrite, & d'Epicure.* Marq. de S. Aubin, Trait. del' Opin. p. 1; com. 3; liv. 4; art. 115.

De tudo o que no Mundo a viſta aceita
Nas varias fórmas, que ſe pôem defronte;
Tambem ſerá de vós bem entendida
A certeza formal, que percebida
A ſolidêz naõ he, ſem que o contato
Se conceba dos entes no apparato;
O qual na multidaõ deſtes objetos
Só ſe dá com os corpos já concretos;
Que he quando as meſmas partes ſe procuraõ,
Se ajuntaõ entre ſi, e configuraõ:
E ſe da ſolidêz póde infirir-ſe
Huma eterna exiſtencia; produzir-ſe
A meſma eternidade entaõ podéra
N'algum corpo concreto, que eu ſoubera,
Que era ſolido, e firme, ſe o tocara:
E eſte corpo daria ideia clara,
Ou certeza efficaz ao penſamento
De outro igual inſectivel elemento;
E podiamos ter a liberdade
De pôr n'hum graõ de chumbo a eternidade.

Ao lado de Epicuro, e de Lucrecio,
Com eſta propria imagem tenebroſa
Tambem ſe ouvia a inſtancia de Eſpinoſa: *
Diz;

* *O Atheiſmo de Eſpinoſa* conſiſtia no fundamento de que o Mundo exiſtia porſi meſmo, e que eſte Mundo era Deos, aonde naõ havia mais do que huma ſó ſubſtancia; donde ſe vinha a ſeguir que todas as particulas da materia eraõ porçoens da Divindade; ſe naõ ha mais que hum

Diz: que em todo o concurſo das Eſcholas,
Italianas, Francezas, Heſpanholas,
Se define a *Subſtancia* por hum *ente*,
Que ſó por ſi ſubſiſte: Contingente,
Ou producto naõ he deſta maneira:
Logo ideia infelîz, noçaõ groſſeira
Se ha de julgar aquella, que pretende,
Exiſtindo por ſi eſta ſubſtancia,
Tiralla deſta natural conſtancia,
Para que huma ficçaõ incomprehendida
A faça contingente, ou produzida.

O experto Peregrino lhe concede
Eſta definiçaõ; e entaõ lhe pede
A advertencia tambem de que ſe aceita
No dialectico eſtylo; e ſe regeita
Na ſeria comprehenſaõ de hum ſer errante,
Que

ſó ſubſtancia, e eſta ſubſtancia he Deos, ella ſe deve conceber groſſeira, e material, livre, e forçada, activa, e paſſiva, venturoſa, e infelice, e ſogeita às mais differentes, e repugnantes modificaçoens, reunindo em ſi, o bem, e o mal, o vicio, e a virtude, o conhecimento, e a ignorancia, a reſtricçaõ, e a infinidade, o dominio, e a ſervidaõ, e todas as incompatibilidades mais deſproporcionadas, e contradictorias. Eſte abſurdo ainda he mais monſtruoſo, que o do Paganiſmo; pois ſe eſte fez combater entre ſi a potencia dos ſeus Deoſes, os ſuppunha de ſubſtancias differentes, e aqui combate a meſma ſubſtancia comſigo meſma, conciliando as maiores oppoſiçoens, contrariedade, e diſcordias.

Mais nous aurions beau parcourir touts leſpáis, toutes les ſectes, touts les auteurs, nous ne trouverons rien de plus inſenſé que le Spinoſiſme; diz o Marq. de S. Aubin. Trait. de Popin. p. 1; tom. 2; lib. 3; art. 8.

Vela opinion

Que ſe muda, ou ſe perde a cada inſtante.

Accidente ſe chama ao que naõ póde
Subſiſtir, ſem ſogeito, que o accommode:
Subſtancia, à que ſubſiſte, ſem que ſeja
Preciſo outro ſogeito, em que ella eſteja:
Eſta he ſó a razaõ porque nas Aulas
Eſta phraſe, eſte eſtylo ſe conſente,
Diſtinguindo *a ſubſtancia* do *accidente*.

Finge na tua eſſencia eſſa *Subſtancia*
Subſiſtente por ſi: Mas que conſtancia
Preſumes que terá? A Parca dura,
Reduzindo-te a pó na ſepultura,
Te moſtrará o engano: Se a tiveſte

Foi,

Muitos ſeculos antes que appareceſſe *Eſpinoſa* no Mundo tinha *Lactancio* combatido eſte delirio: Se tudo aquillo que nós vemos (diz elle no lib. 7.) he Deos, a divindade he hum compoſto de partes corruptiveis, e caducas: os membros de Deos ſaõ expoſtos a huma cruel violencia; pois quando abrimos as montanhas, ou quando nos metemos pelas entranhas da terra, ou quando a raſgamos com a lavoura, tudo iſto faria que fizeſſemos em pedaços os membros de Deos S. Agoſtinho proſeguio o meſmo combate, de *Civit. Dei* lib. 4. cap. 12. & 13.

Eſpinoſa tomou eſte barbaro conceito de alguns Philoſophos antigos: *Cicer.* lib. 1. *de natur. Deor.* nos diz que tambem *Cleantes* o propuzera. *Plinio* nos deixou eſcripto; *Per quæ haud dubiè declaratur naturæ potentiam id quoque eſſe quòd Deum vocamus*; e no lib. 2. cap. 1. *Mundum Numen eſſe credi par eſt: æternum, immenſum, neque genitum, neque interiturum unquam.* Senec. na Epiſt. 92. foi da meſma opiniaõ. *Totum hoc quo continemur, & unum eſt, & Deus; & ſocii ejus ſumus, & membra.* Aceitou eſte meſmo abſurdo a intelligencia de Lucano, liv. 9. da Parſal.

Juppiter eſt, quodcunque vides, quocunque moveris.

Foi, porque de teu Pai a recebeſte,
Teu Pai, de teu Avô: Chega comigo,
Dos teus, ao aſcendente mais antigo:
Figuremos Adam: De quem procede
Eſta râiz? Tem Pai aquem ſuccede?
Se o teve, eſtás no circulo infinito:
Se o naõ teve, confeſſa o ſacro eſcrito,
Para ver que eſte authentico treſladó
Deſta Primeira cauſa foi tirado.

Paſſa ao tronco, ao penhaſco, ao bruto a ave,
E tudo ao mais que houver, ou leve, ou grave;
Acharás eſta meſma excelſa origem:
Eſte foy o argumento com que todos
Tem conhecido, emfim, por varios modos
A Cauſa Superior, que nos governa
Com huma regra, e diſcripçaõ eterna.

Os Aſſyrios, os Gregos, os Romanos,
Os Chaldeos, os Egypcios, os Germanos,
Francezes, Heſpanhoês, Indios, e Perſas,
Ethyopes, Hebreos, Sarmatas, Turcos,
Tapuias, Schytas, Tartaros, e Chinas,
E a mais remota gente a que imaginas
Que chega a lûz do Sol; * todos conhecem

Hum

* *Potiùs conſpiciendum, ſine ſole Urbem, quam ſine Deo, ac religione.* Plutarco.

Hum altar, ou hum culto, em que agradecem
A' Deidade, em devotos Sacrificios,
A continua extenſaõ dos beneficios.

Nem me digas que ha povo, que inda ignora
O verdadeiro Nume neſte culto,
Pois aqui fallo ſó de quem adora;
Que deſſa idolatria o feio inſulto,
Reconhecendo a Deos, eſſe reſpeito,
Seja qualquer for, nos prova † eſte conceito.

No que todos convém, ninguem diſputa
Que ſeja verdadeiro: * huma conduta,
Que influe a Natureza, naõ engana:
E naõ faz contra ella eſſa profana,
Extravagante ideia dos que inſiſtem
Em negar que há hum Deos: elles reſiſtem
Ao ſeu meſmo diſcurſo; e ſaõ taõ poucos, †
Que ſe podem chamar neſta Vileza
Abortos da corrupta Natureza.

Naõ

† *Ab orbe condito ſemper Deum in theſi omnes gentes coluerunt* :::: *Verùm erravunt plerique in hypotheſi.* Beyerlink, magnum theatr. Vit. Human. tom. 1 verb. Atheiſ.

* *Quod univerſis videtur, verum eſt.* Ariſtot. lib. x. Ethicor.

† *Exceptis paucis, in quibus Natura nimium depravata eſt, univerſum genus humanum Deum hujus Mundi fatetur Auctorem.* D. Aug. in Joan. Tract. 106. *Eo ipſo quòd homo rationalis eſt conditus, debet ex ratione colligere, eum, qui ſe condidit, Deum eſſe.* Greg. magn. lib. 17. Moral. cap. 3. *Nemo negat, quia nemo ignorat quod ultrò natura ſuggerit, Deum eſſe univerſitatis conditorem.* Tertull. lib. *de Spectac.* cap. 2.

Naõ trabalhes em vaõ contra a exiſtencia
De huma ſuprema cauſa: a intelligencia
Te baſta para veres os abſurdos,
Que deſta negaçaõ ſe precipitaõ:
Todos os teus cuidados ſe achaõ ſurdos
Se naõ ouves as vozes com que gritaõ
Lá dentro de ti meſmo eſſes alentos,
Que combatem teus proprios penſamentos.

Confeſſa hum Deos perfeito, hum Deos amavel,
Simpliciſſimo, Eterno, inexplicavel,
Verdadeiro, infinito, ſummo, immenſo;
Que premeia, e caſtiga, e ſempre aſſiſte
A tudo o que ſe faz, ſe ordena, e exiſte:
Se em todos naõ houvera eſte conceito
Quem podera eſtar nunca ſatisfeito
Do ſeu bom Coraçaõ? como o Tyrano
No ſeu procedimento deshumano
Verdugo occulto de ſi meſmo fora? †
Em que maldades a paixaõ traidora
Da inquinada ſemente naõ cahira? *

Que

† *Sua quemque fraus, & ſuus terror maximè vexat. Suum quemque ſcelus agitat, amentiáque afficit: ſuæ malæ cogitationes, conſcientiæque animi terrent. Ea ſunt impiis aſſidua, domeſticæque furiæ.* Cicer. pro Roſc. Amærino.

Nam quis juſtitiæ locus, aut quæ regula morum
Eſſe poteſt, dum nil præcepit quod legibus æquis
Contingat mortale genus?——————
Poligu. Anti-Lucret. lib. 1. à verſ. 126.

Que homem houvera, que domaſſe a ira,
A ſoberba, a luxuria, a gula, a enveja?
Tudo ſeria horror, tudo peleja:
Naõ haveria mais, que força injuſta:
Venceria a violencia mais robuſta:
A páz, e a manſidaõ, na furia brava,
Gemeria entre ferros como eſcrava.

Tira os olhos da terra, * olha que ês homem;
Dos brutos te diſtingue, onde a figura
Só ao paſto os deſtina: ergue o ſemblante,
Repara neſſa excelſa arquitectura: †
Preſcinde dos ſyſtemas: †† ſe he conſtante
Eſte globo terraqueo, ou vagabundo:
Se com ſeu giro o ſol rodeia o Mundo,
Se a Terra hê que nos faz a noite, e o dia
Com o ſeu movimento: A'fanteſia

De

* *Pronaque cum ſpectent animalia cætera terram,*
Os homini ſublime dedit, Cœlumque tueri
Juſſit, & erectos ad ſidera tollere vultus.
Ovid. lib. 1. Metam. è verſ. 84.

† *Quid enim eſſe poteſt tam apertum, tam perſpicuum, cum Cœlum ſuſpeximus, Cœleſtiaque contemplati ſumus, quam eſſe aliquod Numen præſtantiſſimæ mentis, quo hæc regatur?* Cicer. lib. 2. *de Natur. Deor.*

†† Saõ trés os Syſtemas Aſtronomicos. O que poem a Terra eſtavel, e dá o curſo ao Sol entre os Planetas hé o ſyſtema antigo que ſe attribue a *Ptolomeu*, naõ porque elle o inventaſſe, pois hé ideia dos *Egypcios*, e *Chaldeos*, mas porque o adiantou e melhorou. Admite onze eſferas, pois alem das ſete em que reparte os Planetas, conta o Firmamento, o Ceo criſtalino o primeiro, e ſegundo Movel, e o Empyreo. Viveu *Pto-*

De que ſaõ onze, ou tres os orbes puros:
Dos Planetas o impulſo, a côr, o eſtado
Aos Aſtrologos deixa eſſe cuidado:
Os circulos Polares, os Coluros,
As zonas, parallaxe, aſpectos, clymas,
Refracçoens, Equinocios, e Solſticios,
Naõ to quero explicar, bem que ſe conte
Eſta indelevel ordem nos indicios
De hum Supremo Motor; e nâõ ſe attenda
Mais que a toda eſſa fabrica eſtupenda:
Vês ſempre o Sol naſcer no ſeu oriente,

E

meu no principio do 2. ſeculo: Antes delle tinha *Hipparco* trabalhado muito neſte ſyſtema, e depois delle *Affonſo* decimo Rei de Caſtella, chamado o ſabio, e author *das Taboas Affonſinas*.

O ſegundo Syſtema hé oppoſto ao do *Ptolomeu*, porque poem o Sol immovel no Centro do Mundo, e movel a Terra. Attribueſe a *Pythagoras*, mas hoje conſerva o nome de *Copernico*, porque o renovou, e illuſtrou *Nicolaõ Copernico* natural de *Thorn*, e Conego de *Warmia*, que floreceu no principio do ſexto ſeculo.

O terceiro Syſtema hé huma conciliaçaõ deſtes dois: o ſeu author foi *Ticobrahe* gentil homem *Dinamarquez*, muito eſtimado de *Chriſtiano* IV. viveu no ſeculo decimo ſexto. Poſſe dar o nome de 4. ſyſtema ao de *Renato Deſcartes*; que admite tres elementos. 1. de materia ſubtiliſſima. 2. de materia globuloſa. 3. de materia eſtriada. Suppoem em cada Planeta hum redemoinho, a que chama *turbilhaõ*; com que pretende explicar todos os Phenomenos da Natureza. Porem eſte ſyſtema de que o ſeu author pretendeu fazerſe original, ſe vê com baſtante clareza em *Diogenes Laercio*, que fora concebido por *Leucippo*, e antes de *Deſcartes* já tinhaõ propoſto a doutrina dos turbilhoens *Jordaõ Bruno*, philoſopho Napolitano; e *Joaõ Keplero*, famoſo matematico de *Alemanha*. Morreu *Deſcartes* na *Suecia*, anno de 1650. para onde o tinha convocado a Rainha *Chriſtina*.

O meſmo *Diog. Laert.* in *Epicur.* traz huma carta deſte Philoſopho a *Pytocles*, em que ſe concebe com baſtante clareza o conceito dos turbilhoẽs Cartezianos. *Archelau* referido pelo meſmo *Laercio* conſpi-

E no Mar encobrir a aurea face? †††
Que contra as ſombras outra véz renace,
E torna a ſepultarſe no Occidente,
Alternando na regra ſempre inteira
Com dia, e noite a eſplendida carreira,
Sem haver hum momento, em que deſminta
A lei preciſa da dourada Cinta?

Vês a Lua, jâ cheia, jâ mingoante,
Quatro vezes mudando o ſeu ſemblante
Em regulado tempo; ſem que altere
Eſta regra immortal, ☾ ou ſe acelere,
Ou ſe detenha na diuturna empreza?

Vês

ſou com eſte penſamento; e eſſe foi tambem o de *Platam* referido por *Marcello Palingenio*, o qual renovou eſta phyſica no ſeu Zodiaco:

Stellæ autem ſine, (veluti Plato maximus inquit)
Quæque ſuum circa centrum volvuntur ibidem.

Segundo o Illuſtriſſimo Huet, q. Aluet lib. 2. cap. 5. pag. 141. a opiniaõ de *Renato* de que a materia, e a extenſaõ eraõ identicas, foi tirada de *Timeo de Locrenſ.* por cuja cauſa diz o Marquês de S. Aubin, que *Deſcartes* quando appareceu com a ſua Philoſophia lhe chamaraõ *Novator*, e agora que lhe chamaõ *Plagiario*.

††† ——— *Quo ſe globus ordine noſter*
Luminis ad fontem vertat, noctesque, dieſque
Afferat ipſe ſibi. ———
Poligu. Anti-Luc. lib. 9. è v. 232.

Deus eſt, qui non mutatur in ævo.
Nunquam tranſverſas ſolem decurrere ad Arctos,
Nec matare vias, & mortum vertere curſus.
Auroramque novis naſcentem oſtendere terris,
☾ *Nec Lunam certos excedere Luminis orbes.*
Manil. lib. 1.

Vês eſſa immenſa, diafana grandeza
De ſcintilantes formas, ornamento,
Sem medida do Vaſto Firmamento,
Em que moſtra que pode inda a eſtructura
Lograr na multidaõ a formoſura?
Naõ imaginas que era neceſſario
Na excelſa inſtituiçaõ, que os Ceos governa,
Divino impulſo de huma mente ererna? (†)
Concebes que no eſtimulo ordinario
De humas cegas porçoens, ſe lograria
O acerto de taõ provida harmonia?

A portento máior já te convido:
Se hê que tens por ventura comprehendido
Que muitas vezes mais excede a eſtrella
Todo o globo terraqueo; em que diſtancia
Se nos moſtra eſta firme centinella
Deſſa celeſte, deſmedida eſtancia
Quando parece hum ponto á noſſa viſta?
Aſſombrate; e venera, O' Atheiſta,
Artifice taõ ſabio, e portentoſo;
E em quanto neſſe objecto luminoſo
Admiras tanto, ſingular deſenho
Inda te chamo a mais ſublime empenho.

C Adver-

(†) *Eſt enim aliquod ens perfectiſſimum, & ſapientiſſimum, á quo res omnes naturales in fines ſuos diriguntur. Videmus enim creaturas omnes ordinatè tendere in finem ſuum: á ſe autem, ipſis moveri non poſſunt cum ratione careant.* Thom. Le Blanc, Analyſ. Pſalm. tom. 1. Pſal. 3. art. 1.

Adverte nas eſpecies produzidas
Da meſma eſtrella aos olhos: há minuto
Em que as vejas aqui interrompidas?
Naõ vês a eſtrella ſempre? Que eſtatuto
Seria neceſſario para encher-ſe
A cada inſtante a altura deſſe eſpaço
De imagens tantas, que podeſſe verſe
Continuamente a lûz, ſem embaraço?
Se conheces acaſo êſte concurſo,
Paſme, e mude de intento o teu diſcurſo.

Paſſa a notar a lei inalteravel,
Que ſe obſerva na Maquina aſpectavel:
Olha a calma de Junho, Julho, e Agoſto; *
A fazaõ com que o Oitono eſtá diſpoſto;

O

* ---------- *Ut bruma poſt tedia mutet*
Veris delicias, eſtivos deinde calores,
Ac demum Autumni poma expectata feracis.
Polign. Anti-L. lib. 9. e v. 234.

Si eſſent, qui ſub terrâ ſemper habitaviſſent bonis, & illuſtribus domiciliis, quæ eſſent ornata ſignis, atque picturis, inſtructaque rebuſſis omnibus, quibus abundantii, qui beati putantur, nec tamen exiſſent unquam ſupra terram; accipiſſent autem famâ, & auditione eſſe quoddam Numen, & vim Deorum; unde aliquo tempore patefactis terræ faucibus, ex illis abditis ſedibus evadere in hæc loca, quæ nos incolimus, atque exire potuiſſent; cum repente terram, & maria, Cœlumque vidiſſent, nubium magnitudinem, ventorumque vim cognoviſſent, aſpexiſſentque ſolem, ejuſque tum magnitudinem, pulchritudinemque tum etiam efficientiam cognoviſſent, quod is diem efficeret toto cœlo luce diffuſa; cum autem terras nox opacaſſet, tum cœlum totum cernerent aſtris diſtinctum, & ornatum lunæque luminum varietatem, tum creſcentis, tum ſeneſcentis, eorumque omnium ortus & occaſus, atque in omni æternitate ratos immutabilesque curſus; hæc cum viderent, profectò & eſſe Deos, & hæc tanta opera Deorum eſſe arbitrarentur.
Cicer. de nat. Deor. lib. 2.

O humido frio do eſcarnado Inverno;
Da Primavera a doce ſuavidade:
Conſidera em taõ provido governo;
Pois d'hum a outro extremo naõ ſe paſſa:
Temperandoſe vai na propria eſphera
Do eſtio, Oitono, Inverno, e Primavera.

A terra com a chuva ſe humedece,
Na humidade, e quentura a planta crece:
Vem o Sol ao depois, que a fructifica;
O vento a alimpa, outro eſtimulo a ſazona;
E tudo ſe diſpoem, ſe communica
Por huma regra occulta, que ſe abona
Na continua experiencia: Quem a nega
Tem o juizo corrupto, e a viſta cega.

Na ſemente, * que á ſeára ſe deſtina
Nos teus meſmos diſcurſos imagina
Que eſtá toda eſſa eſpecie, que ſe aguarda:
Inda no grão mais fino da moſtarda
O microſcopio prova o que naõ cria

Semine quin etiam, ſobolis ſpem inpyxide clauſam,
Immatura quidem, ſed tota atque integra ſervat:
Amplificante vitro quæ ſi perſpexeris, ingens
Nec prius auditum ſubitò mirabere monſtrum:
Scilicet arboreos artus in acumine grani
Exiguo totos, diſtinctamque ordine pulchro
Radicem á ramis: Tum grana ſecunda videres
Protinus in primis, aliudque in germine germen.
Polign. Anti-L. lib. 7. é v. 1382.

A inculta, irregular Philoſophia:
O graõ fica na terra, ſem concerto
Na poſiçaõ do corpo vegetante;
Mas vem naſcendo aplanta taõ direita,
Que parece que eſtava vigilante
Para eſcolher a proporçaõ perfeita:
Caia de qualquer modo, ella ſe anîma;
E a creſcença trâz ſempre para cima.
Quem fez eſte prodigio? O torpe acaſo
Com que os atomos tendem para as fórmas?
Se com eſte conceito te confórmas,
Naõ pódes dar mais liquida evidencia
Da tua material intelligencia.

Reconhece eſſa planta já creſcida
Eſtendendo os ſeus braços pelo vento:
Adverte bem na copa preſumida
Com que intenta occupar outro elemento:
Florente eſtá, e logo carregada
Dos mais viſtoſos pomos: ſazonada
Em breve tempo a vês: aquelle ſuco
Que a alimenta, que a alegra, e reverdece,
Quem ſuppoens, que lho inſpira? O ſer caduco
De hum movimento fragil, que acontece?
Pode a combinaçaõ de atomos vagos,
Sem lei, ſem ordem, ſem vigor occulto,

Sem

Sem ſer movida de ſupremo indulto,
Fertilizar em hum, e em outro eſtio
Taõ verde pompa, taõ frondoſo brio?

Mas que intento com tantas maravilhas,
Quando tens em ti meſmo hum Macrocoſmo,
Que excede a todo o aſſombro, que te exclamo?
Eu te exhorto, eu te incito, eu te inflamo
A que vejas em ti todo o diſpendio
De hum alto influxo, de hum felîz compendio:*
Conſidéra primeiro no aphoriſmo
Deſſe teu encoberto mechaniſmo,
Deſſa hydraulica mole do teu corpo:
Olha como em oppoſto movimento
O recto, natural temperamento
Conſerva a connexaõ dos quatro humores
No encontro mais vehementes dos liquores!
Como circula o ſangue, como pulſa
O inquieto coraçaõ! Como repulſa,
Na ignea dyaſtole os impetos purpureos!
Como outra vêz na ſyſtole os reclama!
Como ſe abraza na continua chama!
Como o refreſca o ar, em que reſpira!
Como a todo eſſe mundo o alento inſpira!

* *Habet Deus teſtimonium totum id quod ſumus, & in quo ſumus.* Tertull. in Marcion. lib. 1. cap. 10.

Attende à travaçaõ dos ſeccos oſſos,
Em que os ſólidos firmaõ todo o empenho
Da ſua contextura: Olha o deſenho,
Com que os nervos, os muſculos, e entranhas,
Tendoens, arterias, veias, nas eſtranhas,
Firmes elaſtes do interior Combate,
Daõ impulſos aos liquidos, que ſobem,
Deſcem, circundaõ por canaes diverſos;
E já progredientes, já reverſos.
Entraõ por outros vaſos de taõ fina,
Taõ delicada, intrinſeca officina,
Que ſe o ferro anatomico os procura,
A penas os percebe a conjectura.

Nota agora eſſa externa ſymmetria
Com que foſte formado: deſafia
Os entes do Univerſo, a ver ſe o eſpanto
Aqui terminas em prodigio tanto:
Aqui vêz vegetar os teus cabellos,
Brilhar os olhos dilatar-ſe o riſo:
O narîz n'hum parentheſis conciſo
Proporcionar a Lamina vivente:
A face rubicunda, e tranſparente
Fingir a luz do matutino raio.
Ou deſſa flôr, que ſolemniza Maio.

Peſcoço, barba, orelhas, taõ compoſto,

Que

Que he jubilo, alegria, encanto, e gosto
Da admiraçaõ humana: attende aos braços,
A's pernas, maons, e pés, coxas, e peito,
Que mais sublime, singular sogeito?
Deves taõ luminosa preheminencia,
A' cega direcçaõ da contingencia? *

Sobe a mais alto objecto; naõ entendes?
Naõ cogitas tambem, e naõ pretendes
Quanto vês agradavel? naõ separas
O bom do mâo? naõ julgas? naõ reparas?
A os atomos naõ negas o discurso?
Pois como ha de fazer o seu concurso,
Que elle te possaõ dar o que naõ gozaõ?
Essas vagas porçoens da estancia aeria,
Bem que corpos subtis, naõ saõ materia?
Como pódem formar a faculdade
Na sua contingente escuridade
De hum ente, que discorre, que cogita,
Que decîde, que entende, que medita?
Estas operaçoens naõ saõ da alma?

* *Ingredere tu quisque es, etiam Athèe: Ingredere, quæso, sacram Balladis artem:::: An non etiam invitus exclamabis, O' Architectum admirabilem! O' opificem inimitabilem.*

And. Laurent. Histor. Anatom. lib. 1. cap. 6.

Stulte, ex operibus corporis agnoscis viventem; ex operibus creaturæ non potes agnoscere creatorem? D. Aug. in Psalm. 73.

Que ella poſſa acabar, ha quem o argua?
Quem? naõ tendo agente que a deſtrua?
Procedeu de ſi meſma? he impoſſivel:
He logo concluſaõ ſempre infalivel
Que procede de hum ſer mais admiravel,
Improducto, certiſſimo, immutavel.

Se hum atomo percebes, que naõ ſente
Percebe agora hum atomo vivente*
Huma pulga, hum moſquito: nelle obſerva
A meſma ſymmetria, que conſerva
A vaſta corpulencia do elephante:
Olhos, teſta, narîz, lingoa, peſcoço,
Ventre, pernas, e coxas, e outros membros,
Que tem as fórmas de huma eſpecie bruta:
Pela fabrica minima reputa
Dos nervos, e tendoens a ſubtileza:
Que fina natural delicadeza
Preſumirás nos muſculos, e entranhas,
Arterias, veias, e nos outros vaſos,

Que

* *Malèzieu* obſervou com o *microſcopio* alguns animaes viventes, que eraõ mais pequenos vinte e ſepte milhoens de vezes, que aquelles bichinhos, que roem a cera, e a farinha; e pela tranſparencia da ſua pelle recouheceu que tinhaõ entranhas, ovos, fetos, e huma eſpecie de ſangue, que circulava dentro do Corpo. Neſta inconceptivel pequenez ſe deſcobriaõ tambem os olhos, as veias, as arterias, hum coraçaõ, e hum cerebro, donde ſe diſtribuiaõ todos os eſpiritos animaes, que lhe ſuſtentavaõ a vida. Hiſtoir. *del'Academ. des Scienc.* ann. 1713.

Que imperceptiveis saõ nos corpos grandes? *
Tambem te peço que ao discurso mandes
As corporeas funçoens deste treslado
Da Sabia Omnipotencia, onde o cuidado
Taõ perfeitas as poem como as encerra
Inda o bruto maior, que tem a Terra.

No microscopio * admira como o sangue
Do mais pequeno insecto vivifica
Com a circulaçaõ todo o composto!
Como o manda, o divide, o communica!
Como no centro o coraçaõ exposto,
Recolhe, e impelle sempre o movimento!

Nesse

* *Natura nusquam magis, quam in minimis tota:::: in arctum coarcta naturæ majestas, nullâ sui parte mirabilior.*
Plin. lib. 11. cap. 2.

Descendons sur la terre, ou jusque dans la fange,
L'insecte nous appelle, & certain de son prix
O se nous demander raison de nos mèpris:
De Secrettes beautès quel amas innombrable!
Plus l'Auteur s'est cachè plus il est admirable.
Racine. Poem. *la Religion.* Cant. 1. è v. 139.

* *Microscopio*: instrumento optico, que multiplica as superficies dos objectos: com elle se engrandecem de sorte os membros da pulga, ou do piolho, que se lhe percebem com muita distinçaõ as mais minimas partes de que he composto, e até se lhe alcança a circulaçaõ, que faz o seu sangue. Naõ he do meu assumpto descrever os portentos da Natureza, que se tem observado com este prodigioso invento. Foi o seu Author *Zacharias Jansen*, ou *Joanides*, natural de *Zelanda*. *Francisco Fontana Napolitano*, adiantou muito a sua perfeiçaõ: Hoje os melhores nos vem de *Inglaterra* pela direcçaõ de *Newton*, de que usaõ os mais habeis artifices da quella Ilha.

Neſſe meſmo engyſcopico † inſtrumento
Vê tantos giraſões reproduzidos
Da parte mais ſubtil de huma ſó folha;
A onde na ſemente comprehendidos,
Bem que no aſſombro o credito ſe encolha,
Julgarás que haõ de eſtar todos os entes
Daquella meſma eſpecie: tem prezentes
Deſta ſorte eſſas poucas, que hoje alcanças:
Se a viſta deitas, ſe o diſcurſo lanças
Poreſſe mappa, que finzel facundo
Figurou neſta maquina do Mundo;
Olha que variedade de prodigios,
Com doces expreſſoens, ſonoras claves,
A' mais alta harmonia te convoca!
Que multidaõ de peixes, brutos, aves
Enche o Ceo, Mar, e Terra! taõ diſtintos
Nas fórmas, nos ſemblantes, nos inſtintos,
Que em taõ diverſa, uniſſona abundancia
Hê que ſe logra mais a conſonancia.

Quem ſuſpende eſſe monſtro procelloſo
A que dentro em ſi meſmo ſe contenha?

Quem

† *Engyſcopio* chama *Borello* aos Vidros, de que ſe compoem o *Microſcopio*. *Une tache demoi ſſure de la grandeur d'un grain de ſable, paroît dans le microſcope, comme un amas de pluſieurs plantes très-diſtinctes, dont les unes ont de fruits, d'autres des boutons à demi ouverts. De quelle enorme petiteſſe doivent être les racines, & les filtres qui ſeparent les aliments de ces petites plantes?* Marq. de S. Aubin. *Trait. del'opin.* p. 1. tom. 3. livr. 4. art. 7. in fin.

Quem lhe enfreia eſſe eſtimulo furioſo,
Com que na verde colera ſe empenha
A ſorver as montanhas? Quem a raia
Lhe poêm no leve circulo da praia? *
Taõ prudentes os atomos procedem,
Que contra o ſeu impulſo retrocedem
Para naõ inundar outro elemento?
A onde tens, ò necio, * o penſamento?
Surdo eſtás a taõ providos clamores,
Que em vozes de criſtaes, e reſplandores
Te revocaõ do eſpirito profano
A' confiſſaõ de hum Ente mais que humano?

Mas já naõ quero, para convencerte,
A enorme applicaçaõ de hum juizo inerte;
Baſtaõ-me os teus ouvidos, e os teus olhos:
Fingite na aſpareza, ou nos abrolhos
De hum monte ſolitario; e neſſe inſtante
Vé que o ar ſe eſcurece, e o vento errante
Volta a furia indignada contra os troncos:
Que ao longe ronca o Mar, e as negras nuvens
Giraõ pela athmoſphera tenebroſa;
Que no horror da carranca procelloſa
Se raſga o Ceo com funebres chuveiros:

Que

* *Uſque huc venies, & non procedes amplius.* Job. 38.

* *Stulti, ... & tardi corde ad credendum!* Luc. cap. 24. v. 25.

Que o fogo aerio em horridos luzeiros
Faz mais triſte, e medonha a tempeſtade:
Que o vapor da indigeſta denſidade,
Pretendendo romper a prizaõ dura
Forceja com a valida clauſura,
Até que, dando à eſphera hum grande abalo,
Deſata a nuvem com ruidoſo eſtalo,
Vibrando da montanha contra o cume
O fulminante ardor do ethereo lume.

Repete o impulſo da porçaõ báſtarda
Com mais violento eſtrondo, que a bombarda:
Gemem os Polos ao fragor tremendo,
Eſtremeceſe a maquina rotunda,
Caiem as iras do tumulto horrendo,
Vês ſobre ti a inſtancia furibunda,
Da colera celeſte: o Euro inchado
A embravecer-ſe torna com as penhas,
Arriçadas eſtaõ as toſcas grenhas,
Lucta a tormenta em impetos ferozes,
Clama outra vez a eſphera com as vozes
Dos horriveis trovoens: E tu naõ ſentes,
Por ventura, ſignaes taõ evidentes
De hum ſupremo Motor? o medo, o eſpanto,
O abalo, o aſſombro, a confuſaõ interna,
Naõ grita? naõ te diz no teu quebranto

Que

Que ha cauſa ſuperior, que os Ceos governa, *
E que eſſe teu temor he claro indicio
De lhe eſtares votando o ſacrificio?
Eu tenho para mim que aſſim o entendes,
Pois Horacio *ſectario de Epicuro,
Com a meſma expreſſaõ, que te figuro,
Deſprezou eſſes necios exemplares,
E fez arder o incenſo nos altares.

TRIUM-

* *Ipſa veritas cogente naturâ etiam ab invitis pectoribus erumpit: Et ſi bellî tremor infremuerit, ſi morborum peſtifera vis, ſi ſæva tempeſtas, ſi grando increbuerint, ſi alimenta frugibus ficcitas denegaverit, ad Deum confugiunt, Dei petitur auxilium, Deus, ut ſubveniat, oratur.* Lact. Firmian. lib. 2. cap. 1.

* *Parcus Deorum cultor, & infrequens*
Inſanientis dum Sapientiæ
Conſultus erro: nunc retorſum
Vela dare, atque iterare curſus
Cogor relictos, namque Dieſpiter
Igni coruſco nubila dividens
Plerumque per purum tonantes
Egit equos, volucremque currum;
Quo bruta tellus, & vaga flumina
Quo ſyrtis, & inviſa horrida Tænari
Sedes, Atlanteuſque finis
Concutitur, valet ima ſummis
Mutare; & inſignem attenuat Deus
Obſcura promens.

Lid. 1. Od. 34.

TRIUMPHO DA RELIGIAÕ.

Poema Epico-polemico.

LIVRO II.

*Contra o Polytheiſmo.**

DEſtes vehementes brados varios eccos
Formou a refracçaõ nos troncos ſeccos:
Do Mar, que ao longe ronca, ou do granizo
O antecipado eſtrondo, reprezenta
O murmureo do boſque: outra tormenta
Pa-

* *Polytheiſmo*: Vem do Grego *Poly*, que ſignifica *muito*, e de *Theos*, que ſignifica *Deos*: e he o meſmo que huma ceita, que admitte muitos Deoſes. Seria neceſſario hum volume para indagar a Origem, o Author, e os progreſſos da Idolatria. Os Eſcriptores naõ concordaõ na ſua epoca. Os Orientaes diſcorrem, que ella tivera uſo antes do Deluvio, fundados no Texto. *Omnis, caro corruperat viam ſuam*: Outros, depois delle, attribuiraõ a invençaõ deſta maldade, a Chaõ filho de Noé, cuja deſcendencia encheo o Mundo deſte barbaro, e ſacrilego delicto. Eſta he a opiniaõ de Caſſiano, Collat. 8. Cap. 21. e de Lactancio, lib. 21. de falſa religion; bem que naõ he fundada em documento hiſtorico. S. Epiphanio, de Hæreſib; pertende que Sarug, Avô de Tharé, Pai de Abraham foſſe o primeiro cultor dos Idolos. Porém Joſuê no Cap. 24. v. 24. ſó chama idolatras a Tharé, e a ſeu filho Nachor, Irmaõ do meſmo Abraham: *Trans fluvium habitaverunt Patres veſtri ab initio, Tharé, pater Abraham, & Nachor, ſervi-*

Parece que na[illegible] se formava;
O Genio, e o [illegible]grino duvidoso,
Naõ sabem se este alento pavoroso
De taõ rudo, funesto domicilio
Seria sediçaõ, em vêz de auxilio!

Julgando sospeitoso hum clyma, aonde
A lei com a razaõ naõ corresponde,
Se apartaraõ de hum sitio, em que podia
Ser virtude a traiçaõ, e a aleivosia:
Huma estrada procuraõ, que nas plantas,
Com que se adorna o provido terreno
Se fazia o caminho mais ameno:
Antigo parecia pelo estrago,
Com que a imagem de Roma, e de Carthago
Palpitava na pyra, ou nos resquicios
De tantos arruinados edificios;

Pois

vieruntque Diis alienis. Outros querem que Nemrod, fosse o inventor da Idolatria. O Livro da Sapiencia Cap. 14 v. 15. ainda que naõ declara o A. nos insinua a origem: Diz que hum Pai, sentindo vivissimamente a morte de hum filho, o mandara esculpir, e ordenara à sua familia, que lhe votasse sacrificios. Daqui procedeo que de tudo o que só movia ou por affecto, ou lisonja, ou pordependencia, ou em agradecimento de algum beneficio, se hia convertendo em culto, e daqui nasceu a adoraçaõ que se deu a Jupiter, a Saturno, a Marte, &c. Continuando este culto, depois da sua morte nos seus Simulacros. *Siquis tamen* (diz o P. Calmet no seu supplem. do Discion. Biblic.) *genuinum idololatriæ fontem investigare voluerit, non aliunde quærat, quam in depravatione humani cordis in ignorantia rerum, in fastu, audaciâ, mala cupiditate, ac studio in res sensiles, in licentia, brutalibusque passionibus.*

Pois das reliquias ☞ no fatal reſumo
Se achava inda o pavor, ſe erguia o fumo.

N'algum veſtigio humano moſtra a areia
Naõ ſer a eſtrada inhoſpita: a diſtancia
Menos goſtoſa a fáz na tolerancia
Da cançada vareda; e já vencido
Muita parte de hum curſo taõ comprido,
Advertem lá ao longe hum paſſageiro,
Que a elles ſe encaminha; e mais chegado
Conheceraõ tambem que era eſtrangeiro
No ſemblante, e no traje deſuſado:
Saudaraõ-ſe cortezes: e huma fonte,
Que alli naſcia da raîz do monte,
E toldava huma arvore florîda,
A reparar as forças os convida.

Suſpenſo (diz o novo caminhante)
Me tem a voſſa viſta: Quem cuidara
Que a qui neſte lugar vos encontrara!
Quem vos traz a hum clyma taõ diſtante;
Se he que ſois Europeos? a huma Provincia
Mais Oriental da Aſia? que deſejo

Vos

☞ *Pois das reliquias &c.* Eſta eſtrada levava o Peregrino aos templos dos *Idolos*, que adoraõ os *Chins*; e eſta Idolatria ſe funda nos veſtigios da que praĉticavaõ os *Romanos*; e poriſſo ainda que finjamos eſtes edificios arruinados, porque já ſenaõ adora *Jupiter*, *Marte*, *Apollo &c.* parece que ſe acha o fumo deſta ſuperſtiçaõ no culto, que a *China* dá aos ſeus ſimulacros.

Vos move, que ambiçaõ, ou que deſtino?
Ver * o Mundo (reſponde o Peregrino)
He todo o meu intento: toda a empreza,
Que me leva a medir a redondeza
De taõ varios, incognitos diſtrictos;
He ſaber os coſtumes, leis, e ritos
Deſta Civil, humana ſociedade:
A pé, e quaſi ſó! grande vontade
(Pondera o eſtranho companheiro) tendes
De entregar a taõ prodigos trabalhos
O miſeravel Corpo! Nos atalhos
Nas varedas mais aſparas (lhe adverte
O ſabio Peregrino) que de balde
Intentaráõ dos paſſos a fadiga
Que a laxidaõ dos membros ſe conſiga.
Eſte amigo fiel, que me acompanha,
Em taõ ſubtil materia ſe conſerva,
Que muita parte della me reſerva
Para extenuar a maquina corporea;
E taõ * agil me poem para eſte intento,
Que converte a ſubſtancia em penſamento:

* *Ver o Mundo &c.* Naõ pareceu ao *Herôe* ſer conveniente o deſcobrir ao eſtrangeiro, ſem o conhecer, o principal intento da ſua empreza. Cautella que devem obſervar todos os homens prudentes.

* *E taõ agil &c.* Ou pelo ſuperior auxilio do *Genio*: ou porque ſenaõ experimenta alguma fadiga, e tudo ſe facilita nas mais arduas emprezas, quando ſe movem por huma natural inclinaçaõ.

Tende de mim por hora eſta noticia;
E já que me tem ſido taõ propicia
Hoje a minha fortuna, pretendera
Se licença me dereis, que ſoubera
Quem ſois, para que poſſa reſpeitarvos
Neſte felîz ſucceſſo de encontrarvos.

Confucio * ſou (lhe diz) tomando o nome
Deſſe antigo Philoſopho da china,
Ou deſte Imperio Oraculo eloquente,
De quem a illuſtre, ſingular doutrina
Deu que fazer ao ſolio preheminente
Da voſſa meſma Roma: ✠ Neſta eſtrada
Ando ſempre em ſollicita jornada
Por conduzir aos Deoſes, que venero,
Algum viador de eſpirito ſincero:
Se quereis que vos leve áquella eſtancia
Cheia de excelſa, eſplendida fragrancia,
De tanta Divindade, aberta via
Tendes na minha ingenua companhia. A

* *Confucio.* Hé hum antiquiſſimo philoſopho *da China*, que eſte Imperio reſpeita como Oraculo da ſua Religiaõ, e das ſuas Sciencias.

✠ Conſta da Epiſt. ad Galat. cap. 2. q̃ vindo *S. Pedro a Antiochia* comia com os *Gentios*, que ſe tinhaõ feito *Chriſtãos*, de todas as viandas, que eſtavaõ prohibidas aos *Judeos* no cap. xi. do *Levitico*; e depois que vierão à meſma Cidade os *Judeos*, que ſe tinhaõ feito *Chriſtãos*, ſe abſtinha de comer com os outros por naõ eſcandalizar os circunciſos. Conſta do meſmo cap. da Epiſt. V. 14; que *S. Paulo* naõ aprovara eſte procedimento, e que reprehendera delle a *Pedro* com as ſeguintes palavras: *Si tu, cum Judæus, ſis, gentiliter vivis, & non judaicè, quomodo gentes cogis judaizare.*

A tudo o que hé notavel ſe provoca
(Lhe diz o Peregrino) o meu deſejo;
Sigamos pois a eſtrada: Aqui vos toca
(Diz Confuſio) o naõ terme por ſobejo,
Se vos peço huma hiſtoria reſumida
Da voſſa patria, acçoens, emprego, e vida.

Bem que poſſo affligirme na memoria
(Reſponde o Peregrino) deſſa hiſtoria;
A direi, ſem uſar de algum alinho,
Em quanto nos detemos no caminho.

A noticia de antigos Genitores,
Com que as aras ſe incenſaõ da nobreza,
Naõ vos poſſo allegar: entre os horrores

Daqui ſe originou o combate, que durou tantos annos entre *Santo Agoſtinho*, *S. Jeronymo*, em que ventilaraõ ſe era digna de reprehenſaõ a acçaõ de *S. Pedro*, e ſe verdadeiramente o reprehendera *S. Paulo*. Fundados nos pareceres, em que ao depois ſe dividiraõ por huma, e outra parte os *Theologos*; ſe originou outra queſtaõ entre os *Miſſionarios* da *China*: os *Jeſuitas*, com os *Franciſcanos*, e *Dominicos*: Como os Chins admittem entre os pontos da ſua religiaõ a *Metempſycoſe*, ou tranſmigraçaõ das almas de hum para outros corpos, como dos humanos para os dos brutos, ſe abſtem de comerem algumas carnes, de que uſamos na Europa; e parece que deviaõ diſputar os *Miſſionarios*, à imitaçaõ de Pedro, e Paulo, ſe devia ſer permittida eſta abſtinencia: Porem toda a contenda verſou ſe as ceremonias, que os chins faziaõ aos ſeus *Primogenitores*, e a *Confucio*, eraõ religioſas, ou politicas. Eſta queſtaõ ſe levou muitas vezes a Roma, aonde ſe ventilou com o maior eſforço diante dos Papas *Clemente XI*; *Benedicto XIII*; *Clemente XII*; e do Pontifice Reinante, *Benedicto XIV*; que a decidiraõ com varios Breves. Quem deſejar eſta materia com mais extençaõ, veja a noſſa *Repoſta Compoſitoria*, que há pouco tempo ſahio à luz em defenſa dos Jeſuitas.

De huma funda Caverna, a natureza
Ao Mundo me deitou; ſem que alcançaſſe
Quem neſta horrenda eſtancia me geraſſe.
No centro infauſto da funeſta alcoba
A admiravel Clemencia de huma Loba
Só conheci por Mai: * eſtes ſocorros
Logrei na criaçaõ dos ſeus cachorros,
Que a pezar de huma eſpecie taõ diſtante
Os tive por Irmaons n'algum inſtante.

Depois que a clara luz da intelligencia
A razaõ me illuſtrou, tive a evidencia
Que de origem mais alta procedia:
Mas de que ſorte fora, naõ ſabia;
E eſta nevoa infelîz d'huma ancia interna
Se augmentava nas ſombras da caverna.

Banhouſe de outro raio o entendimento,
Fornioſe mais o corpo; hum novo alento
Acendia os impulſos da vontade
Para vencer a enorme eſcuridade:
Chego á entrada da Cova, que na penha
Se abria ſó capâz de penetralla
A deſtreza do bruto: aqui ſe empenha
Toda a minha afflicçaõ; mas naõ ſe aballa

Aos

* A hiſtoria *Romana* dá tambem eſta ama a *Romulo*, e *Remo*, e com eſte exemplo, ainda que baſtantemente diſputado, ſe conforma o admiravel com o verofimil.

Aos meus ais o penhaſco endurecido:
Inſiſte, e lucta o esforço entre o gemido,
Entre o pranto, entre a raiva, entre o deſvello:
Vou huma, e outra vez reconhecello,
Procuro as fendas, as feiçoens lhe inquiro,
Já me incita o valor, já me retiro;
E quaſi de repente, e quando alcança
Menos alento a miſera eſperança,
O carcere fatal ſe poem convulſo:
Contra a dureza bate hum novo impulſo;
Até que deixa, com portento ignoto,
Patente a gruta no penedo roto.

Ao prodigio, * que inda hoje deſconheço
Devi a Liberdade: Sepultado
Ficara neſte abyſmo o triſte eſtado
De huma vida infelîz, ſenaõ houvera
Algum ſupremo auxilio, que rompera
Tanta violencia, com que a ſorte brava
O indiſſoluvel vinculo apertava.

Da caverna na idade maîs florente
Saio, em fim, para o Mundo: de repente
Dou com os torpes olhos na eſtructura

* *Ao prodigio.* Tendo diſpoſto a Providencia que o *Heroë* triumphaſſe las ſeitas, o devemos conſiderar auxiliado de ſuperior impulſo: Por eſta cauſa ſe logra o verosimil no admiravel, ſahindo da caverna por hum nodo milagroſo.

Da maquina celeſte: Sem deſtino,
Sem viſta, ſem ardor, ſem rumo, ou tino,
Me achava ſubmergido em outra eſcura
Concavidade; e a lûz que me recreia
Varias ſombras produz na minha ideia:
Qual a ave nocturna, que deſmaia
Nos raios, em que a aguia o filho enſaia,
Aſſim o horror, que dos fulgores diſta,
Foi a primeira acção da minha viſta.

Cheio de aſſombro de ignorancia, e medo,
Bem que livre do miſero concurſo,
Que inſultava os reflexos do diſcurſo,
Dizia: Quem ſou eú? * Donde procedo?
Quem me fez? onde eſtou? concebo, alcanço,
Julgo, diſcorro, entendo, obro, decido,
Sinto, e vejo? Que Nume eſclarecido
Se move dentro em mim, que ao meu alento,
Que

* Eſtas meſmas perguntas fizera cada hum de nós a ſi meſmo ſe deramos de repente com os olhos neſta pótentoſa maquina *do Mundo*, e ſe naõ tivera tirado o coſtume aquelle aſſombro, a que nos devia convidar hum objecto taõ admiravel. Naõ ſó o coſtume, a falta de reflexaõ nos livra daquelle eſpanto, em que deviamos eſtar ſempre Sepultados entre as Sombras do noſſo diſcurſo.

O Abbade Geneſi no ſeu Poema dos Principios da Philoſophia, traz figurada no frontiſpicio deſte Livro a imagem de hum mancebo naquelle meſmo eſtado, em que o *Peregrino* ſahio da caverna com a letra ſeguinte.

Qui ſuis je? Où ſuis je? & d'où ſuis je venu? eſte meſmo verſo repetio no livro 1. *deſte Poema, no tit. Del'eſprit, & du corps*; pelo modo ſeguinte.

Que ao meu impulſo, a minha intelligencia
Aſſiſte com tal alta preheminencia?

Olhava para os pés, coxas, e braços,
Para as pernas, e maons, dedos, e ventre.
Tudo julgava por aſſombros; e entre
Taõ grande confuſaõ, me parecia
Que em nova eſcuridade a dormecia.

Quando mais elevado neſte abyſmo
De taõ profunda ideia, amente inflammo,
Vejo naſcer o Sol: O' quanto exclamo
Com taõ brilhante objecto! Que exquiſita
Admiraçaõ o eſpirito me excita
A beber tantos raios com os olhos!
Naõ podia apartarme do portento
O meu extemporaneo movimento:
Fui a adorallo como a Divindade
Da fabrica ſublime: * a claridade
Naõ ſó a tanto empenho me arrebata,

J' ignore tout, & rien ne m' eſt connû!
Attentif, & onnè, je regarde, j' è coute,
Qui ſuis-je? Où ſuis-je? & d'où ſuis je venu?
Qu'arrive-t-il en moi? Je balance, je doute.
Une choſe pourtant je ne ſçaurois douter;
Je crois voir, je crois è couter.

* **Fui a adorallo &c.** Primeiro impulſo da novidade, e formoſura do *Sol* ſe tanto perſuade a excellencia *da Criatura*, que fará a *do Criador?*

Mas notar que já ſobe, e ſe dilata
Por eſſe immenſo campo de zaphira;
Onde affecta que alenta, e que reſpira,
Que tem alma, e que vive em mais grandeza,
Que a minha deſmaiada natureza.

Naõ tive neſte dia outro recurſo
Mais que eſtarlhe obſervando o ethereo curſo
No circulo luzente: Naõ te explico
As imagens funeſtas com que fico
Depois de o ver no Occaſo: Quem ſe atreve
A moſtrar tanta pompa luminoſa
(Dizia) n'huma vida que hé taõ breve?)
Outra viſta naõ menos portentoſa
Tive ao depois na Lua, e nas eſtrellas: *
Em tanta multidaõ de centinellas
Com que o Ceo ſe guarnece, e a noite brilha
Encontrei huma nova maravilha.
Tornou a vir o Sol ao aureo berço
Para illuſtrar o adorno do Univerſo,
Mas ao depois o Curſo repetido
Já me deixava menos ſuſpendido. †

Fui

* *Outra viſta naõ menos portentoſa.* Naõ nos cauſaria menos aſſombro, do que a viſta do *Sol*, e da *Lua*, e a das *Eſtrellas*, ſe tambem de improviſo ſe offereceſſe aos noſſos olhos. A noſſa deſatençaõ, e o noſſo deſcuido hé q̃ nos priva de eſtarmos ſempre embebidos na contemplaçaõ deſtes, e de outros portentos.

† *O Curſo repetido.* O que muitas vezes ſe vê, ou ſe communica, por mais admiravel que ſeja, ſe faz logo commum, e deſprezavel no noſſo Conceito.

Fui a notar a planta, a ave, o bruto, ††
Vi-me pasmado, e estive irresoluto
Em cada estranho objecto, que notava:
A garganta do monte, que rasgava
Na fralda a gruta atróz, em que nascera,
O meu desejo ardente se acelera:
Batia o Mar nos barbaros rochedos
Do terraqueo gigante: de contino
Se embravecia o monstro cristalino;
E em outra parte a praia naõ receia
De rebaterlhe a furia com a areia.

Com novo espanto na regiaõ sublime
Estive muito tempo arrebatado,
Até que me levou todo o cuidado
Outro prodigio, que no inchado pego,
Alterou inda mais o meu socego.

Hum monstro, cheio de tecidas plumas,
Vinha abrindo as colericas escumas:
Impellido do vento, mais ligeira

Fu-

†† *Fui a notar a planta.* Como tudo era novo para o *Peregrino*, tudo lhe parecia prodigioso; sendo que a excellencia das coizas, naõ deve consistir na novidade, mas no seu intrinseco valor; porem o nosso entendimento dá menos preço ao que conhece, que ao que ignora.

Sed assiduitate quotidianâ, & consuetudine oculorum assuescunt animi, neque admirantur, neque requirunt rationes earum rerum, quas semper vident: perinde quasi novitas nos magis, quam magnitudo rerum debeat ad exquirendas causas excitare. Cicer. *de natur. Deor.* lib. 2.

Punha no aſſopro a rapida carreira,
E ſe talvez o Boreas lhe faltava,
Humas vezes ſe unia, outras parava:
Chegou junto da praia, onde vomita *
Da minha propria eſpecie varios entes,
Quaſi do meſmo traje, e differentes
Nas feiçoens, na eſtatura nos ſemblantes:
Logo os buſquei, e os fiz participantes
Por acenos da minha deſventura:
Agazalharme cada qual procura:
Naõ ſei ſe a tanta laſtima os perſuade
A primeira impreſſaõ da novidade,
Ou a magoa, que excita o ſeu cuidado
De verme em taõ funeſto, e triſte eſtado:
Todos me cercaõ: todos me perguntaõ
Pela minha fortuna: abſorto fico,
E ſó com geſtos, e attençoens me explico.
Para o navio, em fim, me recolheraõ;
E depois que agoa doce receberaõ
De hum chorro, que ſe finge hum novo ethonte,
Deſpenhado entre os circulos do monte,

A

* Julgou o *Peregrino* o navio por hum monſtro marinho: a ignorancia da *Nautica* lhe produſio eſte conceito: o deſembarque dos marinheiros lhe pareceu hum horroroſo vomito, que fazia o monſtro na praia. Eis aqui as erradas ideias, que formamos de tudo o que naõ conhecemos. Bom exemplo para naõ reputarmos por demonſtraçoens phyſicas ás noſſas conjecturas: Que de abſurdos, de erros, e de enganos ſeguimos, e defendemos nas Sciencias, quando naõ temos nellas outra guia mais, que a noſſa falſa apprehenſaõ!

Metro, pincel, e Canto: * eſtes objectos
Me arrebataraõ ſempre os meus affectos:
Na Poeſia me inſtava aquelle activo
Reſplandecente rapto, com que a alma
Se poem na doce, cogitante calma,
Proferindo no metrico diſpendio
Tanto canoro, deſtilado incendio.

Na Pintura admirei que em hũa taboa
Taõ liſa, como raſa, o claro, e eſcuro
Deſſe à viſta de hum ſeculo futuro
Taõ vivas as feiçoens, que arrebatado
O aſſombro na elegancia do treslado
Pareceſſe que, em tantos reſplandores,
Reſuſcitava o eſpirito nas cores.

Na Muſica applacava o arrojo eſtranho
Das rebeldes paixoens: taõ venturoſo
Me ſuppunha no encanto numeroſo,
Que cuidava que em tanta conſonancia
Uniaõ Terra, e Ceo toda a diſtancia,
Julgando, nas ſuaviſſimas cadencias,
Mais nobres os ſentidos, que as potencias.

Paſſei a comprehender em outro eſtudo
Grammatica, e Rhetorica, que ajudo

Com

* *Metro, pinſel, e Canto. Poeſia, Pintura, e Muſica* ſaõ as artes, com que mais ſe arrebataõ os eſpiritos ſublimes, e poriſſo ſe attribuem ao *Heroe*.

Com o genio mais prompto a eſte emprego:
Andará na elegancia ſempre cego
Quem ſó na arte a funda; que hé preciſo
Lograr a propenſaõ, e haver juizo;
Pois da palavra a força, e a gentileza,
Naõ vem da regra, vem da natureza. *

Debaixo dos preceitos de Longino †
Vi tomar ás Naçoens diverſo tino:
Os Francezes poetizaõ como fallaõ
Na pratica commua: Naõ regallaõ
Com aquelles harmonicos debuxos,
Que a Caſtalia propoem nos ſeus influxos:
Naõ diſtinguem da Hiſtoria os Elogîos:

Fa-

* *Sic ſentio naturam primam ad diſcendum vim afferre maximam.* Cicer. *lib.* 1. *de Orator. Nihil præcepta, atque artes valere, niſi adjuvante natura.* Quintil. lib. 1. cap. 1.

Et comme l'art de chanter ne reüſſit pas à celui qui n'a pas de voix, l'art de parler ne peut reüſſir à celui qui n'a pas de genie pour la parole. Rapin, *Reflex. ſur l'eloquence*, n. 4; in fine.

† *Longino*: *Dionyzio Longino* floreceu no 3. ſeculo da era Chriſtan: compoz em *Grego* hum Tractado *de ſublime* que os *Francezes* julgaõ por text. da verdadeira eloquencia, e o antecedem á *Ariſtoteles*. Hê certo que neſta materia hé meſtre conſumado; porem os *Francezes* eſtimaõ mais, do que ſeguem, os ſeus preceitos. *Boileau* fez huma bella traduçaõ *Franceza* deſta obra. Outros chamaõ a *Longino*, *Caſſio*, e naõ *Dionyzio*: Dizem que fora herdeiro de *Fronton Emiſſeno*, e *Meſtre de Porphyro*; e que ao depois fora Miniſtro, ou Conſelheiro de eſtado de *Zenobia*, *Rainha dos Palmyrenos*: Que fôra morto por ordem do Imperador *Aureliano* em 273. da era chriſtan pelo imaginar author de huma carta atrevida, que eſta *Rainha* lhe tinha eſcripto na lingoa *Syriaca*. *Zozimo* louva muito a erudiçaõ de *Longino*, e ſeus eſcritos, e a conſtancia, com que ſofreo o ſuplicio, que lhe fez *Aureliano*. *Eunapio* diz que elle era hũa viva *Bibliotheca*.

Fazem nos ſeus papeis eſtes deſvios
Dos Meſtres da eloquencia, e ſempre oſtentaõ
Que das leis da elegancia naõ ſe auzentaõ:
Por coſtume, ou por genio tem diſpoſto
Na explicaçaõ vulgar todo o ſeu goſto.

Na Italia reina a pompa delicada
De hum flórido concerto: ſublimada
Foi ſempre neſte ardor do Lacio a gente:
De Ariſtoteles ſegue inteiramente
Na ligada Oraçaõ, e na ſoluta
A meſtria, que Apollo lhe tributa.

Em huma, e outra Victorioſa Heſpanha
Se encarece a agudeza: Naõ ſe eſtranha
Subtilizar do verſo o doce alento
No mais agudo, e fino penſamento:
Na Panegyri ao Rithmo a Proſa ſegue,
Cuidando que a eloquencia aſſim conſegue:
Mas de França as ingenitas porfias
Lhe pertendem chamar galimatias: *
Seja amor da clareza, ou ſeja aſylo,
Que buſca a froxidaõ do ſeu eſtylo.

Meſ-

Galimatias chamaõ os *Francezes* a todo o penſamento, ou diſcurſo que lhe parece eſcuro: Porem o ſeu *Deſpreaux* nos diz que com eſta caſa de eſcuridade querem muitos encobrir a ſua ignorancia; pertendendo que o defeito eſteja na irregular explicaçaõ do eſcriptor, eſtando alias a fraca intelligencia do que lê.

Metî-me em philoſophicos enſaios:
Hum mappa procurei cheio de raios,
Onde entendi que achava em criſtal terſo
Illuminada a pompa do Univerſo:
Depois de muito tempo, em que naõ ſinto
A mais pequena luz; n'hum labyrinto
De ſyſtemas, e duvidas me engolfo:
Pilotos eraõ deſte eſcuro golfo
O famoſo Ariſtoteles, Deſcartes,
Gaſſendo, e Newton, * tendo em varias partes
Movido tanto o Mar no empenho antigo,
Que naõ havia rumo, ſem perigo.

De

* Os quatros Coripheos das Seitas philoſophicas, que hoje permanecem nas Aulas. Poderia ſer agradavel aos Leitores dar huma noticia de quem elles foraõ, e da differença dos ſeus *Syſtemas*; naõ cabe tanto na brevidade de humas notas, e o que pode permittir a Conciſaõ de hum *Poema* vai expoſto neſte lugar.

Deſde o Verſo 312. até 364. Com tudo ſempre daremos alguma breve noticia de cada hum deſtes Philoſophos. *Ariſtoteles* naſceo em *Stagyra* pequena Villa *de Macedonia* 384. antes *de Chriſto*: Depois da morte de ſeu *Pai Nicomaco*, medico *de Philippe*, ficou entregue á tutella de *Proxenes*, em que viveu licencioſamente. Gaſtando neſta vida o ſeu patrimonio, ſervio ao depois nas tropas de *Athenas*. Daqui buſcou a eſchola *de Platam*, aonde aprendeu a *Philoſophia*. Por algumas queſtoens, que teve com o Meſtre ſe retirou para *Atarne*, aonde reinava *Hermias*, que lhe deu por mulher a ſua *irman Pythias*. Sendo deſolado eſte Principado por *Ammam* General *dos Perſas*, fugio *Ariſtoteles* para *Mytilene*, donde o chamou *Philippe* para Meſtre de ſeu filho *Alexandre*. Depois de gaſtar 8. annos na educaçaõ deſte Principe, paſſou outra vez *à Athenas*, aonde inſtituiu a ſeita *Peripatetica*! Aqui foi accuſado por impio, accuſaçaõ que lhe fez *Eurymedon*, Sacerdote *de Ceres*. Por eſta cauſa ſe refugiou em *Chalcis*! Morreu de 63. annos, huns dizem que de huma colica, outros que afogado no *Euripo* de penna por naõ entender o ſegredo das marés. Pelo que toca ás ſuas obras ſe veja *Launoi de varia Ariſtotelis fortuna*, e *Patricio* no ſeu livro intitulado: *Peripatetica diſcuſſiones*.

De ſcyllas, e carybdes ſe compunha
A canſada derrota: Quanto expunha
A' minha intellecçaõ eſte Orizonte
Eraõ corpos mentaes de vaga fronte;
Como aquelles fingidos exemplares,
Que as nuvens formaõ na regiaõ dos ares,
Que ao tempo, em que as imagens ſe procuraõ,
Neſſe inſtante os aſpectos desfiguraõ.

As partes infinitas do Continuo
Hum monſtro me ordenavaõ: grande abſurdo
Me pareceu o enredo da materia,
Que a Eſchola chama *prima*: inſtancia aeria
A dos Univerſaes: Neſte tumulto
Vi dormir de Ariſtoteles o vulto, *
Soltando as principaes difficuldades
Com as ſuas diſtintas qualidades.

Naõ arde o fogo, naõ borbulha a agoa,
Naõ brilha a lûz, o corpo naõ aquece,
Naõ ſe côra, ſe esfria, ou ſe humedece:
Naõ deſce o grave, naõ atraie o ferro
O poderoſo imân; ſem que atraido,
Sem que precipitado, humedecido,

E Conge-

* *Vi dormir de Ariſtoteles o vulto.* Porque as principaes difficuldades da *Phyſica* ſoltaõ os ſeus ſectarios com eſta groſſeira, e deſcanſada ſolucaõ das ſuas novas qualidades.

Congelado, côrado, ou quente ſeja
Por qualidade nova, que ſe reja:
Sem que brilhe, borbulhe, ou arda logo
Da meſma ſorte a lûz, a agoa, o fogo,
Senaõ por outra forma bem diſtinta,
Que na falſa apprehenſaõ a ideia pinta:
O' bella deſcanſada ſubtileza
De inquirir, de explicar a Natureza!
Quem n'huma hora, adoptando eſte conceito
Senaõ fará hum phyſico perfeito?

Em Deſcartes * achei outras eſpinhas:
Faz o vacuo impoſſivel: dos ſeus brutos
As maquinas automatas offendem

Os

* *Renato Deſcartes* naſceu na *Hayá de Turena* de huma familia nobre, e antiga: tomou as primeiras letras em *Flexbe*, e depois de varias diſtracçoens, ſeu grande amigo *o P. Merſenno* o perſuade á applicaçaõ dos eſtudos. Huma viagem, que fez a *Holanda* em 1616. o tentou a ſervir nas tropas da *Republica*; e eſtando de guarniçaõ em *Bredá* diſſolveu o famoſo problema de *Mathematica de Iſaac Beecman*; e aqui compoz hum *Tratado de Muſica*. Tendo aſſiſtido a differentes ſitios foltou *a Pariz*, aonde ſe deu ao eſtudo *da Ethica*, *e da Phyſica*. Foi *á Italia*, e aſſiſtio ao ſitio *da Rochella* em 1628; e tornando *a Pariz* o *Nuncio do Papa* o fez publicar o ſeu Syſtema da *Philoſophia*. Para ſeguir com mais tranquilidade os eſtudos ſe retirou a *Egmont*, e viveu em *Holanda* neſte retiro mais de 25 annos. De balde o convidaraõ para a aſſiſtencia da Corte. *Luiz XIII*; e o Cardeal *de Richelieu*, elle publicou neſte tempo as ſuas *Meditaçoens* ſobre a exiſtencia de *Deos*, e ſobre *a immortalidade da alma*. Reſolveuſe em fim hir á Corte aonde recebeu hũa penſaõ de tres mil livras. Paſſou *á Suecia* convidado pela *Rainha Chriſtina*, que o recebeu, e tratou com a maior eſtimaçaõ: aonde morreu em 1650. de 54. annos. *Adriano Baillet* tem eſcripto a ſua vida. As ſuas obras principaes ſaõ: *Os ſeus Principios*, *as ſuas Meditaçoes*, *o ſeu Methodo*, *o ſeu Tratado de paixoens*, *o da Geometria*, *o do Homem*, *e muitos volumes de Cartas*.

Os objectos formais, e os eſtatutos
Por onde os entes mais ſe comprehendem:
Saõ as demonſtraçoens muito fallazes,
Os exprimentos perfidos: Vorazes
Os vagos turbilhoens: com pouco fundo
A fabrica inconnexa do ſeu Mundo.

De Gaſſendo * nos atomos concebo
Igual difficuldade: Naõ percebo,
Sendo hum atomo ſimples, como pode
Ser phyſico, e real, ſem que acommode
Na figura a extenſaõ: E todo o extenſo,
Seja grande, ou ſubtil, ou raro, ou denſo,
Naõ pode eſtar ſem partes: Se as conſerva,

* *Pedro Gaſſendo* naſceu na *Provença* na Villa de *Chanterſier do Biſpado de Digna*, no anno de 1592. Depois de ter feito hum grande progreſſo nos eſtudos reforma, ou chriſtianiza o ſyſtema de *Epicuro*, e ſe fez hum novo coripheo deſta *Philoſophia*, a que ajuntou hum grande conhecimento das *Mathematicas*, e das *linguas*, com huma exquizita, e profunda erudiçaõ. Foi *Conego*, e *Prevoſte* da *Cathedral de Digna*. Foi amado de *Mr. de Peireſe*, *de Mr. du Vair*, *do Cardeal de Richelieu*, e de todos os Sabios daquella idade. O Cardeal de *Lyon*, Irmaõ do Cardeal de Richelieu, lhe procurou huma Cadeira de *Mathematica no Collegio Real em* 1645. Morreu em *Pariz* em 1655. a 24. de Outubro, de 64. annos, na infancçaõ de huma ſangria, que lhe mandaraõ dar os Medicos, inſtando lhe muitas vezes que morreria na acçaõ deſte remedio, e no meio delle foy que eſpirou. Sendo hum homem taõ grande, cauſa huma grande admiraçaõ, o ſogeitarſe com tanta obediencia a hum capricho eſtranho.

Temos de *Gaſſendo* tres volumes *da Philoſophia* de *Epicuro*; e ſeis que contem a ſua *Philoſophia*: Dois *de Aſtronomia*. Tres *das vidas de Nicoláo Peireſe*, de *Epicuro*, de *Copernico*, de *Tycho Brahe*, de *Peurbachio*, e de *Purbachio*. Quatro *de Cartas*, e *Outras obras*. *Sorbiere*, e o *P. Bougerel* da *Congregaçaõ do Oratorio* eſcreveraõ a ſua vida.

Simples naõ pode ſer: Se as naõ obſerva,
Bem que exiſtente á ideia ſe treſlada,
Outra ideia dirá, que naõ hè nada.

Tenho advertido em Newton, † que procura
Fundar o movimento na eſtructura
Da virtude magnetica, explicando
Todas as operaçoens, que tem o mando
Da natureza incognita, no impulſo
Da geral atracçaõ: Parece inſulſo
Tambem eſte conceito, em que ſe imita
Do Peripato a ideia já proſcrita
Das novas qualidades: Tudo enredos
De confuſas noçoens, falſos ſegredos.

Alem

† *Iſaac Newton* naſceu em *Voſſtrope* na *Provincia de Lincoln* em *Inglaterra* o dia de Natal de 1642. elle deſcendia por Varonia do *Baraõ Joaõ Newton*, e foi educado na grande Eſcola *de Grantham*: Daqui continua os ſeus eſtudos no Collegio *da Trindade de Cambridge*, e fez a maior applicaçaõ nas *Mathematicas*, em que ſahio eminente. O primeiro tomo, que elle deu à luz deſtes eſtudos, foi em 1687. com o titulo *Principios Mathematicos da Philoſophia natural*; aonde elle eſtabeleceu o ſeu ſyſtema da *Atracçaõ*. Foi *guarda*, e ao depois *Director da moeda*, emprego de grande renda. Foi eleito em 1703. *Preſidente da Sociedade Real de Londres*, e no anno ſeguinte imprimio a ſua *Optica*, huma das maiores obras do ſeu grande eſpirito. A *Rainha Anna* o fez *Cavaleiro* em 1708. Morreu em *Londres* a 20. de Março de 1727. de 85 annos; e foi ſepultado na Abbadia *de Weſtminſter*; Foi expoſto o Cadaver na Camera de *Jeruſalem*, donde ſe levaõ ao ſepulcro as peſſoas da mais alta dignidade. Levaraõ o Caixaõ *Milord*, *grande Chanceller*, os *Duques de Montroſe* e *Roſbugh*, e os *Condes de Pembroke*, *de Suſſes*, e de *Maſelesfield*; todos *Pares de Inglaterra*: officiou as exequias o *Biſpo de Rocheſter*, acompanhado de todo o Clero da quella Igreja; e o corpo foi ſepultado á entrada do Coro. Raros ſeraõ os exemplos na hiſtoria de que alguem conſeguiſſe tanta honra pela ſua ſciencia ſó por eſta acçaõ ſe deria immortalizar a *Naçaõ Ingleza*.

Alem diſto notei que toda a ancia
Do mais douto ſectario, era a jactancia
De entregar deſte objecto à ideia eſcura
Todo o engano da indocil conjectura,
Sem que attenda que a imagem paradoxa
Se encontre com a Maxima orthodoxa;
Querendo ſogeitar a Fé Divina
A's leis da Philoſophica doutrina
Serve a Philoſophia de inſtrumento
Para dar mais algum conhecimento
Da excelſa Religiaõ: Philoſophamos
Da Grandeza de Deos, quando notamos
A perfeiçaõ da fabrica do Mundo; *
E a Méme de hum Artifice profundo
Na firme ſucceſſaõ de noite, e dia,
No concurſo dos tempos, na harmonia
De tanto impulſo, é eſtimulo diverſo,
Como compoem a face do Univerſo:
Com a Philoſophia diſtinguimos,
Do falſo o verdadeiro: deſcobrimos
A diſtancia, que vai do honeſto ao torpe;
Separamos os vicios das virtudes
E alcançamos hum bem taõ deſejado
Se entre os vagos incendios do cuidado

* *Cæli enarrant gloriam Dei.* Pſalm. 18.
Inituere Cælum, & philoſophare.

As noſſas conjecturas ſocorremos,
Mas ſe as precipitamos; nos extremos
Cahimos mais infieis de hum dogma impuro,
Como Lucrecio, Pyrrhon, e Epicuro.

A Religiaõ naõ deve algum conceito
Provar de hum philoſophico delirio,
Deve o diſcurſo, cheio de reſpeito
Prezar menos a ſeita, do que o Empyrio:
A palavra de Deos ſó ſe interpreta
Se acaſo eſtá confuzo, o que decreta:
Quem nella ſubtiliza hé taõ diſtante
Do acerto, que ainda hé menos, que o ignorante
Naõ há erro maior, que pelo eſtudo
Querer examinar com genio agudo
Dos entes naturaes todo o prodigio;
E ſem mais, do que hum frivolo veſtigio,
Entrar neſta atrevida, e louca empreza *
Deſconhecendo o Author da Natureza:
E ſe hê demencia, d'hum objecto humano
Pretender alcançar o umbroſo arcano,
Que ſerá deſſe objecto, em que naufraga
Da triſte fanteſia a ideia vaga,
E que inda eſtá mais longe á negligencia

* *Deſconhecendo o Author da Natureza: Ils ſe attachèrent à etudier la nature, ſans reſpecter l'Auteur.* Rapin *ſur l'uſage de la Philoſoph.*

Da noſſa limitada intelligencia?
Naõ ſerá huma miſera loucura
O querer penetrar a conjectura
Hum Ente ſuperior; e a eſcuridade,
Ou dos futuros, ou da eternidade? ✠
Preſumia encontrar na Medicina
Alguma utilidade: Nada ſulca
O meu canſado eſtudo; e pouco inculca
Quem ſó á contingencia ſe deſtina:
Nos Livros de Galeno, e de Avicena,
E nos deſta farinha, * he grande pena
Ver fundada inda a arte duvidoſa
Dos ſyſtemas na imagem caprichoſa.
Em regras menos futeis féz mais grave
Baglivio, Syndenham, e Boerhaave †
O intento de Eſculapio, pondo a ſciencia

✠ *Evanuerunt in cogitationibus ſuis, & obſcuratum eſt cor. incipiens eorum.* Div. Paul. ad Roman. cap. 1.

* *Galeno*, e *Avicena*; Promotores da *Medicina peripatetica*, e textos *do Curativo arbitrario.*

† *Baglivio*, *Sydenham*, forað os que arrancaraõ a *Medicina* do perigo, e falſidade dos Syſtemas; e a reduziraõ á obſervaçaõ, e experiencia; methodo de que hoje uſaõ os melhores medicos da *Europa*, excepto o noſſo *Portugal*, que ainda geme no captiveiro, e capricho das conjecturas. *Boerhaave* foi o que levantou eſta *Medicina* á maior perfeiçaõ: *Van Switten*, que foi ſeu diſcipulo, e commentou a ſua melhor obra que ſaõ os *Aphoriſmos de Cognoſcend. & Curand. morb*; hê hoje primeiro Medico da *Auguſtiſſima Imperatriz, e Rainha de Bohemia*, e de *Hungria Maria Thereza*. *Galeno* naſceu em *Pergamo* aos 131. da era chriſtaã, foi filho de *Nicon*, famoſo arquitecto: Depois de aprender a *Philoſophia* ſe applicou totalmen-

Jâ na demonſtraçaõ, ja na expriencia:
Abrio largo caminho a Anatomia
Para eſta grande empreza: na ſangria,
Na purga houve eleiçaõ: Novo aphoriſmo
Produzio toda a lûz do Mechaniſmo.

Hoſpede quaſi com as Leis me ponho:
Naõ tendo Patria, ou domicilio certo,
E já na Povoaçaõ, já no deſerto,
Por inuteis julguei eſtes Volumes;

Pois

te á *Medicina*, e foi diſcipulo de *Satyrón*, e de *Pelops*, os dois maiores medicos da quelle tempo: Paſſou á *Alexandria*, aonde floreciaõ as ſciencias: Da hi a *Roma* no anno de 169. Foi obrigado a ſahir deſta Cidade pelo odio, e enveja que conceberaõ os *Medicos* das ſuas prodigioſas curas. Ao depois foi outra vêz chamado a ella por *Marco Aurelio*: Huns dizem que depois da morte deſte Imperador ſahira *Galeno de Roma*, outros que nunca mais deixara eſta Cidade: Se *Galeno* naõ ſe quizera apartar do Methodo de *Hypocrates* igualara com elle na *Medicina*. *Avicena* foi *Arabe*, naſceu em *Bochar* á 980. da era chriſtan: Foi doutiſſimo, e teve huma memoria prodigioſa. Applicouſe á *Medicina*, e foi *Viſir do Soltam Cabous*; com os deſmanchos de hũa vida licencioſa abreviou a ſua vida, e morreu de 58. annos. *Jorge Baglivio* naſceu em *Raguna* Cidade da *Dalmacia* de huma familia nobre a 5. de Novembro de 1666. Paſſou da *Dalmacia* para a *Apulia* na companhia de ſeus Pais, que lhe deraõ por Meſtre das primeiras letras ao *P. Mondegajo Jeſuita*. Eſtudou na eſchola de *Salerno* a *Philoſophia*, e *Medicina*, e ſeguio eſta ſciencia nas Academias de *Patavia*, e *Bolonha*, da qual teve por meſtre a *Malpighio*. Ao depois fêz o domicilio em *Roma*, aonde teve huma grande opiniaõ, e aonde leu a Cadeira da *Anatomia*; morreu a 5. de Março de 1707. *Thomas Syndenham* naſceu no Condado de *Dorſet* em *Inglaterra* em 1624. eſtudou em *Oxford*; e ſe fez Doutor em *Medicina* na Univerſidade de *Cambridge*: morreu em 1689. *Hermano Boerhaave* naſceu em *Voorhout* perto de *Lerde* em 1668. Foi o maior medico depois de *Hippocrates*, grande *chimico*, *Botanico*, e *Anatomico*; ajuntou com eſtas faculdades riquezas immenſas. Morreu a 23. de Setembro de 1730.

Pois para regular os meus coſtumes
Entendi que baſtava aquelle alento,
Que infundio, ou gravou no entendimento
Huma Lei natural! Eſte diſcurſo
Me fêz buſcar a Ethica: * recurſo
Maravilhoſo foi: ella me ordena
Tudo quanto o deſejo meditava:
Neſte illuſtre elemento ſe engolfava
A minha propenſaõ: Alli diviſo
A verdadeira Sciencia: ſem diſputas
De canſadas queſtoens, o meu aviſo
Deſcobre neſte mappa reſolutas
As inſtancias da miſera vontade:
O ſimulacro encontro da verdade;
Vejo o puro eſplendor da continencia,
A rectidaõ, o merito, a prudencia,
Manſidaõ, fortaleza: da outra parte,
Vejo o fero ſemblante da injuſtiça,
A macilenta face da cubiça,
O luxurioſo ardor da intemperança
O geſto formidavel da vingança:
Na diſtancia do bem, e mal encontro

Hum

* *A Ethica*, que inclue os preceitos da *Philoſophia moral*, hê a que dá mais proveito a os eſtudos; pois nos enſina a reconhecer a virtude, e o vicio. Neſta *Philoſophia* ſe deviaõ exercitar todas as noſſas applicaçoens. Naõ ſe deve eſtudar com outro intento que para moderar os noſſos impulſos, e vencer os noſſos appetites. Eſta foi a *Philoſophia* de *Socrates*, e que o conſtituio o mais ſabio, e virtuoſo que teve a Antiguidade.

Hum deleite mais alto, e mais ſezudo,
Ignorado talvêz do antigo eſtudo.

Muito devî á Ethica: confeſſo
A ſua utilidade: o meu ingreſſo
Neſta ſciencia mais util me encaminha
A conhecer o engano, que provinha
De hum deſejo curioſo; e que a ignorancia
Hé da ſciencia advertida circunſtancia. *
Pois he certo que o ſabio deve abſterſe
De tudo o que naõ pode comprehenderſe. ✠
Com tudo noutra eſchola, inda mais alta,
Me aproveitei das regras, que me enſina
Mais poderoſa, mais felîz doutrina:
A dilatada ſerie dos trabalhos,
Por incultos, por aſperos atalhos
Me conduz n'huma vida, quaſi errante,
A ſapiencia mais firme, e mais brilhante,

Que

* *Neſcire quædam magna pars Sapientiæ.*

✠ *Le plus grand abrégement que l'on puiſſe trouver dans l'étude des ſciences, eſt de ne s'appliquer jamais á la recherche de tout ce qui eſt au-deſſus de nous, & que nous ne pouvons eſperer raiſonnablement de pouvoir comprendre. De ce genre ſon toutes les queſtions qui regardent la puiſſance de Dieu..... C'eſt une ſolution très-commode, & très-courte pour ſe tirer d'un grand nombre de queſtions, dont on diſputera toujours tant que l'on en voudra diſputer, pareceque l'on n'arrivera jamais à une connoiſſance aſſez claire pour fixer, & arrêter nos ſprits. Eſt-il poſſible qu'une créature aitété crée dans l'étemité? Dieu peut-il faire un corps infini en grandeur, un monvement infini en viteſſe une multitude infinie en nombre, un nombre infini eſt-il pair, ou impair?*

Que no eſpirito imprime aquelle alento,
Que vence das paixoens o movimento:
Outra véz digo ao homem, que ſem eſte
Cuſtoſo reſplandor, eſtudo agreſte
Nunca pode ſer ſabio; pois a ſcipencia
Que ſe confirma ſó na intelligencia,
Sem domar os impulſos da vontade
Hê jactancia; hê quimera; hê necedade.

Da lûz exprimental, e intellectiva,
Pouco a pouco renaſce, e ſe deriva
Mais nobre applicaçaõ, que me arrebata
A hum excelſo ardor; pois me retrata
Hum Ente Summo, em fim, onde eminentes
Haõ de eſtar tantos indices Luzentes.

A' Polemica paſſa o meu deſignio,
Para ver as razoens, que a mente deve
A' Suprema Deidade, e em tempo breve
Notei a confuſaõ da Idolatria,
Do Mahometiſmo, Hebreiſmo, e da Hereſia;

E

L'e-t-il un infini plus grand que l'autre? Celui qui dira tout d'un coup, Je n'en ſai rien, ſera auſſi avancé en un moment, que celui qui s'appliquera à raiſoner vingt ans ſur ces ſortes de ſujets. & la ſeule difference qu'il peut y avoir entre eux eſt, que celui ſ'efforcera de pénetrer ces queſtions, eſt en danger de tomber en un degré plus bas que la ſimple ignorance, qui eſt de croire ſavoir ce qu'il ne ſait pas.

L'Art de penſer, P. 4. cap. 1.

E nada me confunde, ou me embaraça
Para logo aceitar a Lei da Graça. *

Que Lei mais doce, placida, conforme;
Mais ſanta, mais felîz, mais uniforme?
Mais viva na diſtancia dos Imperios?
Mais divina no aſſombro dos myſterios?
Gravada, pois, na minha intelligencia,
Da ſagrada doutrina a preheminencia,
Deſejei hum eſpirito facundo
Para illuſtrar com ella todo o Mundo: ✠
A alma ſe acendeu d'hum igneo arrojo
Com eſta heroica empreza: eſte luzeiro
Me banha o coraçaõ: meu companheiro
Neſſe tempo me excita eſta jornada:
Eſta a cauſa de acharnos neſta eſtrada,
Narrando * em parte taõ deſconhecida
Meu naſcimento, emprego, acçoens e vida.

Vejo

* *A Lei da Graça.* Pela lûz natural, e pelos eſtudos alcançou o *Peregrino* a verdade da Lei Chriſtaã. Muitos entendẽ q̃ a eleiçaõ da Lei depẽde da Criaçaõ: Quem teve o Pai *Calviniſta*, ou *Lutherano*, ſerá *Lutherano* ou *Calviniſta* &c.

Para condemnar eſta apprehenſaõ hẽ q̃ propuzemos o *Peregrino* em hũa Caverna, ſem mais criaçaõ, q̃ a dos brutos; e q̃ depois de averiguar todas as Religioens, de q̃ ſe compoem o Univerſo, naõ podia eleger outra Lei, ſenaõ a Lei da Graça. Ella hẽ taõ conforme à razaõ innata do meſmo homem, que naõ deve algum regeitalla, ſem condemnar a ſua propria intelligencia.

✠ Da que teve o *Peregrino* da meſma Lei, ſe produzio o deſejo de a communicar a todo o Mundo; e neſte intento hẽ q̃ tem principio a *Fabula deſte Poema.*

* *Narrando.* Aqui pareceu ao *Peregrino* naõ encobrir a *Confucio* a ſua empreza; pois tinha obrigaçaõ de lhe dizer a verdade, reſolvendoſe ſatisfazer á ſua pergunta; e era já tempo de a deſcobrir para o combater.

Vejo que a voſſa Crença he mui diſtante
Da quella, que me fez participante
O clyma em que naſci, lhe diz Confucio:
Eſſe Polytheiſmo, eſſe Prepucio, †
Com que a Circunciſaõ fêz injurioſo
O culto das Deidades, me ſepara
Da voſſa Religiaõ; †† e me prepara
O deſgoſto de veres os exemplos
Dos Idolos, das aras, e dos templos.
Naõ vos mortifiqueis com me levares
A ver eſſes magnificos altares,
Reſponde o Peregrino: ahi preſumo
Que vos poſſa moſtrar que tudo he fumo
De hum Cego, falſo, miſero conceito:
A palavra vos tomo, a offerta aceito,
O Philoſopho diz: e a eſtrada ſeguem
Com mais expediçaõ, para que cheguem
A examinar o aſſento promettido
De tanto Nume, e Oraculo fingido.

Deſco-

† *Preputio* era o nome, que entre os *Hebreos* ſe dava ao *Gentiliſmo*, aſſim como o de *Circunciſaõ* á *Synagoga*.

†† A parte da Aſia mais cheia de *idolatras* hê a *China*; por iſſo pozemos o *Peregrino* neſta Provincia a combater o *Polytheiſmo*. Entre os *Chins* há tres Seitas principaes: a que chamaõ dos *Letrados* naõ tem *Idolos*, nem altar, nem *Templo*, nem *Ceremonias* ou *Sacrificios*. O Author deſta Seita foi *Confucio* o ſeu famoſo, e venerado philoſopho; porem eſte *Confucio* que aqui falla com o *Peregrino*, ainda que tomou o nome deſte ſeu Oraculo, ſuppomos que tinha aceitado o *Polytheiſmo*; ſeguindo huma das outras duas Seitas deſte Imperio para ſe lograr o combate contra os *Idolatras*.

Deſcobrem finalmente huma Colina,
Que em partes ſeparadas ſe illumina
De varios edificios mageſtoſos:
Em proporçaõ os troncos mais frondoſos
Os eſpaços occupaõ, * que a diſtancia
Formaõ de hum templo a outro: na elegancia
Da arte, e natureza a luz explica
O aſſombro, em que eſte objecto ſe edifica.

Corôa o monte com dourado ſolio
Huma imagem do antigo Capitolio:
Do Pantheaõ inda a maquina rotunda,
Parece que mais nobre aqui ſe funda:
Jupiter, Juno, Venus, e Minerva,
Saturno, Marte, e Baccho, aqui conſerva
Toda a ſua memoria: ¶ de infinitos
Menores templos, ſe enchem os diſtritos
Da povoada montanha: de Pomona,
De Vallonia, Rurina, de Vertuno,
De Flora, de Montino, inda ſe a bona
O Gentilico rito: eſtá Neptuno

Profer-

* *Em proporçaõ os troncos.* Os *Gregos*, e *Romanos* edificaraõ todos os ſeus templos ſeparados; e os mais famoſos entre os boſques.

¶ Introduzemſe aqui os templos, e Oraculos Gentilicos da antiguidade naõ porque ſe adorem entre os *Chins* os *Deoſes dos Gregos*, e *Romanos*, mas porque fazem huma grande parte da *Idolatria*, e ſervem de exemplares á *ſuperſtiçaõ da Aſia*.

Proſerpina, e Plutaõ: de outras Deidades,
Que excedem o alguariſmo, as falſidades
Exiſtem no ſinzel: no mais ſombrio
Da emmaranhada ſelva, o Senhorio
Affectaõ os Oraculos de Delphos, *
Da Pamphilia, da Phrygia, da Béocia:
Parece que inda alli, ſem força, ou dolo
Thriphonio, Daphne, Jupiter, Apollo
Nas ambiguas reſpoſtas ſe deſvella,
A pezar de Vandalle, ✠ e Fontanella.

Naõ cuideis que eſtes Numes, que ſe offrecem
A' noſſa viſta, ſaõ os que conhecem
(Diz agora Confucio) os ſacrificios
Da noſſa ſubmiſſaõ: ſó para indicios
De que os tiveraõ Gregos, e Romanos,

A

* *Delphos*, Cidade da *Grecia*, aonde reſpondia o ſimulacro de *Apollo*, o Oraculo da *Pamphilia* ſe chamava *Patareo*: *Dindymeo* o da *Phrygia*: Na *Beocia* era o de *Trophonio*: o de *Dephane* em *Thalama*, Cidede da *Laconia*: o de *Jupiter Dodoneo* no *Epiro*: o de *Ammon* na *Africa*: Alem deſtes, houve muitos Oraculos, de que hé eſcuſado fazer menção.

✠ *Van-Dale*, medico *Olandéz* imprimio hum Livro Latino em *Olanda*, em que moſtrou que tudo o que ſe tinha dito das reſpoſtas dos Oraculos era impoſtura dos Sacerdotes Gentilicos: Agradou muito eſta opiniaõ a *Fontenelle*, Secretario da Academia *Franceza das Sciencias*, e ſabio com hum pequeno *Tractado da meſma materia*. Julgouſe por ſoſpeitoſo eſte conceito, e muito mais ſendo produzido por hum *Anabaptiſta*, qual era *Van-Dale*; pois muitos PP. da Igreja provaraõ o ſilencio, que hiaõ tomando os Oraculos, ao paſſo que ſe hia publicando o *Evangelho*. Entre outros ſucceſſos inegaveis, he mui evidente o da nova *Heſpanha*; pois emmudeceraõ todos os *Idolos* quando entraraõ os *Heſpanhoés* naquellas Vaſtas Provincias.

A gente mais polida entre os humanos,
Aqui ſe reprezentaõ: Sacros vultos
Dos meus devotos, religioſos cultos
Neſtas aras vereis da maõ direita.

Tudo no meu eſpirito ſe aceita
Como Superſtiçaõ; o Peregrino
Reſponde: Tudo julgo deſatino
Tudo Cegueira, e alento deſgraçado
De hum diſcurſo nas ſombras ſuffocado:
Naõ tomeis o exmplar de Roma, e Grecia
Em ſeguir huma maxima taõ necia;
Indà as Naçoens, que mais ſe cultivaraõ
Da Religiaõ nos pontos deliraraõ:
Que loucura maior, que formar ritos
Aos meſmos directores dos delitos? *

Que ideia do mais alto dos ſeus Deuſes
Farieis Vós, ſe oviſſeis na figura
De Amphytriaõ, de Ciſne, cuco, e touro,
E mudado tambem em chuva de ouro;
Quando a ſua laſcivia lhe procura, ¶
Com a torpe mudança da figura,

Corrom-

* *Auctores enim doctoresque peccatorum eſſe adſolent, non ultores.* Div. Auguſt. *de Civit. Dei*, lib. 3. cap. 3.

Quid eſt aliud vitia noſtra incendere, quàm auctores illis adſcribere Deos. Senec. *de brevit. vit.* cap. 16.

¶ *Sed ſuper omnem impudentiam adulteria inter ipſos fingi, mox jurgia, & odia, atque etiam furtorum eſſe & ſcelerum nomina.*

Plin. lib. 2. cap. 7.

Corromper neſſe ardor, que o vicio hoſpeda,
Alcmena, Danae, Juno, Europa, e Leda,
Proſeguindo no infame vituperio
Com Protogenia, Antiope, Jodama
Com Niobe Semele Laodamia,
Sem que de tanto incendio a indigna chama
Desfigurar podeſſe a Idolatria?
Como pode convir com huma excelſa
Divina perfeiçaõ, toda a luxuria
De Venus, e de Juno a cauſa odioſa,
De Vulcano o rancor de Marte a furia?
Da Caſtidade a fama luminoſa,
Que a Diana ſe concede, a deſordena
Do Aſtrologo Paſtor a doce pena,
Com que a noite eſperava: Nos empenhos
De ſocorrer a Troia, ou deſtruilla
O Conceito dos Deoſes ſe aniquilla:
De hum lado Venus, Juno da outra parte,
Huns patrocina Apollo, outros Vulcano,
Thetis accuſa a Troia, abſolve-a Marte:
Que impulſo mais indigno, ou mais profano?

Mulciber in Trojam, pro Troja ſtabat Apollo:
Æqua Venus Teucris, Pallas iniqua fuit;
Oderat Æneam propior Saturnia Juno,
Ille tamen Veneris numine tutus erat.
Sæpe ferox cautum petiit Neptunus Ulyſſem:
Eripuit patruo ſæpe Minerva ſuo.

Ovid. lib. 1. Triſt. eleg. 2.

A diſcordia, em que o eſpirito fluctua;
He crivel que as Deidades conſtitua? *

Sempre me perſuadi que eſta cegueira,
Entre os meſmos Pagaons, de outra maneira
Se achava nos varoens mais advertidos:
O vulgo, que obra ſó pelos ſentidos,
Hê que honrava eſtes Deoſes: Há lembrança
(Diz Confucio) que á Socrates ¶ alcança
Eſte culto tambem: nelle regiſto
A Platam, e á Mercurio Triſmegiſto:
Inda a Seneca, e a Cicero contemplo
Dos eſcriptos nas paginas preclaras
Honrado os Numes, frequentando as aras.

O meſmo Marco Tullio vos intima
(Lhe torna o Peregrino) que o conceito
De tanta Divindade, eſtá ſogeito,
Somente ás leis Civîs; * dando recurſo
Deſta ſorte aos reflexos do diſcurſo

Para

* *Si inter ſe diſſentiant, non profectò re vera ſunt Dii.* Plutarc. *In Dicter. Laconic.*

¶ *Que a Socrates.* Accuſaſe ao noſſo *Camoens* de que exponha a diſcripſaõ da *Europa* a hum barbaro, como o *Rei de Melinde*; o que lhe falle em *Ulyſſes*, *Eneas*, *Trajano*, *Alexandre*, peſſoas totalmente deſconhecidas da ſua incultura: Preſumo que naõ ſe me pode fazer a meſma accuſaçaõ, quando introduzo a fallar *Confucio* de *Socrates*, *Plataõ*, *Triſmegiſto*, *Seneca*, e *Ciceno*; porque a hum *Philoſopho* da *Chîna* pode naõ ſer incongruente eſta erudiçaõ.

* *Colenda nempe eſſe Simulachra ob metum legum politicarum.* Cicer. lib. 1. de natura Deor.

Para que poſſaõ ver a diſſonancia
De taõ ſuperſticioſa exurbitancia. †

Mas eſſas Divindades criminoſas
(Confucio acode) naõ aceita a China:
Mais ſuperior objecto a predomina.

Se aceitais pluridade de outros Deoſes,
(Lhe adverte o Peregrino) ſepultados
Na meſma confuſaõ vos conſidero:
Se me fallais com animo ſincero
Haveis de confeſſarme que encontrados
Os Numes haõ de eſtar na grande empreza
De produzir as leis da Natureza:
Que huma vontade certa, e independente
Ha de ter qualquer delles, hê patente;
(Pois bem vedes que implica Divindade

† Segundo a Conta de *Varro* paſſava o numero dos *Deoſes dos Romanos*, de trinta mil, e a eſtas Divindades ſe ajuntaraõ as das Naçoens ſobjugadas como diz *Prudent. in Symmach.* lib. 2.

Roma triumphantis quoties Ducis inclyta curru
Plauſibus excepit toties altaria Divûm
Addidit, & ſpoliis ſibimet nova Numina fecit.

E por eſta cauſa dizia *Plinio* lib. 2. cap. 7. que ſe podia conſiderar que eraõ mais os Deoſes que os homens: o que tambem fez dizer a *Petronio in fragm.*

Utique regio noſtra tam præſentibus plena eſt Numinibus, ut facilius ſpoſſis Deum, quam hominem invenire.

Os *Caunienſes*, enfadados da multidaõ dos Deoſes, que ſe adoravaõ na ſua patria, fizeraõ huma mouteria bem extraordinaria, pois batendo o ar com os ſeus dardos, os perſeguiraõ até a fronteira da ſua Provincia, preſumindo que por eſte modo os obrigavaõ a ſahir do ſeu Paiz. Aſſim o refere *Herodot.* no Livr. intitulado, *Clio.*

Com limites de explicita vontade:
Ou eſta a tem hum ſó, ou todos juntos:
Se hê que hum ſó a ſuſtenta, os mais adjuntos,
De que ſervem, ſe na immortal ſubſtancia
Naõ ſe admitte nenhuma redundancia?
E ſe todos a tem, como a porfia
Nas varias intenſoens ſe evitaria?
Hum moveria chuva, o outro calma:
Hum queria Eſtio, o outro Inverno:
Hum regeria peſte, outro ſaude:
Hum julgaria a vida, outro o ataude;
Tranſtornado eſte harmonico governo,
Com que procede o Mundo; o Ceo, e a Terra
Sempre eſtariaõ em continua guerra
De oppoſtas Colliçoens: Irreſoluto
O orbe no dictame, ou no eſtatuto,
Viria, ſem as normas, que o dirigem,
A' ruda indigeſtaõ da ſua Origem.

Os mortaes, que fariaõ nos ſeus rogos?
Em que triſtes, e miſeros a fogos
Se haviaõ de achar ſempre, duvidando
Que Nume invocariaõ? Onde o mando
Podiaõ preſumir? que Deos mais forte
Venceria o mais fraco? A feliz ſorte
Em que parte ſe achava? A deſventura
Em que lugar ſe abria? Em ſombra eſcura

Naufra-

Naufragaria ſempre o humano enredo:
Tudo ſeria eſpanto, horror, e medo.

Hê taõ claro eſte ingenito dilema
Do Lume natural, que Grecia, e Roma
Na ſua inſtituiçaõ tambem o toma;
Pois conheceu Deidade mais ſuprema
No ſeu maximo Jupiter, que attende
A quanto a Terra abrange, e o Ceo ſe extende.

Ariſtoteles diz, que o Nume excelſo
Hé como o picador na picaria, *
O piloto no Mar, na melodia
O Guiaõ, o decreto na Cidade,
O General no exercito: e ſe intentas
(Proſegue) o penetrarlhe a faculdade,
Verás o mais valente: ſe te alentas

* *Quod in navi, gubernator: quod in curru, agitator: quod in choro præentor: quod, denique, lex in civitate; & dux in exercitu, hoc Deus eſt in Mundo.* Ariſtotel. lib. *de Mund.* cap. 6.

Deus, quidem, ſi vim ſpectes, valentiſſimus: ſi decorem, formoſiſſimus: ſi ritam, immortalis: denique, ſi virtutem præſtantiſſimus. Ibid.

Eſt verè illum Optim. Maxim. Deus ipſe, qui ſecundum cogitationem exſtit: Vivens Cœleſte, incorruptibile, principium, & cauſa diſpenſationis omnium rerum.

Callicrad. Pythagor. apud Stob. Serm. 73.

Totum hoc quo continemur, & unum eſt, & Deus, & ſocii ejus ſumus, & membra: Senec. Epiſt. 92. Eſte lugar de *Seneca* contemna a pluridade dos Deoſes, mas veſe nelle outro maior abſurdo que he o da apprehenſaõ de huma ſó ſubſtancia eſtendida por toda a variedade do univerſo, cujo delirio renovou *Eſpinoſa* no paſſado ſeculo, como fica dito na nota do Verſ. 372. do 1. Liv.

A notarlhe tambem a formoſura,
Verás o mais formoſo: ſe procura
Alguem o menſurarlhe a ſua vida,
Ha de achallo immortal: ſe ſe convida
De altas virtudes aos excelſos modos,
Hé elle o preſtantiſſimo entre todos:
O que exiſte no ſeu entendimento:
Celeſte, e incorruptivel: Movimento,
Principio, Cauſa, e ſer, que conſtitue
Tudo quanto ſe forma, e diſtribue.

E ſe eſta a ideia foi do Paganiſmo,
Que propoſito teve eſſe alguariſmo,
Quaſi infinito de Deidades tantas,
Sem que os aſtros, os brutos, e inda as plantas
Si livraſſem d'hum culto, que movia,
Menos á devoçaõ, que à Zombaria? *

De-

* *Porrum & cepe nefas violare, & frangere morſu*
O Sanctas gentes, quibus hac naſcuntur in hortis
Numina! ---------- Juven. Satyr. 15.

Os *Lacedemonios* levantaraõ altares á morte, e ao medo, os *Athenienſes* ao deſaforo, ás tempeſtades, e á proſtituiçaõ, os *Romanos* á febre, e á deſventura, os *Egypcios* aos repolhos, e ás cebollas; e adoraçaõ os crocodilos, os gatos, e os monos. Vejaſe Clement. Alexand. *in admonit. ad gentes. Alexand. ab Alex. Genial. diez.* lib. 1. cap. 13. Plin. lib. 2. cap. 7. Os habitadores da *Ilha Formoſa* davaõ mais culto ao demonio, que ao meſmo Deos, porque o Bom (deziaõ elles) naõ pode fazer mal á alguem, e ſó quem fazia mal, he que ſe devia applacar com ſacrificios. A taõ grandes delirios póde chegar a corrupçaõ dos homens. *Gentes verò quædam animalia, & aliqua etiam obſcæna pro Diis habent; ac multò dicta magis pudenda per fœtidas cibos, & alia ſimilia jurantes.* Plin. lib. 2. cap. 7.

Demais que a alta ſoberana eſſencia
De hum Nume ſuperior, igual a tinhaõ
Os mais Deoſes, ou naõ? ſe elles convinhaõ
Na meſma incomparavel preheminencia,
Em nenhum já podia ſoſpeitarſe,
Que a ſumma perfeiçaõ naõ pode darſe
Em muitos individuos; pois o ſumma
Implica com o igual: e ſe o reſumo
De immenſas perfeiçoens as tem ſomente
O que he maior que os outros; claramente
Se vê que os outros Deoſes, naõ ſaõ Deoſes:
Por mais que a mente idolatra os exalta,
Se eſta ſumma excellencia aqui lhes falta,
Ella meſma os deſtroe, ella os deſpenha;
Pois naõ pode ſer Deos quem naõ a tenha.

Inda que eſte impoſſivel ſe permita
De ſe dar igualdade na ventagem,
Sempre eſta ideia outro abſurdo excita;
Pois concedida a repugnante imagem
Do ſummo com o igual, ſerá forçoſo
Concederſe hum eſpirito orgulhoſo
Na diverſa igualdade; e ſe acharia
Aquella natural antipathia,
Que obſerva a emulaçaõ: O claro aſpecto,
Com que ſe move a luz em tanto objecto,

Somente hum ſol o faz: O corpo humano
Huma alma ſó governa: Hum ſoberano
Só he que reje o eſtado: Se acendera
Mais que hum ſol todo a maquina da eſphera:
Se mais que huma alma a fabrica animara
Do noſſo microcoſmo: Se inſpirara
Aleî mais que hum ſó Principe; naõ fora
A eſtructura Celeſte brilhadora;
Nem o corpo vivente; nem fundado
Na acorde duraçaõ o Principado.

Fingî de qualquer modo que elle ſeja
Neſſes Deoſes, do Mundo a leî preciſa;
Conceber ſempre haveis aquella enveja,
Que entre as grandes Potencias ſe diviſa:
Envejoſo, e felîz, contraditorio
Vos há de parecer: Se o conſiſtorio
Dos Numes neſte eſtimulo ſe ordena,
Naõ ſe pode chamar regiaõ ſerena
A'quella venturoſa claridade,
Onde habita huma, e outra Divindade.

E ſe entendeis, talvez, que neſſa Curia
Se tolera a paixaõ, ſe ſofre a injuria
De hum poderoſo igual, ou que a naõ ſente,
Ou qne grata ſe fáz a hum peito ardente,

Direi

Direi que neſſes miſéros recatos
Julgais os voſſos Deoſes inſenſatos,
Querendo que no ſeu maior afogo
Viva ſem pulſar a luz, ſem chama o fogo.

A' meſma pluridade deſſes Numes
Acreſcentai, em fim, outro defeito:
Multidaõ naõ produz algum conceito
De huma ſumma ſubſtancia: N hum ſuppoſto
Singular, ſimpliciſſimo, abſoluto,
Hê que eſte Grande objecto eſtá diſpoſto:
Só na Unidade ſe acha eſte attributo:
Quanto mais eſſes Deoſes numerares,
Os fazeis mais indignos dos altares.

TRIUMPHO DA RELIGIAÕ.

Poema Epico-polemico.

LIVRO III.

*Contra o Deiſmo.**

DEpois de ouvir Confucio eſtes clamores,
Com q̃ inſiſte a verdade; entre os horrores
Do boſque ſe meteu: Alli conſpira
Com o eſpanto a vergonha: o aſſombro, a ira,
O enredo, a Confuſaõ, no meſmo eſtado,
Tal-

* *Deiſmo.* Querem alguns que a ſeita dos *Deiſtas* ſahira do *Lutheraniſmo de Alemanha*, e que foſſe A. do *Deiſmo* hum *Jorge Pauli*, Miniſtro, e Predicante de *Cracovia*. A primeira vêz que ſe conheceu foi em *Polonia* no anno de 1564. Dahi inficionou muita parte da *Alemanha*, e da *Hungria* até ſe fazer quaſi Geral em outras Provincias infeſtadas dos *Lutheranos*, *e Calviniſtas*. Os homens do *Norte*, e do *Levante*, que ſe prezaõ de mais ſabios tem cahido neſte delirio, ſeguindo que Deos naõ deve ſer invocado ſe naõ com o entendimento, e tendo por indignas da Divindade as ceremonias exteriores. Alem deſte erro, ſaõ muitos os que tem abraçado eſta ſeita, e taõ enormes que ſe envergonha a penna de produzillos. O *Abbade Furetiere* no ſeu Diccionario nos diz *que os Francezes uſao da palavra Deiſte para ſignificarem hum homem ſem alguma religiao.*

Talvêz, que o deixaria ſepultado.

Notando o Peregrino que a detenſa
Lhe naõ daria outra recompenſa,
Que auzentarſe daquella eſtancia inculta,
Paſſar a diante o genio lhe conſulta,
E entre as ſombras deixando a Idolatria,
Seguem a eſtrada por contraria via

Vencendo huma eſcabroſa ſoledade,
Que durou muito tempo, huma Cidade
Ao longe appareceu n'huma Campina, *
Cercada de jardins, boſques, e frutos,
Que hum ribeiro em eſpelhos diſſolutos
Retratava, ſeguindo o campo ameno,
Humas vezes turbado, outras ſereno.

Toda aqueſſa affluencia lhes parece
Que vegeta, que brota, e reverdece;
Sem beneficio algum de induſtria humana;
Mas he taõ oco o Cedro, como a cana:
Os pomos, que ſe offrecem taõ formoſos
Naõ tem mais, do que a caſca: mui viſtoſos
Os arbuſtos eſtaõ: mas as eſpigas

Naõ

* *N'huma Campina.* Diſcripſaõ allegorica do Campo dos *Deiſtas*, que deixamos explicada no *Prolegomeno*.

Naõ tem ſucco, ou ſemente: entre as hortigas,
E entre varios eſpinhos, ſe repara
Que creſce toda a pompa da ſeára:
As flores dos jardins, quando ſe tocaõ
Mudaõ logo de côr; e ſe as provocaõ
Com maior expreſſaõ, todo o reſumo
De ſeu falſo explendor, ſe exhala em fumo.

Das arvores as folhas ſe diſtingem
Por mais que as luzes da eſmeralda fingem,
Se acaſo vem ás maons; e do ribeiro
A corrente taõ clara, e criſtalina,
Alem de ſer amarga, tem hum cheiro,
Com que o olfato ſe afflige, ou ſe amotina:
Tudo o que adorna a emphatica campanha,
Quanto mais ſe analyza, mais ſe eſtranha.

Quando á Cidade attendem de mais perto
Os edificios vem, que a ceo aberto
Todos ſe conſtruiraõ: nem telhado,
Nem porta, nem janella, que embarace
Do ſol o reſplandor, do Ceo a face
Se encontra neſte novo Principado:
Naõ há muro, ou reparo, que o defenda;
He livre a Povoaçaõ; e eſta vivenda
Naõ receia embaraço, que a reprima:

Ao

Ao que nella ſe attende, ou mais ſe eſtima
Hé huma comprehenſaõ, hé hum conceito
Da humana liberdade; ſem ſogeito,
Que a poſſa conſtranger; pois ſe reputa
Sem dominio, ſem regra, ſem diſputa.

Entraraõ pelas ruas, onde viraõ
Que todos neſta maxima deliraõ:
Havia alli Polacos, Olandezes,
Hungaros, Alemaens, Dinamarquezes;
Mas a parte maior, que ás mais alcança,
Inglaterra a formou, e a deu a França.

Naõ tem eſte refugio algum exemplo
De ſacerdote, ou rito, altar, ou templo:
Reconhecem que há Deos; e que a Subſtancia
Ineffavel, eterna, incomprehenſivel,
He eſpirito immenſo, que a diſtancia
Abrange do exiſtente, e do poſſivel:
Julgaõ por ſacrilegio, ou por inſulto
Que eſte objecto immortal tenha outro culto,
Que aquelle, que na mente ſe prepara:
Tenha outra adoraçaõ, tenha outra ara,
Outro obſequio, ou mais honra, ou rendimento,
Que aquelle, que lhe vota o entendimento:
Outra victima, ou outro ſacrificio.

Mais

Mais que hum culto mental: Q'otem propicio
Preſume o ſeu delirio em qualquer hora,
Que o vicio, ou que a maldade ao Nume adora
Com impulſo interior, que a alma eſculpa,
Sem dar a emenda, ſem expiar a culpa.

Tendo alcançado o Peregrino a ideia
Em que eſte domicilio ſe recreia,
Diſſe ao Genio; já certo pelo informe,
Que tinha deſte penſamento enorme:
Sabei, que pelo aſpecto deſtas viſtas
Temos chegado à eſtancia dos Deiſtas.

Pedio a hum da quelles moradores
Lhe diſſeſſe ſe havia alguns ſenhores
Na quella Povoaçaõ, onde ſe achaſſe
O dictame Civil: Quem nos governa
He hum Principe ſó de excelſa claſſe,
O habitante reſponde: elle a moderna
Doutrina nos influe: elle a defende,
Elle a intima, a declara, e a comprehende:
Jorge Pauli ſe chama, nome illuſtre,
Com que imita o Miniſtro de Cracovia,
Coriphêo do *Deiſmo*: ſe vontade
Tendes de o ver; na praça da Cidade,
Hoje, conforme o uſo, ao Povo explica

A lei, que eſta Republica pratica.

Neſte tempo o concurſo encaminhava
O Peregrino ao ſitio, que buſcava;
A' praça chega, que a figura toma
Dos vaſtos colliſſeos, da antiga Roma,
Onde hum grande tumulto enche os lugares,
Que giraõ nos aſſentos circulares:
Na fronte outro mais nobre o corpo funda
De toda aquella maquina rotunda,
Que já eſtava occupado do Miniſtro:
Nas agoas da Hypocrenne, ou do Cayſtro
Pretendeu a confuſa intelligencia
Purificar a imagem da eloquencia:
A palavra tomou: della pendente
Fica o concurſo; e hum vulgo taõ copioſo
Cahio em hum ſilencio pavoroſo:
O *Deiſmo* lhe explica, delirando
Tanto nas inſtrucçoens, que ſe horroriza
A ideia, quanto mais a lingua, quando
As concebe, as diſtingue, as vulgariza.

Confiado o Peregrino nos indultos,
Que tem a liberdade do congreſſo,
E tomando lugar junto ao ingreſſo
Da cadeira infelîz, que Pauli infama;

Im-

Impellido de occulta, excelſa chama,
Licença lhe pedio para notarlhe
As duvidas, que tinha na doutrina:
Que as exponha o Miniſtro determina;
E elle, medindo a miſera cegueira,
Ao concurſo fallou deſta maneira.

Dizeis que ſendo em Deos toda a ſubſtancia
Hum eſpirito immenſo, que naõ pode
Haver alguma ideia, alguma inſtancia,
Que religioſamente lhe acommode
O culto material: Que eſte reſpeito
Naõ he mais que hum ſacrilego conceito
Da noſſa fanteſia, que pretende
Confundir o que adora no que offende:
Dizeis que toda a ceremonia, e rito
Saõ invençoens humanas, que exquiſito
Penſamento ordenou para que o Povo
Entre os encantos de hum impulſo novo
Se contiveſſe mais com a figura
De huma lei ſuperior; e a conjectura
Conſeguiſſe a diſforme liberdade
De inventar oblaçoens á Divindade.

Dizeis que deſte engano taõ greſſeiro
Entre os Pagaons foi Romulo o primeiro,

Unin-

Unindo a ara ao Regio Senhorio:
Que eſte ſuperſticioſo deſvario
Adoptaraõ outros Principes, julgando
Que para ſuſtentar o excelſo mando,
Mais firme regra naõ achava o ocio,
Que ajuntar ao Imperio o ſacerdocio.

Porem eſte diſcurſo hé repugnante
Ao lume natural; que o documento
De ſe adorar hum Deos, he taõ conſtante,
Como o innato influido mandamento
De ſe honrarem os Pais; e naõ fazeres
Com outro o que com voſco naõ quizeres: *
Eſtes ſaõ os preceitos, que ſe imprimem
No humano coraçaõ, a penas nace:
Bem que os cegos mortaes ſe deſanimem,
Ou a ſombra no eſpirito ſe enlace,
Nunca podem riſcar eſtes preceitos
No indelevel rumor dos ſeus conceitos.
O amor, a adoraçaõ, o culto, a gloria,
Que a Deos ſe deve dar, a fâz notoria
A meſma natureza ao mais inculto:
E a gloria, a adoraçaõ, o amor, o culto,
Religiaõ entre nós hê que ſe chama:

* Honrar, e reconhecer a *Deos*; venerar os *Pais*, e naõ fazer a outro o que ninguem deſeja em ſi ſaõ principios inegaveis, e influidos pela meſma Natureza.

Com eſte ardor intrinſeco ſe inflama
O Sarmata ignorante, o Indio cego,
O Perſa, o Schyta, o Thrace, o Turco, o Grego.

Eſta Religiaõ, que a Natureza
Dentro n'alma nos poem; tendo a firmeza
De hum ingenito incendio, ſe appellida
Religiaõ natural: Neſſa ſe funda
(Acode Pauli) a ancia agradecida
Com que honramos a Deos, ſem que confunda
Hum culto menos nobre o voto ardente;
Que ſe eleva à Deidade preheminente:
Para adorar a Deos me baſta a ideia
Com que attendo á immortal Sabidoria,
E com que o meu diſcurſo ſe confia
Em taõ ſumma Bondade, e reconheço
Dentro em mim proprio o pouco, que mereço:
Com eſta reflexaõ, o voto explico;
Com ella o buſco, o louvo, o glorifico;
E eſte culto me baſta para amallo,
Diſtinguillo, entendello, venerallo.

Naõ baſta; O Peregrino lhe reſponde:
Preciſa de outras maximas, aonde
A adoraçaõ eſteja deſcoberta,
O holochauſto patente, expoſto o indicio

Do

Do obſequio, da oblaçaõ, do ſacrificio.

Com hum conceito errante, hum culto vago,
Que dou à Divindade, lhe naõ pago
O benificio excelſo de criarme,
De eſcolherme, aſſiſtirme, e conſervarme
Se me deu as potencias, e os ſentidos,
Devem todos moſtrarſe agradecidos
Tambem á ſingular munificencia:
Que injuſtiça, indecoro, ou que indecencia,
Que indiſcripçaõ ſerá, que o goſto, e o tato,
O ouvido, a viſta, o cheiro, ſeja ingrato
A quem lhe deu a forma, e o movimento,
Depois de verem que o ſublime alento
Da vontade, do juizo, da memoria,
Reconhecem no culto tanta gloria?

Se imagem naõ encontro na lembrança,
Chama na intellecçaõ lûz no deſejo:
Se tudo quanto toco, quanto vejo,
Quanto cheiro, ouço, e goſto, quanto alcança
O braço, o pé, e a maõ, quanto palpita
Dentro em meu peito, dentro em mim circûla,
Com eſta Divindade ſe exercita,
Se alenta, ſe governa, ſe eſtimûla,
Com todas eſtas partes de hum compoſto

Taõ raro, quem naõ deve eſtar diſpoſto
Em tanta gratidaõ, em tanto extremo
A' honra deſte Artifice Supremo?

Reconheça a razaõ eſta Deidade:
A hum taõ alto bem corra a vontade:
Aos benificios a memoria attenda:
Movaõſe os pés ao Templo: as maons preparem
As ſacroſantas victimas: declarem
Tambem, genuflexandoſe os joelhos
A ſua adoraçaõ: fitemſe os olhos
Na Imagem reſpectiva: e ſinta o peito
Nos impulſos da Fé tanto reſpeito.

Eſtas demonſtraçoens taõ neceſſarias
De hum Ente ſummo aos ritos, arbitrarias
Naõ podem conceberſe; porque o rudo,
Ignorante vigor do humano eſtudo
Naõ alcança o dictame delicado
Com que Deos entre nós ſeja adorado:
Elle hê ſó o que pode produzillo,
Elle ſó conhecello, e inſtituillo.

Neſſa errante, mental, inculta empreza
Da voſſa adoraçaõ, tendes certeza
De que o Nume ſe agrade d'algum voto,

Que

Que fazeis em hum culto taõ remoto?
Naõ pode acontecer que eſſe deſtino
Da voſſa expoziçaõ, ſem regra, ou tino,
Mallogrando a ſublime recompenſa,
Em lugar de obſervancia, ſeja offenſa?
Logo ſerá preciſo ſe perſuada
A voſſa comprehenſaõ que revellada
A noſſa Religiaõ deve entenderſe,
Porque ſó deſta ſorte conheceríe
A ceremonia, o rito, e o culto pode,
Que ao agrado Divino ſe acommode.

Eſte foi o conceito, em que ſe uniraõ
Todas as gentes, que no Mundo giraõ,
Na Grecia, na Alemanha, na Polonia,
Na Turquia, na Italia, na Saxonia,
Na Pruſſia na Pamphilia, na Dalmacia,
Na India, Perſia, Schytia, Ponto, e Thracia,
E em todas as Provincias, que rodeia
O reſplandor do Sol, do Mar a areia,
Sempre houve a indiſputavel ſegurança
Que eſta Divina Lei, nunca ſe alcança
De algum arbitrio humano; pois ſe anima
Na quelle Author Supremo, que a ſublima
Para por ella ſer ſempre adorado,
Servido, diſtinguido, contemplado.

Numa dava a entender que a Nympha Egeria
Os cultos lhe dictava: a noſſa Iberia
Conheceu eſta maxima em Sertorio:
Maſoma no concurſo do auditorio
Fingio que a Divindade lhe influia
O nefando Alcoram: nunca ouſadia *
Teve alguem de inventar ſacro coſtume,
Sem moſtrarſe inſpirado d'algum Nume,
Que neſte fingimento authorizava
Tudo quanto diſpunha, e regulava. *

Naõ deveis, pois, negar no que concordaõ
Igualmente as Naçoens, deſconhecendo
Taõ geral ſentimento, e pretendendo
Deſprezar huma lêi, que ſe revella,
Com ſoberba, e jactancia d'outro influxo;
E muito menos quando ſe deſvella
Voſſo empenho a moſtrar novo debuxo
De occulta adoraçaõ, deſordenando

Com

* Com a pomba, que ſe tinha coſtumado a buſcar o ſuſtento no ouvido de *Maſoma*, que a ruſticidade dos *Arabes* julgava ſer o *Eſpirito Santo*, que lhe vinha dictar o *Alcoram*.

* *Minos* fingio que communicava com *Jupiter*, *Zamolxis* com *Veſta*, *Charondas* com *Saturno*, *Lycurgo* com *Apollo*; *Solon* com *Minerva*, *Zoroaſtro* com *Oromaſa*, *Triſmegiſto* com *Oſiris*, e *Garcilaço de la Vega* na Hiſtoria do *Perú*, nos diz que o primeiro *Rei*, ou *Inca* deſta Provincia chamado *MangoCapac*, que foi o que deu as leis, e os ritos aos *Peruvianos*, ſe fizera filho do *Sol*.

Com a ideia de hum rito miſerando;
Sem ordem, ſem principio, ſem exemplo,
O ſacerdote, a ara, a offerta, o Templo.

Neſſas tres lêis, que a Natureza enſina
Se funda a minha ſingular doutrina;
Inſta Pauli: Naõ dar a outro o dano
Que para mim naõ quero, o impulſo humano
Me regûla eſta intrinſeca advertencia:
O amor, e juntamente a reverencia
Com que devo tratar meos genitores,
Hé movimento innato, que os clamores
Da propenſaõ infundem: ſem dictame,
Sem nova direcçaõ, o meſmo exame
De hum interno luzeiro me encaminha
As devidas noçoens: ſe outras houvera
Na adoraçaõ Divina, o meſmo lume
Na intellecçaõ patentes as pozera:
Logo todas as lêis, todo o coſtume
Deſſe culto exterior no Turco, e Thrace;
No China, no Germano, no Saxonio,
No Sarmata, no Geta, no Eſlavonio,
No Indio, Perſa, Grego, Arabe, Aſſyrio,
Naõ foi mais que invençaõ, mais que delirio
Da ideia depravada, abſurdo, e erro,
Como o de Araõ na eſtatua do bezerro.

Naõ vos trago as Naçoens para ſeguillas
Dos cultos na diverſa extravagancia;
Lhe diz o Peregrino: o produzillas
Foi ſó para notar a concordancia
Com que todas as gentes entenderaõ
Que os ritos de alta origem procederaõ,
E que a naõ ſerem todos revellados,
Naõ poderiaõ ſer exercitados:
Nem deveis preſumir que todo o Mundo
Errou neſte conceito; e que o profundo
Da voſſa intellecçaõ hê que acertara
Em arruinar o Templo, a offerta, a ara.

Se a Natureza ſó o alento influe
De amar a voſſa eſpecie, e diſtribue
As regras deſte amor; e as do reſpeito
Com que aos Pais ſe obedece; eſte conceito
Levado para mais ſuprema cauſa,
Abſorto fica alli; fazendo pauſa
Em huma direcçaõ, que a alma anella,
Sem que poſſa dictalla, ou comprehendella.

No objecto natural mui facilmente
Se conhece a bondade, com que a mente
Procede nos dictames; pois confronta
Com a regra a razaõ: naõ ſe remonta

Fora

Fóra da Natureza a intelligencia;
Tudo he da meſma côr, da meſma eſſencia:
Porem quando o diſcurſo ſe arrebata
A mais ſublime aſpecto, e ſe dilata
Por eſſe immenſo golfo de portentos,
Sem esforços, ſem brios, ſem alentos
Ficara em hum perpetuo parociſmo,
Se Deos o naõ tirara deſte abyſmo.

Como pode acertar com tanta empreza
A noſſa inerte, natural fraqueza?
Como pode ſondar o excelſo modo
De ſe amar, e adorar hum Ente Summo,
Onde eminente eſtá todo o reſumo
Do exiſtente, e poſſivel; onde todo
O ſupremo, o infinito, o immenſo, o eterno?
Por mais que acuda ao movimento interno,
Quem pode conceber como há de amarſe,
Diſtinguirſe, entenderſe, venerarſe,
Sem que à ſua Clemencia o voto appelle
Para que a lûz reſpire, e a Lêi revelle?

Se entendeis que o dictame, que procura
O lume natural neſſa ternura
De ſe honrarem os Pais, ſerá baſtante
Para adorar a Deos; mui ſemelhante

Aos

Aos homens o fazeis, dandolhe o culto,
Que tem nas honras o paterno vulto.

Sendo, pois, taõ diſtintas deſte obſequio,
Como naõ conſentis que eu lhe prepare
Outro culto maior, em que declare
Aquella adoraçaõ, que tanto excede
Todo o obſequio, que aos homens ſe concede?

Sabeis ſe dando a Deos ſó eſta gloria
Lhe há de ſer agradavel? Se hum delito
Formareis neſſe empenho, ou neſſe rito?
Pois porque duvidais, ſendo forçoſo
Adorar eſte Deos taõ myſterioſo,
Que elle nos diga o modo, com que intenta,
Na quella meſma lûz, que em nós augmenta,
Ser adorado, ſer reconhecido,
Amado, contemplado, obedecido.

Donde entendeis que naõ padece engano
Eſſa ideia, que tendes no diſcurſo?
Se vos levais do barbaro recurſo
De que errar naõ podeis, que mais inſano
O dioſo penſamento? Naõ delira
Quem ignora que hê filho da mentira?
Ou eſta ideia he voſſa, ou foi producta

De outro mais ſuperior: ſe o derradeiro
Me dizeis; a ſer homem, ſe reputa
Mentiroſo tambem: ſe algum luzeiro
De Nume excelſo adeo; daime hum veſtigio
Que poſſa authenticarme eſſe prodigio.

Eſſe meſmo vos peço (Pauli acode)
Para que fique a mente deſcanſada
Neſſa lêi, que ſuppondes revellada.

Naõ ſó muitos veſtigios quero darvos
(O Peregrino diz) para arrancarvos
Eſſa triſte oppreſſaõ da intelligencia,
Mas tambem vos darei toda a evidencia
De que há lêi; e que há culto, regra, e modo,
Revellado por Deos ao Mundo todo.

Entre o horror dos clarins no monte Sina
Imprime Deos nas Taboas a doutrina,
Que ao Judaico Povo tinha eſcrito
Da ſua propria maõ: Por onde provo,
Me perguntais agora, que eſte rito
Fora dado por Deos áquelle Povo?
Reſpondo que eſta hiſtoria ſe conſerva
Do tempo mais antigo, que ſe obſerva
Entre a noticia humana: ſem que nunca

Hum

Hum taõ grande intervallo, ou a mudança
Dos Imperios; dos tempos a vingança
Podeſſe ſepultarlhe aquelle alento,
Com que ſempre triumphou do eſquecimento.

Que livro, e hiſtoria há, que ſe promete
Vencer as ondas do profundo Lethe?
Alli eſtaõ em deſcuidos ſoporoſos
Tantas acçoens, e faſtos portentoſos,
Que aſpiraõ á eterna melodia:
Alli perde a lembrança a fanteſia
Da firme duraçaõ: ſó eſta hiſtoria
Ficou ſempre no eſtrondo da memoria:
Se acaſo o naõ julgais por hum deſinio
De excelſa prevençaõ, contra o dominio
Do eſtrago temporal, entaõ preſumo
Que a voſſa ideia condenſada em fumo,
Se revolve na torpe eſcuridade
Contra a mais evidente claridade,
Traçando no phrenetico aphoriſmo
O delirante horror do Scepticiſmo.

O eſpanto com que a lêi ſahio da Eſphera
Foi gerál á Naçaõ, que alli ſe achava:
Todos viraõ a Lei, que Deos lhes dava:
Sempre de Pais a filhos ſe proſpêra

A hiſtoria, e a tradiçaõ do excelſo culto:
Mais de trinta, e tres ſeculos decorrem;
Sem que os eſtragos, ſem que os annos borrem
A indelevel viſaõ da quelle indulto.

Quatorze vezes cento, e oitenta e ſete
Girado tinha o ſol na etherea Via,
Que a meſma lei durava na Anarchia,
Nos Juizes, nos Reis da quella gente,
Até que outro Prodigio mais Luzente
Veio illuſtrar da Paleſtina os montes:
Abriraõſe da Syria os Orizontes,
E inflammouſe entre as ſombras ignorantes
Outro Sol de reflexos mais brilhantes.

Encarnou nas Entranhas d'hũa Virgem
A Palavra immortal: vence ao tyranno
No combate da Crûz: abremſe as portas
Da morada Celeſte: eſtaõ abſortas
As cavernas do Abyſmo: O ſer humano
Se livra com a gloria do Luzeiro
Do ſeu funeſto, antigo Captiveiro.

Aqui tendes hum Deos, que veio à Terra
Dictar a Lêi da Graça: aqui ſe encerra
O portento maior da Divindade:

Aqui

Aqui nos manda crer huma Trindade
Com tres Peſſoas n'huma ſó ſubſtancia;
Aqui ſe encontra a immenſa conſonancia
De Pai, e Filho, e Eſpirito Sagrado
Em hum unico Deos: ſem que ſe altere
Na diſtinçaõ do aſſombro Triplicado
A igualdade, e o poder; pois naõ prefere
O Filho ao Pai; e o Eſpirito Divino
A ambos: Neſte Deos, que hê hum, e Trino,
O Filho iguala ao Pai, e o Procedente
Os iguala tambem; ſem que ſe augmente
Na geraçaõ, e proceſſaõ interna
A precedencia da Subſtancia Eterna.

O Filho homem ſe fêz para immolarſe
Ao meſmo Pai em alto ſacrificio
Da redempçaõ do Mundo; e para darſe
A ſi meſmo no excelſo benificio
De hum fundo Sacramento: entre as eſpecies
De vinho, e paõ, affavel nos convida
A' verdadeira Celeſtial comîda
De ſeu Corpo, e ſeu Sangue: Se no Empyreo
Podeſſe haver enveja, eſte ſuſtento *
A faria em taõ alto Ajuntamento.

Para

* *Si quid eſt in rebus humanis planè divinum quod nobis ſuperni Cives (ſi in eos invidia caderet) invidere poſſent, id certè eſt Sacroſanctum Miſſæ Sacrificium.* Urb. VIII. em hum dos Breves, que vem no Miſſal.

Para eſta grande, ſingular empreza
Hê que tomou a humana Natureza,
Onde tanto no empenho o Nume brilha,
Que paſma adevoçaõ na maravilha:
Fêz de duas ſubſtancias hum Compoſto,
Diſtintas as unio n'hum ſó Suppoſto,
Pondo da meſma Uniaõ a ſubſiſtencia
Na Peſſoa do Verbo: A preheminencia
De eſtar ſuppoſitada a humanidade
Em hum complecto Ser da Divindade,
Hê tal, que em reſplandor taõ ſoberano
Se a foga o alento do diſcurſo humano. *

Por iſſo (Pauli diz) eu naõ admito
Ceremonia, myſterio, culto, ou rito,
Em que o meu penſamento ſe confunda:
Eſſas contemplaçoens, em que ſe funda
A voſſa Religiaõ, á crença excedem:
O ſer Deos hum, e trino, hé implicancia
Da eſpecie numeral: e ſem diſtancia,
A Peſſoa do Pai, e Filho, he erro
Na lêi da geraçaõ: Vir ao deſterro
Do miſeravel Mundo hum Deos glorioſo

A

* *Humanitas, enim, in Chriſto, non habet ſuam ſubſiſtentiam humanam, ſed ſubſiſtit in eadem ſubſiſtentia divina, in qua ſubſiſtit Verbum: quæ magna eſt exaltatio Chriſti exaltatio, ſublimitas, & gloria.*
Cornel. A' Lapid. *in Comment. Div. Joan.* cap. 3. col. 2. lit. D.

A fazerſe mortal, hé tenebroſo,
Sacrilego diſcurſo: Na Divina
Peſſoa ſubſiſtir hum ſer mudavel,
Hê igualmente ideia intoleravel.
E ſe toda eſta crença predomina
Ao que excede a razaõ, julgai agora
Se hé bem feito que eu hoje me perſuada
Ao que á meſma razaõ lhe naõ agrada?

Ou he que me negais que Deos podeſſe
Formar eſtes myſterios (lhe reſponde
O ſabio Peregrino) ou que os naõ deſſe?
Se o primeiro dizeis; naõ correſponde
Ao conceito de hum braço Omnipotente:
Se o ſegundo: Pretende a voſſa mente,
Por ventura, ſondar aquelle abyſmo
Da vontade Divina? Que aphoriſmo
A naõ creres vos leva ao que ſe ordena
No immenſo reſplandor, com a deſculpa
De que o naõ alcançais? Votai a pena
De o naõ ſaberes na expiaçaõ da culpa
De intentallo negar: Que imagem tendes
De implicancia notoria, que fundando
Deos huma Lêi taõ ſua, foſſe obrando
Nos ſublimes, ſagrados miniſterios
Os prodigios mais altos dos myſterios?

Eſtes

Eſtes meſmos portentos a renovaõ,
Sem alguma mudança, e tambem provaõ
Ser dada a Lêi por Deos: Elle podera
Somente commover a ſacra eſphera
Com tanta maravilha: e ſe podia,
Hé delirio dizer que o naõ faria,
Sem outro fundamento mais que a audacia
De huma cega, infelice contumacia.

Duvidais de que Chriſto a Lêi nos deſſe?
Da ſua meſma boca a conſeguiraõ
Os Sagrados Apoſtolos: Ouviraõ
Os brados Evangelicos, do Mundo
Todas as quatro partes: ao mais fundo
Dos ſertoens, ao theatro das Cidades,
A's barbaras, incultas ſoledades,
Chegou o ſeu rumor: * Do Evangeliſta
Paſſou a Polycarpo a vóz canora;
Deſte a Santo Ireneo, que a fêz ſonora
Na lingoa, e nos eſcriptos: a Clemente,
De Ireneo ſe difunde, que patente
A póz nos Padres da terceira Vida:
Da meſma ſorte ſe acha produzida,

* *In omnem terram exivit ſonus eôrum.* Div. Paul. *ad Roman.* cap. 10. v. 18.

Vide Stapleton. in vita Div. Thom. Apoſtol; & P. *Nicol. Trigaut. in expedition. Sinenſium*; lib. 1. in fine.

Com huma ſucceſſiva concurrencia,
Em todas as Igrejas, que fundaraõ,
Os Nuncios Apoſtolicos: clamaraõ
Com a Lêi, ſem alguma intermitencia
De outros ecos, depois, a illuſtre tropa
Muito alem dos confins da noſſa Europa.

Para que a Lêi ſe eſpalhe no Univerſo
Pôz primeiro hum decreto Soberano
Em pâz a Terra: do bifronte Jano
A inchada Roma, com alegres olhos,
Vio correr os belligeros ferrolhos:
Aberto eſtando o Mundo aos Miſſionarios
Leveraõ o Evangelho a clymas varios:
Pedro illuſtra a Galacia, a Capadocia
Aſia, Bithynia, e Roma: André a Achaia:
Reſplandece Thadeo na Idumea,
Samaria, Arabia, Syria, e Galilea:
Santiago maior na invicta Heſpanha:
A Ethyopia conſeguio a gloria eſtranha
Nas vozes de Matheos: Philippe a Scythia
Enche dos meſmos raios: Joaõ a Epheſo:
Thomáz evangeliza na Germania,
Depois na Parthia, Bactria, Media, Hyrcania:
Raia Bartholomeu na Licaonia,
Na Armenia, e Indias, e Simaõ na Perſia:

San-

Santiago menor na Paleſtina;
E Paulo a quaſi todas illumina:
Vaſo eſcolhido de impreſſoens ardentes,
Para lûz; para Oraculo das gentes.

Que poder eſtes Nuncios receberaõ
Mais que o alto poder, quando aceitaraõ
Eſte grande projecto? Appareceraõ
Com armas; ou riquezas? Naõ entraraõ
Por eſſas vaſtidoens, quaſi deſpidos,
Deſcalços, e em miſerias conſumidos?
Naõ derribaraõ os Idolos de Pallas,
De Mavorte, de Jupiter, de Venus?
Naõ arrancaraõ das ſoberbas ſalas
A Vaidade, a Laſcivia, o Luxo, a Gula?
Tudo quanto nos vicios ſe eſtimûla,
De repente naõ foi para a innocencia
Da humildade, razaõ, e continencia?
O Principe, a donzella, o meſtre, o rude,
Sem mais força, que o eſpirito lhe ajude,
Que os divinos clamores do Evangelho,
Naõ mudaraõ de impulſo, e de conſelho?
Naõ julgais que hum eſforço mais que humano
Houve neſtas moçoens? No ardor profano
Cabem tantos prodigios? O' loucura
De fatal apprehenſaõ, que ſepultada

Na infame eſcuridade do ſeu nada,
Quanto mais neſtas duvidas ſe emprega,
Fica mais infelîz; fica mais cega.

Se duvidais tambem deſtes ſucceſſos,
Que miſeria maior, ſe os ſeus progreſſos
Gritando eſtaõ na Serie ſucceſſiva
Das voluveis idades? E taõ viva
Nos inſta ſempre a lûz deſta memoria,
Que inda he mais prõpta a imagem, do q̃ a hiſtoria;
E parece no objecto, que ſe alcança,
Que mais na viſta eſtá, que na lembrança.

Com eſta meſma ſingular prezença
Vemos o Author da Lêi na Paleſtina
Confirmar a Catholica Doutrina
Nos mais raros portentos: Que prodigio
Maior, que os ſeus coſtumes? Sem veſtigio
Do mais leve defeito; ardente, affavel,
Mageſtoſo, apprazivel, veneravel?

Na Metròpoli vaſta da Provincia,
E em todas as Cidades da Judea,
Naõ com incerta, fabuloſa ideia,
Mas com ſeus proprios olhos virao todos
Em tantas Povoaçoens por tantos modos

O

O admiravel concurſo, com que os cegos
Procuravaõ a viſta: os aleijados,
As maons, e os pés: os ſurdos, os ouvidos:
Os corpos dos demonios inſultados,
A ſua inſtauraçaõ: Os ſubmergidos
No pó da ſepultura, os ſeus alentos:
Todos aqui logravaõ ſeus intentos,
Todos tinhaõ vigor, todos ſaude:
Convertiaſe em jubilo o ataude,
Em applauſo a mizeria, a enfermidade
Em esforço, a prizaõ em libendade.

Quérovos permittir por breve tempo
Que Chriſto foi ſomente hum homem puro:
Agora ſeriamente vos procuro
Me digais ſe eſte Chriſto ao menos era
Aſſiſtido por Deos? * Se reverbera
Nelle hum ſummo poder? Sendo infallivel
Que ſe fâz nos milagres taõ viſivel
A Maõ Omnipotente; e ſendo certo
Que Elle eſtabeleceu todo o concerto
Da nova Religiaõ: Que he revellada
Naõ podeis duvidar: Que a Deos agrada;

* *Scimus quia à Deo veniſti, Magiſter: nemo enim poteſt hæc ſigna facere, quæ tu facis, niſi fuerit Deus cùm eo.*
Joan. cap. 3. v. 2.
Quomodo poteſt homo peccator hæc ſigna facere? Idem, cap. 9. v. 16.

Menos duvida tem; pois deduzida
Foi de huma chama taõ eſclarecida.

Se quereis entender que eſte Propheta
(Dailhe ſó eſte nome) há de enganarvos;
Preſumo que deveis envergonharvos
De hum abſurdo taõ grande: Q'mentira,
Que engano, ou falſidade convir pode
Com o dom de prodigios taõ immenſos?
Pareçeme que tanto naõ delira
O voſſo penſamento; nem que acode
Com eſte effugio a condemnar incenſos.
Para hum homem taõ Santo: Attento vede
A inegavel inſtancia, que procede
Deſtas demonſtraçoens; e entaõ confio
Que regeitando o voſſo deſvario
Reconheçais em Chriſto a Lêi brilhante;
E que he Deos, e homem juntamente:
Que naõ hé na Euchariſtia ſemelhante,
Mas real, verdadeiro, omnipotente:
Que tem a humanidade a ſubſiſtencia
Na peſſoa do Verbo: Que hũa eſſencia
He ſó a de hum Deos Trino, e que diſtintas
Ás tres Peſſoas ſaõ: Pois concebendo
Que hê revellada a Lêi, logo entendendo
Ficareis que a razaõ mal pode acharſe

No

No arcâno, que naõ pode penetrarſe:
Que a Fé he que nos guia; e que ſogeito
A palavra Divina o meu diſcurſo
Deve eſtar: Que naõ há outro recurſo
Mais que a lûz, que illumina o meu conceito,
Para ver quem o diz: Se Deos o explana,
Eu certamente ſei que naõ me engana.

Suſpenſo deſtas vozes tinha Pauli
Todo o ſeu pênſamento: parecia
Huma eſtatua de pedra: agora erguia
O roſto taõ paſmado, que podera
Dizer que de hum lethargo ſe movera:
Naõ vos poſſo negar que eſtou perplexo:
Ao Peregrino diz: Vinde comigo,
Que a caſa vos darei de hum bom amigo;
Eſte goſto me dâi: Quero informarme
De tudo o que quereis participarme;
E deixando o lugar, em hum momento
Se desfêz todo aquelle ajuntamento.

TRIUMPHO DA RELIGIÃO.

Poema Epico-polemico.

LIVRO IV.

Contra o Libertiniſmo religionario. *

APenas roga Pauli ao Peregrino
Lhe dê mais inſtrucçaõ do que diſſera;
Eis que ao longe hum eſtrondo repentino
De clarins, e tambores, os altera:
O vulgo armado concorreu gritando
Que os Libertinos vinhaõ caminhando
A invadir a Cidade: De repente
Pauli ás armas ſe lança; anima a gente,

Convo-

* *Libertiniſmo religionario* hê a ſeita daquelles, que admittem todo o genero de religiaõ, e querem defender que em qualquer dellas, que ſe reconheça a *Deos*, há ſalvaçaõ eterna, ao menos pela ignorancia invencivel.

Convoca os eſquadroens; poemſe conſtante
Na fronte, e ſem receio do perigo
Se avança para a parte do inimigo.

Quaſi ao ſeu lado vai com hum montante
O Ouſado Peregrino, conhecendo
A illuſtre obrigaçaõ, que o eſtá movendo;
E unindo em breve tempo o impulſo vario,
Deraõ viſta do exercito contrario.

Paſmouſe o Peregrino das figuras,
Que algumas tropas trazem, deſmentindo
Na ferrada prevençaõ das armaduras
O ſemblante das feras: * Proſeguindo
Se oppoem á novidade na certeza
De que há menos valor onde há braveza.

Naõ

* *O ſemblante das feras.* Eſtes eraõ os *Libertinos Cyrenaicos*, que negaõ *a immortalidade da alma*; transformandoſe, com eſte conceito, de homens em brutos.

Poderá parecer inverosimil que convertamos em feras os *Libertinos Cyrenaicos*: reſpondo com o cap. 4. de *Dan.* v. 22. *Ejicient te ab hominibus, & cum beſtiis, feriſque erit habitatio tua, & fœnum, ut bos comedes.* E ainda que alguns expoſitores digaõ que naõ foi verdadeira a transformaçaõ de *Nabuco*, há outros que a affirmaõ. *Dorotheo in Synopſi*, e *Epiphanio in vita Danielis* dizem que mudara a forma exterior, ainda que conſervára a interna: *Miguel Medina* ſegue que a mudança fora phantaſtica, porém *Bodini* na ſua *Demonolog.* lib. 2. cap. 6. hé de opiniaõ que *Nabuco* tomara verdadeira forma de touro. *Santo Agoſt. de Civit.* lib. 18. cap. 18. *Refere a transformaçaõ de hum homem em cavalo. Clunes. in Append. ad Epit. Hiſt.* lib. 10. conta a transformaçaõ de *Alberto Pereroſum* caõ: *Herodot.* lib. 4. cap. 105. a dos *Povos* chamados *Neuros* em *Lobos*. Naõ hé neceſſario mais para defeza deſte lugar; eſpecialmente ſendo a transformaçaõ allegorica.

Naõ determina a colera de Marte
Neſte primeiro ardor mais que a vingança:
O exordio foi a acçaõ: em toda a parte
Se vibra o eſtoque, ſe fulmina a lança:
Deſpedaça-ſe hum peito n'outro peito:
Hum eſcudo ſe rompe n'outro eſcudo:
Hum dardo em outro dardo; e o golpe rudo
Produz o incendio, a raiva, a ira, a chama,
Que o deſpenho enfurece, o arrojo inflamma.

Retumba ao meſmo tempo o ruido acorde
Do vaſado metal; ſegue-o concorde
Ferido o couro de vehemente impulſo:
Hum na reſpiraçaõ, outro no pulſo
Acende mais a empreza bellicoſa:
Parece em tanta furia pavoroſa,
Das eſpheras formando hum novo enſaio,
Que hé trovaõ o tambor, a eſpada raio.

Os que ſe tinhaõ deſmentido em brutos,
Mais ferozes, * e menos reſolutos,
Sofrem maior eſtrago: o Campo cheio
Se via do eſpectaculo disforme:

Inda

* *Mais ferozes, e menos reſolutos.* A ferocidade naõ hé effeito do valor: os animos mais ferozes ſaõ muitas vezes os mais puſilanimes, a verdadeira fortaleza fundaſe no ſocego, e conſtancia do eſpirito.

Inda o cadaver na carranca enorme
Mais horrivel ficava; ¶ e na feialdade
Novo eſpanto fingia a novidade.

Em toda a força bruta todo o eſtrago
Fazia o Peregrino; ardente, e vago
Em huma, e outra tropa ſe metia;
Onde o impulſo do braço difundia
Em ſucceſſivos, bellicos arrojos
Golpes, tragedias, Victimas, deſpojos:
Muito menos a fouce, que ſe emprega
Na feára madura, eſpigas cega,
Do que o montante vidas na campanha;
E convertido na fatal gadanha
Da inexoravel Cloto, o damno apura:
Tudo aniquilla, tudo deſfigura. *

Mas nem da furia o eſpanto, o horror da morte
Os impetos ſuſpendem de Mavorte: †
Sempre inſiſte o deſpenho da batalha:

Bem

¶ *Mais horrivel.* Os *Libertinos* que morrem com o conceito de que *a alma naõ hé immortal*, ſe lhe deve conſiderar mais *horrivel* a ſua morte, repreſentada na horribilidade dos ſeus cadaveres, pois ſuppoem que naõ ſe differença dos cadaveres dos brutos; em que o maior horror hé ſer hum pô que naõ reſuſcita.

* *Tudo aniquilla.* Moſtrafe a fortaleza do *Peregrino*, por darmos tambem hum eſpirito militar ao *Herôe*, e ſatisfazermos de alguma ſorte o conceito de *Luſan*, de que deve ſer guerreiro.

† *Os impetos ſuſpendem de Mavorte.* Reprezentaçaõ dos effeitos da *Ira*, attendendo a allegoria do *Poema*, que deixamos notada no *Prolegomeno*; pag. ciij.

Bem que o incendio fulmina, o ferro talha;
A meſma Alecto, que a campanha a terra,
Mais excita a paixaõ, e acende a guerra.

Já em todos ſe imprime o irado alento:
Naõ há outro deſignio, ou movimento,
Que vencer, ou morrer: o ardor naõ cede
He geral da vingança a cruenta ſede:
Os punhaes, os eſtoques, os alfanges
Raſgaõ, mas naõ dividem as Phalanges.

Do Herebo o manto, que aſſombrou a noite,
Hê que fêz ſuſpender o infauſto açoite
Da terrivel Belona; e ſe os divide,
Só interrompe, naõ acaba a lide:*
Embaraçando a ſombra ira tamanha,
Sobre as armas ficaraõ na campanha
Para tornarem na ſeguinte aurora
A os impulſos da chama vingadora:
O Peregrino, e Pauli ſe recolhe
Junto a hum grande arvoredo, que ſe tolhe
Os incendios ao Sol, tambem ſuſpende
O orvalho, que da noite ſe deſprende:

Aqu

* *Naõ acaba a Lide.* Ficar eſta batalha por decidir, ſeparando a noit a furia militar, hê imitaçaõ docombate, que teve *Ajax* com *Hector* n Ilíada de *Homero*; pois ſem ſe conhecer a victoria, tambem os ſeparou noite.

Aqui o informa Pauli dos motivos
Deſta eſtranha irrupçaõ, dando-lhe conta
Que detrâz de hum outeiro, que confronta
Com os confins do campo, huma Cidade
Edificara há tempo aquella gente:
Que a ſoberba, ou talvez a inimizade,
Que entre os viſinhos ſe acha permanente,
Emula a fêz da outra, e que ropera
A gora neſta acçaõ, porque ſoubera
De algum infiel patricio, que os Deiſtas:
Levados da vangloria das Conquiſtas
Andavaõ trabalhando no deſignio
De eſtenderem com ella o ſeu dominio:
Que era certo eſte eſtimulo aceitara
Fundado na doutrina, que os ſepara;
Pois naõ podia haver boa harmonia
A onde a Religiaõ ſe dividia.

Eſſes, que vinhaõ com feiçoens humanas
(Diz Pauli) nas doutrinas mais profanas
Que há ſalvaçaõ pretendem: os que as brutas
Fórmas traziaõ, fogem das diſputas,
Porque affirmaõ que a alma ſó tem vida
Em quanto eſtá no corpo produzida,
Perdendo com o corpo o triſte alento
Na ſombra funeral do monumento:

Fatal

Fatal miſeria, o Peregrino exclama!
Gente funeſta, e bruta, que huma chama
Que arde taõ claramente deſconhece!
Porém daime licença que vos diga
Quaõ ignorante, hydropica fadiga
Querieis emprender! Que nobre inſtancia
A de occupar o alheio? * Que jactancia
A de romper a humana ſociedade?
Que ſublime, que illuſtre heroicidade
Forçar a ſua eſpecie? Que alta empreza,
Que valor, que conſtancia, que grandeza
Opprimir o mais debil! e que gloria
Que triumpho, fortaleza, ou que victoria,
Declararſe contrario do viſinho?
Criminoſa ambiçaõ! Torpe caminho
De ſe fazer eterno na Lembrança!
Dizei-me que louvor, que nome alcança;
Aſſoprando-lhe ſempre alto Favonio,
Neſſas grandes acçoens o Macedonio?
Sem receio do eſpirito iracundo,
Que era Ladraõ do Mar, e elle do Mundo,
Lhe diſſe aquelle intrepido Pyrata,
Entre o remo infelîz de huma fragata.

Para que tudo vença, e tudo mande,

Vem

* *A de occupar o alheio?* Declamaſe contra a falſa gloria dos Conquiſtadores com o exemplo de *Alexandre*.

Vem à Aſia, com titulo de grande,
Naõ ſei com que juſtiça, deſtruindo
Quem nunca lhe fêz damno: demolindo
Povoaçoens, e Cidades numeroſas,
Sem mais cauſa, que as iras criminoſas
Do ſeu voráz incendio: entregue aos vicios
Mais torpes, e Crueis: os benificios
Na ingratidaõ tecendo: dilatando,
Naõ o dominiò, a furia; e exercitando
A força, e a atrocidade nos Imperios,
Deu eſpanto geral a os hemiſpherios,
Sem outra utilidade, intento, ou modo
Mais do que pôr em guerra o Mundo todo.

Que bem ſe ſegue deſte amor da guerra,*
Que nos indoceis animos ſe encerra?
Converte-ſe a Provincia em Labyrinto,
Paſſa o noſſo diſcurſo a ſer inſtinto,
Arrojo a manſidaõ, fraude a juſtiça,
Virtude o crime, maxima a cubiça
A crueldade valor, culpa a clemencia
Honra o deſpenho, fama a reſiſtencia!
Se acaſo eſte diſcurſo vos imprime
Ou conceito, ou imagem mais ſublime

Da

* *Deſte amor da guerra!* Invectiva contra a guerra pelos ſeus terriveis effeitos.

Dà verdadeira gloria; outro recurſo
Eſcolha deſde aqui voſſo diſcurſo:
Mudai de inclinaçaõ: talvêz que poſſa
A ſingileza, e a pâz da parte voſſa
Alcançar o que a guerra naõ conſiga:

E que Nuncio eſcolheis para que ſiga
Eſſe intento, ſabendo (Pauli adverte)
A furia indocil deſta gente inerte?

Eu quero ſer o Nuncio; o Peregrino
Reſponde: Vinha o raio matutino
Já, neſte tempo abrindo os orizontes;
Logo começaõ a dourarſe os montes
Com a vinda do Sol: De huma oliveira*
Toma hum ramo; e a pacifica bandeira
Nas tropas bellicoſas antepunha
As ideias, que o Nuncio lhe propunha.

Foi no campo contrario recebido
Com grande admiraçaõ, pondo o ſentido
N'hum Herôe, que com tanta fortaleza
Se fez Glorioſo na paſſada empreza:
E bem que eſta ventagem naõ lhe agrada,
Sempre foi do inimigo reſpeitada:

En-

* *De hũa Oliveira*: Sinal com que os antigos annunciavaõ a paz.

Entre as armas o levaõ ſem detença
Ao ſeu Cabo ſupremo; e na prezença
Do convocado exercito, procura
Fazer oſtentaçaõ da Nunciatura
Mas antes que a formaſſe o Commandante
Quiz pôr junto de ſi a Polyphilo,
Seu maior confidente, eſtando o afylo
Da Républica em hum, e outro Athlante;
Pois reflectida em duplicado eſpelho,
Hum produzia a acçaõ, outro o conſelho.

Calavaõ todos já, quando media
Com os olhos o Nuncio a companhia,
Que em rotundas fileiras o cercava:
Airoſo traça hum manto, que levava,
E expondo os braços ao concurſo todo,
Falla, encorpando o alento, deſte modo.

Vejo que neſtes bellicos horrores,
Inda que pareçais os aggreſſores,
Culpa * naõ tendes da irrupçaõ violenta;
Pois ſó nella eſte exercito ſe alenta
A prevenir o intento das Conquiſtas,
Que eſtava conſultado entre os Deiſtas:

Mas

* *Culpa naõ tendes.* O melhor modo de perſuadir hê naõ condemnar deſaſadamente os erros: Convem muitas vezes deſculpallos, para poder melhor diſſuadillos.

Mas em tudo o que pode naõ ter parte
De Bellona a paixaõ, o horror de Marte,
Hê juſto que ſe livre da diſcordia:
O alegre ſimulacro da concordia
Primeiro eſtá; que o geſto carrancudo
Da fera emulaçaõ naõ ſe acha eſtudo
Nos homens mas felix, nem melhor ancia,
Que amar da ſua eſpecie a conſonancia.

Já o voſſo inimigo naõ conſulta
A ideia, que em ſeu peito teve occulta
Para vos opprimir: todo o deſinio
He ſómente cingirſe ao ſeu dominio
Vós deveis acertar o meſmo intento
Para ſer juſto o voſſo penſamento.

Reconheço que a pâz naõ fica certa
Na diverſa doutrina, e ſempre aberta
A porta tendes às hoſtilidades
No oppoſto ſentimento das Cidades:
Com tudo eu naõ entrara no projecto
De promover a pâz, ſem outro objecto
De mais ſeguro, ſuperior auſpicio:
Arbitrio quéro darvos taõ propicio,
Que elle ſô poſſa enchervos da ventura,
Que no commercio humano ſe procura.

Se

Se as Religioens unîs, tendes achado
O modo de vencer o inquieto fado,
Das voſſas diſſençoens os Libertinos
Naõ devem concordar nos deſatinos
Dos Deiſtas; nem eſtes nas condutas
Deſſas voſſas ideias diſſolutas:
Hum terceiro recurſo vos proponho:
Deme, para fundar tanto regreſſo
Mais ſublime attençaõ eſte congreſſo.

Hum dos voſſos partidos ſegue o dogma,
Que em qualquer Religiaõ, que o homem toma,
Tem a ſaude eterna: outro, que a alma
Se vê do corpo a penas deſunida
Perde o ſeu reſplandor, e acaba a vida:
Direi agora deſte horror primeiro; *
Ao depois de hum diſcurſo taõ groſſeiro

Se entendeis neſſes miſeros enganos.
Que produz ſalvaçaõ qualquer doutrina,
Deveis contar a lei dos Mahometanos:
Lei, que muitas torpezas lhes enſina,
E tanto diſparate al deſordena,
Que ella meſma a ſi propria ſe condena.

* Seguindo o noſſo *Camoens* no 3. Canto das *Luſiadas*, eſtanc. 5.

Primeiro tratarei da Larga terra,
Depois direi da ſanguinoſa guerra.

Que coiza mais ridicula que o Mundo
Suſtentarſe em hum Boi, que tem no Oriente
A teſta, e tem a cauda no Occidente,
Servindolhe huma pedra ao novo Athlante
De firmar tanto pezo exorbitante?

Que haver hum Paraizo, onde as perdiçes
Se convertem em candidas donzellas
Mais formoſas, e ardentes, que as eſtrellas?
Que guardas do jardim ſaõ Anjos puros
Com cabeças de vacca, e com huns cornos
De quarenta mil nós, cujos adornos
Se apartaõ tanto do rugoſo alinho,
Que tem quarenta dias de caminho?

Que ſetenta mil bocas tem os genios
Com outras tantas linguas; e ſetenta
Mil idiomas, que a Deos toda a harmonia
Daõ ſetenta mil vezes cada dia? *

Que

* He quaſi ſemelhante tudo o que diz *Mafoma* no *Alcorão*, quando deſcreve a jornada que fez ao throno de *Deos*. Refere que chegou ao primeiro Ceo com o Anjo *S. Gabriel* por huma eſcada de luz: que aqui ſe encontrara com *Adam*, acompanhado de muitos Anjos, e que este primeiro Ceo era de prata; aonde vio hum gallo, taõ branco como a neve, e taõ grande, que tendo os pés no primeiro Ceo chegava com a cabeça ao ſegundo, ſuppoſto haver de hum Ceo a outro huma jornada de quinhentos annos. Que todas as manhãs canta *Deos*, hum hymno, que este gallo acompanha com a ſua vóz, e que daqui vem que cantaõ á meſma hora todos os gallos da terra. Deste primeiro Ceo de prata, diz, que paſſara ao ſegundo, que era todo de ouro, aonde eſtava *Noé* com dobrados

Que coiza mais oppoſta ao raciocinio,
Que fingir a virtude no deſinio
Das immundas paixoens, e a tal deleite
Imaginar que a alma ſe ſogeite
Depois de ſeparada, pondo a gloria
Em huma ſuavidade tranſitoria!
Se a Religiaõ caminha ao culto excelſo
Da ſuprema Deidade; e ſó pretende
Agradallo, e ſervillo; como entende
A voſſa louca ideia, que em hum culto
Taõ disforme, que mais parece inſulto,
Que adoraçaõ, offerta, ou ſacrificio,
Se póde deſcobrir algum indicio
De que ſe agrade a Perfeiçaõ immenſa,
Vendo no meſmo obſequio a ſua offenſa?

E ſe entendeis que o Altiſſimo ſe agrada
De qualquer lêi, que o Mundo lhe cultiva;
Haveis tambem de crer que revellada

Anjos dos que havia no primeiro. Que o terceiro Ceo era de pedras preciosas, e nelle eſtava *Abraham*, ainda com maior numero de Anjos. Hum deſtes era taõ grande, que a diſtancia, que havia entre os ſeus dois olhos eria huma jornada de ſetenta mil dias; e comparando pela diſtancia os olhos a porporçaõ do corpo teria eſte a altura de huma jornada de 4. mil annos, que he quatro vezes maior que a extenſaõ que *Maſoma* dá todos os ſete Ceos; e ainda para mentir, e ſe naõ contradizer, hé neceſſario mais habilidade da que tinha eſte impoſtor. Eſte Anjo ſe chamava o Anjo da morte, e o que eſcrevia os nomes de todos aquelles, que naſcem, e lhe calcula os ſeus dias, e quando eſtes ſe acabaõ, elle riſca os nomes de todos os que morrem. Paſſou *Maſoma* ao 4. Ceo, que era

Foi da Lûz, donde o acerto ſe deriva:
E ſe Leis taõ diverſas Deos revella,
Como neſſas ha lêi, que ſe deſvella
Em ſe oppor á razaõ á mente, ao lume,
Ao culto, e reſplandor do meſmo Nume?
Hé crivel que ſe Deos as lêis dilata,
Hum rito em outro rito ſe combata
Que approve dos obſequios, a contenda?
Que ſe eſte dogma acerta, o outro offenda?
E que ponha em alento taõ contrario
A excelſa inſpiraçaõ do Santuario?

O Turco na brutal ſenſualidade
Poem a ſua obſervancia: por maldade
O Judeo, e o Catholico a reputa:
Da a trôz vingança toda a chama bruta

O

de eſmeraldas, em que eſtava *Joſeph filho de Jacob*, com huma innumeravel quantidade de Anjos, e hum delles chorava continuamente os peccados dos homens. Entrou no quinto Ceo, que era de diamantes, em que aſſiſtia *Moyſes* com maior numero de Anjos: Daqui foi ao ſexto, que era de carbunclos, aonde reſidia *S. Joaõ Baptiſta*, com maior numero de Anjos, que os precedentes: No ſeptimo Ceo, que era todo de huma claridade divina achou a *Jeſu Chriſto*; e aqui lhe diz o Anjo *Gabriel* que lhe naõ era permittido acompanhalo mais adiante; porem *Mafoma* ſe preſumio, ou mais atrevido, ou mais digno que o Anjo de ſe elevar ao throno de *Deos*: elle ſe chegou á face divina na diſtancia de dois tiros de flecha, e alli recebeu inſtrucçoens do meſmo *Deos*, e *Gabriel* o conduz outra vez á terra pelo meſmo caminho. Pouco tinha que fazer eſte famoſo Propheta, quando eſtava inventando, e eſcrevendo eſtes delirios, aproveitandoſe da rudeza dos *Arabes* para eſtabelecer taõ deſordenadas mentiras, e ſendo taõ manifeſtas ſe eſtabelece nellas toda a crença dos *Mahometanos*.

O Mouro naõ ſepara da innocencia:
Da vil pyrataria a cruel violencia
No barbaro Alcoraõ he permittida;
Huma, e outra entre nós hê prohibida:
O Chriſtaõ cré em Chriſto, o Hebreo o nega:
Diſputalhe o Agareno o ſer divino:
Nas aras com horrivel deſatino
O Pagaõ ao ſeu Idolo ſe immôla:
Do noſſo Chriſtianiſmo a ſacra eſtôla
Sacrifica entre eſpecies circulares
A victima incruenta nos altares:
Credes que Deos conſinta ſer louvado
Por modo taõ oppoſto, e embaraçado?

Se a laſcivia he virtude, ſe a vingança,
E o furto por bondade ſe avalia;
Será peccado a minha temperança,
E d'outros, innocencia a tyrannia:
E a Deos agradaràõ nos varios ritos
Tanto ás adoraçoens, como os delitos:
Será tanto o Chriſtaõ, que a Chriſto adora
Como o Turco, e o Pagaõ, que a Chriſto ignora,
Como a Hebraica gente, que o aborrece?
Se eſta ideia levais; logo ſe offrece
A de que Deos a todos nos engana
Neſta lei, que nos dâ: ſeja a Romana,

Turca, Hebrea, ou Pagan; pois duvidoſos
De ſermos, ou leais, ou criminoſos,
Fâz que nos ſeus influxos mais ſublimes
Confundamos os cultos entre os crimes.

Se hê que fazeis de hum Ente taõ perfeito,
Taõ bom taõ verdadeiro, eſte conceito,
Naõ conheceis a Deos: De balde o buſca
Quem de tal ſorte o entendimento offuſca,
Que acha contradicçoens; e diſſonancias
Em hum Mar de inſondaveis conſonancias.

Mas naõ hê neceſſario que ſe eleve
Tanto o diſcurſo ao Nume Soberano:
Nas meſmas regras do compoſto humano
Se vê que neſſas lêis, que o Mundo alterna;
Naõ ſe pode alcançar ſaude eterna:
Se a ſalvaçaõ he premio da virtude;
Como ſe pode achar eſta ſaude
Violando nas acçoens huma doutrina,
Que a meſma Natureza nos enſina?

Naõ ſerá contra a lêi da Natureza
Moveres contra o outro aquella empreza,
Que naõ quereis em vós, eſte deſinio
A vingança naõ tem, e o Latrocinio,

Que

Que ao Turco a lêi permitte? E entre a gente,
Que procede de Hebêr, naõ he decente
Perſeguir aos Chriſtaons de toda a ſorte;
Matar o rico ao pobre, ao fraco o forte
Como ſacro eſtatuto? Pois que alento
Poderá conceber o penſamento,
Que o meſmo, que a razaõ tem por maldade,
Poſſa agradavel ſer á Divindade?

Que lume natural pode influirme
A que taõ neſciamente me confirme
Nos diſparates, que o Thalmud deſcreve
Na ſumma perfeiçaõ de hum Ente Summo?
Naõ nos diz que primeiro Deos eſteve
Fazendo de outros Mundos o reſumo
Para acertar com eſte, em que vivemos?
Naõ diz que neſſes páramos ſupremos,
No dia dá tres horas á leitura
Deſta Hebraica lei? Q'mais loucura
Que o dizer (treme a lingua de exprimillo!)
Que tem Deos varios ritos ordenados
Em que há de expiar tambem os ſeus peccados?

Que menos inſenſatos ſacrilegios
Se encontraõ no Alcoram? Os frontiſpicios
Das ſuas quatro partes ſaõ indicios

Das

Das torpes illuſoens, em que ſe ordena:
A meſma diviſaõ ſe fâz obſcena
No titulo da Vacca, onde proſeguem,
Tambem as outras diviſoens eſtranhas
Das formigas, das moſcas, das aranhas.

Deſtes horriveis bárathros ſaiamos,
Paſſemos a outra parte: Se encontramos
Lutheranos, talvêz, ou Calviniſtas;
Huns dizem que na Hoſtia Conſagrada
Naõ há mais que huma ſombra figurada
Do noſſo Redemptor: Outros affirmaõ
Que exiſte alli realmente o Corpo, e o Sangue
Na ſubſtancia do paõ: Nós defendemos
Que verdadeiramente recebemos
De Chriſto o Corpo, e Sangue entre as eſpecies
Do meſmo paõ, e vinho: O Lutherano
Finge que baſta a fé ao ſer humano
Para alcançar o Ceo: que as Indulgencias
Saõ humas inventadas providencias
Da ambiçaõ Pontificia: o Purgatorio
Que hê quimera, ou eſtimulo illuſorio
Que tende ao meſmo fim: Q'os Sacramentos
Saõ tambem huns fantaſticos inventos
Da Romana politica: Que os Santos
Nas imagens Sagradas, outros tantos

Idolos materiaes da fanteſia,
A onde ſe renova a Idolatria.

O Calviniſta fâz pouca diſtancia
Deſte meſmo diſcurſo; e a diſſonancia
De huma, e outra expreſſaõ trâz o conceito
De que algum há de errar; porque o reſpeito,
O obſequio, a honra, o culto, o rito, a gloria,
Que a Deos ſe dâ, naõ hê contradictoria.
Se huma dellas errou, naõ pode o erro,
Por mais que ſe trabalhe no deſterro,
Aſſegurar o fim da humana vida
Nos indultos da Patria promettida.

Se em qualquer Seita, ou lêi haver podeſſe
Culto, ou rito, que a Gloria mereceſſe,
Ou quem guardaſſe a ſeita a merecia,
Ou quem naõ a guardaſſe: Se o primeiro:
Deve permanecer conſtante, e inteiro
Na obſervancia da Seita, em que ſe ſalva:
Se o ſegundo: Naõ pode ter reſalva;
Pois ſe hê bom eſſe dogma, que o ſogeita,
Será culpa a mudança deſſa Seita:
Podendo na primeira haver embuſte,
Na ſegunda, peccado; bem ſe alcança
Em ambas o perigo da mudança,

E tambem da exiſtencia: em que ſe a pura
Que eſſa voſſa apprehenſaõ naõ he ſegura;
Pois a meſma eleiçaõ na liberdade
Trazer pode inconſtancia, ou falſidade:
Porque ſenaõ haveis mudar de rito
Preſo vos achareis entre o delito
Do Pagaõ, do Judeo, do Mahometano:
Se hê que o deveis mudar, em outro engano
Igualmente cahîs; pois concebendo
Que vos pode ſalvar hum culto horrendo,
Se nelle vos achais, ſerá peccado
O tirarvos tambem do meſmo eſtado.

Nhum ponto vos firmais taõ infecundo,
Que tendes contra vós a todo o Mundo:
Do Univerſo deitai ás partes quatro
A voſſa comprehenſaõ: neſſe theatro
De taõ diverſas Scenas, os furores,
As guerras, as batalhas, os clamores,
Que nos annaes parece que ſe eſcutaõ,
Aquem a fama os leva? aquem ſe imputaõ?
Por defender a patria, a lei, e os Lares
Offrece a hiſtoria tantos exemplares.

Muita parte do eſtrago ſe abſtivera,
Se qualquer deſtas gentes concebera

Que

Que eraõ firmes, e bons todos os cultos:
Nem combates houvera, nem inſultos,
Se entendeſſe a Naçaõ, ou manſa ou brava,
Que em todo o rito a ſalvaçaõ ſe achava.

Com hum zelo anhelante, ou pretextado
Do nefando Alcoram, tem infeſtado
O Turco a maior parte da Eſclavonia,
A Albania, a Grecia, a Candia, a Macedonia,
O Negroponto, a Boſnia a Hungria, a Thracia,
A Natolia, o Diaberck, Servia, e Croacia.

A emulaçaõ da Perſia com a Porta
Se embravece, ſe funda, ſe conforta
Na oppoſiçaõ da barbara doutrina
Ou de Aly, ou de Omar: Tartaro, e China
Sempre ſe combateu no meſmo impulſo:
O ardor da Religiaõ deu maior pulſo
As Conquiſtas de Roma: O Elyſio Imperio
Paſſou da outra banda do Hemiſpherio
Com eſta inſtagaçaõ: a ouſada quilha,
Com eſpanto cuidado, e maraviſha,
De toda a redondeza, póz notorio
O encuberto rumor do Tormentorio.

Vencendo eſtorvos do Cerúleo eſpelho,

As cores deſcobrio do mar vermelho:
Contra os gumes de indomitos alfanges
Reconheceu o Hydaſpe, o Nilo, o Ganges:
Chegou do Sol ao berço, deſcobrindo
As aureas margens do ſoberbo Indo:
Depois que muito alem da Trapobana
Extendeu pelo Oriente a Fé Romana;
No aromatico thalamo da Aurora
Arvorou a bandeira vencedora:
Paſmou-ſe Calicût, Chaûl, Maldiva,
Sofala, Cañanôr, Tete, Angidiva:
Malaca vendo o Eſcudo Sacroſanto
Ficou cheia de horror, de medo, e eſpanto:
Ormûz, Coulaõ, Columbo, de receio:
Do meſmo horror, do meſmo eſpanto cheio
Maluco, Mangalôr, Barêm Mombaça:
Sofreraõ os impulſos da ameaça
Pacêm, Socotorâ, Adêl, Quilôa;
Até que finalmente a illuſtre Gôa,
Reduzidos à Fé o Caſimino,
Tanôr, Tutucory, Pamilarano,
Temate, Travancôr, e o Butuano,
Firmou na Aſia a Lêi; tendo inda as popas
Das victorioſas Nâos, e as duras tropas
Forçado, com os ecos da trombeta,
O Sepulcro do Arabico Propheta:

Tan-

Tanto ardor, tanto arrojo ſe deſtina
A ſuſtentar a fé de huma doutrina!

E ſe para que hum Idolo ſe extenda
No Mundo ſe acendeu tanta contenda,
Com maiores eſtimulos devia
Pugnar contra a ſoberba Idolatria
Toda a Elyſia Potencia, ſendo hum Reino,
Em que Deos, com excelſo patrocinio,
Tinha conſtituido o ſeu dominio,
Como o meſmo Senhor ao Santo Affonſo
Fundador da invencivel Luſitania,
Quando as forças venceu da Mauritania
Expreſſamente o diſſe; e que eſte alento,
Dos Portuguezes nas acçoens brilhantes,
Se levaria às partes mais diſtantes:
Promeſſa Conſeguida no Evangelho, *
Deſde o mar Gaditano, ao mar Vermelho.

Quaſi que eſtou vencido (diz o cabo
Da quella multidaõ) mas inda anîmo
Algumas impreſſoens, que naõ reprimo,
Que intentaõ que eu preſiſta: eſte ſocorro
Vereis muito melhor no que diſcorro. He

* *Qui mittit in mare legatos, & in vaſis papyri ſuper aqua. Ite angeli veloces ad gentem convulſam, & dilaceratam: ad populum terribilem, poſtquam non eſt alius: ad gentem expectantem, & conculcatam, cujus diripuerunt flumina terram ejus.* Iſai. cap. 18. v. 2.

Veja-ſe como expoem eſte lugar o grande *Vieira* no *Prologomeno* á hiſtoria *do futuro*, que hé dos eſforços maiores da ſua profunda, e felice conſideraçaõ.

He certo que o Judeo, e o Mahometano,
O Sectario, e o Pagaõ, naõ ſabe o engano,
Que trabalha na lêi, que elle profeſſa:
Tanto nella ſe firma, e ſe intereſſa,
Que entende que com ella há de ſalvarſe:
Naõ me direis que pode condemnarſe,
Na ignorancia invencivel, que exercita;
Pois onde há ignorancia, naõ milita,
Nem culpa, nem malicia; e ſem peccado
Naõ pode ſer o homem condemnado.

Concedo (o Peregrino lhe reſponde)
Que ſe dá invencivel ignorancia,
Que livra do delicto; mas aonde
A quereis deſcobrir? Na diſſonancia,
Talvêz do Paganiſmo, e Mahometiſmo?
Naõ pugna a ſua lêi com o aphoriſmo
Do lume natural? Mas concedendo
Que haja ignorancia neſte voto horrendo,
Digo que pela lêi naõ ſe condemna,
Mas ſerà condemnado à eterna pena
Por outras culpas, de que o naõ livrava.
Eſſe dogma, em que tanto ſe fundava
Rèprobo ficará no Latrocinio,
Na vingança, e perjurio; e outras maldades,
Que lhe permitte a lêi: nas impiedades
Ignorancias naõ há; pois a fereza
Hé contra a meſma lêi da Natureza.

Mas

Mas inda que finjámos nos delictos
Suspensa sempre a lûz do lume interno,
Naõ hirá a ignorancia ao fogo eterno;
Mas tambem naõ voará pelos districtos
Da Bemavemurança: Ha quem entenda
Que hirá do Limbo á concava vivenda:
Este arbitrio na ideia me naõ cabe:
O que della será só Deos o sabe.

Eu estou persuadido, que se houvesse
Ignorancia invencivel; e vivesse
Quem nella trabalhasse com a norma
Com que a razaõ se anima, e se conforma;
Que a summa Providencia lhe daria
Quanto fosse preciso para guia
Dessa felice, luminosa estrada;
Que nos conduz á Patria desejada.

Ja fico nessa parte satisfeito;
Mas inda se me offrece outro conceito
(Acode o Commandante) que me intima
Maior difficuldade: O Rei sublima
Muitas vezes o throno em varios modos
Do obsequio, que recebe: Quasi todos
Os homens, que pretendem venerallo,
Procuraõ muitos ritos de agradallo:
O seu Reino tambem pode extenderse

A Provincias diverſas, onde brilhem
Diverſos cultos com que ao Rei ſe humilhem:
Cobrir-nos ante o Rei hâ grande offenſa:
Na Aſia o deſcobrirſe: Entrar no Paço,
Sem grande encolhimento, ou em baraço
Há Naçaõ, que o reputa por exceſſo:
Julgou outra por digno de proceſſo
Subir á regia camera veſtido:
No delicto ſe achava comprehendido,
Bem que ao Rei o naõ viſſem aſſentado,
Quem ante o throno eſtava levantado.
Supponhamos que hum Principe governa
Em todas eſtas leis: a Mageſtade,
Das novas ſubmiſſoens na variedade,
Cuido que naõ havia de offenderſe:
E aſſim da meſma ſorte há de entenderſe
Para o Culto Divino: pois o intento
Mais que a acçaõ, he que explica o rendimento.

Reſpondo; o Peregrino lhe retorna:
O Rei na vaſſallagem reconhece
O reſplandor da purpura brilhante:
Seja aquella diverſa, ou ſemelhante,
Sempre o fim ſe conſegue da obediencia,
Q' hê; em que funda o ſolio a preheminencia:
Em Deos há outra regra mais ſublime

Para

Para haver hum ſó culto, em que ſe anime
A ſua adoraçaõ; porque ſe funda
Em toda aquella fabrica profunda
Dos ſagrados myſterios, produzidos
Só para a fé, e naõ para os ſentidos.

Manda-nos crer a Encarnaçaõ do Verbo;
Que Deos homem ſe fêz; que o eculeo acerbo
Da Crûz ſofreu por nós: que a noſſa vida
Hê de ſeu Corpo a Celeſtial comida:
Que Deos he Hum; juntamente hé Trino:
Que tudo ſe elevou, e fêz divino
Nos ſete Sacramentos: E ſe o Turco,
O Judeu, e o Pagaõ nega a Trindade:
Se julga por quimera a realidade
Do Prodigio Euchariſtico; Se entende
Que Chriſto naõ he Deos; como pretende
A voſſa confuſaõ achar o erario
Da fé divina, em culto taõ contrario?

Se concedeis que Deos revella o culto;
He crivel que aos Catholicos ordene
Dos myſterios a crença, e que condene
No Hebreo, Pagaõ, e Mouro o meſmo indulto?
O que hé merito em nôs, nelles he crime?
Concebeis n'hum eſpirito ſublime

Tanta contradicçaõ? Naõ he forçoſo,
Com eſta temeraria, louca ideia,
Fazer a Deos, ou falſo, ou mentiroſo?
Há quem o facilite? Há quem o creia?

Aqui tendes o abſurdo em que delira
O voſſo penſamento, quando aſpira
A ſuſtentar o engano de encontrares
A ſalvaçaõ em todos os altares.
Mas ſe affirmais que em todos; concedido
Me tendes que a achareis no meu partido;
E nelle duas teſtemunhas tenho
Para mais ſegurar o meu empenho,
Que ſou eu, e ſois vós; e apenas huma
Da voſſa parte tendes: Eu declaro
Que naõ há ſalvaçaõ em quem preſuma
Apartar-ſe de hum culto taõ preclaro:
Vós tambem proferis que ella ſe alcança
Deſte culto na fiel perſeverança:
Cauſa tenho melhor; * pois a verdade
Só ſe pode encontrar na pluridade
Da atteſtaçaõ; e nunca ſe percebe

Com

* *Dupleſſis Mornay*, grande valido de *Henrique IV. de França*, e ó ſeu Director do *Calviniſmo*, lhe diſſe muitas vezes que na *Religiaõ Catholica* tambem havia ſalvaçaõ; e dizendo os *Catholicos* que a naõ havia na Seita de *Calvino*, reflectindo na força, e ſegurança do argumento propoſto ſe reduzio ſó com eſta demonſtraçaõ á *Igreja Romana* eſte grande Monarca, illuſtrando com eſta heroica acçaõ toda a gloria das ſuas proezas militares.

Com hum voto ſomente: ſe o concebe
A voſſa perſuaçaõ, muito confio
Em que attendais ao voſſo deſvario,
Vencido das razoens, e do raſcunho,
Naõ ſó do meu, do voſſo teſtemunho.

Deitai o penſamento aos dogmas varios,
Que ſe encontraõ no Mundo: huns voluntarios,
Outros immundos, outros horroroſos,
Crueis, incompativeis, pernicioſos,
Achareis neſſas Seitas inconſtantes:
Na minha Religiaõ, todos brilhantes,
Puros, doces, benevolos, me excitaõ
A' ſociedade humana, e facilitaõ
O impulſo natural no rapto ardente
De procurar hum Deos Omnipotente.

Na Catholica Lei naõ hâ preceito,
Em que poſſa apartarſe o meu conceito
Da juſta inclinaçaõ, que ſe deriva
De hum lume innato, de hũa regra viva,
Que a meſma Natureza nos influe:
Nos myſterios, que a Graça conſtitue,
Se empenhou a Divina Immenſidade
Para encher de inſondavel claridade
A ſua meſma Lêi; authorizando,

Com taõ novos portentos, a eminencia
Da ſua ſingular munificencia:
Tudo ao noſſo proveito ſe deſtina:
A regra, o culto, o obſequio, a diſciplina
Para o Cêo altamente nos convoca:
Tudo nos eſtimûla, e nos provoca
Aquelle Summo Bem; aonde a alma,
Entre golfos de lûz, recebe a palma,
Depois que muda a vida tranſitoria
Nas doces auras de huma eterna gloria.

Confeſſo (diz o cabo, que modera
O militar congreſſo) que eſtivera
Por tudo o que dizeis, ſe neſta junta
Outro novo partido naõ ſe achara;
Que com diverſa ideia nos ſepara:
Aqui ſe encontraõ muitos Libertinos;
Que affirmaõ que do eſpirito os deſtinos
Se extinguem com a vida; e que conſultaõ
Que as almas com os corpos ſe ſepultaõ.

Eſſes pretendo combater agora:
O Peregrino diz: A eſte intento,
Me dê nova attençaõ o Ajuntamento.

TRIUMPHO DA RELIGIAÕ.

Poema Epico-polemico.

LIVRO V.

Contra o Libertiniſmo Cyrenaico. *

A Alma racional na intelligencia,
Inda da mais confuſa negligencia,
Se julga huma ſubſtancia vigilante,
Immortal, concipiente, cogitante,
Immutavel, ancioſa, incorruptivel,
Harmonica, incorporea, indiviſivel:
Sendo eſpirito puro, ſe acha unida
A hum ente material, aonde a vida

* *Libertiniſmo Cyrenaico.* Hê a ſeita dos que negaõ a *immortalidade da alma*; tomando eſte conceito da *Eſchola Cyrenaica*, da qual foi fundador *Ariſtippo*, que punha nos deleites ſenſuveis toda a felicidade do homem. E por iſſo ſe diz que *Socrates* convertera os brutos em homens, e *Ariſtippo* os homens em brutos.

Inſpira formalmente ao ſer humano:
Os prodigios de hum Nume Soberano
Aqui ſe reconhecem, produzindo
Hum compoſto de partes taõ contrarias,
Como materia, e eſpirito; e infundindo
Em taõ diverſas fontes, em taõ varias
Diſpoſiçoens a uniaõ, que facilita,
Nhum Ente que obra, e em outro, que medita:
Admiravel portento! pois em toda
A maquina viſivel ſe accommoda
Deſte inſpirante incendio a ſubtileza,
Sem alterar do corpo a natureza;
Antes quando o penetra, o fortifica,
O extende, o move, o illuſtra, o vivifica. *

Para

* *Modus, quo corporibus adhærent ſpiritus, omnino mirum eſt, nec comprehendi ab homine poteſt; & hoc ipſe homo eſt.* Div. Auguſt. *de Civit. Dei*, lib. 21. cap. 10.

Tem ſido muito diverſos os diſcurſos, que ſe tem feito ſobre o modo com que obraõ entre ſi eſtas duas ſubſtancias taõ differentes. *Guilhelmo Godofredo* Baraõ de *Leibnitz*, hum dos mais famoſos, e eruditos Eſcriptores do prezente Seculo, pertende que naõ haja alguma influencia ſobre cada huma deſtas ſubſtancias, e ſó admitte hum encontro momentaneo dos dois mecaniſmos, corporal, e eſpiritual, aonde Deos tem combinado de ſorte eſtas meſmas ſubſtancias, que a qualquer modificaçaõ da alma, correſponde da ſua parte o corpo com aquella que ſe lhe aſſemelha. Porem eſte diſcurſo que naõ admitte a communicaçaõ deſtas duas ſubſtancias, he huma contradiçaõ formal do vivo, e perpetuo ſentimento; que cada hum experimenta dentro de ſi meſmo.

Deſcartes, e o P. *Malebranche* diſcorrem, que *Deos* he o vinculo com que ſe aperta a uniaõ da alma com o corpo, fazendo que a alma produza as ſuas affecçoens com os movimentos do corpo, e que eſte execute os ſeus movimentos com as affecçoens da alma. Porem tudo o que ſe opina ſobre eſta materia he muito alem da noſſa intelligencia, e eſte ſeria hum dos eſtudos,

Para taõ grande empenho ſe dilata
No errante impulſo, com que os membros ata;
Pois no ſangue, fluxivel apparece:
Copulado na carne, ſe entumece:
Na pelle, o percebemos eſtendido:
Firme nos oſſos: nos tendoens tecido:
Curvo nos inteſtinos: deſtilado
Nos humores: nas veias, circulado:
Inquieto nas arterias: luminoſo
Nos olhos: e nas maons, induſtrioſo:
Agil, nos pés: nas vozes, eloquente
Livre, no coraçaõ: no peito, ardente. Quem

ue ſe deviaõ regeitar, pois quanto mais ſe empenha nelles a applicaçaõ enos ſe ſabe: nós experimentamos os effeitos deſta mutua correſpondencia as ſuas ſubſtancias; mas como ſe conſegue a ſua maravilhoſa communicaçaõ em que conſiſte a uniaõ do eſpirito com o corpo nunca ja mais poderemos verigualo; e torno a dizer com Santo Agoſtinho: *Mirum eſt, nec comprehendi ab homine poteſt.*

A meſma diverſidade de opinioens tem havido ſobre a determinada ſidencia da alma dentro do corpo. *Herophilo* a collocou no cerebro, *Hypcrates* no ventriculo eſquerdo do coraçaõ, *Democrito*, e *Ariſtoteles* em todo corpo, *Epicuro* no eſtomago, os *Eſtoicos* no coraçaõ: *Eraſiſtrato* na membrana, que cobre o cerebro, *Empedocles* no ſangue, *Galeno* diz que cada arte do corpo tem ſua alma: *Straton* a poem entre as duas ſobrancelhas, *Plataõ* a devide em tres partes; a que pertence à razaõ no cerebro, à cora no peito, ao appetite nas entranhas. A opiniaõ de *Deſcartes* tem ido a mais famoſa no Seculo precedente, collocando o throno da alma a glandula pineal; e ſem embargo de ſer muito engenhoſa eſta conjeura, e parecer baſtantemente provavel pelas razoens, com que a eſtabelece eſte *Philoſopho*, com tudo o celebre *Stenon* tem moſtrado que a landula pineal naõ he capaz dos movimentos, que *Deſcartes* lhe attribue.

Nicolaa Stenon foi dos mais illuſtres engenhos do Seculo paſſado, e ande anatomico, e huma das ſuas melhores obras he o diſcurſo anatomico obre a anatomia do cerebro: e ainda ſe fez mais illuſtre na abjuraçaõ do *utheraniſmo* em que foi educado. Depois deſta abjuraçaõ o fez *Innocencio* L. Biſpo de *Ticiopleu*, e *Vigario Apoſtolico* do Norte.

Quem preſumira, quem imaginara
Que offrecendo-ſe á viſta taõ preclara,
Taõ ſenſivel, glorioſa maravilha;
Que taõ viſivelmente pulſa, e brilha
Em todo o racional conhecimento,
Houveſſe quem formaſſe o penſamento,
Com barbara, notoria repugnancia,
Que era enferma, e caduca eſta ſubſtancia! ¶

Em quanto o Peregrino aſſim dizia,
Da quelle grande conclave ſahia
Hum dos vultos, que em fera deſordena
Toda a figura humana: altivo, e forte, Se

¶ Muitos homens doutos infamaraõ o ſeu juizo, e os ſeus eſtudos com a negaçaõ da *immortalidade da alma*. *Simonides*, *Homero*, *Hippocrates*, *Galeno*, *Alexandre de Aphroſidea*, *Plinio*, os dois *Senecas*, os *Epicuros*, os *Saduceos* a tiveraõ por mortal. Pelo contrario *Pherecydes*, *Thales*, *Pythagoras*, *Anaxagoras*, *Diogenes*, *Plataõ*, *Cicero* a julgaraõ eterna. Eſte meſmo privilegio attribuio *Xenocrates*, e *Speuſippo* ás almas ſenſitivas. *Numenio*, e *Plotino* extenderaõ a immortalidade ás almas vegetativas.

Os *Epicureos*, ou *Cirenaicos* modernos para negarem a *immortalidade das almas racionaes* nos recouvem com o cap. 3. v. 17. & ſeqq. do Eccleſiaſtes.

Et dixi in corde meo: Juſtum, & impium judicabit Deus, & tempus omnis rei tunc erit. Dixi in corde meo de filiis hominum, ut probaret eos Deus, & oſtenderet ſimiles eſſe beſtiis: Idcirco unus interitus eſt hominis, & jumentorum, & æqua utriuſque conditio: Sicut moritur homo, ſic & illa moriuntur: Similiter ſpirant omnia, & nihil habet homo jumento amplius: Cuncta ſubjacent vanitati, & omnia pergunt ad unum locum: de terra facta ſunt, & in terra pariter revertuntur: Quis noverit ſi ſpiritus filiorum Adam aſcendat ſurſum, & ſi ſpiritus jumentorum deſcendat deorſum? Et deprehendi nihil eſſe melius quàm lætari hominem in opere ſuo, & hanc eſſe partem illius. Quis enim adducet, ut poſt ſe futura cognoſcat.

Porem Salamaõ naõ quiz dar a entender neſte lugar mais do que a difficuldade que concebe o homem pelo ſeu raciocinio ſobre a immortalidade da alma; e o quanto difficil he, como deixamos dito com Santo Agoſtinho,

Se chega ao Nuncio; e falla deſta ſorte.

No coraçaõ, no peito, pés, e vozes,
Nos olhos, e nas maons, arterias, veias,
Nos tendoens, nos humores, e inteſtinos
Se acha nos brutos manſos, e ferozes,
Eſſa alma dividida, ſem que ideias
Tenhamos de huns impulſos taõ divinos
Como darlhe quereis: Na peſſe, e carne,
Nos oſſos, e no ſangue, a alma alenta;
E mais ſempre ſe offrece, e reprezenta
Em qualquer inſtrucçaõ que nos educa,
Mortal, enferma, fragil, e caduca: Se

o poder ſer comprehendido do diſcurſo humano eſte admiravel portento da omnipotencia divina. A maior parte dos expozitores concordaõ que neſte lugar pertendeo o ſenhor explorar a fé, e a eſperança dos homens ſobre a vida futura; o que eſtá expreſſo naquellas palavras: *Ut probaret eos Deus.* E no principio deſte texto: eſtá provada a meſma immortalidade, dizendo Salomaõ: *Juſtum, & impium judicabit Deus, & tempus omnis rei tunc erit*; porque naõ pode haver eſte juizo, ſem a alma paſſar com a immortalidade para o outro Mundo. Coincide com eſte texto o de Joel: *Aſcendent gentes in vallem Joſaphat, quia ibi ſedebo, ut judicem omnes gentes.*, o do 2. livr. dos Machabeos: *Pia, & ſalubris cogitatio orare pro defunctis*; e mais expreſſamente o de Job: *Credo quod Redemptor meus vivit, & in noviſſimo die de terra ſurrecturus ſum.* Prova a nova vida da alma igualmente o cap. 12. v. 32. de S. Matheus. *Qui dixerit verbum contra Spiritum Sanctum non remittetur ei neque in hoc ſæculo, neque in futuro*: O cap. 2. v. 24. dos Act. dos Apoſtolos: *Quem Deus ſuſcitabit ex mortuis, ſolutis doloribus Inferni.* O do cap. 2. v. 10. ad Philipp. *Ut in Nomine Jeſu omne genu flectatur Cœleſtium, terreſtrium, & infernorum.* O do cap. 3. v. 15. da 1. ad Corinth. *Ipſe tamen ſalvus erit, ſic tamen quaſi per ignem.* Santo Agoſtinho na Epiſt. 100. ad Evod. nos refere que duvidando o medico Gennadio da immortalidade da alma, lhe apparecera hum Anjo em ſonhos, e lhe perguntara ſe ſe perſuadia com toda a certeza que eſtava dormindo, que lhe reſpondera Gennadio que ſim: Pois ſe tens os olhos da carne fechados, he certo que ſó me podes ver com os do eſpi-

Se reſpondeis que eſta alma hê ſenſitiva,
E a do homem racional; deveis dizerme
De que fonte eſſa ideia ſe deriva?
Somente podereis ſatisfazer-me
Que o bruto ſente, e raciocina o homem:
Porem vós bem ſabeis que ſe apurarmos,
Muitas coizas dos brutos, que diremos,
Confundindo os diſcurſos, e os extremos,
Pela meſma razaõ, que nos inclina,
Que o homem ſente, e o bruto raciocina:
Que ſente o homem mais, do que diſcorre,
Baſta que na lembrança ſenaõ borre
Tanta bruta paixaõ, q̃ nelle obſervo: Que

rito: emmudeceu Gennadio a eſta demonſtraçaõ; e o Anjo antes de ſe deſvanecer lhe deixou impreſſas eſtas vozes no coraçaõ. *Cave jam deinceps ne dubites vitam manere poſt mortem.* Refere tambem Baronio tom. 1. ad ann. Chriſt. 411. que Marſilio Fecino diſputara muitas vezes com o famoſo philoſopho Miguel Mercato ſobre a immortalidade da alma; e por fim ajuſtaraõ que o primeiro que morreſſe appareceſſe ao outro para lhe dar a ſoluçaõ da diſputa. Morreo Fecino primeiro em Florença, eſtando Mercato auzente, e no meſmo inſtante da ſua morte appareceo a Mercato, e lhe diſſe: *O' Michael, ó Michael: vera ſunt illa, quæ de immortalitate animæ diſſeruimus.* O *Cyrenaico* zombará deſtes ſucceſſos, mas ſe lhe inquirirmos o coraçaõ *riſus dolore miſcebitur.* De ſe crer que a alma he immortal, nada ſe perde; e podeſe perder tudo, vivendoſe como ſe ella foſſe caduca. He huma loucura indeſculpavel em huma materia de tanta importancia naõ ſe eleger o mais ſeguro. Entre os Philoſophos antigos, que negaraõ a immortalidade da alma naõ me reſolvi a meter *Ariſtoteles*, pelos grandes debates, que tem havido ſobre eſta materia. Eſte portentoſo Coripheo do Peripato, ſeguindo a doutrina de ſeu meſtre Platão, divide a alma em vegetativa, ſenſitiva, e intellectual, e affirma que eſta ultima naõ tem nada de corporea, e que por eſta cauſa ſe deve reputar eterna. No duodecimo livr. *da Metaphyſ.* torna a aſſegurarſe nesta meſma propoſiçaõ. No 1. livr. *da ſua Philoſoph. mor. a Nicomacho* excita a queſtaõ ſe os defuntos podem ter alguma pena, ou alegria da boa, ou má fortuna dos ſeus amigos, que ex-

Que o bruto raciocina, inda que ſente,
Baſta ter as eſpecies, que conſervo
No aſſombro muito mais, do que na mente;
De como, deſta ideia em claro abono,
Obra a raposa, o gato, o caõ, e o mono:
E ſendo eſta alma, que julgais nos brutos,
Huma alma material; e taõ aſtutos
Com ella os conhecemos nos deſmios,
Que mal podeis negar-lhe os raciocinios;
Raciocinando o homem, que implicancia
Pode haver de que ſeja eſta ſubſtancia,
Diviſivel; corporea, enferma, inſtavel,
E naõ incorruptivel, e immutavel? Po-

iſtem no ſeculo; e reſolve, que elles ſe commovem taõ ligeiramente deſtas aprehenſoens, que lhes naõ podem alterar a ſua felicidade, de cuja opiniaõ ſe ſegue neceſſariamente a da immortalidade da alma. Porem *Alexandre de Amphrodiſea*, que he o que melhor tem entendido o texto de *Ariſtoteles*; nos aſſegura com muitos Peripateticos, que elle levara a opiniaõ de que a alma era mortal, e que neſtes lugares fallara da alma geral do Mundo, e que elle pertendeu diſſimular o ſeu conceito, temendo outra tal accuſaçaõ, como a que tirou a vida a Socrates.

Pomponacio no ſeu Tratado da *Immortalidade da alma* depois de inquirir as razoens de *Ariſt.* e de *Averroes*, ſeguio a opiniaõ de *Alexandre*, o que fez commover contra elle todo o concurſo das Eſcholas, aonde naquelle tempo naõ ſe conhecia outro Meſtre, que o Stagyrita. Sobre as accuſoens, que lhe fez o Peripato, compoz huma Apologia, dividida em tres livros, em que o ardor da diſputa o empenhou a provar que a immortalidade he contra os principios naturaes, e que era profanar a fé o miſturar eſtes principios com huma crença ſobre natural; e indigno de hum Chriſtaõ o querer provar as coiſas divinas com os argumentos da natureza. O Patriarca, e o Senado de Veneza prohibiraõ a leitura deſtes eſcriptos; e eis-aqui o que quaſi ſempre reſulta do calor demaſiado das diſputas; e como os maiores philoſophos, e os homens mais advertidos, por quererem triumphar dos outros, ſaõ os que commummente com as ſuas proprias armas ficaõ vencidos, e infamados na contenda. Quaſi todos os heſiarcas tem procedido deſta fogoſa origem.

Podera reſponder vos com Carteſio *
(Lhe diz o Peregrino) aſſeverando
Que ſenſaçaõ nos brutos naõ admito,
Quanto mais raciocinio; e que os limito
A moles globuloſas, ordenadas
De elaſtes, e tendencias combinadas
Para imitarem nas porçoens tendiveis
Impulſos racionaes, formas ſenſiveis:
Pois inda que pareça que elles comem,
Que bebem, que digerem, que perſentem,
Que advertem, gritaõ, ſonhaõ, dormem, ſentem,
Nada vem de hum ſenſivel aphoriſmo:
Tudo hê nelles hum puro mechaniſmo.

Nem cuideis que o conceito hê inſenſato,
Como o intenta fazer o Peripato;
Pois inda que eſſe bruto coma, ou beba,
Ou ſinta, ou grite, ou durma, ou que perceba;
Conforme a acçaõ nos diz: toda a verdade,
Que em tantas apparencias ſe perſuade,
O fundamento tem na ſemelhança,
Com que imita a razaõ, que em nós ſe alcança;
E a ſenſaçaõ, que em nós ſe qualifica;
E tanta ſemelhança (bem que indica
Algum conceito de que o bruto ſente,

Ou

* Syſtema de Carteſio ſobre a inſenſibidade dos brutos, e fundamentos deſta doutrina.

Ou diſcorre talvêz) taõ evidente
Naõ hê, que poſſa ſó eſte recurſo
Provarlhe a ſenſaçaõ, darlhe o diſcurſo.

Do noſſo ſentimento, e intelligencia
Temos toda a expreſſaõ, toda a evidencia
Dentro de nós, mas eſte deſengano
Só ſe pode encontrar no ſer humano;
Pois ategora o bruto inda naõ diſſe,
Ou que raciocinaſſe, ou que ſentiſſe.

N'outra incognita origem, mui diverſa
Daquella, que há em nós, podem fundarſe
Dos brutos as funçoens: Verificarſe
Podem ſó n'hum mechanico progreſſo:
Talvêz que poſſa a inſtancia d'hum congreſſo
De partes materiaes, reproduzida,
Affectar a razaõ, fingir a vida.

Cuido que a ſenſaçaõ naõ dais ás plantas;
E nellas vendo eſtamos outras tantas
Admiraveis funçoens (ſe as naõ excedem)
Deſſas meſmas, que aos brutos ſe concedem:
Empedocles, * Pythagoras diſſeraõ, Mo-

* Alem de *Empedocles*, e *Pythagoras* levou tambem *Platão* o conceito da ſenſaçaõ das Plantas, ſegundo nos diz ſeu diſcipulo *Ariſtotel.* lib. 1. *de plantis.* No ſeculo paſſado renovou *Campanella* eſta meſma opiniaõ; e no prezente ſeculo a ſeguio *Rudigero* no ſeu livr. de *Phyſic. Divin.* E o famoſo Anatomico *Konig* moſtrou como nas plantas ſe achaõ veias, vaſos, nervos; e inſtramentos deſtinados para a reſpiraçaõ, para a cocçaõ e digeſtaõ dos alimentos; para a circulaçaõ do jugo nutricio, para a expulſaõ do excrementicio, e para a geraçaõ, &cet.

Movidos das acçoens, que conheceraõ
No vegetante ardor, que era ſenſivel:
Mas deſte allucinado, incompativel,
Enganoſo diſcurſo, vos ſeparo:
Naõ negareis com tudo, que bem claro
Tem eſſa planta o provido arremedo
Que fâz da ſenſaçaõ: Eſte ſegredo
No tronco achais, que o corpo lhe organiza:
Nos ramos forma os braços: authoriza
Alguma chama, ou movimento occulto
Nas flores, e nos pomos: eſte indulto
Finge na caſca a pelle: affecta o ſangue
Neſſe humor circular, em que ſe anima:
Parece que retrata, ou legitîma
No ámago o coraçaõ: formaõſe as juntas
Dos ſeus nós, e nas fibrias mais conjuntas;
Da lingua nos propoem aquelle intento,
Com que buſca na terra o nutrimento.

Reparai nos aneis, com que as videiras
Se enlaçaõ nos eſpeques das parreiras:
Na quella forte liga, com que ao muro
Se prende, e ſe une a hera: no deſtino,
Com que o frondoſo impulſo ſegue o tino
De achar ſempre do Sol o incendio puro.

Porem a mais aſſombro nos convoca

Aquelle

Aquelle raro arbuſto, que ſe o toca
Indiſcreta impreſſaõ, tanto ſe offende,
Que ſe opprime em ſi meſmo; e logo extende
A alegre pompa de ſeu verde ornato,
A penas ſe acha livre do contato:
Preſtigioſo julgou eſte decoro *
O diſcurſo de Plinio, e Apollodoro.

Maior prodigio nos propoem a Ruſſia
Com o ſeu Bonaret, ¶ herva taõ rara,
Que em todos os ſeus muſculos declara
A forma de hum cordeiro: ella ſe veſte
Da meſma lan; no meſmo corpo agreſte,
Com nova admiraçaõ, ſe acha diſpoſto
Do innocente animal todo o compoſto:
Ella ſe encolhe, e geme, ſe a maltrataõ:
Nos ſeus frondoſos gomos ſe retrataõ

L As

* Chamaõ os Botanicos a eſta planta *vergonhoza*, ou *pudica*, outros *enſitiva* Apollodoro, e Plinio a numeraõ entre as plantas magicas: o nome *Æſchinomenen*. Querem alguns que eſta planta ſeja o Suluc dos Turcos. affirmaõ muitos AA. que na Ilha de S. Chriſtovaõ ha muitas, ou da meſma eſpecie, ou ſemelhantes. O referido Konig nos diz que de outra planta pouco differente ha noticia em algumas partes da Italia chamada *Seta marinha*. Da que propriamente ſe chama *ſenſitiva* affirma Roberto Boyle, que ha hum boſque dilatado no Iſtmo, que divide a America ſetemptrional da Meridional. Aquella flor fungoſa, que ſe vio em Caen junto da praia, de que fazem menção as *Memorias de Trevoux*, he as maiores maravilhas, que ha neſta materia.

Bonaret: he frequente eſta planta nos Reinos de *Aſtracan*, e *Caſan*.

As ſenſiveis funçoens: Tudo taõ vivo,
Que o vegetante affirma o ſenſitivo.

E ainda aſſim naõ direis que a planta obſerva
A lêi da ſenſaçaõ: Logo bem pode,
Por mais que a ſemelhança ſe accommode,
Do bruto para o homem, ter reſerva
Da meſma ſorte, em fim, que eſte eſtatuto
Reſerva tem da planta para o bruto.

Porem naõ quero, agora aproveitarme
Deſta demonſtraçaõ; pois naõ approvo
Eſte diſcurſo, que fazia novo
A ideia de Deſcartes, tendo ſido
Antecipadamente produzido
De outro orgulhoſo, extravagante Engenho: *
Mais ſezudo há de ſer o meu empenho.

O homem totalmente ſe diſtingue
De outra qualquer eſpecie: da figura
Naõ fallo aqui: mais alta lûz procura
A minha obſervaçaõ: fallo da forma;

Deſta

* *Antonio Gomes Pereira* Medico de Medina del campo foi o primeiro que ſahio com a opiniaõ que os brutos naõ eraõ ſenſitivos mas humas maquinas automatas, movidas por hum occulto mechaniſmo. *Deſcartes* ſe aproveitou deſte conceito para o renovar na ſua pliloſophia, aindaque procurou outros principios para eſtabelecela.

Deſſa chama vital, que o corpo inclue,
Que o move, o vivifica, o conſtitue.
Naõ me podeis negar que ella percebe,
Diſcorre, julga, inſpira, ama, concebe:
Eſcuſo de provar tanta eminencia:
Vós teſtemunha ſois deſta evidencia.

Abſurdo he grande preſumir que a ruda
Subſtancia material de hum corpo extenſo,
Por mais que a pure o ardor n'hum fogo intenſo,
Poſſa fazer hum ente vigilante,
Diſcreto, judicioſo, cogitante:
Logo hê mais do que corpo eſta ſubſtancia:
E ſe hê mais do que corpo, que ignorancia
Negará que hé eſpirito, advertindo
Que em taõ diverſos, naturaes portentos
Naõ há mais que eſtes dois predicamentos.

Notai (o Libertino lhe retorna)
Que ſe a materia, bem que o intenſo a pure,
Nunca pode fazer que ſe procure
Na ſua intenſidade o raciocinio,
Tambem por mais que a extenuaçaõ ſe exalte,
Sempre ſerá preciſo que lhe falte
Aquella ſenſaçaõ, que naõ ſe nega

Em toda a eſpecie bruta; e aſſim taõ cega
Nos fica a intelligencia do conceito,
Que o racional propoem no empenho activo,
Como aquelle, que inculca o ſenſitivo.

Bem que a materia (o Peregrino adverte)
Se imagine no ſeu impulſo inerte
Incapâz de hum effeito taõ illuſtre,
Pode ſer conduzida, ou elevada
A outra operaçaõ mais ſublimada;
Sem que da elevaçaõ a grande empreza
Deixe de ſer mortal, nem que diffunda
Outro ſer mais que aquelle, em que ſe funda:
Mas como huma ſubſtancia, que cogîta,
Que diſcorre, que julga, que medita,
Nunca no material ſe conſidera,
Porque entaõ a ſî propria ſe excedera;
E naõ pode nenhuma qualidade
Paſſar alem da eſphera, em que a entidade
A tem conſtituido; e aſſim os olhos,
Bem que altamente ſejaõ promovidos,
Nunca podem ouvir, nem os Ouvidos
Da meſma ſorte, ver; hê neceſſario
Para ſalvar hum impeto contrario
A's eſſencias das coizas, que julguemos

Que

Que hum ente cogitante naõ hé corpo;
E a naõ ſello, por mais que ſe forceja,
Se eſpirito naõ hê, naõ há que ſeja. *

Inda há que poſſa ſer, O Libertino
Torna a inſtar: Pode ſer hũa ſubſtancia
Deſſas, que o Peripato tem jactancia
De produzir na eſchola, dando aos entes
Com ellas as eſpecies differentes:
Formas ſubſtanciaes hê que appellida
Eſtas promptas imagens: * naõ duvida
O negar-lhe a materia; nem taõ pouco
Haverá nas eſcholas algum louco,
Que immortaes as conceba: Eu vos offreço
Outra ſubſtancia já, alem daquellas,
Que diſcorrido tendes; e eſta nova

* *La penſée n'étant point un mode de la ſubſtance étendue, il faut que cette ſoit l'attribut d'une autre ſubſtance; & qu'ainſi la ſubſtance qui penſe, & la ſubſtance etendue ſoient deux ſubſtances reellement diſtinctes. D'ou il s'enſuit que la deſtruction de l'une ne doit point emporter la deſtruction de l'autre; mais que tout ce qui arrive en ce que nous appellons deſtruction, n'eſt autre choſe que le changement, ou la diſſolution de quelques parties de la matiere qui demeure toujours dans la nature, comme nous jugens fort bien qu'en rompant toutes les roues d'une horloge il n'y a point de ſubſtance de truite; quoique l'on diſe que cette horloge eſt detruite. Ce qui fait voir que l'ame n'étant point diviſible, & compoſee d'aucunes parties, ne peut perir, & par conſequent qu'elle eſt immortelle.*

L'Art de Penſer. P. 4. Chap. 21.

* *On s'eſt arrêté un peu en paſſant à faire voir la foibleſſe des argumens, ſur les quels mètablit dans l'ecole ces ſortes de ſubſtances qui ne ſe decouvrent ni par les ſens, ni par l'eſprit, & dont on ne ſait autre choſe, ſi non que*

Subſtancia, ou Ente de taõ alto preço,
Com todas as magnificas cautellas,
Com que a ſua exiſtencia ſe lhe prova,
Sempre a ideia, que a move, ou que a trabuca
A concebe mortal, e a fâz caduca:
E ſe no Peripato ſe diſcorre
Que a ſubſtancia incorporea tambem morre,
Para que me accuſais, que agora creia
N'outra ſubſtancia igual a minha ideia?

Naõ me inſteis (lhe reſponde o Peregrino)
Com a lêi dos Syſtemas: perde o tino
Cada qual em ſeguir aquelle empenho,
Com que ordena a ficçaõ do ſeu deſenho;
E eſſa meſma ſubſtancia, que ſe finge,
Com que julgais me aperta a voſſa Sphynge,
Por ſi meſma ſe ſolta; pois a eſchola,

Por

L'on les appelle des formes ſubſtancielles parceque quoique ceux qui les ſoutiennent le faſſent, a tres-bon deſſein néanmoins les fondemens dont ils ſe ſervent, & les idées qu'ils donnent de ces formes obſcurciſſent, & troublent des preuves tres-ſolides, & tres convain quantes de l'immortalite de l'ame, qui ſompriſes de la diſtinction des corps, & des eſprits, & de l'impoſſibilitè qu'il ya qu'une ſubſtance qui n'eſt pas matiere, periſſe par les changemens qui arrivent dans la matiere. Car par le moyen de ces formes ſubſtancielles ſe fournit, ſans y penſer, aux Libertins des exemples de ſubſtances qui periſſent, qui ne ſont pas proprement matiere, & à qui on attribue dans les animaux une infinitè de penſées c'eſt-à-dire des actions purement ſpirituelles: & c'eſt pour quoi il eſt utile pour la Religion, & pour la conviction des impies, & des Libertins de leur oter cette reponſe, en leur faiſant voir qu'il n'y a rien de plus mal fondè que ces ſubſtances periſſables qu'on appelle des formes ſubſtancielles.

L'Art de Penſer, P. 3. Chap. 19.

Por mais que nas eſpecies a tremôla,
Naõ a poem entre eſpiritos; e a alma
Em acçaõ, ou deliquio, moto, ou calma,
Naõ pode, ſem eſpirito entenderſe;
Pois hé hum claro abſurdo o conceberſe
Que eſpirito naõ ſeja ente, que julga;
E abſurdo inda maior, ſe a necedade
No eſpirito ſuppoem mortalidade.

Se quem julga talvez ſe eſpritualiza
(Proſegue o Libertino) aos meſmos brutos
Eſpirito lhe dais; pois ſubtiliza,
Fundado em ſeus eſtimulos aſſutos,
Arnobio, * e ſeu diſcipulo Lactancio;
Que o bruto naõ ſómente alcança, e aprende,
Mas que diſcorre, julga, infere, entende.
E ſe o juizo, diſcurſo, e intelligencia
Do eſpirito procede, huma inferencia
Se tira, ſem que tenha alguma inſtancia,
Que no bruto ſe encontra eſta ſubſtancia.

Na Corte de Fernando, Rei de Hungria,
Tanto augmentou Jeronymo ✠ Rorario

* *Arnob.* lib. 2. *adverſus gentes. Lactanc.* lib. *de ira Dei*, cap. 7.

✠ *Jeronymo Rorario* era Nuncio do Papa *Clemente VII.* na Corte de Hungria quando diſſe na ſua prezença hum homem douto, que eſtranhava que o Imperador *Carlos V.* aſpiraſſe á Monarchia univerſal da Europa tendo tão

Só de dois argumentos, que inſinua
E numerando as partes, ou ſe alcança
Alguma progreſſaõ de ſemelhança.

De outra ſorte diſcorre, e entende o homem:
E leva a intellecçaõ ao mais ſublime;
Deſunidas noçoens na ideia imprime:
Singulares objectos predomina:
As razoens mais commuas determina:
Os Entes mais excelſos reconhece:
Nas ſubſtancias, ſem corpo, ſe arrebata:
Une diſcurſos, conſequencias ata.

Deſtes,

perſeguir, e de lhe ladrar; o que fez ſuſpeitar que o archeiro tinha ſido o homicida, e determinou que o caõ entraſſe em combate com elle: que aſſiſtio o Rei, e toda a Corte: Deuſe ao archeiro hum baſtaõ, e o caõ tinha por refugio hum tonel deſfundado. A penas o caõ vio o inimigo ſe lhe lançou ao peſcoço, e o apertava taõ fortemente que naõ podendo livrarſe da oppreſſaõ, ſe julgou por vencido, e foi entregue à juſtiça para o caſtigar conforme o crime cometido. Eſta hiſtoria ſe acha repreſentada em huma chamine do Caſtello de Montargis. *Jul. Caſ. Scalig.* a refere, *adverſ. Cardan. de ſubtil. exercit.* 202. §. 6. *Colombiere* tambem a conta no *Theat. d'honneur, & Chevalerie*, tom. 2. ch. 23. pag. 300. e o *Padre Montfaucon* atraz nos monum. *de la Monarch. Franc.* tom. 3. ſous Charl. 5. p. 70. planch. 18. *Solin.* no cap. 27. eſcreve varias maravilhas do Leaõ: *Athen. Deipnoſoph.* lib. 13. cap. 30. outras ſemelhantes de outros brutos. *Oppian.* paſſa eſte meſmo aſſumpto para os Delphins lib. 5. de piſcib. v. 453. e Solin. cap. 18. com maior razaõ devem entrar neſta conta os Elephantes, pelo que delles diz *Clement. Alexand.* ſtrom. lib. 1. Plut. in Pyrrhum; e finalmente dos Cavalos, dos Bugios, das Rapozas eſtaõ cheios os AA. do modo, e dexteridade, com que imitaõ, ou tal vez excedem, e envergonhaõ a cultura, e os coſtumes dos homens em quaſi tudo o que reſpeita à ſua conſervaçaõ, e ao ſeu devido reconhecimento.

Deſtes, e de outros actos portentoſos
Da ſua intellecçaõ, taõ numeroſos,
Que naõ cabem nas regras do alguariſmo,
Hê que infiro o innegavel aphoriſmo
De que huma alma immortal ſempre ſe embeba
Onde quer que eſte impulſo ſe perceba:
E ſe me perguntais pelo que ſigo,
Ou creio na extenſaõ dos brutos? Digo
Que he ſenſitivo o bruto, e intelligente: *
E que affirmar ſe pode que hê hum Ente
Entre materia, e eſpirito, julgando,
Pelo que eſtá medindo, e executando,
Que parece ſer mais, que ſenſitivo,
Menos que racional o impulſo activo
Com que procede tanta ideia aſſuta
Em tudo o que obra, em tudo o que executa:

E

* *La matiere, qui dans ſont ètat naturel n'eſt qu'une ſubſtance ètendüe, & impènètrable, n'ètant ſuſceptible que de repos, de mouvement, & de figure, ne peut ſentir connoître, deſirer, craindre, ſouffrir. N'eſt-il pas plus vraiſemblable que l'ame des bêtes eſt une ſubſtance, qui n'eſt rèellement ni ſprit, ni corps? Une troiſième eſpèce de ſubſtance, uniquement capable de paſſions, & de connoiſſances ſenſibles, ou de ſenſations; mas de ſenſation exquiſes, les quelles dans la pratique valent quelquefois des raiſonnements: Une ſubſtance dèpendant des organes du corps, inutile ſans le corps; ſans reflexion ſur ſes conoiſſances, ſans deliberation, ſans choix, ſans liberte, ſans merite; & par conſèquent deſtinèe a pèrir avec de corps.*

Marquez de Santo Aubin, Trait. *de L'opin.* p. 1. tom. 2. lib. 3. art. 3. *Bayle ſoutient au contraire, qu'il eſt impoſſible que tout ce, qui exiſte, ne ſoit pas ſprit, ou matière, puiſque ſi la de l'etendüe il eſt matière; & ſi l'on a pas, il eſt ſprit. Ce ſentiment de Bayle ne prouve autre choſe, ſi non que l'ſprit humain entreprand de decider ce, qu'il ne connoit pas.*

Idem, ibidem.

E ſuppoſto que tudo, o que ſe indica,
Hê Eſpirito, ou Corpo, naõ implica
Que hum Ente ſe conceba entre as diſtancias
Deſtas duas genericas ſubſtancias. *

Philoſophicamente tenho unido
Tudo o que pode haver de mais a lento
Neſta ſeria queſtaõ: Agora intento
Com lûz mais efficâz vencer o dano
Da voſſa confuſaõ, do voſſo engano.

Se a alma racional foſſe taõ fragil,
Como o voſſo diſcurſo a tem ſuppoſto,
Tudo o que illuſtremente eſtá compoſto
No archivo ſuperior, no excelſo erario
Do acerto, e da razaõ; fora contrario

A

* *Suelen perguntar los Carteſianos, ſi la alma del bruto és materia, ó eſpiritu? A que los Peripateticos reſponden, que ni lo uno ni lo otro; ſi nó que es una cierta eſpecie de ſer que ſe llama material; nó porque ſea materia ſi nó porque nó es puro eſpiritu: Que es un ente medio, que nó es capáz de diſcorrir, ni de entender; pero ſi de percibir y de ſentir; eſto es, de una impreſſion de los objectos corporeos, tal como la experimentamos en nos otros quando ſe nos quema ſe nos pica, o ſe nos golpea. Nó dizen los Carteſianos que el ſpiritu és una coſa que pienſa, y que diſcurre? Pues aſſi puden los Peripateticos dizir, que l'alma de los brutos es una coſa, que aunque nó diſcurre, ni pienſa ſiente, y tiene ſus conocimientos ſenſitivos.*

Replicaſe contra eſto, diziendo que la ſenſacion, ó conocimiento ſenſitivo és una cierta eſpecie de penſar. Bien ſé que los Carteſianos lo dizen, y que incluyen lo uno en lo otro, como una eſpecie en ſu genero. Pero quarria y o que me dieran la razon porque lo dizen. Todo el Mundo conoce que lo que en el lenguage comun ſe llama penſar, o diſcurrir és coſa mui diverſa de lo que en el miſmo lenguage ſe llama ſenſation o conocimiento ſenſitivo. Ved (por exemplo) el

A quanto neſſe cofre ſe procura:
Seria a heroicidade huma loucura;
Crime a conſtancia; o jubilo, ſupplicio;
Torpeza a perfeiçaõ; virtude o vicio.

Quem morreria pela amada patria?
Quem o objecto amaria da innocencia?
Quem louvaria os actos da clemencia?
Quem ſofreria a maxima importuna,
Ou do fado, ou da ſorte, ou da fortuna?
De tudo ſe faria hum vil deſprezo,
E o homem naõ teria outra ſahida,
Que amar o alento, dilatar a vida,
Ignorara cobarde em toda a empreza
O egregio reſplandor da fortaleza:
Com detrimento ſeu, fora ignorancia

Fir-

ego: Sentir el fuego, y penſar en el fuego ſon coſas muy diſtintas; y por conſiguencia nó hay repugnancia en que ſe ſeparen. Podran puez convenir ala alma del bruto lo primeiro, y lo ſegundo, ſin que le convenga lo tercero. Eſta finicion, que puede apropriarſe a la alma del bruto, una coſa capaz de ſencion, eſto ès de ver, oir &c. nó ès menos clara que la que Monſenhor Deſcarts apropria al eſpiritu, es aſaber, una coſa que pienſa, y que diſcurre Negaron los Carteſianos la poſſibilidad de eſte ente medio capáz unicamente de ſentir: as que ſe á hecho aquel profundiſſimo reſpeto á la Omnipotencia, que ſu Maro tanto procuró inſpirarles? Dios, cuyo poder nó tiene limite; haſta poder mbien hazer (ſegun eſte philoſopho) que un triangulo nó tenga tres angu, y que dós y tres, no ſean cinco: Dios, digo omnipotente nó podrá produr una coſa de tal naturaleza, que ſolo poeda ſentir.

Viage d'el Mundo de Deſcart. del P. Gabriel. Daniel part. 5. pag. mihi 306.e 7. *pela traduçaõ*, de Joaõ Gregorio Araujo. E na pag. 308. diz aſſim: *ego nó ès ſolido el fundamento, ſobre que los Carteſianos dizen que todo ente*

Firmar-ſe na columna da conſtancia:
Se achaſſe algum perigo na bondade,
Buſcaria o caminho da impiedade;
Pois nenhuma virtude ſe exercita,
Sem ſaber-ſe que a Parca facilita
Melhor aura, em que o acerto ſe premeia:
Ou ſem ter no diſcurſo aquella ideia,
De que inda que na acçaõ acabe o forte,
Que outra vida terá depois da morte.

Nada devera Roma a Elio, ✠ a Mucio,
Ou a Bruto, Cataõ, Decio, Genucio,
A Codro, ou a Themiſtocles Athenas,
Se nos ſeus coraçoens naõ ſe imprimira
Que vive a alma, quando o corpo eſpira.
Se ella foſſe mortal a lûz mais clara

Do

é és cuerpo, ó eſpiritu, y por conſeguinte podran los Peripateticos ſuponer un ente medio, eſto és la alma del bruto.

Eſta meſma reflexaõ tresladou palavra por palavra o referido Marquez de Santo Aubin no lugar, que deixamos citado, e no art. 4. em que principia.

Les Carteſiens demandent ſi l'ame de la bête eſt matière, ou ſprit. &c.

E eu acreſcento que a ſuppoſiçaõ deſte *ente medio* entre o corpo, e o eſpirito, he hum conceito novo criado na mente do *P. Gabriel*, e eſte exquiſito refugio, que nunca me parece que veio à apprehençaõ de algum dos antigos Philoſophos, moſtra baſtantemente a força do argumento Carteſiano, naõ ſe lhe podendo dar outra ſahida, aindaque ſe deve confeſſar que ſuppoſto, ſeja atrevida, tem todas as qualidades de huma boa repoſta.

✠ Vejaſe Valer. Max. lib. 5. cap. 6. *de pietate erga Patriam.*

Do ſummo bem, que o homem recebera,
Seria conſervar-lhe a vida clara,
Que na uniaõ do corpo perſevera:
Eſte fora ſomente o ſeu cuidado,
Eſte todo o ſeu fim, ſem que attendeſſe
A quanto ſe induziſſe ou ſuccedeſſe,
Foſſe vicio, ou virtude, amor, conflito,
Nobreza, eſtimaçaõ, culpa, ou delito.

E de que Deos he bom, juſto, e perfeito,
Se perderia o ingenito conceito;
Pois he certo que vemos os Tyrannos
Viverem nos projectos deshumanos,
Sem alguma oppreſſaõ, algum caſtigo;
E vemos ſem ſocorro, nem abrigo,
Trabalhando em hum vinculo pungente,
Sem premio algum, a vida do innocente.
Se depois deſta vida naõ ſe achaſſe
Outra vida, em que a culpa ſe pagaſſe,
E á bondade ſe deſſe o merecido, *
Seria Deos injuſto, e aborrecido
Praticando a obſervancia iniqua, e rude
De enlaçar a maldade na virtude.

Baſta-

* Eſte argumento, ſendo taõ Catholico, ſe acha na Republica de Plataõ lib. 10.

Baſtaria que a alma preſiſtiſſe
Algum tempo depois; o Libertino
Ao Nuncio diz aqui: Naõ imagino
Que poſſa haver ſupplicio, ou gloria eterna:
Se a virtude, ſe o vicio, que governa
A propenſaõ humana, tambem morre;
A minha intelligencia naõ diſcorre
Como pode a maldade, ou a innocencia
Ter do premio, ou caſtigo a preſiſtencia;
Pois a virtude ou momentaneo vicio
Deve ter premio igual; e igual ſupplicio:
E ſe em Deos a igualdade ſe procura,
Em hum premio, ou rigor, que ſempre dura,
Naõ deve compenſar-ſe aquelle intento,
Que ſe obra, ou ſe concebe em hum momento:
Seria horror, ſeria iniquidade
O dar por hum inſtante a eternidade.

Nunca mais (diz o Nuncio) a lûz ſe moſtra
Do que em dar-ſe hum caſtigo taõ terrivel
A quem offende hum Deos incomprehenſivel,
Amavel, bom, benigno, e verdadeiro:
Se hê infinita pelo objecto a culpa,
A juſtiça e a razaõ tambem ordena
Que igualmente infinita ſeja a pena:
Ve-ſe no premio a meſma conſonancia:

Mas

Mas inda deſta harmonica obſervancia
A alma naõ depende para acharſe
N'huma vida immortal: * deve encontrarſe
Algum novo contrario, que a deſtrúa,
Para que eſte eſplendor naõ conſtitua:
A gente naõ dareis, que a deſanime:
Cada vêz mais brilhante mais ſublime,
E ſobre as oppreſſoens ſe conſidera:
Quanto mais combatida, mais proſpêra
A ſúa illuſtre eſſencia: mais ſe a viva,
Mais ſe esforça ſe inflamma, ſe cultiva.

Se houveſſe algum contrario, que a inſultaſſe,
De materia, ou de eſpirito ſeria:
Do primeiro repúgna, que ſe achaſſe,
Pois todo o material perde a valia
Com hum Ente incorporeo: do ſegundo
Menos ſe pode crer; pois fica aceito
Como em ſeu proprio, natural ſogeito:
Nenhum a gente natural ſe move
Para a gente contrario, ſem que aſpire
No impulſo à algum proveito: naõ conſpire
O mais forte com eſte injuſto emprego,

M Que

* *In animi autem cogitatione dubitare non poſſumus niſi in phyſicis planè plumbei ſumus, quin nihil ſit animus ad mixtum, nihil concretum, nihil copulatum, nihil coagmentatum, nihil duplex: Quod cum ita ſit, certè nec ſecerni, nec dividi, nec diſcerpi, nec diſtrahi poſſit, nec interire cogitur.* Cicer. Tuſcul. quæſt. lib. 1. e eſte meſmo argumento repete o meſmo A. no livro *de velhice.*

Que tudo ſe achará poſto em ſocego.

O ente, que ſe extingue; ou dentro, ou fora
De ſi meſmo, tem força, que o devora;
Fora de ſi, o homem tem o incendio,
O ferro, a agoa, o ar; e quanto encerra
Nos oppoſtos eſtimulos a Terra:
Dentro de ſi, o inſulta eſſa deſordem
Dos ſeus meſmos humores; onde anima
O meſmo, que o combate, e que o laſtima:
Deſtes contrarios vive izenta a alma;
Delles conſegue victoriosa palma,
Com que vive triumphante na fraqueza
Da noſſa miſeravel natureza: *
Só Deos he que podera deſtruilla; Mas

* Ninguem pode duvidar que o atributo mais proprio, ou talvez a eſſencia da alma conſiſta na cogitaçaõ. De tudo pode duvidar a alma mas naõ pode duvidar de que cogita; porque a meſma duvida he a melhor prova de que ella he cogitante. Examinandoſe pois o que he cogitaçaõ ſe conhece com toda a evidencia que naõ ſe inclue nella alguma coiza de huma ſubſtancia extenſa, a que ſe chama corpo; como o comprimento, a largura a altura, a compoſiçaõ de diverſas partes, o ſer deſta ou da quella figura, e o ſer diviſivel, e impenetravel: Donde ſe conclue que a ſubſtancia extença he totalmente diverſa da ſubſtancia cogitante; e por eſta razaõ tambem ſe moſtra, que a deſtruiçaõ de huma naõ tem nada com a da outra. Digo deſtruiçaõ falando com os termos da eſchola, pois com propriedade ſenaõ pode dizer deſtruiçaõ ao que he realmente huma mudança ou diſſoluçaõ das partes da materia que ſempre exiſte na *Natureza*; pois ainda que ſe finja que hum relogio ſe deſtroe quando ſe deſcompoem, bem ſe vê que neſta deſcompoſiçaõ, ou diſſoluçaõ das rodas, do moſtrador, da pendola, naõ ha ſubſtancia deſtroida; e ainda que a houvera, como a alma naõ he ſubſtancia extenſa, nem tem partes diviſiveis, nem alguma de que ſeja compoſta; naõ pode haver, em que ſe conſiga a diſſoluçaõ, que ſe dá na ſubſtancia extenſa; e por conſequencia deve ſer immortal; porque naõ tem inimigo, agente, ou mudança, que a combata.

Mas com que fim, depois de produzilla?
Sem motivo, nem fim, era maldade
Incompativel com a Divindade.

Dizeime agora, ſem fingir: A morte
Temeſtes algum dia? Por mais forte,
Que vos imagineis; eſte inimigo
Achaſtes formidavel no perigo
Da enfermidade, ou de outro algum ſucceſſo?
Se credes que naõ há outro progreſſo
Mais que a vida acabar; que horror, que eſpanto
Neſte perigo vos afflige tanto?

Eſte argumento, ou demonſtraçaõ taõ forte, como ſimples, nos offerece *L'Art de penſer*, Part. 4. Chap. 2. exponho aqui eſte lugar com mais alguma clareza em beneficio dos que ignoraõ a lingoa Franceza, ſem embargo de deixar eſcripto o original na nota do verſo 238. deſte meſmo livro. O Marques de Santo Aubin no ſeu Tract. *de l'opin.* lib. 3. do tom. 2. da 1. part. art. 11. nos faz huma admiravel demonſtraçaõ da immortalidade da alma. Se a noſſa alma (diz elle) foſſe material, ſeguirſehia que ella naõ era mais que huma coordinaçaõ, ou hum compoſto de minutiſſimas partes materiaes, muito mais ſoltas, e muito mais ſubtîs, que as que ſe obſervaõ nas faiſcas ou no fumo; e que eſtas partes ſubtiliſſimas, ou eſtes corpuſculos ſaõ aquelles que movem, e ordenaõ pelo ſeo impulſo, ou configuraçaõ tudo o que há de mais nobre, e de mais excellente no noſſo penſamento. Deſta ſuppoſiçaõ ſe hade ſeguir neceſſariamente, que a verdade dos primeiros principios naõ ſubſiſte, ſenaõ pela compoſiçaõ de alguns pequenos corpos materiaes, e que ſe eſtes tomaõ outra configuraçaõ, da que agora v. g. tem, ſuccederia que todas as noçoens mais evidentes, que agora temos, ſeriaõ ao depois contrarias e oppoſtas; e ſe veriaõ traſtornadas aquellas verdades inegaveis em que todo o Mundo convem e todos os axiomas, e principios eternos que perſuadem o noſſo conſentimento a penas ſe proferem, ficariaõ duvidoſos, e ſem alguma ſegurança na noſſa intelligencia. Eſta prova da immortalidade da alma (acreſcenta o meſmo A.) produz huma certeza igual àquella de que dois e dois ſaõ quatro, e que o todo he maior que a ſua parte.

Naõ julgais por empreza deleitavel
O ſahires de hum Mundo miſeravel?
Outro ſuſto talvêz vos a tormenta:
Outra imaginaçaõ ſe reprezenta
Lá dentro de vôs meſmo: * Quem a excita?
Negais que a Natureza a depoſita
No voſſo coraçaõ, e que a recorda
Quando mais deſcuidado vos inſulta
No côlo o alfange, na garganta a corda?
Confeſſai, confeſſai a chama occulta,
Que o peito vos abraza: Mas já vejo
Quanto felîz tem ſido o meu deſejo:
Já reconheço que mudais a imagem
Deſſa voſſa brutal Libertinagem:
Pouco, a pouco perdendoſe a figura
Se vai da quella fera embravecida,
Onde barbaramente deſmentida
Tinheis toda a expreſſaõ da voſſa eſſencia:
Com a meſma feſtiva complacencia
Vendo eſtou, que os demais, que me eſcutaraõ,
Já de brutos em homens ſe mudaraõ.

Vos me tendes (lhe diz o Libertino)
Chegado ao deſengano: as minhas tropas

To-

* *Teſtimonium illius reddente conſcientia ipſorum, & inter ſe invicem cogitationibus accuſantibus.* Div. Paul. ad Rom. cap. 2. v. 15.

Tõdas vos ſeguiraõ: Tambem conſpira
Nos outros a mudança: O campo gira
Em ſucceſſivos jubilos: Os ares
Se innundaõ de clamores populares:
Repetemſe nos circulos velozes
Vivas, acclamaçoens, applauſos, vozes.

Entre todos no empenho ſe diſtingue
O alvoroço do Velho Polyphilo:
Pendente eſteve do nervoſo ęſtylo
Com que o Nuncio a doutrina propuzera:
Hum incognito impulſo reverbera
Do coraçaõ aos olhos; e ſe achava
Mais goſtoſo, ſe mais o contemplava.

Dos Libertinos o geral conſelho
Logo fêz eſcolher ao ſabio Velho
Pára dar aos Deiſtas a repoſta,
Que tinhaõ conſultado na propoſta,
Que o Nuncio lhe intimou: com eſte intento
Procura o ſitio do outro acampamento:
Do Peregrino vai na companhia;
E Pauli os recebeu com alegria,
Que inda ſe fêz maior neſſa reſulta,
Que tinha procedido da conſulta;
Pois ja comſigo meſmo convencido

Se achava na ficçaõ do ſeu ſentido.

As pazes ſe firmaraõ conſpirando
Os campos na catholica doutrina:
Logo alli ſe diſpoem, e determina
A erecçaõ das Igrejas: E o negocio
Mais ſerio dos artigos era o meio
De ſe eſtabelecer o Sacerdocio:
E para liquidarſe algum receio,
Que houveſſe neſte ponto, ſe dilata
Mais tempo a conferencia; e foi preciſo
Deixar toda a importancia deſte aviſo
Para o dia ſeguinte: No entretanto
Deita a noite funeſta o negro manto
Sobre a face do Mundo: as ſombras graves
Caiem dos altos montes: * vem as aves
Seus ninhos procurando: o manſo gado
Vai buſcando o curral: no monte, e prado,
Se finge o tronco eſpectro da montanha:
Tudo da eſcuridade ſe acompanha;
Até que o ſono, que no Ceo palpita,
N'hum ſilencio mental ſe precipita. ✠

Neſte

* *Maioreſque cadunt altis de montibus umbræ.*
Virgil. Eclog. 1. verſ. ultim.

✠ ——— *Et jam nox humida Cœlo*
Præcipitat, ſuadentque cadentia ſydera ſomnos.
Æneid. lib. 2. verſ. 8.

Neſte da lûz parentheſis umbroſo,
Dizia a Polyphilo o Peregrino:
Que fado, que ſucceſſo, que deſtino
Vos póz com eſta gente? A claridade
Da voſſa ſuperior capacidade,
Parece que me intima a repugnancia
De teres adoptado a extravagancia
De taõ louca impreſſaõ: Mais ſuſpendido
Ficareis, a ſaber que eu ſigo o dogma
(Polyphilo lhe diz) que enſina Roma:
Bem que a minha lembrança mais me afflige
Quando tyrannamente ſe dirige
Aos meus triſtes ſucceſſos; deſejava
Que ouviſſeis quanto pôde a ſorte brava
Na minha propenſaõ, tomando o empenho
De fundar ſeu rigor no meu deſpenho:
Se tendes tolerancia para ouvilo.
A hiſtoria vos direi de Polyphilo.

Terei por grande obſequio, ſe a contares;
Lhe dîz o Peregrino: as ſingulares
Prendas, que em vós obſervo; ou ſympathia,
Que eu naõ ſei conhecer, tanta harmonia
Na minha alma produzem, que naõ poſſo
Deixar de commoverme a quanto hê voſſo.

Em Portugal naſci; aſſim começa
O velho Polyphilo: na cabeça
Do Imperio Luſitano a minha aurora
Vio as luzes do Sol; taõ brilhadora,
Que entre as ſombras do pállido occidente
Inda chegou a ſer reſplandecente: *
Quero dizer: que illuſtres Genitores
Me deraõ da nobreza os reſplandores.

Com todas as cautellas do cuidado,
Que influe a ſucceſſaõ, fui educado:
Meſtres ſe mandaõ vir de varias partes

Para

* Pode alguem reparar que ſe pertenda que a Nobreza concorra tambem para a gloria do *Herôe*. No *Prolegomeno* ſe faz menção de que ha *Epicos* que preceituaõ que o *Herôe* naõ ſó deve ſer nobre, mas *Principe*. Sobre a eſtimaçaõ, ou pouco caſo, que ſe deve fazer da nobreza herdada ſe dividiraõ os *Philoſophos antigos*. Os *Eſtoicos* naõ queriaõ que houveſſe outra mais que a ſabidoria. *Seneca* o maior Sectario deſta eſchola a conſtituia na virtude. *Non facit nobilem* (diz elle na Epiſtol. 44.) *atrium plenum fumoſis immaginibus: Nemo in noſtram gloriam vixit; nec quod ante nos fuit, noſtrum eſt: Animus facit nobilem; cui ex quacunque conditione ſupra fortunam licet ſurgere.* Juvenal na Satyra 8. em deſabono da Nobreza recorre ao effugio de que todos naſcemos de hum tronco humilde.

Et tamen ut longè repetas, longèque revolvas
Nomen ab infami gentem deducis aſylo:
Maiorum primus, quiſquis fuit ille tuorum
Aut paſtor fuit, aut illud quod dicere nolo.

Horacio no lib. 1. ſatyr. 6. aſſegura que ſe lhe deſſem a eſcolher a ſua origem que naõ eſcolheria outra, que a de que tinha procedido; e ſendo neto de hum *Libertino* talvez, que liſongeaſſe com eſte hypocrita conceito a impoſſibilidade da eſcolha. *Platão in. Menon* tambem ſe declarou contra a Nobreza dizendo q̃ era digno de vergonha o ſer eſtimado por outrem, e naõ por ſi: Porem eſtes teſtemunhos ſaõ mui ſoſpeitoſos, pois naõ podia eſtimar a Nobreza quem a naõ tinha, e eſtas philoſophias ſó ſe eſtimavaõ a desluzir o que ſenaõ podia alcançar. *Cicero* foi mais ingenuo

Para a inſtruçaõ das ſciencias, e das artes;
E com eſta officioſa diligencia
A' idade cheguei da adoleſcencia.

Entre as varias naçoens, que o Mundo lança
De Lisboa ao Emporio, deu-me a França
Hum Cavalhero em tudo taõ diſpoſto
A' minha inclinaçaõ, engenho, e goſto,
Que parece viviamos unidos
Com huma ſó vontade: eſcurecidos
Deixamos nos eſtimulos Celeſtes
Os affectos de Pylades, * e Oreſtes.

Mas

com os ſeus diſcurſos; pois ſem embargo de ſer filho de hum *vinhateiro*, deu na orac. pro *ſextio* à Nobreza à eſtimaçaõ, que ella merece. *Omnes boni ſemper nobilitati favemus, & quia utile eſt Reipublicæ, nobiles homines eſſe dignos maioribus ſuis, & quia valet apud nos clarorum hominum, & bene de Republica meritorum memoria etiam mortuorum.* *Ariſtoteles* tem decidido o ponto da Nobreza, e da virtude no ſeu lib. *de Nobilitat.* Diz que a *virtude he mui differente da Nobreza, porque eſta pertence à Aſcendencia, aquella à peſſoa; e acreſcenta que para ſer nobre naõ baſta ter hum pai virtuoſo, que he neceſſario que iſto provenha de muitas geraçoens ſucceſſivas.* Depois que os Evangeliſtas nos deraõ a arvore geneologica de *Chriſto*; e que eſte meſmo Senhor quiz proceder pela parte Materna da Real caſa de *David* ja ſenaõ pode deſcubrir invectiva alguma contra a eſtimaçaõ da Nobreza heriditaria, que ſeja digna de attençaõ; e que ſenaõ conheça que quem a produz naõ acha outro meio de conſolar a deſgraça do ſeu naſcimento. O deſejo que ſe manifeſta nos mecanicos de quererem ſer nobres; e eſtes de ſe fingirem mais illuſtres, do que talvez ſaõ na verdade eſtá univerſalmente contradizendo tudo o que ſe pode philoſophar contra a antiguidade, e reſplandor das origens.

* Ficou em proverbio a amizade de *Pylades, e Oreſtes*, porque cadahum delles por livrar o outro, ſe queria fazer culpado no furto do Simulachro de *Pallas* diante do *Rei de Taurica*; Raviſ. Textor in officin. lib. 5. cap. 40. Por eſta grande amizade lhe deraõ os *Scythas*, culto de *Deoſes*. Pined; Monarch. eccles; lib. 3. cap. 13. §. 5.

Mas como naõ trazia mais intento,
Do que purificar o entendimento
Das Cortes no eſplendor, foi neceſſario
Auzentarſe ao ſeu proprio domicilio:
Aqui logo entendi ſer-me contrario
O impulſo da Fortuna: neſte auxilio
Tinha fundado toda a minha ſorte:
Com menos afflicçaõ divide a morte
Do corpo a alma, do que a auzencia dura
Rompeu deſta amizade a ligadura.

Entre o horror deſta ſubita triſteza,
Acaſo vî hum dia a chama aceza
Da etherea lûz no angelico ſemblante
De huma rara Molher: taõ ſemelhante
A' quellas, que das agoas no diſtrito
Pintou da Grecia o deleitoſo rito,
Que á minha admiraçaõ, e ao meu deſejo
Nympha lhe pareceu do noſſo Tejo.

Procurei informarme de quem era:
Conheci ſer Deidade de alta eſphera;
E arrebatado ſempre do prodigio,
Menos ſaudoſo eſtava no veſtigio
Da auzencia, que o Francêz me tinha impreſſo
Dentro do coraçaõ: O novo exceſſo

Deſte

Deſte amoroſo incendio vai riſcando
Tudo quanto outro objecto eſtá lembrando:
Mais de huma, e outra vêz fitei a viſta
Como a aguia no diſco luminoſo:
Reſolvo, em fim, a empreza da Conquiſta;
E metime em hum pégo proceloſo
De ingratidoens, deſprezos, eſquivanças,
De aggravos, de violencias, de vinganças.

A Diana ſó parece, que attendia
Do ſeu ingrato peito a rebeldia;
E logo a deſprezava na ſoſpeita
Que de hum ſuſpiro occulto o voto aceita:
A purpura das faces inflammava,
Se alguem de amor, ou Venus lhe fallava;
E neſſe meſmo incendio, que reſpira,
Entre a vergonha diſſimûla a ira.

Referirvos a idade, e o ardor vehemente
Do meu continuo rogo, impertinente
Narraçaõ emprendera: O meu gemido,
Os meus ais, o meu culto enternecido
Foraõ lavrando o marmore rebelde
Da quelle duro peito: Mais piedoſa
Foi ouvindo a tragedia laſtimoſa
Da minha pretenſaõ: logo hum deſcuido,

Que

Que pareceu cuidado, me fingia
Mais alguma clemencia: apparecia
Huma lûz de attençaõ ao meu deſvelo:
Pouco, a pouco notei mais algum Zelo
Da minha utilidade, até que a chama,
Que já nos olhos brilha, deſpedindo
As ſetas, que a minha alma eſtaõ ferindo,
De tal ſorte em ſeu peito amor inflamma,
Que exhalando do ſol todo o diſpendio,
Da meſma neve produzio o incendio.

Huma tarde me lembra que encontrando
N'hum jardim eſta Deoſa; a ſorte eſquiva,
A meus grandes trabalhos compaſſiva,
Me deu lugar a que podeſſe a ancia
Dizerlhe toda a fé, toda a conſtancia
Do meu ardente eſtimulo: riſonha,
E benigna permite que eu lhe exponha
A minha adoraçaõ; e ſe aſſegura
Na palavra de eſpoſo, que lhe offreço,
E occultamente teve em outro inſtante
Do meu empenho o effeito mais conſtante:
Favores tive entaõ, que a deſventura
Em males converteu, quando conheço
O meu fero deſtino: Alli, preſumo
Que fingir pretenderaõ novas cores

Os

Os arbuſtos, as arvores, as flores:
Quaſi perdidos em delicias tantas
Os zephiros gemiaõ entre as plantas:
Huma tropa de eſpiritos frecheiros,
Vibrando no arco os placidos luzeiros;
Enchia as auras de volantes tiros:
A fonte com harmonicos ſuſpiros
Proſpêra no criſtal tanto recreio
Para applaudir, talvêz, o meu enleio.

Deſde o felîz momento, nunca avara
Foi a ſorte comigo, até que pâra
Taõ doce elevaçaõ no termo injuſto
De fecundarſe o thalamo: reſervo
A' voſſa intelligencia o horror, e o ſuſto,
Que cauſaria hum fado taõ protervo
Na minha adverſidade; pois a vida
Só podia ſalvarſe na fugida.

A partir neſte tempo ſe diſpunha
Hum navio a Marſelha, berço antigo
Daquelle meu auzente, e charo amigo:
Vencendo mil temores com a amada
Chego a bordo da nâu, que empaveſada
Muito alem jâ da barra, o ſeu alento
A's ondas tinha entregue, e dado ao vento.

Sa-

Sahî da terra para achar no golfo
Mais ſuſtos e temores: as borraſcas
Nos forçaõ, nos impelem, ſem que o rumo
Da terra procurada, onde preſumo
Ver todo o meu aſylo, ſe encontraſſe:
Na ruda coſta, em fim, na inculta praia
De huma inhoſpita Ilha; a duras penas,
Já ſem vellas, nem maſtos, nem antenas,
Nos deita o temporal: Todos ſahimos
Para beijar a terra; e alli nos vimos
A dar crena ao navio preciſados:
Alli tinhaõ diſpoſto os duros Fados
Toda a minha deſgraça: Chega a hora
Do parto à infauſta Dama: a lûz traidora
De algum barbaro influxo lhe diſpunha
Que deſte alumno ao halito primeiro
Votaſſe o ſeu ſuſpiro derradeiro.
Morreu em fim o Idolo brilhante
Da minha adoraçaõ, e fê conſtante:
Em taõ triſte ſilencio hê que procura
Mover à Parca tanta deſventura;
Pois ſe a formaſſe á viſta das Cidades,
Quem obſequios faria ás Divindades?
Julgou taõ grande a ſorte eſta violencia,
Que diſpôz que na tragica inclemencia
Foſſem ſó entre os horridos ſegredos
Inuteis teſtemunhas os penedos.

Con-

Contemplai a afflicçaõ, em que eſtaria?
Andava errante toda a companhia
Pelo boſque, cortando varios troncos
Para compor a naû: Os feios roncos
Do Mar hê que me ouviaõ no meu pranto:
Cheio de indignaçaõ, de horror, e eſpanto
Para a parte do monte, aonde andava
Toda a vaga equipagem corro, e grito
Para vir ſocorrer o meu conflito.

Porem voltando os olhos para o eſtrago,
Maior aſſombro a ſorte me deſtina;
Pois huma Loba indomita, e ferina,
Eſſa reliquia, que a tyranna Cloto
Tinha deixado á laſtima do voto,
Sem eu poder valerlhe, me arrebata;
E entre as horriveis brenhas ſe recata,
Com taõ precipitado, occulto ingreſſo,
Que alcançar naõ ſe póde o ſeu progreſſo.

Em quanto allî ſe ordena a ſepultura
A' belleza infelîz; no duro exame
Deſte immenſo rigor, tinha o vexame
Apurado o tormento de tal ſorte,
Que ſe Atropos naõ vibra o impio corte,
Me pôz ao menos com interno raio

De

De todas as potencias no deſmaio: *
Caie no meſmo aſſombro o meu ſentido;
E aſſim fui neſte eſtado conduzido
Outra vêz para o golfo, enternecendo
Quantos neſte infortunio me eſtaõ vendo.

Em Marſelha acordei deſte lethargo;
E entre as violencias de meu pranto amargo,
Naõ achou a afflicçaõ outros retiros;
Que o continuo clamor dos meus ſuſpiros:
As penhas procurava o meu lamento
Para mais dilatar o ſentimento;
E abrandando-as com lagrimas velozes,
Imprimî nos ſeus ecos, eſtas vozes.

O' * perdido eſplendor de huma eſperança,
Taõ defunto no alivio da exiſtencia,
Taõ vivo na fadiga da lembrança!

Nunca

* Eſte deſmaio explica melhor a dor de *Polyphilo*, do que todas as expreſſoens, que ſe podiaõ empregar neſta tragedia: He imitaçaõ de *Euripides*, que tambem fèz deſmaiar *Hecuba* no theatro em ſemelhante occaſiaõ. Quando a dór he taõ grande, que ſe pode deſcreditar nas vozes, ſe deve recorrer ao ſilencio; aſſim o fez *Homero* no encontro, que teve *Aias* com *Ulyſſes*, quando eſte deſceu ao *Averno*; e *Virgilio no de Dido* com *Eneas*, quando ſe aviſtaraõ no meſmo lugar.

* Eſte deſafogo de *Polyphilo* ſe guardou com a advertencia para depois de acordar do deſmaio, em que já naõ eſtaria a dor com tanta vehemencia. A meſma cauſa (diz o grande *Vieira* nas Lagrimas de *Heraclito*) quando he moderada, e quando he exceſſiva produz effeitos contrarios. A luz moderada faz ver, a exceſſiva faz chorar. A dór, que naõ he exceſſiva, rompe em vozes, a exceſſiva emmudece. E antes do *Vieira* o tinha dito *Seneca in Hippolyto*. *Curæ leves loquuntur, ingentes ſtupent.*

Nunca o golpe fatal da contingencia
Riſcará taõ funeſta, e eſtranha hiſtoria
No indelevel impulſo da memoria.
Aquelle puro affecto, aonde a ſorte
Perdeu tanto o exemplar, como a medida,
Perpetuo ficará na quella vida,
Em que naõ tem poder a dura morte:
Prezente terei ſempre aquelle objecto,
Quanto mais ſuſpirado, mais activo:
Entre o horror infelîz da infame Alecto
Mais conſtante ſerei, mais exceſſivo:
Todas as coizas mudaràõ de eſtado:
Sulcos fará no Ceo o torpe arado:
Fará na terra o Sol a ardente via:
A neve ferá quente, a chama fria,
O monte vagabundo, o Mar conſtante, *
Primeiro que haver poſſa algum inſtante,
Que ſe atreva a extinguir na minha ideia
Taõ ſempre viva imagem: neſta areia
Vejo o teu nome impreſſo; aonde a agoa
Taõ doces caracteres purifica:

* Argumento, que os *Rhetoricos* chamaõ *ab impoſſibili*, mui uſado dos Poetas.

In caput alta ſuum labentur ab æquore retro
Flumina: converſis ſolque recurret equis.
Terra feret Stellas. Cœlum findetur aratro.
Unda dabit flammas; & dabit ignis aquis.
Ovid. lib. 1. eleg. 7. Triſtium.

Nos penhaſcos os abre a minha magoa,
Em que amor novas aras edifica:
Tronco já ſe naõ vê neſta eſpeſſura;
Sem ſer ornado da immortal figura.

Clamava ao meſmo tempo o meu gemido
Com o nome de Amintha: enternecido
O valle com os ecos me reſponde:
Aonde, O' duro fado, ſe me eſconde
(Dizia) eſta illuſaõ, que ſe me ordena
Para mais requintar a minha pena?
Suſpiro de hum alento mentiroſo,
Que com triſtes articulos me induzes
A procurar hum bem taõ laſtimoſo:
Pretendes que em imagens fraudulentas
Sejaõ as ſombras ſó as minhas luzes?
Fantaſticas regioens me reprezentas
Para vagar por ellas ſolitario;
E em ſonhos de hum alivio imaginario
Por hum novo caminho de pezares
Me vâz traidoramente conduzindo:
Vós, O' rudos frondoſos exemplares
Da toſca ſelva, * q̃ me eſtais ouvindo, Laſti-

Cum Paris enone poterit ſpirare relicta,
Ad fontem Xanthi verſa recurret aqua.
Idem Heroid; epiſt. 5. ænon. Paridi.

* *Aſſi miſmo es verdad hypothetica que un hombre agitado de una violenta paſſion, olvidandoſe de que los Cielos, los arboles, y las penas ſon incapazes de entender ſus quexas, y de intereſſarſe en ſus paſſiones, nó obſtante les hable como ſi tuviſſen alma, y ſentido, y les atribuya penſamientos, y diſcurſos racionales.*
Luſan, en la Poet. lib. 2. cap. 8.

Laſtimai-vos ao menos do meu pranto,
Já que o Ceo neſte miſero quebranto
Taõ deſcuidado o vejo, que parece
Que nem dos meus ſuſpiros ſe enternece.

Alma felîz, que em globos de Zaphira
Sulcando golfos de Eſplendor Celeſte
Com rapto excelſo teu alento gira;
Como tanto de mim já te eſqueceſte?
Neſſa luzente, harmonica diſtancia
Attende de meus ais à conſonancia,
Se lá no Ethereo aſſento ſe permite
Que hum amante ſoluço te viſite.

Muitos dias gaſtei no triſte emprego
Deſte ardente gemido; ſem ſocego,
Sem alivio, e conſtante no delirio,
De querer acabar no meu martyrio:
Depois de largo tempo, em que me ordena
A lûz da reflexaõ mais tibia a pena,
Pergunto pelo amigo; daõ-me o informe
Que amando deſta ſeita a ideia enorme
Aqui ſe retirara: Eu o procuro
Neſta louca Colonia: aqui o encontro:
Nunca pude alcançar que abandonaſſe
Penſamento taõ barbaro, e voltaſſe

Ao ſeu illuſtre berço: na eſperança
De poder conſeguir eſta mudança
Naõ me tenho apartado deſta gente:
Porem eſta ventura preheminente,
Eſte grande eſplendor, eſta Victoria,
Tinha o Ceo reſervado á voſſa gloria.

TRIUM-

TRIUMPHO DA RELIGIAÕ.

Poema Epico-polemico.

LIVRO VI.

Contra o Mahometiſmo. *

ABſorto eſtava o Peregrino vendo
Seu meſmo Genitor, quando entendia
Naõ ſer crivel achallo: diſcorrendo
Em taõ grave ſucceſſo, naõ ſabia
Que podeſſe fazer: ſe o declaraſſe,
Talvêz que a ſua empreza embaraçaſſe:
Se o intentava occultar, a viva inſtancia
De outro impulſo, o ſilencio deſordena:
Venceu, em fim, a interna conſonancia,
Que há entre o filho, e o Pai: o amor condena
Já tanta ſuſpenſaõ: com a ternura

* A origem do *Mahometiſmo* ſe explica no exordio do combate, que teve o *Peregrino* com *Mahumed*.

Das lagrimas, o abraça de repente,
Dizendo: Voſſo filho eſtá prezente.

Fica aſſombrado o Velho Polyphilo
Com a doce expreſſaõ: naõ acha eſtylo
Com que poſſa exprimir a novidade:
Naõ crê, quando conhece na vontade
O meſmo, que duvîda, e quando alcança
Entre os dois toda a lûz da ſemelhança,
Entaõ hê que elevado no portento
Se acaba de firmar o penſamento. *

Larga conta lhe deu o Peregrino
De toda a digreſſaõ do ſeu deſtino;
E do aſſumpto, que o tinha eſtimulado
A ver do Mundo o aſpecto dilatado:
Permitî que ſe logre o meu empenho,
(Proſegue o amante filho) eſte deſenho
Que entre as duas Naçoens ſe tem compoſto
Vós lhe dareis o eſpirito: o meu goſto
Seria naõ deixarvos; e a grandeza
Do intento, naõ permite ao meu deſinio

Que

* Eſta alegria, e alvoroço, que teve o *Heroe*, e *Polyphilo* com a inopinada ventura de ſe acharem, e de ſe reconhecerem, he hum modo de ſuavizar a hiſtoria funeſta, que tinha acabado de contar. Aſſim o fez *Virgilio* com os jogos, que deſcreveu no 5. livr. *da Eneid.* nas exequias de *Anchiſſes*, que tambem foraõ para adoçar a tragedia dos amores de *Didó*, que tinha narrado no livro quarto.

Que eu poſſa deſprezar taõ alta empreza:
Na voſſa direcçaõ, e patrocinio
Fica o triumpho, que hoje aqui ſe alcança
Com perfeita, com firme ſegurança.

Deixaime, pois, ſeguir eſta derrota
Da parte mais viſinha á mais remota,
Para achar no eſplendor, que a alma ſulca,
Tantas victorias, como o Ceo me inculca:
Eu prometo depois de conſeguillas
Reduzirme a eſte ſitio; e repitillas
Na voſſa amavel, ſingular prezença:
Concedei-me, Senhor, eſta licença:
Formai ao voſſo amor hum ſacrificio,
Que fará mais glorioſo, e mais propicio
O jubilo de acharvos, e de acharme,
Quando vires que venho repararme
Dos trabalhos, que obſervo na Conquiſta,
Inda mais victorioſo á voſſa viſta.

Naõ pretendo impedir o voſſo impulſo
(Polyphilo lhe diz, quaſi ſem pulſo,
E nos olhos as lagrimas:) quizera
Hir com voſco tambem; mas os meus annos,
Nunca mais infelices, mais tyrannos
Me impedem tanto arrojo: a alma eſpera

Que cumprais a promeſſa de voltares:
Sondai do Mundo o aſſombro, o horror dos mares
Mas concedeime em outra deſpedida
Que eu entre os voſſos braços deixe a vida.

Enterneceuſe o filho na paterna,
Amante turbaçaõ: como governa
Movimento maior a lûz conſtante,
Que o impele, e que o dirige; facilmente
Vencer pode huma inſtancia ſemelhante, *
Que expôz no coraçaõ o affecto ardente:
Primeiro que do campo ſe partiſſe
Se deſpedio de Pauli; e lhe encommenda
Quanto preciſo achou para que o acenda
Na doutrina e na pâz, que ſe diſpunha:
Arbitrios dava, direcçoens compunha:
Prometia o regreſſo: e acompanhado
Do Genio, que movia o ſeu cuidado;
Novamente do Mundo ao globo entregue,
Authoriza o fervôr, a eſtrada ſegue.

Quaſi no meio do caminho aponta
Hum fechado arvoredo, que confronta
Com hum comprido valle, quando o dia

No

* Eſta victoria, que alcança o *Peregrino* do ſeu affecto, caracteriza a he
roicidade do ſeu eſpirito.

No eſpheriço Orizonte ſe eſcondia,
E a ſombra entre o pavor da eſcura brenha
Dos empinados cumes ſe deſpenha;
Aqui paſſar a noite foi preciſo;
E a penas fecha os olhos, de improviſo
Lhe parece que o boſque ſe raſgava,
E em triſtes expreſſoens lhe figurava
Hum pezado deliquio a boca eſcura
De huma horrivel, incognita rotura,
Taõ cavada da terra para dentro,
Que no centro do Mundo tinha o centro;
Infeſtada de hum fogo denegrido,
Mais eſpanto infundia no ſentido;
E em prizoens de huma ruſtica muralha
Gemia todo o alento da fornalha.

A chama ſe revolve, ſem que poſſa
No duro aperto da materia groſſa
Deſatarſe da liga furibunda:
E quanto mais os concavos inunda,
E entre as fortes abóbedas ſe enreda,
Mais ſe move, e crepita a labareda.

Do voráz elemento no reſumo
Se enrola, agita, e esforça o negro fumo;
Que com eſpeſſa horrivel denſidade

Fur-

Finge mais tenebrosa a escuridade:
No immenso espaço das estancias feias
Grita o medonho ruido das cadeias,
Que acompanha entre o horror de tristes brados
A horrenda confusaõ dos condemnados.

Eraõ ministros de immortaes furores,
E do implavel Ethna habitadores
Infaustas luzes, que o dragaõ violento
Com a cauda arrancou do Firmamento:
Naõ ha fogo, que espectros naõ enlace;
Do Abysmo o seio, da caverna a face
Na multidaõ feróz o assombro offrece:
Sobre as espigas provídas naõ dece
De aves devoradoras tanta copia,
Como no campo infame desta Ethyopia,
De Estenopes a turba se derrama,
Se move, e precipita sobre a chama.

Hum monstro mais atróz, mais carrancudo
Parece dominava o Imperio rudo
De conflicto taõ barbaro: na fronte
De viboras mortaes, se lhe conserva
E se forma a laureola proterva,
Que arriça a grenha de hum furor impio,
Em final do nefando Senhorio.

Pela

Pela voracidade dos Veſubios
Paſſeia o ardente Principe das ſombras,
Tendo junto de ſi já convocado
A caterva do povo deſgraçado:
A huma, e outra parte os olhos deita:
Cada impulſo da viſta lhe retrata
O aceſo arrojo de huma furia ingrata:
O orgulho, a raiva, o impeto, a inclemencia,
Se vibraõ das pupillas: dando hum grito,
Que enfureceu as ondas do Cocyto,
Entre as cavernas, que eterniza a morte,
Falla a todo o concurſo deſta ſorte.

Hê crivel conſintais que hum Peregrino,
Hum miſero mortal, ſe atreva a tanto,
Que nos tenha cauſado o ſeu deſtino
Taõ grande aſſombro, taõ fatal quebranto!
Que hum animo educado com os brutos,
Mais ferozes, crueis, e diſſolutos,
Aceite hum tal empenho, que pretenda
Girar os montes, e vadear os mares
Para erguer os catholicos altares,
Sem que o atrevido impulſo lhe ſuſpenda
A fadiga, em que as maximas devotas
Trabalhaõ nas diſtancias mais remotas!

Naõ

Naõ viſtes a impreſſaõ, que os Atheiſtas
Das ſuas doutas vozes receberaõ?
Como os mais ſabios Chinas, e os Deiſtas
A os ſeus altos clamores attenderaõ?
E como os Libertinos revogaraõ
As confuſas ideias, que approvaraõ?
Agora vai buſcar do Turco Imperio
O mais eſclarecido magiſterio
Para tambem rendello: Do Hebraiſmo
Procurará o indomito aphoriſmo
Para voltarlhe os ritos: conjecturo
Que ſenaõ intentais embaraçallo,
Daqui a pouco tempo algum vaſſallo
O Abyſmo naõ terá, em que ſe veja
Contra a lûz Evangelica da Igreja
Proſeguir a ſoberba tyrannia
Da noſſa antiga, infauſta monarquia.

Donde eſtaõ os impulſos turbulentos,
Com que dais nova furia aos elementos?
Donde aquelles adulteros concurſos,
Que pervertem dos homens os diſcurſos?
Donde aquelle exacravel artificio,
Com que triumpha da virtude, o vicio?
Sahî deſte infelice captiveiro,
Emprenda cada qual ſer o primeiro,

Que

Que acuda á noſſa honra, e que desfaça
Tudo quanto diſpoem, e quanto traça
Eſte ouſado Chriſtaõ: ſeja o empenho
Apontallo do intento mais que humano
De combater o Oraculo Otomano;
Pois ſe o conſegue já naõ tem o Averno,
Em que ſuſtente o ſeu dominio eterno.

Diſſe; e a penas nas ancias mais ferozes
Exprime as roncas, balbucientes vozes,
Quando do incendio atropeladamente
Salta a perverſa chuſma: de repente
Se apeſta, e abafa o ar no giro errante:
Naõ de outra ſorte a mina fulminante
Enche tudo de fumo, eſtrondo, e fogo,
Que do horror ſubterraneo o ardente afogo
Na colera indomavel, que alimenta,
Do Abyſmo para as nuvens arrebenta.

Eſpavorido acorda o Peregrino,
E aſſombrado do ſonho perde o tino
Do caminho, que ſegue, e quanto andava
Era fora do intento, que buſcava:
Mais aſſombrado, mais confuſo fica
Quando o ſeu meſmo ſuſto verifica
Terſe auzentado o genio: e inda parece

Que

Que a cada impulſo o paſſo ſe entorpece;
E vacilante o empenho naõ alcança
Por onde o leva a timida eſperança,
Sem o auxilio do incognito luzeiro,
Que lhe propunha o amante companheiro.

Torceu, em fim, a eſtrada: muitos dias
Curſou por varias, encontradas vias,
Que poem diſtante o objecto, que procura:
Confundiaſe mais a conjectura
Com o erro primeiro: entra na Perſia,
No Indoſtan, na Tartaria; volta à Syria,
E viſita os lugares Sacroſantos:
Aqui ſe desfizeraõ os encantos,
Que o tinhaõ perturbado: aqui deſperta
De tanta confuſaõ: patente, e aberta
Já reconhece a eſtrella para a obra:
Conſegue o aviſo, o reſplandor recobra.

Scintilla a nova luz: e ao meſmo inſtante
Outra vez mais alegre mais brilhante
Junto de ſi percebe o doce amigo:
Que mudança foi eſta, que comigo
(Lhe diz o Héroe) taõ ſubita fizeſte?
Para que deſejaſte, ou pertendeſte
Que eu padeceſſe tanto na violencia

Que

Que atequi me cauſou taõ dura auzencia,
Sofrendo os teus affectos, que o deſtino
Duas vezes me fizeſſe Peregrino
Por clymas taõ eſtranhos, ſem moverte
Mais que as outras, a magoa de naõ verte?
Sem fadigas, e trabalhos nunca a gloria
(Reſponde o Genio) e as luzes da memoria
Se podem conſeguir: mais prompto, e forte
Para vencer o acaſo, o fado a ſorte
Te conſidero agora: eſte intervallo,
Ou infelîz parentheſis do indulto,
Mais purifica a ancia do teu culto
Ao grande fim da empreza, que meditas:
Aqui eſtou para quanto ſollicitas:
Patente a eſtrada eſtá, o Ceo clemente,
Eu mais auxiliador, tu mais ardente
N'hum monte inculto da felîz Arabia,
Se raſga huma Caverna, onde preſume
O culto do Alcoraõ, que todo o lume
Da inſpiraçaõ Celeſte recebera
O barbaro Propheta: a toſca eſphera,
Em que ſe abre, ou reſpira a boca eſtranha,
De broncos arvoredos ſe acompanha:
Na horrivel, vegetante eſcuridade
Se retira, ou ſe encreſpa a ſoledade.

Mais

Mais facil pela parte, onde ſe offrece
De Medina o aſpecto ſe acha o monte: †
Pela viſta contraria do Orizonte
Taõ intrincado, e incognito ſe tece,
Que por mais que o valor rompello a guarda,
Ou ſempre ſe perturba, ou ſe acobarda.

Há fama dos Arabios entre os metros
Que varios monſtros tem, varios eſpectros *
Deſta eſpeſſura o eſcandalo frondoſo:
Toda a grenha do boſque pavoroſo
Se arriça ou eſtremece das imagens,
Que ſe formaõ nas horridas voragens
De eſpelhos triſtes, de ceruleos vidros,
Que deſpenha a montanha: Dos Chelydros,
Das Hydras, das Eſphynges, das Meduſas
Se irrita o eſtrondo de exprêſſoens confuſas,
Que dentro da afflicçaõ do infame clauſtro
Corrompe o Boreas, inficiona o Auſtro.

Da ſolidaõ nefando Anachoreta
Se tem feito Mahumed: do ſeu Propheta
Neſte medonho alvergue eſcolhe a eſtancia

Da

† He allegoria da difficuldade, que tem os *Turcos* para ſerem combatidos na ſua lei pela parte dos *Chriſtaons*.

* *Varios monſtros, varios eſpectros.* Symbolizaõ os horrores da empreza.

Da ſua habitaçaõ: tem a jactancia
De ſer da impia lei no torpe axioma
Taõ douto, e ſanto como foi Mafoma.

Aqui o noſſo Heroê o paſſo inclina;
Chega á entrada do boſque, e determina
Deſatar com valor inſuperavel
Toda aquella carranca formidavel,
Que arruga a indigeſtaõ do labyrinto:
Deſprezado o pavor, o aſſombro extinto,
Quanto na feia ſelva o eſpanto envolve
Ardente opprime, impavido reſolve.

No meio do arvoredo o Heroê ſe achava,
Quando ouvia que a ſombra ſe infeſtava
Com os ſilvos dos monſtros: o montante,
Que tinha ſido premio rutilante
Da batalha paſſada, ouſado empunha;
E a penas ao combate ſe diſpunha,
Eis que do centro de eſpinhoſa balſa
Hum dragaõ arrebenta, com taõ falſa
Precipitada acçaõ, que o ſeu ſentido
Foi achallo, talvez, deſprevenido.

Embravece nos olhos o Veſubio,
De aſqueroſas eſcumas hum diluvio

Deſtila a boca; a lingua triſulcada,
Da colera parece fulminada:
Da cauda facil ás orelhas tronchas
Inflamma as duras, verdinegras conchas.

Firmandoſe nos pés, as garras vibra
Contra o valente Herôe; eſte aproveita
A elevaçaõ do corpo, que ſogeita
Melhor a fera ao golpe: na garganta
Lhe encoſta o ferro com violencia tanta,
Que pode conſeguir que na ferida
O corpo, da cabeça ſe divîda:
Cahio o monſtro atrôz, e enche o terreno
De purpureo, de calido veneno.

Ao vencedor illuſtre ſe acelera
Outro eſpectro na effigie da chimera:
Hum incendio nos halitos reſpira:
Incita a indignaçaõ, acende a ira
Nos dentes, e na cauda; porem logo
Se poſtra a indignaçaõ, a ira, o fogo
Ao victorioſo braço: Hum Minotauro
Pretende ſuſtentar a pugna horrivel,
E faz inda a victoria mais plauzivel:
Das Gorgonas crueis outros modellos
Proſeguem no combate: os ſeus cabellos

Das

Das cobras na figura o ardor diſparaõ;
Outros novos impulſos ſe preparaõ
Para o golpe felîz; e a meſma ſorte
Tiveraõ na oppreſſaõ do braço forte;
Servindo ao boſque atrôz de triſte eſpanto,
Naõ ſó dos monſtros o fatal quebranto,
Mas entre o horror dos choques furibundos
O aſpecto dos cadaveres immundos. *

Vendo o eſtrago mortal, naõ ſe atreveraõ
As outras feras a ſeguir o arrojo;
No mais fundo do boſque ſe eſconderaõ;
E apartado do horrifico deſpojo,
Foi proſeguindo o intento o paſſo invicto;
E ſem nova occaſiaõ, novo conflicto,
Chega ao ſitio, onde o monte em ſombra eterna
Rompe a feia garganta da caverna.

Na ſua entrada o horrendo Solitario
Recebe o Peregrino; Triſte, abſorto
Desfalece em hum miſero tranſporto,
Vendo que houve valor taõ temerario,
Que opprimindo dos monſtros a diſputa,
Chegaſſe a profanar aquella gruta;

* A victoria que alcançou o *Heroe* dos monſtros ſymboliza a que conſeguio das difficuldades horroroſas, q̃ ſe lhe figuravaõ na imaginaçaõ.

Julga no alento ſuperior definio,
Mais poderoſa lûz, maior dominio:
Enche a ſua advertencia eſte conceito,
De admiraçaõ, de obſequio, de reſpeito.

Suſpenſo eſtais de que eu aqui me exponha
(Lhe diz o Peregrino) em taõ medonha,
Funeſta confuſaõ, como a que guarda
Deſte penhaſco a camera baſtarda:
O rumor, que tem feito a voſſa ſciencia,
De mui longe me obriga à diligencia
De querer confrontar a fé Romana
Com eſta voſſa Seita Mahometana:
Se tendes livre o voſſo entendimento,
Vós ſereis o Juiz deſte argumento.

Bem que eſtou prohibido do Propheta
Para que nas diſputas me intrometa,
Que a noſſa controverſia naõ abrange
Mais que á parte onde chega o noſſo alfange
(Lhe reſponde Mahumed) o grande aſſombro,
Que hoje me tem cauſado a voſſa vinda
Me pode deſculpar de que eu preſcinda
Dèſte preceito; e que com voſco argua,
Sem que elle o tenha por offenſa ſua.

Para

Para entrar, ſem engano, no combate;
Sofra a voſſa inſtrucçaõ, que eu vos relate
(O Peregrino torna) eſſe principio,
E inda a cauſa, e o progreſſo, com que aceita
Tanta parte do Mundo a voſſa ſeita.

Neſta meſma Provincia teve o berço
Eſte voſſo Mafoma: á ſua origem
As minhas expreſſoens naõ ſe dirigem:
Baſta ſaber que teve hum Pai eſcuro,
Que foi Hebrea a Mai; paſtor de gado
De huma certa veuva, a cujo agrado
Tanto a ſua deſtreza ſe accommoda,
Que a ſua ſervidaõ converte em voda.

Mudando de fortuna, ſe arrebata
A mais altos eſtimulos: retrata
No diſcurſo huma imagem da grandeza:
Concebe de Tyranno a injuſta empreza,
Atropelando a Arabia: eſte dominio
Funda na atrocidade, e Latrocinio.

Naõ ſurtio bom effeito eſte projecto;
Voltaõ as ſuas maquinas de objecto:
De extorſor em hypocrita ſe muda:
Neſte intento lhe dá baſtante ajuda

Hum Monje, * que no Arabio territorio
Seguia a falſa ideia de Neſtorio.

Extactico ſe affecta entre eſta gente
Taõ ſolta, como rude: hum accidente,
Que mais de alguma vêz lhe repetia, ✠
Os fraudulentos exctaſis fingia.

Fundado eſte conceito, o fim a dianta
De inculcarſe Propheta: Já ſe eſpanta
A Arabia vendo frequentarlhe o ouvido
Huma pomba: * da eſphera ſocorrido
Se expoem ao vulgo; mas da ave o intento
Era buſcar na orelha o ſeu ſuſtento,
Onde a levava a força do coſtume:
Com taõ groſſeiro engano lhe preſume
Hum ſuperior auxilio o neſcio Povo:
Compoem de hũa lei nova hum livro novo,
E affirma que eſte livro lho dictara
De hum ſoberano Nuncio a lûz preclara.

Aqui

* Eſte *Monje* foi *Sergio*, que andava fugitivo na *Arabia* pelo crime da ſeita *Neſtoriana*.

✠ Com os accidentes epilepticos, que muitas vezes lhe repetiaõ, inculcava que ficava extatico com o impulſo de ſuperior commoçaõ.

* Coſtumava pôr nas orelhas algumas ſementes, para ſuſtentar della huma pomba; e vendo chegar o bico da pomba aos ouvidos de *Maſoma*, preſumia a ruſticidade dos *Arabes* que o *Eſpirito Santo* lhe dictava o *Alcorão*.

Aqui a origem tendes, e o ſucceſſo
Do famoſo Alcoraõ: o ſeu progreſſo
Innunda toda a Aſia; paſſa à Europa
A' Africa ſe extende: a immenſa tropa,
Que a laſcivia aceitou deſte aphoriſmo,
Opprimio ferózmente o Paganiſmo,
E parte fêz gemer da Chriſtandade:
Vejo que impugnareis eſta verdade;
Confeſſai-a; porem, que he taõ notoria,
Que inda a naõ deſconhece a voſſa hiſtoria.

Vede agora ſe hum homem taõ perverſo,
Taõ falſo, e enganador, e taõ diverſo
Nas acçoens, nos intentos, nos inſultos,
Podia formar leis, produzir cultos?
Ou ſendo taõ boutal, taõ ignorante,
Podia ter eſpirito baſtante
A mover tantos Povos, ſenaõ dera
Tantas normas, e ideias, ſem limite
Para fartar a ſede do appetite?

Morto o torpe impoſtor ſe altera a Aſia
Na contenda geral, que ſe origina
Da ſua meſma barbara doutrina:
Mohavia, Khalifah de Babilonia,
Pretende reduzir a hum ſó ſentido

Das queſtoens a phrenetica acrimonia:
Por Interpretes doutos, eſcolhido
Foi o melhor da ſeita; o que reſtava
Nas ondas ſe deitou: neſte volume
Todo o Alcoraõ antigo ſe reſume,
Taõ pouco concertado, e em ſi conforme,
Que inda o fazem mais falſo, e mais enorme,
A pezar das ficçoens, que ſe eſcolheraõ,
Quatro ſeitas, que delle procederaõ.

Nos coripheos das ſeitas bem ſe alcança
Quaes ellas podem ſer, dandoſe a morte
Huns, e outros Calyphas para a ſorte
Da ſua ſucceſſaõ: Na tyrannia
Com que o ſceptro os vaſſallos opprimia,
E na varia, continua atrocidade,
Se vê deſtes Prophetas a bondade: *
E inda aſſim a Melich † ſegue o Mouro,
O Turco ſegue a Omar com lei diverſa,

O

* *Abubequer* foi ſogro de *Maſoma*, e lhe ſuccedeu no dominio, ſem embargo delle nomear por ſucceſſor a *Aly* ſeu genro. Morto o ſogro de *Maſoma* ſuccedeu *Omar* no ſenhorio, que caſou com duas filhas deſte impoſtor. A *Omar* ſuccedeu *Odmar*, e a eſte *Aly*. E todas eſtas ſucceſſoens foraõ violentas, dandoſe a morte huns a outros Succeſſóres; que ſerviraõ de exemplo aos outros que ſe foraõ ſeguindo; pois naõ ha throno mais infamado que o *Otomano* com o ſangue da ſua meſma familia.

† A Seita de *Melich* he a mais ſuperſticioſa: a de *Omar*, a mais ſolta: a de *Odmar*, a mais ſingela: a de *Aly* a mais racionavel.
Abubequer foi tambem chamado *Mahomet Aquil*, e *Aben Abitalib*.

O Tartaro, a Odemar a Aly o Perſa;
Buſcando a oppoſiçaõ do meſmo axioma
Para fundar a ideia de Mafoma.
Bem que a lêi naõ tiveſſe a diſſonancia,
Que ella meſma produz; a repugnancia
De tanto diſparate, em que conſpira,
Baſtava para ver quanto delira
O diſcurſo, que à aceita: Que indecencia
O fingir que o demonio na eminencia
Se remonta do Ceo, onde procura
Os divinos ſegredos? Que loucura
Como de hum acto vil no impulſo interno
Fingir toda a extenſaõ do goſto eterno?
Que demencia maior do que infecundo
Fazer ao meſmo Deos, porque naõ tinha
Molher, que para hum filho lhe convinha?
Que horror, quando o ſuppoem taõ ignorante,
Que para lhe lembrar o que acontece
No Mundo, tem hum livro de memoria?
Que ideia mais brutal, mais illuſoria,
Que negarlhe a bondade, e darlhe o fado
De ſer author maligno do peccado?
Fazello taõ cruel, que naõ perdoa?
Taõ deſcuidado, em fim, que ſe importuna
Em governar dos orbes os progreſſos,
Entregando á cegueira da fortuna

A enlaçada harmonia dos ſucceſſos?
Que muito que eſtes horridos exames
Na voſſa lêi ſe façaõ, ſe os dictames
Seguio da quelle horrendo parociſmo,
Que fecundou na Igreja o torpe Abyſmo?

Se negais, O' immundos Mahometanos,
Conſubſtancialidade em Pai, e Verbo,
Hé ſó porque o tomaſtes dos Arrianos:
Deuvos Neſtorio o penſamento acerbo
Que Chriſto foi ſomente hum homem puro:
Manes vos influio o axioma eſcuro
Que Jeſûs naõ morrera, ou padecera:
A Hebraica naçaõ, que concebera
Perdendo a Virgindade a excelſa Virgem:
Eſta infelice gente vos renova
Algumas ceremonias, que reprova
O Cêo com outro lêis: deo-vos Lucrecio,
Ou talvêz Epicuro, o inſtinto necio
De que a gula, a laſcivia, o ocio, a dança,
Conſtitue huma Bemaventurança.

Deſtes erros, naõ ſó ſe ordena o monſtro
Da voſſa falſa lêi; mas que diſcurſo
Sofrer pode o quimerico concurſo
Deſſas contradicçoens, que a contaminaõ?

Em huma parte tem: Ninguem ſe ſalva,
Sem a lêi Mahometana: eſta reſalva
Noutra parte desfâz; pois ſe accommoda
Que aquelle, que obra bem, ſempre aproveita
A ſalvaçaõ, ou neſta, ou noutra Seita.

Diz que o Alcoraõ foi dadiva celeſte;
E logo de Mafoma o engenho rudo
Affirma, lhe cuſtara hum grande eſtudo:
Nega a Hebreos, e Chriſtaons a lêi decente;
E pouco mais abaixo ſe deſmente,
Jactandoſe que Deos na que lhe dava
Que conſultaſſe as outras lhe mandava.

Diz que Chriſto a vingança deſafoga
Contra o intento cruel da ſynagoga,
Outro na Crûz por ſi ſuſtituindo;
E o Pai, em outra parte introduzindo
Lhe modera o martyrio na eſperança
De que o triumpho da morte o Filho alcança.

Aconſelha que o incredulo naõ deve
Vir á crença violento; e já ſe atreve
A mandar que ſe mate o Mundo todo,
Se hê que a lêi naõ recebe de outro modo.

Prohi-

Prohibe que ſe traga ao juramento
Mais que o nome de Deos; e elle hê que jura
Pelas coizas mais vîs: e pelo vento,
Eſtrellas, e Planetas, conjectura
Que Deos jura tambem: Que o grande dia
Do Juizo univerſal ſe lhe eſcondia
Claramente confeſſa; e ao meſmo tempo
Aſſevera ter delle ideia clara,
Porque Deos ſó a elle o revellara.

Com juſtiſſima cauſa eſte Propheta
Vos diz que do Alcoraõ toda a diſputa
A's violencias do alfange ſe cometa:
Que auxilio n'huma lêi taõ diſſoluta,
Se pode achar, ſem verſe ſocorrida
De taõ injuſta, e barbara ſahida?

Se aſſim o mando, porque aſſim o quero
Hê preceito taõ ruſtico, taõ fero
No dominio Civil; que atrocidade
Se deve conceber de huma vontade,
Que pretende alcançar na intelligencia
Eſta meſma oppreſſaõ, eſta violencia;
E ſem outro poder, que o ſeu delirio,
Praticar com a alma eſte martyrio?

Mandar que o ferro ſeja o que reſponda
A's duvidas da lêi, hê taõ hedionda,
Taõ perverſa inſtruçaõ, que naõ há templo,
Naõ há regra, ou doutrina, que êſte exemplo
Atégora aceitaſſe: Foſſe o rito
Suave, ou duro, ſaudavel, ou precito:
Foſſe o dogma benigno, ou deshumano;
Nunca ſe achou conceito taõ tyranno,
Que quizeſſe provar a lêi, e o culto
Com a torpe violencia de hum inſulto.

Se a voſſa lêi hê boa, por ſi meſma
Se pode defender; e ſenaõ pode;
Sem procurar o eſcandalo do ferro,
Manda a juſtiça que ella ſe accommode
A conhecer as ſombras do ſeu erro:
Comprehendei que Mafoma naõ mandara
Que o Alcoraõ no ſangue ſe banhara,
Se de algum modo viſſe, ou entendeſſe
Que havia outra razaõ, que o defendeſſe:
Naõ attendeu que foſſe má, ou boa,
A regra, que vos dava: O ſeu projecto
Menos buſcava a lei, do que a peſſoa;
Mais o Imperio, que os ritos: arquitecto
De oppoſtos materiaes, edificando
A piedade no horror, no inſulto o mando.

Na

Na duraçaõ da Seita, permanente,
Deſde o ſeculo ſetimo, evidente
Quereis fazer que o Cêo a ſolemniza:
Naõ o Ceo, mas a Terra a fertiliza;
Pois em goſtos terrenos ſe acumûla:
Se a vingança, a laſcivia, o roubo, a gula
Vos concede o Alcoraõ, naõ tenho eſpanto
De que eſta voſſa lêi preſiſta tanto;
Deſpenhada ſuſtenta eſta firmeza
Na meſma corrupçaõ da Natureza.

Que eſſa ſordida inſtancia do appetite
Nos deleites carnaes ſe precipite,
Pode dar tanto aſſombro, como o empenho,
Com que a pedra procura o ſeu deſpenho,
Se talvêz ſe deſprende da montanha:
Que corra para baixo, quem o eſtranha,
Se aquella gravidade, que a domina,
A meſma inclinaçaõ lhe determina?
A naõ ter outro esforço, que a ſuſpenda
Como pode o ſeu pezo achar emenda?
Como ſem outra força pode o vicio
Suſpenderſe em ſeu meſmo precipicio,
E ſendo de outro impulſo eſtimulado,
Que inda o fâz muito mais precipitado?

Naõ achais diſſonancia em que Maſoma
Divinize na lêi aquelles crimes,
Que o meſmo lume natural condena?
Hê crivel que de eſtimulos ſublimes
Proceda a atrocidade, que ſe ordena
No perjurio, no roubo, na vingança,
Na laſcivia, na gula? Naõ alcança
A voſſa comprehenſaõ, que eſtas offenſas
A Natureza aggravaõ? E hê poſſivel
Que a Bondade de Deos ſique apprazivel
No meſmo horror, que a Natureza impugna?
Naõ vos parece agora que repugna
A culto ſuperior eſta deſordem?
Que differença pode têr a ordem
De homens, e brutos, ſe eſſa lêi vos pede
No homem, quanto ao bruto ſe concede?

Onde tendes de Sabio a grande fama,
Se da lûz natural toda eſta chama,
Talvêz deſconheceis? Sem lume, ou tino,
Pulſa a voſſa razaõ; pois o deſtino
Cegamente ſeguîs, que tem o bruto
No ſeu procedimento diſſoluto,
Sem ver que o homem pára, o bruto corre:
Que hum naõ reflecte, o outro, que diſcorre.

Mas de tantos abſurdos, como obſervo
Neſte voſſo Alcoraõ, nenhum decîdo
Que hê mais deſordenado, ou mais protervo,
Que pores nos deleites do ſentido
A gloria celeſtial, deixando em calma
As funçoens mais congenitas da alma.

Nas hortas de Epicuro ſe recreia
A voſſa fanteſia, e finge a ideia
De hum viſtoſo jardim, aonde as flores
Se adornaõ de corados reſplandores:
Que aromaticos pomos convalecem
Na vegetante plebe: Que ſe tecem
As videiras nos alamos frondoſos:
Que ſaõ rubîs os bagos luminoſos:
Que o Zephiro reſpira, cultivando
Flores, e pomos, com alento brando:
Que para mais encanto, mais deleite,
Huma fonte de mel, outra de leite
O boſque, e campo regaõ: Que os manjares
Se offrecem pelas ſombras dos pomares:
Que varias Nymphas vagaõ nas eſtancias
Em continuas, diſcretas conſonancias:
Que alli naõ há deſdens, naõ há repudios:
Que em alegres, harmonicos tripudios
Se paſſa ſempre a vida; a onde o goſto

Sem-

Sempre eſtá permanente, eſtá diſpoſto
Na gula, ou na laſcivia; e nas delicias
Dos feſtins, dos amores, das caricias.

Tem ſubido atéquî todo o conceito,
Que fazeis da immortal proſperidade:
Mas ſendo definida em toda a idade
A gloria pelo *eſtado mais perfeito*
De congregados bens; introduzirſe
Eſta definiçaõ nunca podera,
Se neſſa doce, venturoſa eſphera
Naõ podeſſem acharſe outros motivos
Mais que os deſtes deleites ſenſitivos.

O appetite inferior, que tem o homem,
Naõ ſe achará goſtoſo, nem contente
Em huma fruiçaõ, que de repente
Em tedio, ou em violencia ſe deſata;
Ao ſublime appetite mais ingrata
Lhe fora eſta delicia, pois regeita
Os goſtos, com que o corpo ſe deleita:
E quando a intelleçaõ a hum bem aſpira
Incorporeo, e immortal, naõ conſentira
Deleitarſe n'hum triſte deſafogo,
Que a penas ſe conſegue, acaba logo.

Quanto mais: neſta Bemaventurança
Há fome, e ſede, ou naõ? ſe há ſede, e fome,
Triſte gloria ſerá: ſe o Beato come,
Ou ſe bebe, ſem ella, como alcança
Quem bebe, ou come, o goſto, ſem que o excite
Das taças, dos manjares o appetite?
Em tantas iguarias, como imploraõ
Eſtes corpos celeſtes, que melhoraõ
De nutriçaõ he força, que conceba,
E tambem he preciſo que perceba
Corrupçaõ, ſe talvez ſe nutre o corpo:
Eterno, e corruptivel, naõ implica?
Donde vem as porçoens, que a meza indica;
Veados, carneiros, bois? ſe vaõ da Terra,
De que ſorte os conduzem? ſe os encerra
O contorno dos orbes, onde paſta
Eſte bruto rebanho? ſenaõ baſta
Huma e outra advertencia ao voſſo engano,
Naõ vos confunde ao menos a vergonha
De que eſta lêi no Cêo o alento exponha
De hum incendio, taõ vil, e taõ profano,
Que inda hum homem ſezudo terá pejo
De que ſe lhe conheça eſte deſejo?

Tanto deſte conceito ſe divide
O humano raciocinio, que preſide

A' noſſa intellecçaõ, que inda os mais ſabios
Dos voſſos grandes Meſtres, quando as Sciencias
Nos Arabes eſtavaõ, as negligencias
Vendo deſta obſervancia, e deſte premio,
Tiveraõ pejo em ſer do voſſo gremio:
Avicena entre vos o maior homem
De engenho, e erudiçaõ, que a penas conta
Dois luſtros nos ſeus annos, ſe remonta
De ſorte nos eſtudos, que ſabia
De memoria o Alcoraõ, e comprehendia
Logica, Aſtrologia, Arquitectura,
Arithmetica, metro, tropo, e canto;
Quando no ſeu diſcurſo ſe figura
Quanto a ſeita diſpoem, naõ teve o eſpanto
Outro regreſſo mais, que o deſalento
De julgar que em Mafoma todo o intento
Fora allegorizar niſto, que enſina
Mais alta ideia, mais felîz doutrina:
Porem eſte diſcurſo inda que fora
De melhor fundamento, elle ſe ignora
Em toda a geraçaõ, que a lêi profeſſa:
O corpo Mahometano ſe intereſſa
Em que á letra ſe obſerve quanto excita
O Cacîz no ſerralho, ou na Meſquita.

Averrhoes, hum dos voſſos preceptores,

ruido nas eſcholas,
Aulas Heſpanholas
que os preceitos diſſolutos
ſó ſervem para os brutos:
que elle a deixou por eſta cauſa,
a inſoportavel necedade
que a gloria fingîs: Vede o debuxo
della fâz a noſſa Chriſtandade:
Divina inſpiraçaõ, * ſublime influxo
Pode ſó concederme que eu me atreva
A proporvos a lûz da quella Eſtancia,
Que naõ cabe no esforço da elegancia;

Paulo, ſendo ao Empyreo arrebatado,
Taõ abſorto ficou, que inda hum treslado
Naõ nos pode fazer do que alli vira:
Debuxada nos campos de Zaphira
Outro Apoſtolo as ſombras luminoſas
Vio da Gloria Celeſte; mas apenas
Com as linhas mais ricas, mais precioſas
Dos humanos objectos, as ſerenas,
E as varias luzes do eſplendor tranquilo
Nos pode figurar o ſeu eſtylo:

Q

* *Nó ſolo en el principio del Poema tiene lugar la Invocacion: los Poetas ſuelen uſarla en outras muchas partes del Poema ſiempre que ſe ofrece haver de deſcrivir alguna coſa muy extraordinaria &c.*
Luſan, en la Poetic. lib. 4. cap. 10.

Que poſſo conſeguir no meſmo raſgo,
Se eſtas vozes ſagradas, que o emprenderaõ,
Submergidas no eſpanto, eſmoreceraõ?

A Bemaventurança ſe retrata
Em varias concepçoens: Fâzſe *objectiva*
Com a viſta de Deos: *Intuitiva*
Com a viſaõ felice, que redunda
No corpo luminoſo: a que ſe funda
Na poſſe deſte Bem, *Formal* ſe chama:
Eſſencial ao logro deſſa chama
Com que ſe goza, e vê o Objecto immenſo:
Accidental á quelle goſto intenſo
Que da viſaõ procede: Neſte golfo
De glorias, e doçuras inſondaveis,
Naõ há luto, * nem dor, pranto, ou gemido:
O horror da morte ſe acha aqui vencido:
Tudo feraõ funçoens interminaveis
De hum alegre fervor, de hum rapto interno,
De huma ardente impreſſaõ, de hum goſto eterno.

Depois que os noſſos corpos ſe innovarem,
Outros dotes teraõ os que alcançarem
Tantas ditas perennes: Impaſſiveis,

* *Naõ ha Luto. &c. Et abſterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum: & mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Apocalypſ. cap. 21. v. 4.

Claros, promptos, ſubtîs, haõ de extenderſe
Por todos eſſes globos appraziveis,
Proſperarſe, applaudirſe, conhecerſe.

Naõ ſêi ſe o voſſo juizo no coſtume
De hum material diſcurſo, alcança o lume
Deſta excelſa apprehenſaõ: ſerá preciſo
Talvêz accommodarme ao voſſo aviſo,
Para que percebais ſenſivelmente
Tanta amplificaçaõ reſplandecente.

Se intento produzirvos a Ichnographia
Da corte Celeſtial, naõ hâ theſouro
Donde tire eſta copia, como a viſta
Da quelle ſempre amado Evangeliſta,
Que a notou altamente: A cana de ouro, *
Com que o Anjo medio eſta Cidade
Me ſervirá de eſtylo, e a claridade †
De tanto reſplandor; de hum novo alento
Para naõ deſmaiar o penſamento.

Edificado eſtá n'hum alto monte ††
Eſte Emporio felîz: todo o Orizonte

Se

* *A cana de ouro. Et qui loquebatur mecum habebat menſuram arundinem auream, ut metiretur Civitatem.* Ibid. cap. 21. v. 15.

† *E a claridade. Habentem claritatem Dei.* Ibid. v. 11.

†† *N'hum alto monte. Et ſubſtulit me in ſpiritu in montem magnum, & altum: oſtendit mihi Civitatem Sanctam.* Ibid. v. 10.

Se banha de hum luſeiro matutino,
Quaſi como o reflexo criſtalino: *
Huma grande muralha o cerca em torno: —
Com doze portas ſe abre o ſeu contorno: =
Três ao Setemptriaõ, e três ao Auſtro,
Três ao Occaſo do ſol, e três ao berſo: ≡
Os alicerſes do ſublime clauſtro
Saõ doze; (†) e às quatro frontes do Univerſo
Se viraõ quatro faces: ☾ a figura
Corre em quadro por toda a arquitectura.

A doze mil eſtadios ☞ ſe dilata:
Igual no comprimento, ‘l’ e na largueza,
E na altura tambem: toda a grandeza
Do ſeu muro em cem covados ſe mede,
E mais quarenta, e quatro: ¶ ao jaſpe excede

* *De hum Luſeiro matutino.* &c. *Et lumen ejus ſimile lapidi pretioſo, tanquam lapidi jaſpidis, ſicut cryſtalum.* Ibid. v. 12.

— *Huma grande muralha. Et habebat murum magnum & altum.* Ibid. v. 12.

= *Com doze portas. Habentem portas duodecim.* Ibid.

≡ *Tres ao ſetemptriaõ. &c. Ab Oriente portæ tres; & ab Æquilone portæ tres; & ab Auſtro portæ três; ab occaſu portæ tres.* Ibid. v. 13.

(†) *Saõ doze. Et murus Civitatis habens fundamenta duodecim.* Ibid. v. 14.

☾ *Se viraõ quatro faces. Et Civitas in quadro poſita eſt.* Ibid. v. 16.

☞ *A doze mil eſtados. Et menſus eſt Civitatem de arundine aurea per ſtadia duodecim milia.* Ibid.

‘l’ *Igual no comprimento* &c. *Et longitudo, & altitudo, & latitudo ejus æqualia ſunt.* Ibid.

¶ *Em cem covados. Et menſus eſt murum ejus centum quadraginta quatuor cubitorum.* 17.

A pedra, que o fabrica: * de ouro puro,
Ao mais diaphano vidro * ſemelhante,
Hê da Cidade a maquina brilhante:
Os alicerſes doze, em que ſe funda,
Se guarnecem das pedras mais precioſas: **
O primeiro nas cores luminoſas
Brilha de hum jaſpe ardente: *** na Zaphira
O ſegundo: nos mais a lûz reſpira
Da eſmeralda, do ſardo, da ſardonia,
Chryſolitho, beryllo, e chalcedonia,
Do topacio, chryſopraſo, jacintho,
E da amethyſte; aonde o Labyrintho
Das refracçoens nos ambitos convexos
Enche tudo de raios, e reflexos.
Todas as doze portas, (†) que abre o muro,
Se formaõ de huma perola: procuro
Das aras e dos templos o edificio,
Naõ há deſta eſtructura algum indicio: *

O

* *Ao jaſpe excede a pedra, que o fabrica. Et erat ſtructura muri ejus ex lapide prætioſo.* 18.

* *Ao mais diaphano vidro. Ipſa verò Civitas aurum mundum, ſimile vitro mundo.* Ibid.

** *Das pedras mais precioſas. Et fundamenta muri Civitatis omni lapide prætioſo.* 19.

*** *De hum jaſpe* &c. *Fundamentum primum, jaſpis: ſecundum ſapphirus: tertium calcedonius: quartum, ſmaragdus: quintum ſardonyx: ſextum, ſardius: ſeptimus, Chryſolithus: octavum, beryllus: nonum, topazius: decimum, Chryſopraſus undecimum, Hyacinthus: duodecimum, amethyſtus.* v. 14. & 20

(†) *As doze portas* &c. *Et duodecim portæ margaritæ duodecim ſunt per ſingulas; & ſingulæ portæ erant ex ſingulis margaritis.* v. 22.

* *Das aras, e dos templos* &c. *Et templum non vidi in ea.* Ibid.

O templo, e a ara hê Deos: ⌐ nem ſol, nem lua
Os dias com as noites continua: ⩵
O reſplandor divino hê que alumia,
Sem noite, ou ſombra, n'hum eterno dia: ☰
Bem que patente eſteja, e ſempre aberta ☾
Por toda a parte a entrada, naõ acerta
Com tanta lûz aquelle, que aſſombrado
Caminha com o pezo do peccado. (†)

Do ſolio, aonde Deos ſempre preſide,
Puriſſimas correntes ſe deſprendem: ☿
D'a vida varias arvores ſe extendem
Pelas margens do rio: ¶ as ſuas folhas
Daõ perpetua ſaude: * carregadas

De

⌐ *O templo, e a ara he Deos. Dominus enim Deus Omnipotens templum eſt illius & agnus.* Ibid.

⩵ *Nem ſol, nem lua. Et Civitas non eget ſole, neque luna ut luceant in ea.* Ibid. 23.

☰ *O reſplandor divino.* &c. *Claritas Dei illuminavit eam.* Ibid.

☾ *Sempre aberta. Et portæ ejus non claudentur per diem: nox enim non erit illic.* v. 25.

(†) *Naõ acerta. Non intrabit in eam aliquod coinquinatum.* Ibid.

☿ *Puriſſimas correntes. Et oſtendit mihi fluvium aquæ vitæ.* Cap. 22. v. 1.

¶ *Varias arvores. In medio plateæ ejus, & utraque parte fluminis lignum vitæ.* 22. v.

* *As ſuas folhas daõ perpetua ſaude. Et folia ligni ad ſanitatem gentium.* Ibid.

De aureos pomos ſe vêm: * ſempre animadas
Do verdor criſtalino, hum ſopro brando
As eſtá repartindo, e refreſcando:
Os ſeus fructos repetem varias vezes;
Sempre novos os têm todos os mezes. **

Sempre, e ſempre, ſem nunca haver mudança,
Deſordem, confuſaõ, deſſemelhança
Durará tanta gloria, ſem limite: ***
Nem me digais que eu meto no appetite
Eſte premio immortal, quando lhe exprimo
Cidade, portas, muros, e palacios,
Eſmeraldas, Chryſolitos, Topacios,
Beryllos, ſardos, chalcedonias, pomos,
Plantas, e agoas; que em fim tanto concurſo
Mui diverſo achareis deſſe diſcurſo,
Que da gloria formais: O que deſcrevo
A mais ſublime penſamento elevo;
Pois naõ ſó as potencias, os ſentidos
Nos ſeus proprios objectos embebidos,
Conſiderar ſe podem: de outra ſorte
Nenhum fora felîz depois da morte.

A

* *De aureos pomos. Afferens fructus duodecim.* Ibid.

** *Repetem. Per menſes ſingulos reddens fructum ſuum.* Ibid.

*** *Sempre, e ſempre. Et regnabunt in Sæcula ſæculorum.* v. 5.

A viſta gozará do ſuave aſpecto *
De Chriſto, e de Maria; e dos mais Santos:
O ouvido entre dociſſimos encantos
Se elevará nas altas conſonancias
Da muſica Celeſte: nos aromas
Se animará o Olfato: nas ſubſtancias,
Em que borbulhaõ Celeſtiaes redomas,
Há de encontrar hum goſto conducente
O noſſo paladar: e competente
Delicia ao tacto, em tanta ſuavidade,
Lhe ſerá toda a pompa da Cidade.

A' voſſa material ideia offreço
O ſenſivel objecto: eu que appeteço
Mais rara elevaçaõ no que diſcorro,
A mais ſubido eſtimulo recorro.

A quadra deſſe muro ſymboliza,
No meu conceito, tudo o que eterniza
Eſta gloria immortal: Neſſes luzeiros

De

* *A viſta gozará.* &c. *Oculus delectabitur in admirabili Redemptoris, ac Virginis Mariæ, & aliorum Beatorum aſpectu. Etiamque in oculis erunt viſiones multorum Cœlorum, ac varietatum. In aures redundabunt omnes melodiæ, & conſonantiæ, ac harmoniæ. Odoratumque reſperget fragrans, ſuavitas odoramentorum. Indicibilis quædam cœleſtis omnis delectabilium melliflua jucundabit oris palatum. Ipſe tactus congruis abundabit delitiis in Dei gloriam, & venerationem* Div. Aug. lib. de vita, & Spirit. Div. Anſelm. de ſimilitud. cap. 57. Div. Laur. Juſt. lib. de Diſcipl. & perfect. monaſt. converſ. cap. 23. Div. Proſper. lib. 1. de vit. contemplat. cap. 4.

De taõ precioſas pedras, vejo a chama
Das virtudes, que alli ſe reprezentaõ:
A charidade, e a fé na lûz ſe inflamma
Do topacio, e jacinto: o incendio alentaõ
Nas outras cores os impulſos varios,
Que brilhaõ nos pacificos erarios.

Nas agoas ſe figura a ſubſiſtencia
De taõ fluxivel, próvida affluencia:
Nas plantas hum perpetuo ardor, que imprime
Da conſiſtencia o esforço mais ſublime:
Nos doze giros, que diſpoem os frutos
Vejo que ſaõ brilhantes ſuſtitutos *
A ſaude incorrupta: a eterna enchente:
Refeiçaõ, ſem faſtio: Segurança,
Sem temor: alegria, ſem mudança:
Sem ignorancia, incendio intelligente:
Deſcanſo, ſem receio: Liberdade,
Sem ſervidaõ: deleite, ſem triſteza:
Applauſo, ſem ficçaõ, nem eſtranheza:

Multi-

* *Nos doze giros que diſpoem os fructos &c. Deinde æternæ Beatitudinis duodecim fructus numerat. Albert. Magn. Primus ſanitas, ſine corruptione: Secundus plenitudo ſine defectu: Tertius refectio, ſine faſtidio: Quartus ſcientia, ſine ignorantia: Quintus gaudium, ſine triſtitia: Sextus ſecuritas, ſine timore: Septimus pax, ſine turbatione: Octavus libertas, ſine ſervitute: Nonus gaudium de juſtitia Dei: Decimus laus ſine intermiſſione: Undecimus de Sanctorum multitudine: Duodecimus jucunditas de Dei viſione.*

Silveir. in Apocal. cap. 22. quæſt. 2. n. 19.

Multidaõ, ſem rumor: e interno agrado
Nos prodigios de hum Nume taõ amado.

Comparai eſta gloria com a voſſa:
Vede tambem a ſingeleza amavel
Da Lêi chriſtan: taõ doce, taõ affavel,
Taõ conforme à razaõ: vede o que enſina;
Entaõ conhecereis ſe hé Lei divina.

Ponho de parte o aſſombro dos myſterios,
Vamos ſó ao Moral: ella preſcreve
Que a memos hum ſó Deos: por cauſa leve,
Ou falſa naõ juremos: que nos ſeja
Taõ chara a noſſa eſpecie, que ſe veja
Com ella o proprio amor, que em nós ſentimos:
Que as Feſtas Sacroſantas obſervemos:
Que os noſſos Genitores veneremos:
Que naõ uſemos de mortal vingança,
Seja qual for o aggravo, a offenſa, a injuria:
Que a Caſtidade triumphe da luxuria:
Que o furto ſe aborreça: Que a perfidia
E a calumnia ſe ignore: que na ideia
Naõ entre a viſta da molher alheia;
E dos bens, que outro logra, ou deſperdiça;
Que os impulſos ſe abſtenhaõ da cubiça.
Que a ſoberba ſe abata na humildade:

Que

Que a avareza ſe mude em charidade:
A ira em manſidaõ,: em abſtinencia
A gula: toda a enveja em complacencia:
E que em qualquer acçaõ, fortuna, eſtado,
Se converta a preguiça no cuidado.

Lançai agora os olhos ao preceito
Da laſcivia, vingança, latrocinio,
Da ſoberba, ambiçaõ, perjurio, e gula,
Que os voſſos Mahometanos tem aceito
Como lêi ſuperior; e em que o dominio
De huma paixaõ infame ſe eſtimula;
E dizeime, ſe o horror naõ vos quebranta,
Qual deſtas duas lêis, he lêi mais Santa?

TRIUMPHO DA RELIGIAÕ.

Poema Epico-polemico.

LIVRO VII.

Contra o Hebraiſmo. *

REcolhido Mahumed no mudo aſſombro
De hum triſte enleio de hũ diſcurſo amargo,
Parece que a cordava de hum lethargo
Ao ruido dos Catholicos clamores:
Mal deſperto entre os funebres horrores
Da ſua confuſaõ, aſſim dizia:
Antes de vos ouvir me parecia
Que reſponder podera; e agora vejo
Que ficou ſó no intento o meu deſejo:

A

* *Hebraiſmo* ſe chama a ſeita, que hoje ſeguem os *Hebreos*. Se o nome de *Hebreos* ſe deriva de *Heber* filho de *Sale*, ou do nome appellativo, que ſignifica *tranſmigrator*, vejaſe o Padre *Calmet no Diccionario Biblico*, verb. *Heber*, ou a *Valtonio* que tratou eſta materia ex profeſſo.

A' vehemente elegancia da propoſta
Naõ dera hum Mulſumaõ * outra repoſta
Mais que arrancar o alfange, expondo a vida,
Por naõ deixar a offenſa conſentida:
Mas naõ ſó me ſuſpende neſte arrojo
Cauſa mais ſuperior, que em vós deſcubro,
Porem no meſmo eſpanto, em que me cubro,
Talvêz que ſe envergonhe a ingenuidade
De impugnar tantas luzes da verdade:
Com tudo como a lêi, que Meca excita
Concorda em muita parte com a Hebrea,
Reſolvome a deter a minha idea
Em quanto naõ ouvis outro Eremita,
Que vive do outro lado da montanha:
De taõ grande conceito ſe acompanha,
Que todos tem julgado a ſua toga
Pela mais ſuperior da Synagoga.

Vamos buſcar (lhe dîz o Peregrino
Alegre, e alvoraçado) eſſe Rabbino;
E bem que tantas letras recommende,
Lá vereis de que ſorte a lêi defende.

Naõ, ſem grande fadiga, vaõ ſubindo
A alcantilada Serra, e deſcobrindo

A

* *Mulſumaõ* entre os *Turcos* he o meſmo que *verdadeiro crente*.

A varia povoaçaõ, que eſtá diſpoſta
Pela larga planicie, e pela cóſta
Dos golfos orientaes: chegando ao cume,
Ficou paſmado o Herôe no planiſpherio,
Que debúxava a lûz deſte hemiſphério:
Na vaſta, deleitoſa variedade
De tôda a quella extenſa amenidade,
Páramos, boſques, montes, e dificios,
Aos olhos ſe faziaõ taõ propicios,
Que de tantos objectos a abundancia,
Na confuſaõ formava a conſonancia.

Que fortaleza hé aquella, que ſe anima
Mais que as outras na força, e na eminencia,
Pergunta o Peregrino? A dura lima
Do tempo lhe naõ tira a preheminencia;
Lhe reſponde Mahumed: os Luſitanos
A guarneceraõ contra os Mahometanos;
E nella com valor, eſforço, e brio
Suſtentaraõ da Arabia o Senhorio:
Inda conſerva o nome de Maſcate: *

Q Inda

* *Maſcate*, fortaleza da *Arabia felix* na ſua coſta ſetemptrional, ao longo do ſino Perſico, na altura de 23. graos, e quatro minut. da banda do Norte: ainda que pequena, foi reputada por inexpugnavel pelo ſitio, em que eſtá fabricada. Fundou-ſe no anno de 1588. por ordem do governador *Manoel de Souza Coutinho*. Foi capital do ſenhorio, que inſtituimos na *Arabia*, e lhe eſtavaõ ſogeitas as outras fortalezas, que vaõ nomeadas neſte lugar.

Inda affecta o dominio de Curiate,
Matara, Sibo, Quelba, Sohar, e Borca,
De Corfoçaõ Libidia, Doba e Mada:
Inda o eſpanto das armas ſe treslada
Em Ormûs, Guardafû, Adem, e Meca:
Naõ ſei ſe a voſſa viſta determina
Lá ao longe os aſpectos de Medina, †
Que naõ aparta o ſuſto de que a cerque
O arrojo militar de outro Albuquerque,
Temendo ſe envileça o Arabio axioma
Na inquietaçaõ das Cinzas de Mafoma.

Entre as mais Povoaçoens tambem ſe exalta
Outra Cidade, que parece aſſalta
Com ſoberbos torrioens a regiaõ vaſia:
Della alguma noticia pertendia
O Herôe; e o Turco diz: Aquelle Povo,
Que nos adornos vos parece novo,
Deſertores compoem da voſſa Igreja:
Quanto, á Bretanha, e á Olanda lhe ſobeja
(Proceda de Luthero, ou de Calvino)

A

† *Medina Elnabi* na lingua *Arabica* val o meſmo que *Cidade do Propheta* He outra Cidade da meſma *Arabia feliz*, pouco diſtante do rio *Leaquic*; antigamente ſe chamou *Yathrel*. He muito venerada dos *Turcos* pelo ſepulcro de *Mafoma*. Os ſeus oſſos eſtavaõ algum dia em *Meca*, e foraõ tresladados para *Medina*, que fica pela terra dentro, com o receio de que *Affonço de Albuquerque* invadiſſe *Meca* como deſejava ſegundo affirma ſeu filho nos ſeus commentarios, e diz que era facil pela pouca defeza que os *Turcos* podiaõ fazer neſta irrupçaõ.

A quî vem a parar: O deſatino
Da ſua nova Seita tresladaraõ,
Do Norte para o Oriente; e edificaraõ
Neſta coſta da Arabia eſſa Colonia,
Que adopta Londres, Amſtardam requèbra;
E ſe pode chamar outra Ginèbra.

Naõ me podeis dar melhor noticia,
Lhe diz o Herôe: a indomita malicia
Deſta gente, pretendo há muito tempo
Metella n'hum combate, onde confeſſe
Que eſſa lêi, naõ hê lêi, mas intereſſe.

Algum dos ſeus Miniſtros me viſita:
Eſte conhecimento facilita
A voſſa introducçaõ, lhe diz o Turco:
Com voſco hirei, ſalvando a novidade
No deſejo de veres a Cidade.

O Peregrino lhe agradece a offerta;
Quando ſe via do Rabbino aberta
Em hum profundo raſgo a feia gruta,
Que inculca a' Serra n'huma penha bruta:
Recebidos do Hebreo com agazalho,
E deſcanſando hum pouco do trabalho
De ſubida taõ aſpera, pertende

O Eremita ſaber do ſeu vizinho
A cauſa, que o meteu neſte caminho.

Eu tenho a culpa (o Peregrino acode)
De que o voſſo ſilencio, ſe incommode
Com a noſſa prezença: a ver o Mundo
Me trâz naõ ſei que eſpirito profundo:
Eſte me leva de Mahumed á eſtancia:
Eſte me trâz á voſſa; com a ancia
De poder ſocegar o meu conceito
Da voſſa lêi no theorico preceito.

Cuido que ſaberei romper o laço
(Diz o Hebreo) aos eſtorvos, que tiveres
Na voſſa intellecçaõ: ſem embaraço
Me podeis perguntar quanto quizeres;
Pois julgo que achará qualquer propoſta
Em prompta ſoluçaõ, breve repoſta.

Confeſſo (o Peregrino continûa)
Os raios, com que a voſſa lêi gradûa
Toda a ſua excellencia: reconheço
Ser hum deſenho de taõ alto preço,
Que o meſmo Deos o ordena, e eſcreve em bronze:
Sei que ſe commoveu dos orbes onze
A maquina celeſte, quando ſente
Que o dava ao Povo a Maõ Omnipotente.

Sei

Sei que os prodigios, que aſſombraraõ Memphis:
Sei que a enxuta paſſagem do mar roxo:
Que o Maná, pedra, e nuvem do deſerto:
Que eſſas Victorias, que houve em campo aberto
Contra os esforſos de naçoens ferozes,
Clamando eſtaõ, com ſoberanas vozes,
O empenho, com que Deos na excelſa guia
A voſſa geraçaõ favorecia:
Mas naõ podeis negarme ao meſmo tempo
A feia ingratidaõ com que pagavaõ
Os filhos de Iſrael os benificios:
No meio dos portentos murmuravaõ
Da celeſte clemencia: Sacrificios
Ao bezerro dedicaõ, quando o monte,
Falla, grita, retumba, aſſombra, e brilha
Na piedade, na lûz, na maravilha
Da nova inſtituiçaõ, que Deos lhe expunha:
Quatorze vezes mil, e mais ſeiscentos,
Com quatro vezes dês, o ſol diſpunha
Seus raios entre as ſombras ſonolentas,
Sem que ſe viſſe no mais breve inſtante
Menos forte eſte auxilio; * e ſempre errante
O coraçaõ do Povo ingrato, e duro,
Sempre infame ſe achou, ſempre perjûro:

* *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, & dixi ſemper hi errant corde. Quibus juravi in ira mea, ſi introibunt in requiem meam.*

Deos irritado de taõ bruta offenſa,
Jura em tanta protervia endurecida
De lhe naõ dar a patria promettida.

O coraçaõ torcido, injuſto, e vario
Deſta voſſa Naçaõ, hereditario
Sempre o fizeſtes deſde a ſua origem:
Contra as moçoens celeſtes ſe dirigem
Sempre os voſſos impulſos: Naõ emprendo
Dar os progreſſos deſte crime horrendo;
Impertinencia fora o repetillos:
A tres pontos pretendo reduzillos:
Pontos fundamentaes, em que proroga
Toda a ſua exiſtencia a Synagoga.

Suſpirais por hum Reino, declarado
No Teſtamento Velho: eſte o primeiro:
Pelo Rei, ou Meſſias eſperado:
Eſte o ponto ſegundo: e no terceiro
Impugnais o Myſterio da Trindade:
Na Eſcriptura achareis toda a verdade:
Aquelles meſmos Textos que vos movem
A taõ cega apprehenſaõ, farei que provem
Que hê mui diverſo o Reino concebido:
Que já veio o Meſſias promettido:
Que Deos he Trino, e Hum: eſtaime attento,

Que

Que hê digno de attençaõ eſte argumento:
Tem Daniel no Capitulo ſegundo, *
Que Deos hum novo Reino entrega ao Mundo:
Reino, que ſobre os mais a preheminencia
Logrará de huma ſolida exiſtencia:
Que a hum Povo ſe deſtina; e que eſte Povo
Hê que terá ſomente o Reino novo.

Pertendeis que ſó poſſa vigorarſe
Na voſſa geraçaõ eſta promeſſa,
Por ſer eſta a familia, que confeſſa
O meſmo Deos que hê ſua: Permitime
(O Rabbino lhe diz) que eu vos anime
Inda mais eſſe Texto; e que vos lembre
Que eſſe conceito naõ ſe fâz caduco
Na diſcripſaõ da Eſtatua de Nabuco: †
Tendo a cabeça de ouro, os braços tendo,
O peito, e maons, de prata: ventre, e coxas,
De bronze: pernas, pês, de ferro, e barro,

In diebus, autem, regnorum illorum ſuſcitabit Deus Cœli regnum quod in æternum non diſſipabitur; & regnum ejus alteri populo non tradetur: comminuet, autem, & conſumet univerſa regna hæc; & ipſum ſtabit in æternum. 44.

† *Hujus ſtatuæ caput ex auro optimo erat: pectus autem, & brachia de argento: porro venter, & femora ex ære: tibiæ autem ferreæ. Pedum quædam pars erat ferrea, quædam autem fictilis. Tunc contrita ſunt pariter ferrum teſta, es, argentum, & aurum, & redacta quaſi infavillam æſtivæ areæ, quæ rapta ſunt vento.*

Tu es caput aureum (falla Daniel com Nabuchodonoſor) e eſte hê o ſeimo dos Chaldeos: *Et poſt te conſurget regnum aliud minus te, argenteum.*

Hum colloſſo taõ fórte, e taõ bizarro:
Cabeça, braços, maons, coxas, e peito
Ventre, pernas, e pês; tudo desfeito
De repente ſe vio: tudo partido,
Em pô mudado, em cinza convertido.

A explicaçaõ da Eſtatua no Propheta
Nos diz que eſtes metaes nos ſymbolizaõ
Os Reinos, que as Hiſtorias ſolemnizaõ
Nos Chaldeos, Perſas, Gregos, e Romanos;
E que depois que o tumulo dos annos
Reſolver tanta gloria em ſombra fria,
Entaõ hê que eſte Reino ſe ergueria
Para ſeguirſe em ambos hemiſpherios,
O curſo ſucceſſivo dos Imperios.

Dos tres primeiros Reinos a memoria,
A penas ſe achará na antiga hiſtoria:
O quarto inda da viſta ſe acompanha,
Ou ſeja em Roma, ou ſeja na Alemanha:
Inda exiſte eſte Reino; e em quanto dura De

Eſte he o Reino dos *Perſas*, que ſe ſeguio ao dos *Chaldeos*. *Et regnum tertium aliud æreum, quod imperabit univerſæ terræ.* Eſte he o Reino dos *Gregos* debaixo do ſenhorio de *Alexandre*, que ſe ſeguio ao dos *Perſas*. *Et regnum quartum erit velut ferrum: quomodo ferrum comminuit, & domat omnia, ſic comminuet, & conteret omnia hæc.* Eſte he o Reino dos *Romanos* a quem nenhuma Naçaõ do univerſo póde reſiſtir; que ſe ſeguio ao dos *Gregos*. *Porro quia vidiſti pedum & digitorum partem teſtæ figuli, & partem ferream; regnum diviſum erit.* E aſſim ſuccedeo na diviſaõ do Imperio *oriental*, e *occidental*.

Daniel cap. 2.

De balde o quinto Imperio ſe procura:
Vede lá ſe a eſperança ſe proſpêra
Néſte novo domínio, que ſe eſpera?

O meſmo texto aquî vos deſengana
(Lhe diz o Peregrino) déſte enleio;
Pois o meſmo Propheta vos explana,
Sem confuſaõ, metaphora, ou rodeio,
Que no Céo há de ſer o Imperio quinto; *
E vos néſſe confuſo labyrinto
De violentas razoens, que o engano encerra,
O Reino pretendeis fazer na Terra:
He verdade que teve o ſeu principio
No Mundo, mas no Ceo o ſeu progreſſo:
Livre eſtá da mudança, e do ſucceſſo;
Com que os outros Imperios ſe acabaraõ:
Se foſſe temporal, ſe amotinaraõ
As iras da fortuna contra a pompa
Da ſua duraçaõ: Que novo impulſo
Arruinou, eſtragou, deixou convulſo
O reſplandor dos outros Principados?
A inconſtancia do tempo, o horror dos fados
Baſtou para extinguir eſte governo:
E ſe o meſmo Daniel lhe chama eterno, *
Cogitaçaõ ſerá bem importuna

O

* *Suſcitabit Deus Cœli regnum.*

* *Quod in æternum non diſſipabitur.*

O ſogeitallo aos lances da fortuna:
Mas a voſſa Naçaõ, que nunca a viſta
Levantar pode ao Cêo; toda a conquiſta
Deſte Reino eſperado, têm diſpoſto
No vil objecto de hum terreno goſto;
E ardendo tanta lûz contra eſta ideia,
Inda a voſſa loucura a liſonjeia?

O Reino promettido neſſe Texto,
Hê o Reino da Graça: do contexto
Se conhece, e ſe prova eſte ſentido;
Pois eſtando na eſtatua comprehendido
Da Chaldea, da Perſia, Grecia, e Roma
Eſte vario dominio: e no ouro, e prata,
Bronze, e ferro, a viſaõ, de que ſe trata;
Naõ podereis negarme, que em figura
Se achaõ eſtes Imperios na Eſcriptura:
E ſe eſtaõ em ſentido figurado, *
Haveis de comprehender no meſmo eſtado
O quinto Reino, que aos demais ſe ſegue:
Logo no temporal naõ ſe conſegue Eſte

* *Meſſiam contriviſſe hæc omnia Imperia, non quo ad temporale, & terrenum dominium, quod parvi eſt momenti, ſed quo ad myſticum, & ſpirituale, quo per gentiliſmum, & idololatriam dominabuntur tam mentibus, quam corporibus hominum, eoſque dæmoni, inferno, & pœnis æternis mancipabant; quæ tyrannis erat acerbiſſima, ſub qua duram ſervitutem ſervichant omnes gentes, gementes ſub ejus jugo. Hanc tyrannidem evertit Chriſtus, hominesque hoc eorum ſervitutis jugo liberabit, dum eos ſuæ fidei ſubjiciens in Dei gratiam libertatem, & ſalutem æternam aſſeruit.* Cornel. A'lapid. comm. in Dan. cap. 2. pag. m. 10321.

Eſte voſſo dominio; e he já preciſo
Que mude de conceito o voſſo juizo.

Aqui diz o Rabbino: Se eſſes Reinos,
Bem que eſtaõ dos metaes na allegoria;
Induzem propriamente a Monarquia
De Chaldeos, Perſas, Gregos, e Romanos,
Importa pouco que em figura eſtejaõ
Para o ſentido proprio: ſe o deſtroço
Nos fica temporal; eſte alvoroço
Do Reino, que há de vir, tambem contemplo,
Naõ como expoſiçaõ, mas como exemplo.

Naõ ſe devem tomar materialmente
Eſſes Reinos, acode o Peregrino:
Pois ſe a pedra, que deſce da montanha,
Hê que desfâz a eſtatua; coiza eſtranha
Seria imaginar que ella rendeſſe
Huma maquina tal, ſem que entendeſſe
A razaõ, que outra coiza ſignifica: *

Se

Lapis hic, quem vidit Daniel, cum eſſet parvulus, non poterat tantam ſtatuæ molem, ex ære ferro, auro, & argento compactam, proſternere phyſicè, & vulgariter: ergo myſticè, & ſpiritaliter, ac ſymbolicè (eſt enim hæc viſio tota ſymbolica) id accipiendum eſt; nimirum ut ſignificet quod Chriſtus humilis, & pauper, ſua humilitate, mundique contemptu dejecturus eſſet in mentibus filium per totum orbem omnem ambitionem, pompam, & faſtum humanæ gloriæ, & concupiſcentiæ, quam ingens hæc ſtatua, oſtentatione, mole, & pretio metallorum, repræſentabat.

Idem. ibid.

Se ao Meſſias dizeis que ella ſe applica,
Tambem deveis notar que nos Imperios
Se devem conceber outros myſterios:
A ambiçaõ, gloria, fauſto, e pompa humana,
Que ſe achou neſſes Reinos, reprezenta
A eſtatua nos metaes; e a claridade,
Que venceu a profana eſcuridade
Deve no quinto Imperio conceberſe:

E ſe eſta nunca pode comprehenderſe
No Reino temporal; ſerá forçoſo
Que ſeja eſpiritual aquelle mando,
Que a Biblia nos promette; * e o Rei glorioſo,
Que empunhe as redeas deſte jugo brando,
Quem pode ſer? Eu digo que o Monarca
Deſte Reino, o Piloto deſta Barca
Só pode Aquelle ſer, que ſe intitûla
Inda Rei dos Judeos: O que regeita
A voſſa Synagoga: Eſſe, que aceita

Por

* *Spiritale foret regnum Meſſiæ non terrenum, & corporale docet diſertè Daniel cap. 9. ubi definiens tempus Meſſiæ, nimirum eum venturum poſt 70. hebdomades annorum, ideſt poſt 490. annos, ait de eo.*

Septuaginta hebdomades abbreviatæ ſunt ſuper populum tuum, & ſuper urbem Sanctam tuam (non ut reducatur regnum Salomonicum, & Judaicum, ſed ut conſummetur prævaricatio, & finem accipiat peccatum, & deleatur iniquitas, & adducatur juſtitia ſempiterna, & impleatur viſio, & prophetia, & ungatur Sanctus Sanctorum.

Vides, O Judæe, regnum Chriſti non fore in exercitibus, pompis, & triumphis, ſed in abolitione prævaricationis, & peccati, ut pro eo inducatur Sanctitas, & juſtitia, eaque in Chriſtianis toto orbe regnet? Ibid.

Por remir-nos a morte: O que vincûla
A' nova Lêi da Graça a lêi antiga:
O que deſtrôe a barbara fadiga
Do indomito Tyranno: o que proſpêra
E conſtitue o Imperio na ſincêra
Reciproca obſervancia da humildade,
Da paciencia, do amor, da charidade.

Clamando vos eſtaõ as Prophecias
Que hê Eſte, e naõ hê Outro eſſe Meſſias,
Que tanto ſuſpirais: e naõ ſe rende
A voſſa obſtinaçaõ! Ou Deos pertende
Pela vôz dos Prophetas enganarvos,
Ou naõ credes a Deos, hum anathêma
Tem n'huma, e noutra parte eſte dilêma.

Se no meſmo Daniel (diz o Rabbino)
Com exacta advertencia determino
A conta das Hebdomadas, diſcorro
Que ao Rei, e ao Reino mûi tempo reſta
Para fazer a vinda manifeſta.

Na mais certa opiniaõ dos Thalmudiſtas,
A Hebdomada perfeita ſó compete
Ao Jubileo, que em ſete vezes ſete
O intervâllo dedûz: Quarenta, e nove

Saõ

Saõ os annos, que a conta multiplica:
Sendo, pois, as Hebdomadas ſetenta,
Quando as multipliqueis pelos quarenta;
E nove, que notais; vereis que monta
Três mil, cento, e ſecenta a minha conta:
Daniel prophetizou annos quinhentos,
E mais ſincoenta, e hum, antes de Chriſto;
E depois delle, mil, e ſete centos,
E mais ſincoenta, e tres já temos viſto.
Com qué para as Hebdomadas chegarem
Ao ſeu devîdo termo; e ſe notarem
Cumpridos os prophetîcos deſenhos;
Inda ſe fáz preciſo que os deſpenhos
Das eras, nos ſeus giros ſe revolvaõ
Cem vezes oito, com dês vezes cinco
E duas vezes três: e entaõ chegamos
Ao Meſſias, e ao Reino, que eſperamos.

Louca, e triſte eſperança (o Herôe lhe argue)
Neſſa ideia infelîz vos conſtitue!
Naõ há lugar algum na Biblia ſanta,
Que o Jubileo, e Hebdomada pertenda
Fazer do meſmo eſpaço: a torpe emenda,
Que intentais deſſe tempo, he hum delirio
Da voſſa obſtinaçaõ, ou dos horrores
Deſſes cegos fanaticos Doutores,

Que

Que o Thalmud compozeraõ; onde baſta
Abrillo em qualquer parte, e recitallo
Para reconhecello, e deſprezallo.

A meſma prophecia naõ vos grita,
Que no fim das Hebdomadas ſe excita
Hum Capitaõ, que o Templo, e que a Cidade
Devaſtará com tal calamidade,
Que eſta ruina, eſte eſtrago furibundo
Há de durar em quanto dure o Mundo? *
Que das aras, da hoſtia, e ſacrificio
Naõ vos dîz que ja mais tereis indicio?
Que eſta abominaçaõ, ou eſte exemplo
Fará ſempre execrando o voſſo Templo?

Naõ conheceis que eſtá cumprido tudo?
Deſtroço mais fatal, mais carrancudo
Houve nunca na Terra, que o conflito,
Que padeceſtes no furor de Tito?
Ficou no Templo pedra ſobre pedra?
Extinto o ſacrificio, a hoſtia, a ara
Naõ tendes, deſde entaõ? Naõ deſampara
Toda a voſſa Naçaõ ſeu domicilio?

Naõ

* *Civitatem, & Sanctuarium diſſipabit populus cum duce venturo.... & in dimidio hebdomadis deficiet hoſtia, & ſacrificium; & erit in templo abominatio deſolationis; & uſque ad conſumationem, & finem perſeverabit deſolatio.*
Dan. cap. 9. v. 27.

Naõ vos achais em hum perpetuo exilio,
Sem ara, templo, offerta, ou Sacerdote? *
Naõ padeceis o miſero garrote,
Com que todo o Univerſo vos deſpreza?
Aonde eſtá o Rei, que tanto preza
Todo o voſſo Judá, que a Deos o implora?
Pois ſe deſde Jacob ſe vos melhora
A promeſſa divina, de que nunca
Falte o ſceptro a Judá, ſenaõ no tempo
Em que o Meſſias venha; † há tantos annos
Tendo-vos já faltado os Soberanos,

Como

* *Dies multos ſedebunt filii Iſrael ſine Rege, & ſine Principe, & ſine ſacrificio, & ſine altari, & ſine Ephod, & ſine Teraphim.* Oſee; cap. 3. v. 4.

† *Non auferetur ſceptrum de Judâ, & dux de femore ejus donec veniat qui mittendus eſt, & ipſe erit expectatio gentium.* Genes. cap. 49. v. 10.

O texto *Hebreo* em lugar de *Sceptrum* tem *Scevet*, que he o meſmo que *Virga*. Os R.R. pertendem que a palavra *Virga* ſignifique *tyrannia*, e naõ *Imperio Legitimo*; porem iſto he contra o ſeu meſmo *Talmud*, que dá a ſignificaçaõ de Sceptro ao vocabulo *Scevet*; e nunca ſe acha na *Biblia* com eſta ſignificaçaõ *Rabbinica*, ſenaõ quando ſe lhe ajunta o adjectivo, que a conduz para eſte ſignificado, como ſe vê no Pſalm. 11. v. 9. e em Iſaias, cáp. x. v. 5.

Quanto mais que ao meſmo texto *Hebraico* ſe ſegue a voz *Hebraica Mechokek*, que correſponde á palavra Latina *Dux*, que no ſentir do *Rabbino Kimchi* ſignifica o ſoberano, que eſtabelece leis, e exercita todos os actos de juſtiça, e o meſmo ſegue o *Rabb. Salomaõ*; com o qual fica tirada toda a duvida da palavra *Scevet*.

Em lugar do *femore ejus*, que tem a vulgata, tem o *Text. Hebreo De inter pedes ejus*; que confirma que eſte Reinado deduzido na Monarquia *Hebrea* nunca há de ſer tyranno em quanto naõ vier o *Meſſias*, porque ſempre ſe há de produzir o Principe da geraçaõ *Hebrea*. Eſta he a commua interpretaçaõ dos ſeus D.D. *O Thargo* verte: *A filiis filiorum ejus: Jonathano: de Semine ejus: Kimchi. De medio pedum ejus: o Talmud Jeroſolimitano: de filiis filiorum ortis ex ſemine ejus.*

Como inda duvidais, que neſte dia
Eſteja por cumprir a Prophecia?

Naõ tendes por certeza que do Tribu
De Judá ha de ter o naſcimento
Eſte voſſo Meſſias? Sempre attento
Naõ eſteve eſte Povo em pôr diſtinto
Eſte Tribu felîz neſta eſperança?
Havendo, pois, taõ horrida mudança
Nas voſſas geraçoens, onde preſume
A voſſa louca ideia, que ſe encontre
Eſte Tribu eſcolhido? Naõ tem pejo
A voſſa intelligencia, o voſſo eſtado
De ſeguir eſte ſordido deſejo
Depois de eſtar taõ roto, e embaraçado?
Além diſto naõ tem a gente Hebrea
Em David, em Daniel, Amôs, Oſea,
No genêſis, Micheas, e Iſaias,
Na ſapiencia tambem, e em Malachias,
Sinaes taõ evidentes dos progreſſos
Deſte eſperado Rei; que inda a maldade,
A inſolencia, a malicia, a iniquidade
Mal os póde negar? Se eſtes ſucceſſos
Com tanta diſtinçaõ ſe achaõ diſpoſtos,
Que ſó podiaõ ſer deſconhecidos
Do horror, ou da protervia dos ſentidos;

Pertendeis infamar-vos na cegueira
De negar huma lûz taõ verdadeira,
Que entre as ſombras de pérfidos abrolhos,
Se vos eſtá metendo pelos olhos?

A prophecia dîz diſtintamente
Que ha de tér em Bethlêm * o ſeu Oriente
O Meſſias: Que a Mãi hade ſer virgem: †
Que haõde adorallo Reis de eſtranhas terras: ‖
Que no Orbe ceſſaráõ todas as guerras: ‖‖
Que hade ter Percurſor o ſeu advento: ☾
Que terá de David o regio ſangue: (†)
Que appraſivel ſerá ſua doutrina: ‘l’
Terrivel a paixaõ, que lhe deſtina ♌
A enveja, ou o furor da Synagoga:
Que a Judas ſe daráõ trinta dinheiros ☞

Para

* *Et tu Bethlehem Ephrata parvulus es in millibus Juda: ex te mihi egredietur qui ſit dominator in Iſrael.* Mich. cap. 5. v. 2.

† *Virgo Concipiet, & pariet filium; & vocabitur nomen ejus Emmanuel.* Iſai. cap. 7. v. 14.

‖ *Reges Tharſis, & Inſulæ munera offerent: Reges Arabum & Saba dona adducent.* Pſalm. 71. v. 10.

‖‖ *Parvulus natus eſt nobis, & filius natus eſt nobis; & factus eſt principatus ſuper humerum ejus :::: Pater futuri ſeculi Princeps pacis.* Iſai. cap. 9. v. 6.

☾ *Ecce ego mitto angelum meum, & præparavit viam ante faciem meam.* Malach. cap. 3. v. 1.

(†) *De fructu ventris tui ponam ſuper ſedem tuam.* Pſalm. 131. v. 11.

‘l’ *Diſciplina pacis noſtræ ſuper eum.* Iſai. cap. 53. v. 5.

♌ *Non eſt ſpecies ei, neque decor, & vidimus eum; & non erat aſpectus.* Iſai. cap. 53. v. 2.

☞ *Et appenderunt mercedem meam triginta argenteos.* Zachar. 11. v. 12.

Para dallo à prizaõ: Que esbofeteado, ¶
Ferido, eſcarnecido, e condemnado
Da Crûz à morte infame: e nos madeiros §
Cravados pés, e maons, os ſeus veſtidos
Seráõ à ſua viſta repartidos: ∽
E que ao terceiro dia no ſepulcro.
Triumphante ſe erguerá da ſombra horrivel: *
Que luminoſo, eſplendido, impaſſivel,
Hirá ſubindo ao Ceô, cheio de gloria: †
E que a Corte do Empyreo ſe deleita,
Vendo o Filho aſſentado à maõ direita ††
Do Eterno Pai, vencendo deſta ſorte
O Inferno, a enveja, a noite, a culpa, a morte.

Pois ſe tudo ſe tem Verificado:
Se tem voſſos Maiores prezenciado
Tudo quanto os Prophetas vos diſſeraõ:
Se todas eſtas coizas ſuccederaõ
Muitos annos depois dos vaticinios:
Que intentos, que loucuras, que diſinios
Saõ eſtes de quereres que ſucceda

¶ *Ipſe autem vulneratus eſt propter iniquitates noſtras.* Iſai. cap. 53. v. 5.
§ *Omnes, videntes me, deriſerunt me.* Pſalm. 21. v. 8.
Foderunt manus meas, & pedes meos. Ibid. 17.
∽ *Diviſerunt ſibi veſtimenta mea.* Ibid. 19.
* *Nec dabis Sanctum tuum videre corruptionem.* Pſal. 15. v. 10.
† *Aſcendiſti in altum; cepiſti captivitatem; accepiſti dona in hominibus.* Pſal. 67. v. 19.
†† *Sede à dextris meis.* Pſal. 109. v. 1.

O que já ſuccedeu? Que ſe conceda
O que eſtá concedido? Por ventura,
Se hum Meſſias ſómente ſe procura,
Preſumîs que no Cêo eſtá diſpoſto
Que outro Meſſias venha ao voſſo goſto?

Combinando os Pagaons as prophecias;
E notando-as, depois verificadas
Com taõ claros ſucceſſos; inventadas
Entenderaõ que foraõ neſſe tempo
Pelos meſmos Chriſtaons: * neſte diſcurſo
Naõ pode conſeguir algum recurſo
A voſſa obſtinaçaõ; pois os Prophetas
Nas voſſas maons eſtavaõ; e os Doutores
Da voſſa meſma Lei ſaõ as melhores,
Mais firmes teſtemunhas, que defendem,
Com todos os impulſos da verdade,
De tanto annuncio a ſacra antiguidade. *

E ſe o Pagaõ naõ acha outra ſahida

Tam

* *Vidiſtis ita fieri, & tanquam prædicta ſint ſcripſiſtis.* Diziaõ os *Ethnicos* aos *Chriſtaons*, vendo cumpridas as prophecias: S. Aug. Serm. 62; vel 67. de Div.

* *Gens Judæorum reproba per infidelitatem, à ſedebis extirpata, per Mundum uſquequaque diſpergitur, ut ubique portet Codices Sanctos; ac ſi prophetiæ teſtimonium, qua Chriſtus, & Eccleſia prænuntiata eſt, ne ad tempus à nobis fictum exiſtimaretur, ab ipſis adverſariis proferatur; ubi etiam prædictum eſt ipſos non fuiſſe credituros.*

Div. Auguſt. Epiſt. ad Voluſian. 137. Edition. Benedict.

Tambem vós a naõ tendes: Concluida
Nos fique eſta diſputa; e comecemos
Já no terceiro ponto, que Hum, e Trino
He Deos: e ſe penetro, ſe examino
Tudo o que ha n'huma, e noutra natureza;
Vejo em toda eſta vaſta redondeza,
Da Trindade hum ſymbolico retrato:
Se deito a viſta ao Cêo, acho diſpoſta
Em trés Claſſes a Angelica eminencia;
E a meſma triplicada conſiſtencia,
De três choros tambem ſe vê compoſta:
Se paſſo ao campo ethereo, o melhor aſtro,
De luz, moto, e calor, o corpo anima:
Se mais algum compoſto o Cêo me intima,
A Terra, ou Ar, três partes nelle encontro:
Materia, forma, uniaõ: Inda os viventes
Em três cathegorias ſe dividem:
Homens, brutos, e plantas: Naõ decidem,
Com tudo, eſtes treslados eloquentes
O Trigono immortal, pelas diſtancias,
Que ha entre os accidentes, e as ſubſtancias.

Nem deveis empenharvos em trazerme
(Lhe diz o Hebreo) exemplos taõ diſtantes

Verumtamen caveat, ne hanc imaginem ita ei comparet, ut omnino exiſtiet Similem: Sed potius in qualicunque iſta ſimilitudine magnam quoque diſſimilitudinem cernat. Div. Auguſt. lib. XV. de Trinitate.

De hum ſer taõ ſuperior: Se convencerme
Quereis, talvêz, com maximas conſtantes,
Produzime a Eſcriptura: ella confirma*
Quanto a lûz me propoem, e a Lei me affirma:
Diz o Deuteronomio que attendamos
A' palavra de Deos; e logo adverte
Que eſte Deos he hum ſó: * Que impulſo inerte
Me fará conceber que he Hum, e Trino,
Depois deſta advertencia? O deſatino
Deſſes voſſos Doutores, por ventura
Tem mais authoridade, que a Eſcriptura?

Só com ella he quero argumentarvos;
Lhe torna o Peregrino: No Pſalterio
Naõ me podeis negar que houve myſterio
Em repetir três vezes continuado
O alto nome de Deos: † Se o repetirſe
Tres vezes n'hũa regra, eſta ſubſtancia,
Naõ he para tirarſe, ou deduzirſe
As tres Peſſoas de huma ſó Eſſencia;
Repetillo três vezes, redundancia

Se-

* *Audi Iſrael, Dominus Deus noſter, Dominus unus eſt.* Cap. 6. v. 4.

† *Benedicat nos Deus, Deus noſter; benedicat nos Deus, & metuent eum omnes fines terræ.* Pſal. 66. v. 7; & 8.

Tria repetitio nominis Helohim, ſive Dei non caret myſterio Sanctiſſimæ Triadis, quæ per Evangelium apud omnes populos innotuit.... uſurpatur ſingulare in verbo benedicat, & pronomine eum ob eſſenſialem unitatem: Plurale in nomine Helohim propter Perſonarum Trinitatem. Sic enim tres in Divinis Perſonæ in unæ conveniunt eſſentiæ. Geneb. in Pſalm. 66. v. 7.

Seria no Pſalmiſta, ou negligencia:
Dizello naõ podeis: Logo a verdade
Já vos moſtra o Myſterio da Trindade.

Nem cuideis que a noçaõ ſómente he minha:
Neſta ſagrada maxima convinha
A voſſa Syñagoga, quando eſtava
Com menos confuſaõ; * pois ſe chamava
A vóz do Empyreo a Deos três vezes Santo;
Sempre entendeu, ſem ſuſto, nem eſpanto,
Que eſte trêz vezes Santo, o referia
Tanto ao Pai como ao Filho, e ao Procedente:
Se a voſſa intelligencia ſe confia
Nos Doutores Hebreos, aſſim o ſente
O voſſo Rabbî Ibba: † Sem mudança
O dîz Rabbî Simeaõ: eſtes Doutores.
Saõ dos voſſos mais ſabios Profeſſores.

* *Bis in die, ſcilicet oriente, & occidente ſole, tam hæc Iſaiæ, vel potiùs ſeraphim verba, quam illa Moſis Deut. 6. 4.* juxta Hebraicum textum: *Audi Iſrael, Deus, Deus noſter, Deus unus eſt à quolibet Judæo quotidiè recitentur. Quod apud eos ad ſua uſque tempora perſeveraſſe aſſerit; nimirum ut ita perſonarum, Trinitatem cum Divinæ eſſentiæ unitate profiterentur.* A' Lapid. in Iſaiam, cap. 6. v. 1.

† *Veteres Rabbini ſic exponunt, ut R. ſimeon filius Joai: Sanctus, inquit, hic eſt Pater; Sanctus, hic eſt Filius; Sanctus, hic Spiritus Sanctus; teſte Galatino* lib. 2. cap. 1. apud A' Lapid. ſupra. Citat. & Genebrardus in fin. lib. 1. Chron. Veterem Rabbinum R. Ibba, qui dicit hos tres *Kados ideſt Sanctus, alibi vocari tria ſpecula, tria luminaria, tres ſupremos patres, principio, & ſine carentes, alibi vocari coronam, ſapientiam, & intelligentiam, alibi trio ladino deſignantia tres Jehova, ideſt tres perſonas Divinas.*

Idem A' Lap. loco ſupra citat.

Senaõ vos contentais com eſtes Meſtres,
Hum taõ douto darei, de tal conceito,
Que a Synagoga, cheia de reſpeito
Ficará, ſe he que chego a produzillo:
Eſte he o Author do Targo: Author taõ grande,
Que a Hebraica Naçaõ quer que ſe mande
Seu nome à eternidade, e repetillo
Naõ pode inda o Thalmud, ſem que notoria
Faça a ſua eminencia na memoria.

Já ſei que me allegais com Jonathano; *
Reſponde o Hebreo: Foi homem mais q̃ humano:
E ſe acaſo elle diz o que diſſeraõ
Os outros dois Rabbinos; daqui digo
Que as minhas objeçoens ſe ſuſpenderaõ:
Deſde hoje, ſe elle o diz, a Roma ſigo,
Deſamparo o Thalmud, e alegre approvo
Tudo o que achar no Teſtamento novo.

O grande Jonathano ſe fallaſſe
Deſſe myſterio taõ preciſamente,
Nem huma vóz ſe quer da noſſa gente

Seria

* *Jonathano* He o Rabbino mais venerado entre os Hebreos. O ſeu meſmo Thalmud lhe dá huma grande veneraçaõ no Codex *Bava-Batra*, cap. 8. pag. 134. Foi *Jonathano* filho de *Huziel*, e os *Hebreos* o fazem Coetaneo dos Prophetas *Aggeo*, *Zacharias*, e *Malachias*; dos quaes na ſua mocidade recebera a *Lei Oral*; e que na eſchola do famoſo *Hillel* foi condiſcipulo do grande *Rabbino Joaõ*, filho de *Zaccai*; em fim elle he reputado na Synagoga pelo primeiro, depois dos Patriarchas, e Prophetas.

Seria verosimil, que o negaſſe:
Quando o dizeis eſtais n'algum lethargo,
Porque ſei que a Paráphraſe do Targo,
Da Trindade naõ falla, antes intenta
O Thalmud na doutrina, que ſuſtenta,
Fundado em Zacharias, que eu naõ tome
Mais q̃ hum Deos, que he hũ ſó; hũ ſó ſeu nome. *

O Eſcriptor, que o aſſevera he Galatino; †
Reſponde ao Hebreo o Sabio Peregrino:
Homem maior, que Jonathano: illuſtre
Por doutrina, coſtumes, e advertencia:
E ſenaõ quereis darlhe a preheminencia
Por ſer Author Chriſtaõ; ſerá forçoſo,
Que eu me atreva a dizervos que ſabia
Tanto, ou mais, do que vós, a Theologia
Do Targo, e do Thalmud: ſe as Polyglottas, *
Se o Thalmud, e ſe o Targo naõ produzem
De Jonathano o explicito Triſagio;
Todos eſtes ſilencios naõ induzem

Que

* *Erit Dominus unus; & erit nomen ejus unum.* Zach. cap. 14. v. 9.

† *Pedro Galatino*, Religioſo obſervantiſſimo de *S. Franciſco*, e doutiſſimo Theologo compôz hum livro que intitulou de *Arcanis catholicæ veritatis in Hebraicis libris, præſertim in Thalmud inventis.*

* *Galatino*, que viveu no ſeculo decimo quinto, affirma que nas *Biblias* de impreſſaõ mais antiga ſe achava a traducçaõ de *Jonathano* explicada com o *Triſagio* de *Iſaias* pelo modo, que temos referido, e aſſeſta que elle o vira, de que ſe ſegue que o naõ acharſe hoje nas *Biblias Hebreas*, foi pela ſupreſſaõ, que lhe fizeraõ os *Rabbinos modernos.*

Que elle o naõ eſcreveſſe: eſte naufragio
(Vénia me permitti para dizello)
Eſta calamidade, eſte flagello,
Deſtes, e outros eſcriptos, a perfidia
Dos voſſos proprios Meſtres lho cauſaraõ:
No torpe eſquecimento os ſepultaraõ,
Sem outra culpa mais, que a claridade,
Com que expunhaõ as luzes da verdade.

Más já, nem Jonathano, ou Galatino,
Nem Ibba, nem Simeaõ, quero allegarvos:
Author vos quero produzir agora,
Que naõ contradicteis: Póde informarvos
Com tóda a ſegurança a luz, que adora
Voſſa meſma Naçaõ? Pois o que allego
He naõ menos que o authentico volume
Do grande Texto Hebreo: Talvez preſume
Deſordenallo o voſſo arrojo cego?
Imagino que naõ ſe atreva a tanto:
Convertei em obſequio o voſſo eſpanto.

Falla Moyſes da criaçaõ dos Orbes,
E que Deos no principio he que os criara:
Do *Helohim*, que he dicçaõ expreſſa, e clara;
Que ſignifica *Deoſes*, uſa o Texto:
E tambem de *bará*, que correſponde
Ao ſingular do verbo: eſte ſentido,

Do

Do Hebraico fielmente traduzido,
Nos faz: *Deoſes criou o Ceo, e a Terra:*
Se huma peſſoa ſó o Verbo encerra,
Como o caſo tem mais? * Heis de dizerme
Que Moyſes na grammatica delira,
Ou naõ podeis deixar de conçederme,
Que deſte meſmo Oraculo ſe tira
Que o ſingular do Verbo moſtra a eſſencia,
E o plurar das peſſoas hum Deos Trino;
Pois naõ póde haver mais no ſer divino:
Mais naõ; porque no Filho, e Procedente
Toda

* Alguns *Hebreos*, fundados na authoridade do *Rab. Aben-hezra*, pertendem que o nominativo no ſingular e o Verbo no plurar hé phraſe peculiar da lingua *Hebraica*. Mas *S. Jeronymo* obſervou depois de huma grande meditaçaõ ſobre a propriedade deſta lingoa, que ella naõ uſa de ſemelhante phraſe; e que ſempre denota hum grande myſterio eſte modo de fallar, ou que debaixo delle ſe occulta alguma myſterioſa ſignificaçaõ; e no *Beraſcith Ketana* ſe lê: *Niſi hic ſermo ſcriptus fuiſſet, non licuiſſet dicere: Creavit Elohim.* O meſmo tem *Moyſes Hadar*, e outros *Rabbinos*, allegados por *Gallatino* lib. 2. cap. 9. e por confiſſaõ dos *Rabbinos* mais antigos, eſta phraſe do verbo no plurar, e o nominativo no ſingular naõ he propria, e natural da lingoa *Hebraica*, mas ſempre indûz o ſegredo de alguma ſignificaçaõ occulta. Com eſte meſmo texto coincidem outros muitos, que ſe achaõ no Teſtamento velho, como aquelles do Geneſis: *Faciamus hominem; & creavit Deus hominem. Deſcendamus, & confundamus linguam eorum; Deſcendit Dominus. Apparuerunt Dii: Fac tibi altare Deo, qui apparuit tibi:* e o do cap. 23. de Jeremias: *Pervertiſti verba Deorum viventium: Verba Domini exercituum, &c.* Interpretaõ os *Hebreos* que o *Deſcendamus*, e o *Faciamus* ſaõ modos de fallar, competentes à Mageſtade Divina, a cuja imitaçaõ coſtumaõ fallar tambem no plurar os Monarcas da terra.

Theadoreto na Queſt. 21. *in Geneſ.* dá a eſta objeçaõ huma boa reſpoſta: *Si Deus propter auctoritatem, ac majeſtatem de ſe loquatur in plurali, opportuiſſet eum ita loqui, vel ſemper, vel ut plurimum, præſertim cum legem daret in Sina,*

Toda a fecundidade Omnipotente,
Que chamamos *ad intra*, alli ſe acaba:
Menos naõ, porque em ſeio, taõ profundo,
Deve lograrſe o immenſo no fecundo,

Eu naõ ſei que vos diga: grande força
(Lhe diz o Hebreo) me faz eſſe argumento:
Mas naõ póde alcançar o penſamento
A lûz, com que o Myſterio ſe illumina;
Nem póde reduzirme alguma inſtancia
A que eu veja; e a que eu creia a repugnancia.

Duvidais (diz o Herôe) que o Filho, ſendo
Gerado pelo Pai; e procedendo
De ambos o Santo Eſpirito, ſe igualem
No tempo, e no podêr: e que huma eſſencia
Tenha a ſua inſondavel ſubſiſtencia
Em tres iguaes Peſſoas: Sei que ao humano
Diſcurſo excede taõ divino arcano:
Mas ſe tiveſſe nelle algum imperio,
Naõ deixaria entaõ de ſer Myſterio?

Como quereis que a miſera fraqueza
Da voſſa intellecçaõ ſuba à grandeza
De taõ excelſa lûz; ſem que a ſubida
Se veja em tanto aſſombro ſubmergida?

Para

Para crêr o Myſterio da Trindade,
Primeiro ſe ha de crêr a Divindade;
E o advento do Meſſias: ſe vós crêres
Em tanta prophecia, que a Judea
Já vio verificada; a voſſa idea,
Sem mais outra razaõ, outro luzeiro,
Vos dirá que o Myſterio he verdadeiro;
Baſta a razaõ, e a lûz, que naõ periga,
De que Deos o revella; e Deos o diga.

Se o Meſſias he Chriſto, e he Deos, e homem:
Se elle he toda a eſperança dos Prophetas:
Se naõ podeis negar que eſtaõ completas
Todas as predicçoens no ſeu advento:
Nem myſterio, nem lei, nem ſacramento
Negar tambem podeis; pois Elle o enſina;
Elle o diz; o diſpoem, o determina:

Em tudo que nos move, e nos explana
He certo que naõ mente, nem engana;
Pois implica que hum Nume taõ glorioſo
Chegaſſe a ſer, ou falſo, ou mentiroſo.

E para que entre nós mais firme ſeja
Taõ alto reſplandor, à ſua Igreja
O quiz deixar impreſſo: o Mundo todo

Se

Se eſclareceu com elle: deſte modo
A razaõ cede à lei: cede o diſcurſo
A' palavra divina: eſte concurſo
Naõ ſerve de exemplar à Synagoga:
O myſterio deſpreza, a lei derroga:
Para moſtrar nà pérfida efficacia
A ſua antiga, e indocil contumacia.

Se me deſſeis agora algum exemplo,
Que melhor o Myſterio me explicaſſe
(Ao Herôe diz o Hebreo, quaſi rendido)
Talvêz que me deixaſſem perſuadido
Tantas inſtancias, como tendes feito:

Bem que vejo naõ póde declararſe
O Portento n'alguma ſemelhança;
O Peregrino diz: * Verei ſe poſſo,
Inda que ſeja n'hum exemplo groſſo,
Qual póde permitir huma potencia,
Taõ fraca, como a noſſa intelligencia,
Moſtrarvos do Myſterio o ſer divino,
Como a imagem no eſpelho criſtalino.

Vede-

* *Secretum Trinitatis, nec ullis viſibilium, nec inviſibilium creaturarum potuit inveſtigare natura:* Hormiſd. Papa in Epiſt. ad Juſt.

Impoſſibile eſt generationis Verbi Divini Scire Secretum: meus defecit, non ſilet. Div. Ambroſ. *de Fide*, Cap. x.

Quænam tandem vis intelligendi, quæ vivacitas rationis quæ acies cogitationis oſtendant, quomodo ſit Trinitas? Div. Aug. *de Trinitat.* Lib. xv. Cap. xvi.

Vede-vos n'hum eſpelho: ao meſmo inſtante
Naõ reſulta huma imagem ſemelhante
Em tudo a vós no diaphano compoſto?
Hum intrinſeco affecto, hum grande goſto
Naõ ſe produz tambem deſte reflexo?
Pois aſſim vendo Deos a ſua imagem
Em ſi meſmo, gerou no meſmo ponto
Outro igual a ſi meſmo: e deſte affecto
Se produzio o eſpirito complecto
Igual tambem a Ambos: Sendo tudo
No meſmo tempo, e inſtante reflectido,
Tudo gerado, tudo produzido.

Porém notai aqui huma diſtancia:
Em tudo o que Deos houve, foi ſubſtancia;
E tudo o que em nós há, hé accidente
De hum raio inflexo, de hum criſtal luzente:

O exemplo (diz o Hebreo) defata as ſombras
Tanto no meu diſcurſo, que naõ tenho
Na minha intellecçaõ maior empenho,
Que confeſſar o engano, em que vivia:

Vendo o Turco que o Hebreo já ſe rendia,
Naõ ſe pode apartar deſte dictame:

Agora falta proſeguir no exame
(Lhe diz o Peregrino) da Colonia,

Que

Que hoje aquî vos produz, e aquî celebra
O impulſo eſcandaloſo de Ginebra.
O Rabbino, que a gente Viſitava
Tambem da Povoaçaõ, acompanhava
Com Mahumed ao Herôe: em tempo breve
A' Cidade chegaraõ: Do primeiro
Miniſtro, onde a doutrina tem o auxilio,
Entraraõ no ſoberbo domicilio,
A tempo que na pompa de huma ſala
Entre hum grande congreſſo ſe aſſinala
Na eloquencia, e nas duvidas, que explica:
Toda aquella Aſſambleia ſe amplifica
Em varias opinioens: Huns de Luthero,
De Calvino outros tem o dogma oppoſto:
O Miniſtro pretende achar a emenda
Nas ſuas direcçoens deſta contenda.

Os hoſpedes recebe com agrado;
E depois já de ter manifeſtado
Toda a ſua doutrina, o Herôe lhe pede
Licença para exporlhe o que duvîda
Na meſma expoſiçaõ: elle a concede:
Com os raios do eſpirito convîda
A que fique o ſilencio do concurſo
Naquelle obſequio, que o reſpeito lavra,
Ou ancioſo, ou pendente da palavra.

TRI-

TRIUMPHO DA RELIGIÃO

Poema Epico-polemico.

LIVRO VIII.

Contra o Lutheraniſmo, e Calviniſmo. *

TOmando a coiza deſde o ſeu principio,
O Peregrino dîz: Darme heis licença
Que eu vos traga à memoria, ſem offenſa
Da voſſa erudiçaõ, a injuſta cauſa,
Que voſſo Meſtre, ou que Luthero toma
Para impugnar as maximas de Roma.

Orgulhoſas as armas Mahometanas
Com as victorias, que lhes dava a Perſia,

* No exordio deſte livro ſe moſtra a Origem deſtas duas Seitas.

E a conquiſta de Rhodes, * ſe temia
Talvêz o Vaticano, que viria
O meſmo inſulto à Italia: Governava
Leam decimõ com ſuſto vigilante
O leme do Navio Militante;
E para prevenir eſte receio,
Com repetido ardor, recorre ao meio
De perſuadir a toda a Chriſtandade
O perigo commum: à dignidade
Do rogo ajunta o premio da Indulgencia:
Abre do Santo Erario a providencia:
Com huma Bulla a guerra ſantifica,
E às Potencias Chriſtans a communica.

Na Alemanha foi della Commiſſario,
De Moguncia o Arcebiſpo: era ordinario
Que os Sabios Eremitas de Agoſtinho
Annunciaſſem no pulpito o caminho
Do Ceô com eſte indulto: No reſpeito,
Com que a Luthero Vitemberga illuſtra,

Ti-

* *Solymaõ*, *Imperador dos Turcos*, depois de fazer huma grande irrupçaõ na *Hungria*, e conquiſtar nella muitas praças, poz ſitio com mais de 200U homens à Ilha de *Rhodes* no anno de 1523: os Cavalleiros de S. Joaõ de Jeruſalem a defenderaõ com grande valor, e com grande eſtrago dos ſitiadores; mas o ſeu grande numero lhes deu a victoria. Daqui paſſou *Solymaõ* à Perſia, e depois de conquiſtar muitas Provincias naquelle Imperio, ſe coroou Rei delIas em *Babilonia*; ſem oppoſiçaõ do *Sophi Thomas* q̃ ſempre ſe deſviou de ſe encontrar com os *Turcos*. Eſta felicidade das ſuas armas, he que cauſou o receio *à Igreja*; e produzio a *Bulla da Cruzada*, que mandou promulgar o Papa *Leam decimo*.

Tinha formado hum ſolido conceito
Que a Bulla lhe dariaõ ; porém fruſtra
Eſta ideia o rumor, que eſtava dada
A *outro Nuncio* † a Bulla da Cruzada.

Impaciente ficou deſta noticia:
De huma enveja mortal toda a malicia
Seu peito conſumio; e o deſafogo
Da torpe chama, do violento fogo
Foi dizer que a Indulgencia era hum engano
Huma illuſaõ de Roma, hum meio inſano,
Em que encobria, com hum ſanto intento,
Da ambiçaõ o perverſo penſamento.

Fêz em toda a Cidade hum grande ruido
Eſta propoſiçaõ; e era o partido
De Luthero nas Aulas numeroſo:
Com hum Breve de Roma foi forçoſo
Que deſſe conta deſta torpe injuria
Ante o Legado, que adoptava a Curia
Nas Cidades do Imperio: Sem certeza
Reſponde à accuſaçaõ, e ſegue a empreza
Ao depois de esforçar o ſeu abſurdo:

† Deu-ſe a *Joaõ Teſtzelio*, ou *Teſtzel* frade *Dominico*, e famoſo na quelle tempo pela ſua concionaçaõ, letras, e virtudes.

Em Leipſigh no combate de Joaõ Ecchio *
Acabou de moſtrar a contumacia:
Reſolveu finalmente a ſua audacia
A deſcobrir a maſcara: O primeiro
Enſaio deſte arrojo foi o eſcrito,
Ao qual o nome deu de *captiveiro*
Babilonico, cheio de hum precito
Furor, tomando nelle a authoridade
De ſer reformador da Chriſtandade.

Aqui negou que havia Purgatorio:
Deſprezou todo o impulſo meritorio:
De Chriſto o Sangue, e a Fé, ſem penitencia,
Dizia ſer baſtante ſegurança
Para alcançar a Bemaventurança:
Que na Meza Sagrada eſtava o Corpo,
E o Sangue com o paõ, e com o vinho:
Que a vontade naõ tinha algum caminho
Que elejer: Que era o culto das Imagens
Idolatria explicita: Que a Igreja
Prevaricada eſtava nos abuſos:
Que os Papas eraõ ſó Biſpos intruſos:
Das Chaves o podêr, que o naõ havia,
Que a Tradiçaõ canonica naõ era

Mais;

* *Joaõ Ecchio* era o Eſcripturario mais eminente da quella idade: apertou de ſorte a *Luthero*, que naõ teve que reſponder: envergonhado, e irritado, ſe reſolveu a deſcobrirſe, fiado no patrocinio do *Duque de Saxonia*.

Mais, do que huma invençaõ, e huma quimera.

Todos eſtes delirios ſe prégavaõ
No tempo, em que os eſpiritos clamavaõ *
Do Clero contra algumas impaciencias:
Ouviaõ-ſe com goſto as inſolencias,
Que as vozes de Luthero encareciaõ:
Da meſma ſorte os Principes ouviaõ
Pelo intereſſe proprio, algum pretexto
De ſacudir o jugo, que o dominio
De Carlos tinha poſto no deſinio
Da ſua rebelliaõ; † mas a batalha
Do Elba, †† deſconcerta eſte refugio,
Que Luthero encontrava, e os mais Sectarios

* Naõ ſe póde negar que era grande a corrupçaõ de coſtumes no Clero de *Alemanha*; e por eſtarem os Seculares irritados contra o ſeu procedimento foi hum dos maiores motivos para ſe ouvirem com alvoroço as novas doutrinas de *Luthero*. Os Concilios de *Piza*, e de *Conſtanza* tinhaõ clamado por eſta reforma Eccleſiaſtica. *Joaõ Gerſon* Cancellario de *Paris*, e famoſo entre os faſtos da *Igreja* fêz ſobre eſta materia huma vehemente oraçaõ ao Concilio de *Piza* diante do *Papa Alexandre V.* o Cardeal *Pedro de Ailli*, Arcebiſpo, e Principe de *Cambrai* ſeguio os clamores deſte ſeu veſtre; e naõ foraõ menores os que expoz o Cardeal *Juliaõ* ao *Pontifice Eugenio Quarto* na ſua 1. Epiſt; que vem entre as obras de *Eneas Silvio* pag. 66. Veja-ſe o que diz o Senhor *Boſſuet* na ſua Hiſt. *das Variaç. das Igrej. Proteſt. no encad. do livr.* 1.

† Eſtes Principes, que para ſacudirem o jugo do dominio *Imperial* pretextavaõ a rebeldia com a Religiaõ, eraõ os principaes, *Joaõ Frederico Duque, e Eleitor de Saxonia*; *Philippe Lantgrave de Heſſe*; o *Conde Palatino*, e outros *Dynaſtas* menos poderoſos a quem ſeguiaõ muitas Cidades de grande conſideraçaõ, como *Auguſta*, *Ulma*, *Argentina*, *Francfort*, *Lubech*, *Brema*, *Brunſvich*, *Hamburgo*, *Norimberga*, *Norlingh*, *Rotemburgh*; e outras.

†† Chegaraõ em fim a tomar as armas contra o ſeu meſmo Imperador

Nas Cortes deſtes Principes: A varios
Reinos, clymas, Provincias, e diſtritos
Se acolhem, como miſeros proſcritos
De huma decreto Imperial: Oſiandre a Pruſſia
Procura: Ochino vai para Ginebra;
Para a Helvecia Zvvingle, e Oecolampadio;
De Luthero ſe aparta Carsloſtadio, *
Com nova expoſiçaõ, de que na Ceia
Só exiſte do Corpo, e Sangue a ideia.

Divide-ſe a reforma em dois partidos:
Já todos ſe combatem defunidos:
Huns ſe chamaõ nos perfidos enganos,
Sacramentarios, outros, Lutheranos.

Ap-

Carlos V; e aviſtando-ſe os exercitos de *catholicos*, e *herejes* junto do rio *Elba* ſe deu a batalha em que ficaraõ vencidos os *Lutheranos*, e priſioneiro a ſua maior cabeça, qual era o *Duque de Saxonia*: *Carlos* lhe deu ſentença de morte; mas ainda que ao depois lhe concedeu a vida pela ſua grande piedade, e pela interceſſaõ de alguns grandes ſenhores ſeus parentes, e de *Sibylla* ſua mulher, o deixou de ſorte, que naõ pôde continuar o patrocinio aos ſectarios de *Luthero*; cujo ſucceſſo fez tambem render o orgulho do *Lantgrave*, ſogeitando-ſe aos artigos, que lhe impos o *Impetrador*: eſte proſcreveu os Miniſtros *Lutheranos* do Imperio com hum *edito Imperial*; e aſſim ſe eſpalharaõ todos por diverſas Provincias.

* *André Carsloſtadio* ſe deſgoſtou com ſeu Meſtre *Luthero*, o que deu motivo a apartar-ſe da ſua doutrina, e para a combater no mais principal, negou-lhe q̃ o Corpo, e Sangue de Chriſto eſtiveſſe com o paõ e vinho na *Euchariſtia*, mas que ſó eſtava á figura, e naõ a realidade do Sangue, e Corpo de Chriſto: *Carsloſtadio* naõ tinha deſtreza para ſuſtentar eſta opiniaõ, ainda que foi o *Author della*, tendo talvez alguma noticia do que tinha dito *Berengario*, que foi o primeiro que a levou; porém *Zwingle* ſe aproveitou deſta ideia, e com os ſeus artificios inſtituio a hereſia nova dos *Sacramentarios* taõ inimigos dos *Lutheranos*, como os meſmos *Catholicos*, em que por muitos tempos tiveraõ repetidos, e vergonhoſos combates.

Apparece Calvino neſte tempo, *
E inclina-ſe ao conceito da figura:
Com deſpenho correo a Seita impura:
Como ſe foſſe rapida torrente
Innunda toda a Olanda de repente,
Polonia, e Dinamarca: paſſa a França:
Nella executa a tragica mudança,
Que padeceu no impulſo arrebatado
De Franciſco ſegundo o Principado, †
Sem que em tanto oppreſſaõ a modifique
O nono Carlos, e o terceiro Henrique.
Naõ quero ponderarvos os coſtumes
Deſtes primeiros Meſtres; os volumes
Dos voſſos Eſcriptores nos informaõ
Da horrenda corrupçaõ dos ſeus progreſſos:
Vos podeis advertir ſe eſtes exceſſos
Saõ dignos de huma luz, em que ſe veja
A miſſaõ, e a reforma de huma Igreja.

Nem taõ pouco pertendo dilatarme
Em todas as queſtoens, que tendes feito

* *Joaõ Calvino* natural da *Picardia*, bem conhecido pelos deſturbios ue cauſou em *França*: tomou huma nova ideia entre o diſcurſo dos *Luheranos*, e *Sacramentarios*.

† *Franciſco* 2. *Carlos* 9. *Henrique* 3. *filhos de Henrique* 2. *e da Rainha atharina de Medices*: em cujos tres Reinados ſuccederaõ as guerras Ciis *de França* cauſadas pela hereſia dos Principes *de Condé*, *de Garpar de oligni*, e de outros ſenhores *Francezes* até a abjuraçaõ, que fez *Henrique uarto*, o grande, a qual deu o Reino à Caſa de *Bourbon*.

Para firmar o heretico conceito:
Aos pontos principaes quero cingirme,
Vede se eſtes ſeraõ: *O Purgatorio,*
A Juſtificaçaõ, a Penitencia
A Tradiçaõ, a Miſſa, a Reverencia
Das Imagens, a Invocaçaõ dos Santos,
Os Sacramentos; e poder das Chaves?

Os artigos mais ſerios, e mais graves,
Que ha nas noſſas queſtoens (diz o Miniſtro)
Saõ eſſes que dizeis: Só na Eſcriptura
Aceitarei a prova: Conjectura
Naõ hei de conſentirvos: Se moſtrares
Da pagina divina entre os lugares,
Algum, que o Purgatorio tenha pronto,
Largo a diſputa do primeiro ponto.

Eu tenho em S. Matheos lugar expreſſo,
Acode o Peregrino: Pois affirma *
Que ha peccado em que o indulto naõ ſe admitte,
Nem neſta, ou na outra vida ſe remitte:
E ſe ha peccado, que ſe naõ perdoa
Depois da morte, conſequencia he boa,
Que depois della, póde haver peccado,
Que mereça perdaõ: Se coinquinado
Ninguem entra no Cêo, ſerá forçoſo

Que

* *Qui autem dixerit contra Spiritum Sanctum, non remittetur ei neque in hoc Sæculo, neque in futuro.* (cap. 12. v. 32.

Que ſe dê no outro Mundo algum diſtricto,
Em que poſſa expiarſe eſte delicto.

O Apoſtolo nos dîz que o excelſo nome
Se adora de Jeſus, inda no Inferno: *
Naõ podeis conceber no fogo eterno
Taõ pia adoraçaõ; logo he notorio
Que eſte Inferno ha de ſer o *Purgatorio*:

Eſſe nos dîz tambem que pela chama †
Ha de haver ſalvaçaõ: na que ſe inflãma
Com ſupplicio immortal, naõ póde havella,
Logo ſerá preciſo concebella
Noutro fogo diſtinto: No ſegundo
Livro dos Machabeos, expreſſamente
Tendes eſte lugar, que ſe duvida: ††
Neſſa ſomma de prata remetida
Por Judas à Cidade, e deſtinada
Dos mortos ao ſuffragio, eſtá provada
Toda a noſſa queſtaõ: Eu me rendera
(Dîz o Miniſtro) ao Texto, ſe tivera
Por Canonico o Livro: Envergonhaivos

(Lhe

Ut in nomine JESU omne genu flectatur, Cæleſtium, terreſtrium, & infernorum. ad Philip. cap. 2. v. 10.

Unuſcujuſque opus, quale ſit, ignis probabit.... ſi cujus opus arſerit, detrimentum patietur, ipſe autem ſalvus erit; ſic tamen quaſi per ignem. 1. ad Corinth. cap. 3. v. 14. & 15.

† *Sancta ergo, & ſalubris eſt cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis ſolvantur.* cap. 12. v. 43. & 46.

(Lhe diz o Herôe) de expôr eſſe conceito:
Pois ſenaõ tem Luthero o livro aceito,
Foi porque nelle achava taõ diſtinto
O lugar, que negou: Que authoridade
Teve Luthero para intentar o arrojo
De pertender na Biblia eſte deſpojo?
Elle meſmo confeſſa na diſputa
De Leipſigh, que ha na Biblia o Purgatorio;
E que a alma em ſeus miſeros contagios *
Deve ſer ſocorrida com ſuffragios.

Paſſemos ao outro ponto de mais força:
A *Juſtificaçaõ*, que o homem leva
Da culpa para a graça; a enreda tanto
A voſſa confuſaõ, que ſe levanto,
Neſta diſputa as duvidas, que a cercaõ,
Entraria n'hum cego labyrinto;
Por iſſo hirei ſómente ao mais diſtinto.

Eu digo que a juſtiça inhere a alma,
Vós dizeis que ſe imputa: Aſſim o affirma
(Diz o Miniſtro) a confiſſaõ de Auguſta: **
Fun-

* *Credo fortitèr, imò auſim dicere, ſcio Purgatorium eſſe: facilè perſuadeor ut in Scriptura de eo fieri mentionem ..... ego nihil de Purgatorio novi nîſi animas ibi pati noſtris operibus, & orationibus juvandas.* Luther. in Diſput. Lips. 8. Julii, 1519.

** *Item docent quod homines non poſſint juſtificari coram Deo propriis viribus .... & peccata remitti propter Chriſtum qui ſua morte pro noſtris peccatis ſatisfecit .... Hunc fidem imputat Deus pro juſtitia coram ipſo.* In confeſſion. Auguſtan. art. 4. *de Juſtificat. homin.*

Funda-ſe em que ſeria ideia injuſta
O conceber em nós eſſa *juſtiça*,
Que a Chriſto ſó ſe deve: accuſa Paulo
Ao Judeo de que a ſua ſó procura
E à de Chriſto naõ olha; * elle aſſegura
Que ſó Chriſto he que a tem; e em nós a ordena:
Que a *adopçaõ*, que nos fêz ſó conceberſe
Pode extrinſecamente: Que hum veſtido
A *juſtiça* nos foi pelo ſentido
Do meſmo Paulo; e aquillo, que ſe veſte
Naõ póde ſer intrinſeco: Se accuſa
O Apoſtolo (reſponde o Peregrino)
Ao Judeo, he ſómente o deſatino
De entender, que dos ritos a obſervancia
O poderá ſalvar, ſem a conſtancia
Da Fé do Redemptor: ſe Elle *juſtiça*
Se chama para nós, tambem a noſſa
Reſſurreiçaõ ſe chama, e deſta ſorte
Imputada tambem depois da morte
Nos fora; e ficaria o novo eſtado
Nʰhuma apparencia ſó reſuſcitado:
Se quem fâz a *adopçaõ*, talvez podera
Fazella *filiaçaõ*, elle a fizera:
Deos a póde fazer; logo caduca
A voſſa ſemelhança; e juntamente

A

* Ad Rom. cap. 10.

A *do veſtido extrinſeco*: Prezente
Preſumo que eſtareis tambem nos Pſalmos?
Nelles ſe acha que Deos da *fortaleza* *
Se veſte; e naõ direis que eſta firmeza
Extrinſeca ſe fâz: Notai da alma,
E do corpo a diſtancia, e entaõ veremos
Se encontrais ſemelhanças nos extremos.

Eſcuſarei agora de advertir-vos
Os Textos, que podera produzir-vos
Para provar a *graça*; e que a *juſtiça*
He *inherente* a alma: Paſſo às *obras*,
Com que ella ſe conſegue: A *Fé*, ſem ellas
(Dîz o Miniſtro) baſta: Quereis vêllas
Na Eſcritura eſcuſadas? Lede a Paulo,
Que eſtá ſempre affirmando em varios Textos,
Que o homem com a *Fé* ſe juſtifica
Sem as *Obras* da lêi: † E quem ſe implica
(Diz o Herôe) de que o Apoſtolo naõ falla
Dos ritos, que propunha a ſynagoga?
Outro Apoſtolo dou, que vos derroga

Eſſa

* *Indutus eſt Dominus fortitudinem, & præcinuit ſe.* Pſalm. 92. v. 1.

† *Arbitramur hominem juſtificari per fidem, ſine operibus legis.* Ad Roman. cap. 3. v. 28.

Non juſtificatur homo ex operibus legis, niſi per fidem JESU Chriſti. Ad Galat. cap. 2. v. 16.

Concordaõ com eſtes textos os da Epiſt. ad Epheſ. cap. 2. v. 8 ad Philipp. cap. 3. v. 9. ad Tit. cap. 3. v. 5.

Essa ideia; pois diz que está defunta,
Sem as *obras*, a *Fé*: † Jacobo o disse:

Na refórma esse Texto naõ se aceita
(Reconvem o Ministro) e se o regeita
He por naõ ser Canonico: Luthero
O separou da Biblia: Com que causa,
Acode o Herôe? Quem deu ao vosso Mestre,
Metido n'hum escandalo terrestre,
Privilegio, ou poder, para que ousado
Despreze o mais sublime, o mais sagrado?
Mudai de soluçoens; porque indeciso
O obsequio naõ deixeis no vosso juizo:
Em havendo algum Texto que condemne
Da reforma os delirios, he bastante
Que diga o vosso Mestre: *Naõ aceito*
Esse Texto; inventando-lhe o defeito
De que naõ he canonico? Suppondes
Que póde consentirse este recurso?
Que homem se póde achar d'algum discurso
Que naõ se ria, e zombe deste asylo?
Se a controversia admitte hum tal estylo,
Que lugar, ou que pagina segura,
Encontrar já podemos na Escriptura?

Vamos à *Penitencia*: Por abuso

Na

† *Sicut enim corpus, sine spiritu, mortuum est, & fides, sine operibus, mortua est* cap. 2. v. 26. no m.º cap. se achaõ mtos. textos conformes a este, e q. provaõ o m.º e destroem os atras citados, pois naõ se entendem da fa. q. o t. q. [illegible]

Na fé Romana a tem os Calviniſtas;
Continua o Miniſtro: elles aſſentaõ
Que todos os ſeus filhos ſe alimentaõ
Na *Predeſtinaçaõ*; e que naõ póde
Haver peccado algum, que lha incommode;
Pois nenhuma protervia contamina
A meſma filiaçaõ, que os predeſtina.

O Lutherano diz que a *Penitencia*
He hum terror ſómente da conſciencia
Na reflexaõ da culpa: * Deos a abſolve: **
E com eſta repoſta ſe diſſolve
A voſſa *confiſſaõ*; pois naõ ſe achando
Na Biblia tal preceito; quanto à culpa,
He odioſa obſervancia o preferilla
A quem naõ tem poder de remitilla.

De Jacobo na Epiſtola bem clara
(Lhe adverte o Peregrino) e bem expreſſa
Tendes a *confiſſaõ*: † De que ſervia

Ter

* *Apud Lutheranos duæ ſtatuuntur propriæ, & eſſentiales partes pœnitentiæ, contritio, & fides: Contritio ſunt terrores conſcientiæ incuſſi à lege agnitô peccato, & ira Dei; Fides conſcientiam iterum conſolatur, dum territus firmiter credit ſibi remitti peccata propter Chriſtum.* Pichler tom. 2. de Theol. Polem. Artic. 4. *de Sacram. Pœnit.* §. 21.

** *Sciendum 2. ſectarios aliquos, nempe Calviniſtas, penitus abominari hanc peccatorum coram Sacerdote confeſſionem.* Calvin. lib. 3. Inſtit. cap. 4. §. 19. *Alios verò nempe Lutheranos .... docent, abſolutè ſufficere ſiquis ſoli Deo confiteatur ſua peccata.* Id. Pichl. §. 3.

† *Confitemini alterutrum peccata veſtra.* cap. 5. v. 16.

Ter dito Chriſto a Pedro, que *ſeria*
Ligado tudo aquillo, que ligaſſe, †
E ſolto tudo aquillo, que ſoltaſſe,
Se Lei a *confiſſaõ* naõ produziſſe?

Entremos noutro ponto: Se adverтiſſe
Em tudo o que naõ póde defenderſe
Eſta voſſa reſórma, conhecerſe
A ſi meſma podera; e naõ negara
Tambem a *Tradicçaõ*: Conſtante ampara
As palavras da Biblia; e naõ recebe
Tudo o mais, que na Igreja ſe concebe!
Dizeime: qual he a cauſa porque à Biblia
Tanto credito dáis? He porque nella
Falla Deos: Naõ he aſſim? E quem decide
Que Deos na Biblia falla? Ha quem liquide
Eſta certeza? Quem? Se eu nego agora
Que Deos falle na Biblia, e nella eſteja,
Donde haveis de provarme que aſſim ſeja?
Sem haver *Tradicçaõ*, he impoſſivel:
Pois ſe ella aqui ſe fáz taõ infalivel,
Porque nas outras partes evidente
Naõ ficará tambem? Vamos à *Miſſa*:
Hoje a naõ conſentís, ſendo Luthero

Taõ

† *Et tibi dabo Claves regni Cœlorum, & quodcunque ligaveris ſuper terram erit ligatum, & in Cœlis; & quodcunque ſolveris ſuper terram erit ſolutum, & in Cœlis.* Math. cap. 16. v. 16.

Taõ frequente no Altar: Qual he o indicio
Da voſſa *adoraçaõ*? O Sacrificio,
Com que ſe reconhece a Divindade
He taõ antigo, como o meſmo Mundo:
Supponho que alcançais eſta verdade
Nos de Abêl, e Caîm: Quando do fundo
Das agoas ſurge à Terra, acende as aras
Noê: Melchiſedech as continûa:
Abrahâm, Jacob, tambem as perpetûa:
A Moyſês manda Deos que lhe immolaſſe
O Cordeiro Paſchal; e nunca exhauſto
O Altar ſe conheceu entre os Levitas,
Deſde entaõ, ou da hoſtia, ou do holochauſto:
Sendo, pois, toda a Lei dos Iſraelitas
Antecipada lûz da Lei da graça;
E ſendo o Sacrificio indeſpenſavel;
Onde o holochauſto, a hoſtia, a ara, offerta
Se conſerva entre vós? a onde aberta
Se encontra a *adoraçaõ* na excelſa guia
De votarſe à immortal Soberania?
Nada tem a reforma, que proponha
Mais, que expor à verdade eſta vergonha,

Julgais idolatria aquelle culto,
Que às *Imagens* dos Santos concedemos:
O Exemplar reſpeitamos, e eſſe vulto

Só

Só nos ſerve nos rogos, que fazemos
De fixar o Conceito deſſe Santo
A quem nos dirigimos: excluſivo
Fica o culto do lenho; e reſpectivo
Sómente a tudo o que elle reprezenta:
Dizeime: a onde em voto taõ regrado
A noſſa idolatria ſe ſuſtenta?

Juntamente nos tendes accuſado,
Que ſendo Chriſto ſó o Medianeiro
Entre os homens, e o Pai; os noſſos rogos
Aos Santos eſta gloria he que concedem:
Porém vede que os Santos intercedem;
E neſta interceſſaõ ſó lhe pedimos
Ajuda, e naõ deſpacho: e quem ignora
Que neſte puro auxilio ſe melhora
O noſſo rogo, ſem alguma offenſa
De huma ſacra, e ſublime recompenſa?

A meſma confuſaõ nos Sacramentos
Foſtes tambem ſeguindo: regeitaſtes
Confirmaçaõ, *Unçaõ*, *e Matrimonio*,
Ordem, *e Confiçaõ*; e vos ficaſtes
Com *Ceia*, e com *Baptiſmo*: o patrimonio
Da voſſa fé diſpôz que os reduziſſeis,
De ſete ſó a dois: e com que cauſa

Podeis negar que o *Matrimonio* o ſeja,
Se mui expreſſamente o pôz na Igreja
O Apoſtolo, eſcrevendo aos Epheſinos? *
A *Unçaõ* a tem Santiago, † Paulo, e as Actas:
Da meſma ſorte a *Ordem*: †† como exactas,
E legais entre vós ſe conſtituem
As Sagradas funçoens? Onde ſe incluem
Os poderes, que tem voſſos Paſtores
No templo, e altar, ſem eſte Sacramento?

Se o *Baptiſmo* confeſſa o Lutherano;
Que miſero, que indigno penſamento
Fâz delle o Calviniſta! Naõ entende,
Submergido no eſtimulo profano,
Que naõ he neceſſario à vida eterna?
O ſeu confuſo eſpirito pertende
Que em ſendo filho do que aceita a Chriſto
Se recolhe no cofre do Santuario,

Sem

* *Propter hoc relinquet homo Patrem, & Matrem, & adhærebit uxori ſuæ, & erunt duo in carne una: Sacramentum hoc magnum eſt, ego autem dico in Chriſto, & in Eccleſia.* Ad Epheſ. cap. 5. v. 32.

† *Infirmatur quis in vobis inducat Preſbyteros Eccleſiæ, & orent ſuper eum, ungentes eum oleo in nomine Domini, & oratio fidei ſalvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus, & ſi in peccatis fuerit, remittentur ei.* Jacob. cap. 5. v. 15.

†† *Ut conſtituas per Civitates Presbyteros, ſicut & ego diſpoſui tibi.* Ad Tit. cap. 1. v. 5.

Segregate mihi Saulum, & Barnabam in opus ad quod aſſumpſi eos: Tunc jejunantes, & orantes, imponentesque eis manus dimiſerunt illos. Act. cap. 13. v. 2. & 3.

Sem lhe ſer o *Baptiſmo* neceſſario;
E naõ lhe fâz violencia o texto expreſſo
De naõ entrar no Reino promettido
Quem naõ ſeja deſta agoa renaſcido.

Entremos já no altiſſimo Myſterio
Da *Sacra Communhaõ*, ou no da *Ceia*,
Como vós lhe chamais: Que nova ideia
Naõ tendes procurado para a inſtancia
De firmar a exquiſita extravagancia
Com que intentais romper toda a excellencia
Deſte amante Eſplendor da Omnipotencia?

Taõ ſenſual, e glotaõ ſe fêz Luthero,
Que inda o Corpo de Chriſto preſumia
Que ſem vinho, e ſem paõ, ſenaõ comia:
Se vos chamaõ, por iſſo, *empanadores*,
Diviaõ-ſe chamar *figuradores*
Aos Calviniſtas, tendo a ideia eſcura,
De que alli naõ ha mais do que a figura.

Deſte oppoſto ſentido, que combates
Emprendido naõ tendes? os Magnates
Da voſſa meſma ſeita conhecendo
Ser eſta diviſaõ hum golpe horrendo,
Que daveis na *reforma*, quantas vias

Buſcaraõ para as voſſas demaſias
Terem fim n'huma unanime concordia?
Mas ſempre proſeguio eſta diſcordia,
Por mais que de *Bucer* os artificios *
Deter quizeraõ tantos precipicios.

Vós raſgaſtes a tunica inconſutil
Da Igreja com a feita; e Deos ordena
Que vós meſmos cahiſſeis neſta pena
Com o raſgo, que déſtes na *reforma*:
Se he que o voſſo diſcurſo vos infórma
Da verdade, baſtava eſte deſpenho
Para veres o horror do voſſo empenho.

Mas vejamos melhor eſte delirio,
Reſpondendo com força, e brevidade
Ao erro de Luthero: A Divindade
De Chriſto, diz alli, que o Corpo, e Sangue,
Que aos Diſcipulos dá, à morte entregue
Será por ſeu amor: † O paõ, e o vinho

Naõ

* *Bucer* o mais artificioſo, e ſophiſtico dos *Proteſtantes* ſe acha na conferencia de *Marburgh* para conciliar a doutrina *Lutherana* com *a Calviniſta*. Torna com o meſmo projecto a aviſtarſe com *Luthero* por mandado de *Philippe*, *Lantgrave de Haſſia*, e nada ſe conſeguio, como da meſma [illegible] Conſiſtorio de *Smecalda*. Tudo o que ſe concedia de huma, e outra parte neſtes Ajuntamentos ſe fundava em Equivocos; e ao depois [illegible] declaraçoens ſuſtentava cada hum a declaraçaõ da ſua intel[illegible].

† *Accipiens agens, fregit, & dixit: Accipite, & manducate: hoc eſt Corpus meum quod pro vobis tradetur:* 1. ad Corinth. cap. 11. v. 24.

Naõ foi entregue à morte; que caminho
Toma, pois, a *reforma* para a ideia
De que o paõ, com o vinho, eſtá na *Ceia*?

Tudo o mais, que pertende deduzirnos
Com o pronome *HOC*; * e com o *adverbio*,
Que aqui nos introdûz, he hum eſforſo
Obſtinado, e infelîz do ſeu aborſo;
Pois nunca alcançará neſſa propoſta
Impulſo, que deſtrûa eſta repoſta.

Nem Calvino o ſentido figurado
Vos póde ſuſtentar, tendo as palavras
Da *Ceia* todo o phyſico ſentido
Do meſmo Corpo, e Sangue: Concebido
Já tereis (o Miniſtro lhe argumenta)
Que he incerto que Chriſto nos fallaſſe
Do Corpo, & Sangue, taõ preciſamente,
Como vos entendeis: Mui claramente
Nos dîz tambem que he *porta*, *que he Cordeiro*,
Que he caminho, *que he via*; e mais que he vinha,
Que he caminho, Cordeiro, e tambem porta,

* Naõ cabem neſte lugar as explicaçoens, que daõ os *Proteſtantes* ao pronome *HOC*; ajuntando-lhe o adverbio *Sacramentaliter*; nem o que dizem os *Calviniſtas* para ideiarem o ſentido figurado: Veja-ſe o que diz o P. *Pichl.* no §. de *Transſubſtantiatione.* Maldonad. *in Evang.* ao text. e o ſenhor *Baſuet* na expoſit. da *Doutrin. cath.* ſobre os pontos de *Controverſia.*

Ninguem dîz, ſe talvêz, ſenaõ reporta
Do ſentido à figura: Os exemplares
Que trazeis naõ concluem; lhe reſponde
O douto Peregrino: Vêde aonde
Que era *Cordeiro*, *via*, *porta*, e *vinha*,
Nos diz; e aonde diſſe que nos dava
O ſeu Corpo, e o ſeu Sangue: Aqui fallava
Como em hum Teſtamento, que fazia,
E lá ſó quando os Povos inſtruia:
As figuras ſe admittem na eloquencia;
Mas ſeria huma grande negligencia
Pôllas n'hum Teſtamento, aonde deve
Tudo ſer expreſſivo, claro, e breve,
Terminante, objectivo, puro, exato,
Para naõ duvidarſe do Mandato.

Se para teres fé na meſma Biblia
He preciſo que ſeja reſpeitada
Tambem a *Tradicçaõ*, deſordenada
Se encontra toda a inſtancia da *reſóma*;
Pois deſde a Lei da Graça deduzida
A *Transſubſtanciaçaõ* eſtá na Igreja;
E naõ ſeî atégora que ſe veja
Em Luthero, Calvino, ou Berengario
Algum legal, e novo formulario,
Alguma authoridade, algum reſpeito,
Para arrancar da Igreja eſte conceito.

Ao dominio das Chaves já chegamos:
Se quereis o Pontifice o naõ tenha,
Onde o quereis levar? onde o deſenha
O voſſo ardor? Na Igreja de Polonia,
Na de Olanda, da Suecia, da Saxonia,
Da Bohemia, graõ Bretenha, Dinamarca,
Ginebra, Pruſſia, Helvecia? Quem corrige,
Quem modêra, diſpoem, move, dirige
Quem manda, ou rege a militante Barca
Neſſas vaſtas Provincias? Os Paſtores,
Que tendes eſcolhido entre os horrores
Da voſſa confuſaõ? Donde deduzem
O Sagrado podêr? Como produzem
Os Sacros miniſterios, ſem caracter?
Donde o Biſpado a Succeſſaõ deriva?

Se ategora naõ deſtes a excluſiva
Ao primeiro Concilio de Nicêa:
Se inda naõ duvidais de que ſe crêa
O que elle definio; E definindo
Que a Igreja ha de ſer *huma*, * como tantas
Inventais, e ſeguis? Se haõ de ſer *Santas*
As ſuas direcçoens, que Santidade
Deſcobris na terrivel impiedade
De negar os mais altos Sacramentos,

* *Unam, Sanctam, Catholicam, & Apoſtolicam Eccleſiam.*

E de ouſarem taõ miſeros alentos
A perverter com furia exaſperada
Toda a doçura da Ethica ſagrada?

Se Univerſal os Padres do Concilio
Tambem à Igreja chamaõ, onde exiſte
Eſte ſignal nas voſſas? Naõ preſiſte
Cada qual em doutrina mui diſtinta,
Em fundamento, e regra mui diverſa?
Naõ ſe combatem com paixaõ perverſa
Sobre os meſmos dictames dos artigos?
Naõ ſois huns contra os outros inimigos,
Da Religiaõ nos pontos? Se igualmente
Hade ſer *Apoſtolica*, que Nuncios
Deduzis de huma maxima divina
Para eſtabelecer eſta doutrina?
E ſe *Viſivel* ha de conceberſe,
Como póde na viſta conhecerſe
A voſſa em quinze ſeculos ſeguidos
Depois da Lei Chriſtan? Se com *milagres*
Se deve ornar, quaes ſaõ os da *reforma*?
E ſe *antiga* hade ſer, como ſe fórma
Taõ grande antiguidade deſde o tempo
Que a produzio Luthero? Que veſtigios.
Voſſo Meſtre nos dá dos ſeus prodigios,
Para vêr qùe elle eſtava deſtinado

A revoltar da Igreja o antigo eſtado?

Para que a Lei da Natureza anime
Fallava Deos ao Mundo: Para erguella
A maior perfeiçaõ na Lei Eſcrita
Fallou Deos a Moyſés: Para que admita
A Lei da Graça falla na Judea
O meſmo Deos ao Povo; e os Miſſionarios
Fallaõ a toda a Terra, em Clymas varios,
Com milagres prodigios, e portentos:
Dai-me, pois, todos eſtes fundamentos
Para capacitar o meu deſtino
A' miſſaõ de Luthero, e de Calvino.

Cuido que bem ſabeis o grande eſtrago
Da Igreja (inſta o Miniſtro) quando rompe
Neſſa empreza a ouſadia de Luthero:
O continuado eſcandalo do Clero
Se tinha feito taõ inſoportavel
Na dura vexaçaõ dos triſtes Povos,
Que eraõ preciſos huns impulſos novos
Para ſe rebater tanta violencia:
Gritou pelo remedio a diligencia
De Ailli, e de Gerſon: da meſma ſorte
Gritou tambem Juliaõ a Eugenio quarto;
E gritou com a meſma ſegurança

O concilio de Piza, e o de Conſtança:
Mas a pezar de todos eſtes gritos,
Mais ſe esforçava o arrojo dos delitos:
Para o Povo livrar do impio aſſedio
He que Luthero buſca algum remedio;
Outro naõ acha, que mais prompto ſeja,
Que emprender a *reforma* em toda a Igreja.

Nunca cuidei que foſſe taõ Zelloſo
(Diz o Herôe) eſſe Meſtre portentoſo:
O zello da *reforma* lhe louvara,
Se elle primeiro a ſi ſe reformara:
Porém romper os votos do ſeu clauſtro,
Caſarſe ſendo frade, e Sacerdote,
Submergirſe na gula, e na vileza
Da enveja, da impiedade, da torpeza;
Delictos de que ſempre ſe acompanha:
Por certo que he *reforma* bem eſtranha.

Mas inda que tambem comvoſco accuſo
A corrupçaõ do Clero: era eſte abuſo
Na Fé, ou nos coſtumes? Pois ſe inteira
A Fé ſe conſervava, que cegueira,
Foi eſta de Luthero, e de Calvino
Para emprender o grande deſatino
De reformar a Fé nos ſeus volumes,

E relaxar o Povo nos coſtumes?

Inda me fica muito por dizervos;
Mas ſe talvêz naõ poſſo convencervos
Com eſte pouco, que vos tenho dito,
He de balde accuſar o voſſo rito;
E inutil o prégar o deſengano
A quem ſe liſonjeia do ſeu dano.

Naõ he (diz o Miniſtro) eſta materia
Da noſſa ſalvaçaõ taõ pouco ſeria;
Que a intente deſprezar: Para alcançares
A impreſſaõ, que recebo, e me explicares
Mais a voſſa doutrina, daime o goſto
De aqui vos dilatar mais algum tempo:
Conveio o Peregrino neſta offerta:
E aquella meſma noite ſe deſperta
O Miniſtro do ſono, em que vivia:
Allí tambem o Herôe lhe referia
O que ao Turco, e Rabbino acontecera:
A noticia lhe dá do que fizera
Entre os Deiſtas, e entre os Libertinos;
E que a eſtas Colonias já voltava,
Onde ſeu Pai há tempo que o eſperava.

Reſolveu-ſe o Miniſtro a hir com elle,

O Rabbino, e Mahumed: Todos deſejaõ
Vêr tambem o que o Herôe tinha alcançado
Nas duas Povoaçoens: O novo agrado
Da Doutrina os movia, com o intento
De mais aſſegurar ſeu penſamento,
Ou talvêz de encontrar na ſemelhança
Naõ a deſculpa; o goſto da mudança.

Do Mîniſtro, do Hebreo, do Turco, e Genjo,
Acompanhado ò Herôe, já ſe encaminha
Para a parte onde o Pai deixado tinha:
A eſtrada menos aſpera ſe expunha:
Eſſe primeiro horror, que a deſcompunha,
Deſvanecendo-ſe hia ao meſmo tempo
Que o paſſo ſe alentava; como a nevoa,
Que à prezença da lûz, que o Sol dilata,
Em hnmidos vapores ſe deſata.

Nem ſe alcança algum monſtro, que ſe enroſque
No emmaranhado eſcandalo do boſque:
Tudo facil ſe achava, e já ſe adverte
Que a fadiga em deſcanço ſe converte.

Chegua-ſe emfim ao campo dos Deiſtas:
Paſmado fica o Herôe das novas viſtas,

Que

Que a campina lhe offrece; * pois os Cedros
Naõ eraõ já taõ ocos, como as canas:
As Floreſtas eſtavaõ mais ufanas
Neſſe intrinſeco impulſo, que as alenta:
Na pompa dos Jardins ſe reprezenta
Outra vegetaçaõ mais luminoſa:
Nem o jacinto, o cravo, o goivo, a roſa
Perde a nativa côr da maõ tocada:
Nos pomos a ſubſtancia delicada
Percebe o paladar; naõ vem aos olhos
A multidaõ de eſpinhos, e de abrolhos,
Que os frutos affligiaõ: Sem o cheiro,
E ſem o amargo antigo, liſonjeiro
Se liquîda o criſtal; e rega o campo,
Sem eſſa turbaçaõ, eſſe occidente,
Que lhe infeſtava a placida corrente.

O aſpecto da Cidade apparecia
Tambem com huma nova ſymmetria:
Viaõ-ſe os Edificios regulares:
Pela campanha diaphana dos ares,
Com dorica fachada, eſtaõ notorios
Os luzeiros das torres, e zimborios.

Entre

* Allegoria da mudança que tinhaõ feito os *Deiſtas* com a felicidade da *Religiaõ Catholica.*

O Rabbino, e Mahumed: T
Vêr tambem o que o Herôe
Nas duas Povoaçoens: O
Da Doutrina os movia,
De mais aſſegurar ſeu
Ou talvêz de encon
Naõ a deſculpa;

Do Mîniſtro, d
Acompanhad
Para a parte
A eſtrada
Eſſe pri
Deſv de Pauli: Na elegancia
Qu uma debil, cingida conſonancia
O explicaçaõ naõ cabe do alvoroço
Com que o Herôe ſe recebe: nem o eſtilo
De hum plectro, ſem ardor, em Polyphilo
Póde reprezentar aquelle exceſſo,
Com que a alma lhe move eſte ſucceſſo.

O filho lhe dá conta das Victorias,
Que conſeguido tem; e as fâz notorias
No Miniſtro, no Turco, e no Rabbino:
O Pai tambem o infórma do deſtino,
Que teve a Religiaõ na ſua auzencia:

Que tudo ſe diſpôz com a decencia,
Que elle tinha advertido: Que os Altares
Se ergueraõ com as pompas ſingulares,
Que lhe inculcava a fabrica do Templo:
Que tudo ſe animava com o exemplo
Da Sacroſanta Roma, onde pedira
Hum Prelado, que as maximas inſpira,
E que deu ſucceſſaõ ao Sacerdocio:
Que huma, e outra catholica Cidade
Vivia na reciproca amizade,
Cultivando, ſem erro, nem inſulto,
No Templo a devoçaõ, na Ara o culto.

Apenas ſe eſpalhou do Herôe a vinda;
De ambas as Povoaçoens tudo concorre
A dar-lhe os parabens: Quanto diſcorre,
Quanto emprende eſta gente alvoroçada
Em jubilos, e applauſos ſe treslada.

E notando as victorias conſeguidas,
Pertende que ſe vejaõ produzidas
Em hum famoſo Triumpho, aonde a gloria,
Que em tanto empenho a Religiaõ alcança,
Poſſa ficar eterna na lembrança.

Em quanto ſe cuidava no apparato

Da mageſtoſa acçaõ; Atheos, e Chinas
A' Cidade corriaõ pela fama
Deſte novo eſplendor; ou porque a chama;
Que a vôz do Peregrino lhe acendera
Dentro do coraçaõ, os commovera;
Deſamparando o barbaro aphoriſmo,
A procurar as luzes do Baptiſmo.

TRI-

TRIUMPHO DA RELIGIÃO

Poema Epico-polemico.

LIVRO IX.

Contra os Incoherentes. *

CHegado o dia da glorioſa pompa,
Toda a nobreza de ambas as Cidades,
Apenas naſce o raio matutino,
Vem buſcar o triumphante Peregrino,
E conduzillo ao Templo, onde ſe achava
Tudo quanto a grandeza preparava
Na magnifica acçaõ: Entre feſtivas
Acclamaçoens de jubilos, e *vivas*
A multidaõ o ſegue: chega ao novo
Sacroſanto edificio, e alegre o Povo
Enche outra vêz, com ſeu canoro alento,
De exultaçoens o ar, de applauſo o vento.

U Re-

* Chamo *Incoherentes* aos que confeſſaõ o Evangelho com a boca, e o negaõ com as obras.

Recebe-o no paráſtade o Prelado;
Do Eccleſiaſtico corpo acompanhado:
As Aras bêja; e humilde gratifica
Quanto a ſuprema lûz lhe communica.

Do adorno Pontificio ſe reveſte
O Director Sagrado; e o Sacrificio
Da ſanta Lei prepara: a Deos propicio
Poêm na offerta da victima brilhante:
Dos cheiros ſobe o eſtimulo fragrante;
E ſuaviza-ſe a excelſa Liturgîa
Das vozes na alternada melodîa.

Conſumado o divino Miniſterio,
Supplica o Herôe do Templo ao magiſterio
Que licença lhe dê para que falle
A taõ grande concurſo; e conſeguida,
Lhe diſſe deſta ſorte: Agradecida
Se moſtra a voſſa fé na illuſtre empreza
Deſte egregio apparato, que agrandeza
Da voſſa diſcripſaõ da voſſa gloria
Deixar pertende eterno na memoria:

Louvo a magnificencia deſte culto,
Mas quizera advertirvos que eſta palma,
Que conſeguido haveis de hum erro antigo;

Só

Só com mudar de fé, naõ ſegue a alma:
Debellar he preciſo outro inimigo,
Que inda mais formidavel ſe preſume:
Fallo da grande força do coſtume.

Viveſteis atégora ſubmergidos
No ſono das potencias: Os ſentidos
Dirigiaõ ſómente o voſſo impulſo;
Coſtumados eſtais, ſem algum pejo,
A ſeguir toda a ancia do deſejo;
E neſte vaporoſo Labyrinto
Naõ houve mais razaõ, que o voſſo inſtinto.

A Lei Chriſtan naõ ſofre eſte deſpenho:
Todo o voſſo cuidado, o voſſo empenho,
Ha de ſer que eſta fé, que hoje ſe alcança,
Tenha nas obras toda a ſemelhança;
Pois he grande incoherencia, e he deſvario
Ser Chriſtaõ, e viver como gentio.

Reino, e terra naõ ha, Villa, ou Cidade,
Em toda a vaſtidaõ da Chriſtandade,
Que eu naõ tenha inquirido: O Imperio, a Gallia,
Polonia, Portugal, Heſpanha, Italia,
Tudo tenho ſondado, com a pena
Que ſe neſtas Provincias ſe condena

O Pagaõ, o Judeo, o Herege, o Turco,
He ſó na lingoa; e a vida ſe protege
Do Turco, do Pagaõ, do Hebreo, do Herege.

Veſſe em todo eſſe Mundo, que venera
Ao Solio Pontificio, huma ſincéra,
E firme confiſſaõ da Lei da Graça;
Mas quaſi todos caiem na deſgraça
De que o que diz a boca, e o peito ſente,
Com acçoens, e com obras ſe deſmente. *

Poucos chegaõ a ver no ſeu deſinio
Que eſte Mundo he hum miſero exterminio,
Que taõ diſtantes tráz neſta carreira
Os objectos da Patria verdadeira:
Arreigados no eſtimulo mundano
De hum goſto indigno, de hum ardor profano
Queremos na oppreſſaõ do intento agreſte
Confundir o terreno no celeſte.

Da Santa Igreja no mais puro gremio
Nos havemos taõ mal, como ſe o premio
Houveſſe de alcançar toda a malicia
Das Cegas intençoens: Onde a noticia

Acha-

* *Confitentur, ſe nosſe Deum, factis autem negant.* Div. Paul. ad Titum, cap. 1. v. 16.

Acharei de quem cuide neſſe eſtado
Da noſſa immutaçaõ, em que ſe funda
Huma vida futura, e que governa
Ou tormento immortal, ou gloria eterna?

A penas ha na Terra quem o advirta:
De ſabios, e prudentes nos jactamos,
E no que mais importa naõ cuidamos,
Delirando de ſorte as negligencias,
Que fazemos ſentidos, das potencias.

Em toda a mocidade naõ ha vida,
Que naõ ſeja huma deſpenho: entre a nobreza
Naõ ha mais, que ambiçaõ, e que avareza:
Na Plebe, huma deſordem fementida:
Nas Mulheres, hum luxo, e huma inconſtancia,
Que naõ póde deterſe: Os Matrimonios
Se infamaõ nos adúlteros exceſſos:
A Juſtiça no curſo dos proceſſos
Se proſtitue à peita: a iniquidade
Ao commercio ſe extende: na maldade
O intereſſe ſe enreda: O cabinete
Só violencias, e eſcandalos promete.

Nos ſeus meſmos Paſtores o rebanho
Se apeſta, e ſe devora: aſſumpto eſtranho

Os púlpitos offende: a Ara, e Templo,
Profanado ſe encontra com o exemplo,
Que os Sacerdotes daõ: a hypocreſia
Encobre, com peſada alcivoſia,
A cangrenada chaga, que a corrôe:
A enveja, e a emulaçaõ, que ſe deſtrôe
A ſi meſma, em nós meſmos ſe repare:
O furto, e mais o engano ſe fez arte:
Galanteio a laſcivia: fez-ſe o jogo
Licita occupaçaõ: divertimento
A immodeſtia: a calumnia deſafogo:
Graça a murmuraçaõ: anfojo o alento

Como obſequio a ſoberba ſe cultiva:
A vingança por honra ſe deriva:
Inda a meſma mentira, o meſmo enredo,
A liſonja, e a traiçaõ, por hum ſegredo
Da politica paſſaõ, tendo a ſorte
De as julgarem por maximas da Corte.

Se voltamos a viſta aos trez primeiros
Seculos do Evangelho: que Luzeiros
Naõ temos neſſes venturoſos mappas
Dos Catholicos Faſtos? Trinta Papas
Em ſucceſſaõ continua, de exemplares
Nos ſervem na cultura dos Altares.

Que

Que admiravel ſóllicito concurſo
De Prelados, de Virgens, de Doutores,
Martyres, Miſſionarios, Confeſſores,
Se nos offrece aos olhos? Duro, e nécio,
Sacrílego, impaciente, emprende Decio,
Ou Maximino, ou Nero, ou Diocleſiano
Arrancar tanta fé do peito humano.

Bem que do Abyſmo as horridas Ceraſtas
A violencia apuraſſem nas Cataſtas,
Nos garfos, rodas, grelhas: Bem que o eſtilo
Do impulſo atróz no touro de Perilo
Dêſſe novos horrores ao tormento:
Bem que quizeſſe intimidarſe o alento
Dos enxofres nos impetos ceruleos,
Nos potros, nos garrotes, nos equuleos;
Sempre a Fé ſe moſtrava no ſemblante
Quanto mais combatida, mais conſtante.

Entre o horroſo eſtrondo das batalhas
Pulſava todo o incendio das fornalhas;
Reſpirando as particulas violentas
Pelo horrivel eſcandalo das ventas:
Em borbotoens a chama ao ar ſubia;
Miniſtrava, atiçava, revolvia
A materia, entre os animos ferozes,

O ſórdido concurſo dos algozes.

Noutra parte as caldeiras vomitando
Em cathoens as eſcumas; e exhalando
Em ignea indigeſtaõ nuvens de fumo,
Queriaõ expreſſar todo o reſumo
Das penas Infernaes; e em ſuſto tanto
Nada fazia o medo, nem o eſpanto;
Pois déſprezando a alma hum bem caduco,
E naõ temendo o barbaro delirio,
Sempre ſe achava a Fé entre o martyrio,
Que apurava do horror todo o veneno,
Com roſto alegre, eſpirito ſereno.

Que fariamos hoje (eu me envergonho
De o trazer à memoria!) em taõ medonho,
Em taõ terrivel, apurado exame?
Raro ſeria aquelle, que o dictame
Naõ ſeguiſſe do rito eſcandaloſo:
Se vejo em tanto Reino populoſo
Que o Idolo ſe adora da cubiça,
Da ambiçaõ, da laſcivia, da vingança;
Eu naõ ſei que ſe dê deſſemelhança
Em adorar tambem da meſma ſorte
A Venus, Pluto, Jupiter, Mavorte.

Que importa que digais que à Fé de Chriſto

No voſſo peito eſtá, ſe a maõ ſe extende
A incenſar eſſes vultos, que pertende
Fazer Deoſes a cega Idolatria?
A obſervancia, a humildade, a continencia,
O zello, o ſofrimento, a diſplicencia
De ſi proprio, era a força, que abatia
O impulſo dos Tyrannos: ſe hoje encontro,
Em lugar deſte ſanto, illuſtre empenho,
Nos Vicios hum indomito deſpenho,
Que conceito farei, ſenaõ que o Abyſmo
Mete na Chriſtandade, o Paganiſmo?

Que o Turco nas deſordens ſe intrometa,
Deſculpa tem; pois crê que o ſeu Propheta
Com tanta culpa o leva à ſua gloria:
Que naõ lhe paſſe ao Hebrêo pela memoria
Que Chriſto póde erguello do peccado,
A eſcuſa nos produz de o ter negado:
Que o Pagaõ deſconheça que o delito,
Em que ſempre procede, o faz precito,
Póde dizer que Jove naõ condena
O meſmo, que exercita: ſe huma obſcena,
Deſordenada vida o Hereje anima,
Com toda a ſegurança nos intima
Que a Redempçaõ lhe baſta, ſem as obras
Para alcançar o Ceo: Mas ſe aceitamos

Que

Que ſem ellas a gloria naõ ſe alcança:
Se eſtamos n'huma firme ſegurança
Que o que morre na culpa, eternamente
Naõ ha de ver a Deos: De tanta vida,
Sem ordem, ſem dictame, nem medida,
Que deſculpa dareis? Mais inſenſatos
Saõ os noſſos improvidos connatos,
Que os do Herege, Judeo, Turco, e Gentio:
Elles deſculpa tem no deſvario;
E nós em tantos miſeros extremos,
Nem razaõ, nem diſculpa dar podemos.

Já houve quem nos diſſe que na Igreja
Baſtaõ dois Tribunaes, com que ſe reja
O dominio das chaves: Se o exercicio
Com a Fé naõ concorda; herege, ou louco:
Se herege à Inquiſiçaõ: ſe diſparates *
Naõ tem mais do que a caſa dos orates.

Quem ſegue a Synagoga, ou a hereſia,
Quem

* Dito he antigo, e como verdadeiro, e diſcreto muito celebrado, que na Chriſtandade naõ havia de haver mais que duas prizoens, a dos carceres do *Santo Officio*, e a da caſa dos *Orates*. Porque hum homem qualquer que ſeja, ou tem Fé, ou naõ tem Fé: ſe naõ tem Fé, he herege, e pertence aos carceres do *Santo Officio*: ſe tem Fé, e crê que ha Deos, e Ceo, e Inferno, e com tudo vive como ſe o naõ crera, he rematadamente louco, e pertence à caſa dos *Orates*.

O grande P. Vieir. tom. XI. dos Serm; Serm. da 5. Dom. *de Quareſma* n. 500.

Quem aceita o Alcoraõ, e a Idolatria,
He porque tem o entendimento cego:
Porém crer huma coiza, e fazer outra,
He incoherencia tal, que eſte concurſo
Deſmente toda a prova do diſcurſo:

Naõ teve, nem Luthero, nem Calvino
Outra ideia no infame deſatino
Mais do que naõ cahir neſta incoherencia:
Todo o empenho da ſua diligencia
Foi fazerem nos ſórdidos volumes
Húma fé, ſemelhante aos ſeos coſtumes.

Se perguntais agora quem procede
Mais conforme à razaõ; ſe o Hebrêo, ſe o Turco,
Se o Herege, ſe o Pagaõ, ſe o que confeſſa
A Chriſto com a boca, e ſe intereſſa
Em deſmentir a lingoa com as obras?
Direi; que mais coherente, mais confórme
He aquelle, que a Lei tem uniforme
Com todas as acçoens, que aquelle ſatuo,
Que em huma vida torpe, e diſſoluta
Contradiz o que crê no que executa.

Se em vós dura a ſobeba, o engano, a ira,
A Laſcivia, a ambiçaõ; ſerá mentira

Di-

Dizer que tendes fé; A fé ſem obras
He Cadaver: na Biblia aſſim ſe eſcreve:
Se hum homem, já defunto, naõ ſe deve
Chamar homem, tambem a fé defunta.
Fé naõ póde chamarſe: Sempre junta
Com obras deve andar para ſer viva:
Vede a Fé, que aceitais neſta Colonia?
Fé, ſem obras, he Fé de ceremonia.

Naõ deve de Deiſta, ou Libertino
Seguir a vida quem naõ ſegue a crença;
Pois na falſa incoherencia ſe gradûa:
Se entre todos, talvêz, ſe continûa
Tanto a Fé, como a Lei; ao illuſtre intento
Deſte grande apparato, o movimento.
Podeis já produzir, para que fique,
Quando a fama ao clarim o esforço applique,
Servindo eſte eſplendor na luz da hiſtoria
De hum eterno padraõ da voſſa gloria.

Ao Peregrino, em nome do concurſo,
O Prelado reſponde: No deſvello,
Na piedade, no amor, conſtancia, e zello,
Com que as duas Cidades tem vivido,
Deſde que vim de Roma, conhecido

Tem

Tem a minha advertencia que igualmente
Se acha na vóz, e acçaõ a Fé patente.

Os Idolos de Venus, e de Marte
De Jupiter, e Pluto, em toda a parte
Se vem deſpedaçados no deſprezo
Que todos aqui fazem da laſcivia,
Da ambiçaõ, da cubiça, da vingança:
Huma imagem da Bemaventurança,
Parece que ſe logra no diſtricto
Deſtas duas Colonias: O delicto,
A emulaçaõ, o eſcandalo, a violencia,
Aqui ſenaõ conheçe: A continencia,
A doçura, a modeſtia, a tolerancia,
Devoçaõ charidade, e vigilancia,
Em tudo quanto anima, quanto adverte,
Em virtudes os Idolos converte.

Ao immenſo Author da Graça, toda a origem
De taõ grande ventura, os noſſos votos
Humildes, reverentes, e devotos
Devem reconhecer: Segunda cauſa
De impulſo taõ felîz, e ineſperado,
Todos tambem admiraõ no cuidado,
Na efficacia, no zello, e na divina,
Luzente inſpiraçaõ, com que a doutrina

Da

Da Inſtituiçaõ Chriſtan, ſe vio glorioſa
Na eloquencia, ou na chama luminoſa
Do voſſo illuſtre alento, expondo o culto
Dos ſeus raios, em parte taõ diſtante;
E deſatando o horror, de hum campo inculto
Com a doce impreſſaõ da Lei brilhante;
Creſcendo o graõ nos áridos caminhos,
Nos penedos, nos brejos, nos eſpinhos,
Sem que ſuperſemine o infame arrojo
Do inimigo commum, com maõ groſſeira
A Zizania infelîz na ſementeira.

Se foſtes o inſtrumento, com que o Herege,
O Hebrêo, o Mahomentano, o Libertino,
O Deiſta o Pagaõ, o Atheo, voltaraõ
Para a Lûz Do Evangelho; e o deſatino,
Com taõ excelſo impulſo, condemnaraõ;
Triumphai glorioſamente deſtas feitas:
A Religiaõ, a Fé, e a Lei ſublime
Triumphem tambẽ com voſco: O applauſo anime
O magnifico empenho; e os ares rompa
O feſtivo rumor da egregia pompa.

Diſſe: e à ultima clauſula movia
Já todo aquelle Fauſto no progreſſo:
Tudo reſpira ardor, tudo alegria,

Tudo

Tudo acçaõ, tudo goſto, tudo exceſſo.
Naõ ſe tinha apartado o Genio amigo
Do victorioſo Herôe: alli ſervia
De excelſa teſtemunha a gloria tanta;
Porém de taõ amada companhia
Mais ſe commove agora, mais ſe eſpanta:
Pareceu-lhe que o roſto transfigura
Na luz de huma celeſte criatura;
Fingem-ſe as roupas de brilhante neve,
Mova-ſe o corpo de hum aſſopro leve,
Bate huma, e outra aza; e n'hum momento
Se engolfa pelo ardor do Firmamento:
Reconhece o piedoſo Peregrino
Os favores do eſtimolo divino
Que o tem acompanhado; alcança o effeito
Que lhe tinha propoſto o ſeu conceito;
E da alma nos raios mais devotos
Renova os cultos, e confirma os votos.

Com doceis ſucceſſivos ſe adornavaõ
As ruas: Os brocados, das janellas
Pendentes, entre as auras tremolavaõ:
De vegetantes flóridas Eſtrellas
As praças, e calçadas ſe melhoraõ:
Continuamente os Zephiros desfloraõ
De eirados, e balcoens tudo o que enleia

O brilhante theſouro de Amalthea.

Dos Maios as paredes ſe entapizaõ:
Subtîs exhalaçoens aromatizaõ
O ſocegado ambiente, onde o diſpendio
Dos aromas em hum jucundo incendio
Liquîda quanto alenta, quanto enſaia
O influxo da Sabêa, e da Panchaia.

O *Triumpho* ſe prepara no canoro,
Bellico eſtrondo de metaes torcidos:
Alterna o bronze o Crepitante choro,
Dos tambores nos roncos eſtampidos:
Sobre hum filho do Boreas, que o compaſſo
Faz com ambas as maons no airoſo paſſo,
Huma Nympha ſe expôz, cheia de lingoas,
De olhos, e pennas: Hum clarim ſe alenta
Na vehemencia do hálito: Suſtenta
Na eſquerda hum eſtandarte, onde proclama
Que ſerá deſte applauſo eterna fama.

Segue-ſe huma Carroça, conduzida
De immundos animaes: em baixo aſſento
Apparecia hum monſtro ſonolento,
Que de homem mal a forma recobrava:
Todo o miſero corpo ſe infeſtava

De

De ſórdidas toupeiras, exhalando
Hum fétido vapor, e figurando
Nas ſombras de hum profundo parociſmo
A miſeria, e a loucura do *Atheiſmo.*

Outra Carroça vinha, em q'outro monſtro
De diverſas feiçoens o ſolio ordena
Entre pedaços de troncados vultos:
O elegante Sinzêl allí condena
De Jove, Marte, e Venus os inſultos:
Eſtimulando as cores dos berylos,
Tiràvaõ fraudulentos Crocodilos
Pela maquina impura, que fingia
A enorme oſtentaçaõ da *Idolatria.*

Na terceira Carroça ſe propunha
A imagem do *Deiſmo*: o throno expunha
Em deſtroçadas aras: os exemplos,
Com que o pincél anima o frontiſpicio
Eraõ deſpojos funebres dos templos,
Da offerta o odio, o horror do ſacrificio:
Quebrados os thuribulos ſe viaõ
A os pés do ſimulacro: repartiaõ
Quatro Tigres o adorno, em que ſe apura,
A fáchada da horrenda arquitectura.

Finge a quarta Carroça a feia imagem

Da torpe, da infelîz *Libertinagem*:
Em hum charco de eſcandalos corrutos
Reſpiraõ ſeus alentos diſſolutos:
De animaes, que ſe arraſtaõ pela terra
Parece que ſe nutre: Os olhos cerra
A o reſplandor do dia: a quatro buſos,
Mais vorazes, e fôrtes, do que os griphos,
O pezo ſe confia; e em tanto empenho
Naõ ha giro, ou impulſo, ſem deſpenho.

Retrata a ſombra na Carroça quinta
Huma aduſta Matrona; aonde a tinta
Mais carrancudo faz o ſeu ſemblante:
Cinge-lhe a fronte hum barbaro turbante:
Hum alfange guarnece a maõ direita:
Entre diverſos monſtros ſe deleita:
E o plauſtro, como indomitos Ethontes,
Movem quatro Orientaes Rhinocerontes.

Copiar pertende na Carroça ſexta
A velha *Synagoga* o aſpecto antigo:
E com diſtancias frivolas pretexta
A dura obſtinaçaõ do ſeu caſtigo:
Hum denſo fumo a cerca; e alonga viſta
Se dilata nos longes da conquiſta,
Que lhe debuxa o intento vagabundo

De

De hum novo Imperio, de hum fingido Mundo:
O pezo deſtes miſeros deſvellos
Facilitando vaõ quatro Camellos.

A *Hereſia* na ſetima Carroça
Sobre hum dragaõ ſe aſſenta, ou ſe enthroniza:
Com as garras péſtiferas deſtroça
Tudo o que a Igreja ordena, e ſolemniza:
Saõ da boca infeliz horrendos partos,
Viboras, Sapos, Cobras, e Lagartos:
Nos abortos da colera indigeſta
O olfato ſe amotina, o ar ſe apeſta:
Tanto horror, entre a chama dos coriſcos,
Conduzem quatro infames Baſiliſcos.

Allî vaõ juntamente figuradas
As *hortas de Epicuro*: debuxadas
As *eſtancias gentilicas*: os *boſques*,
Colliſſeo, e *Edificios* dos *Deiſtas*:
O *combate do arrojo Libertino*:
A *Caverna* do *Turco*, e a do *Rabino*:
Dos *Lutheranos*, e dos *Calviniſtas*
A *moderna Colonia*: e tanto crece
Na pintura o treslado, que parece
Neſtes retratos, que o pincel retoca,
Que o exemplar com a imagem ſe equivoca.

Para eſcoltar a horrenda commitiva
Hum nefando eſquadraõ o Abyſmo acende:
Da iniqua *Enveja* a hydropica invectiva
Pelos triſtres eſpiritos ſe extende:
Opprime hum tigre indomito a *Vingança*:
A *Soberba* hum pavaõ: o vulto lança
Sobre a eſpadoa de hum touro a *Ira* ardente:
Sobre hum mono a *Laſcivia* fâz patente
O cálido ſemblante: a torpe *Gula*
Na fereza de hum lobo ſe eſtimûla:
A *Traiçaõ* na de hum urſo, he que reſpira:
Na de huma ſphynge a pérfida *Mentira*.

Dominando eſte objecto pavoroſo
Vinha todo o concurſo luminoſo
De mais nobre apparato, expondo o erario,
O esforço, e o reſplandor do ſantuario.
Nos adornos de varias eſtructuras
Se vem reprezentadas as figuras
Do antigo Teſtamento: O ſacrificio
Allî ſe expoem de Iſaac com tanto indicio
Do impulſo, que na ſombra ſe deſcobre,
Que parece que Abraham o ſuſto encobre
Na fé, e na obediencia, com que a certa
A fazer do ſeu ſangue a ſacra offerta.

A Luta de Jacob ſe determina
Com tanta propriedade, que imagina
A vehemente apprehenſaõ no que ſlutûa,
Que o empenho da batalha continûa;
E ſem que tanto empenho ſe remate,
Se eſtá fingindo o eſtrondo no combate.

Com tanto ardor nas aras produzido
O cordeiro ſe vê; que inda o balido
Se affecta no retrato: O igneo fauſto
Taõ vivo ſe debuxa no holocauſto,
Que a ſemelhança ſobornando a ideia
Quer perſuadir que a victima fumeia,
E que crepita a chama, quando adverte
Que em leve cinza a hoſtia ſe converte.

Moyſés na recepçaõ da Lei ſagrada
Com taõ raro deſenho ſe treslada
Na elequente eſcultura, que parece
Que a maquina do Sina ſe eſtremece
Das trombetas aos bellicos clamores:
Na montanha entre horriveis reſplandores
A prezença do Altiſſimo ſe hoſpeda:
Na enroladá, fumoſa eſcuridade
Deſordena, ou confunde a labareda
A aurea agitaçaõ da claridade!

Taõ proprio, que na imagem do portento
Brilha, como verdade o fingimento.

Com outras perſpectivas luminoſas
Rodaõ diverſo plauſtros no deſinio
Do triumphante apparato: alto dominio
Inculca huma Matrona nas precioſas
Luzentes roupas, que imperioſa veſte:
Sobre os globos da fabrica celeſte
O ſolio conſtitue: da riqueza,
Com que o Mundo ſe adorna, ſe fabrica
O aſſento, em que deſcança: multiplica
As purpuras, e os Sceptros entre as plantas:
Dos cáucaſos as túmidas gargantas
Ficaõ flexiveis ao mais leve aceno,
Que expoem no roſto o reſplandor ſereno:
A penas eſta copia huma apparencia
Nos pode figurar da *Omnipotencia*.

Outra molher, naõ menos preheminente
A' admiraçaõ ſe offrece: Intelligente
Se moſtra na efficacia do ſemblante:
Cingida da grinalda vegetante,
Que o Oitono feliçita, traz a fronte:
Alegraõ-ſe os aſpectos do Orizonte
Nos ſeus feſtivos olhos: toda a eſphera

No

No ſeu divino roſto ſe proſpêra:
Suſtenta huma brilhante cornucopia,
Donde ſempre procede a immenſa copia,
Com que o Ceo, Mar, e Terra ſe fecunda:
Tudo alenta, e produz; tudo ſe funda
Neſte cofre immortal, que o Mundo gira:
Tudo nelle ſe expoem, tudo ſe inſpira:
E tudo o que no Erario a lûz dilata
A Sabia *Providencia* lhe retrata.

Outra molher igual na pompa illuſtre
Se faz patente à viſta: o throno altivo
De huma baſe quadrada, a reprezenta
Firme, conſtante, eſclarecida, attenta:
No ſemblante reſpira aquella chama,
Em que o peito, em que o eſpirito ſe inflâma:
Hum elmo intenta moderar os raios,
Que ſaiem do ſeu roſto: os ſeus deſvellos
Em hum livro diſpoem de ſete ſellos,
Que ninguem póde abrir; e tudo enſina
Que no adorno da imagem ſe illumina
A inſondavel *Sapiencia*; onde o cuidado
Fica em humilde aſſombro ſepultado.

N'hum pedeſtal ſe exalta huma donzella
Vibrando o troço de hum triſulco incendio:

Traz

Traz a viſta coberta; e huma balança
Lhe tempera os impulſos da vingança:
A ſeus pés, com louvavel inteireza,
Triumphando dos aſſaltos da riqueza,
Tem hum thezouro immenſo, e quando o calca,
Deſordena a ambiçaõ, vence a cubiça:
Bem moſtra ſer a imagem da *Juſtiça.*

Sobre hum rotundo ardor de aſtros benignos
De outro novo Prodigio ſe acompanha:
Rota da morte a indomita guadanha
Com as plantas a opprime: o ſeu refugio
Allí tem a deſgraça, a ancia, a pena:
Em hum manto de purpura ſe ordena
Hum aſylo immortal contra a malicia:
Sempre piedoſa eſtá, ſempre propicia
Para dar hum ſollicito agazalho
Na afflicçaõ, na miſeria no trabalho:
Em tanto reſplandor, tanta aſſiſtencia,
O eſforço ſe figura da *Clemencia.*

Com madeixas de Ophir outro portento
Repreſenta hum eſpirito incorruto:
Taõ activo ſe moſtra, que o tributo
Da Parca no ſeu thalamo deſdoura:
Deſpedaçada a funebre tezoura

De

De Cloto allí ſe adverte: ſem jactancia,
Sem algum movimento, alguma inſtancia
Se deſalenta o arrojo furibundo
Da negra roca, do ſerilho immundo:
De huma roupagem verde ſe guarnece:
No circulo, que empunha ſe conhece
Entre as luzes da ſua claridade,
Que inculca a effigie da *Immortalidade*.

Com olhos cegos, com ouvidos promptos,
Logo ſe exprime a *Fé* noutra figura:
De arminhos adornada aqui procura
Moſtrar a candidêz do ſeu conceito:
O ſeu ſincéro roſto, de reſpeito
Enche todo o concurſo: A Hoſtia, o Caliz,
Divinamente o punho eſquerdo adorna:
Reje o direito, com devoto eſpanto,
Na pompa illuſtre o Lenho Sacroſanto.

Em hum Leito florîdo, aonde a eſphera
Conſtitue huma nova Primavera
O vigor ſe enthroniza da *Eſperança*:
A clara viſta pelos orbes lança,
Fitando-a ſempre na continua aurora,
Que o aſpecto do Orizonte condecôra:
De matizadas plumas no deſtino

Aſpi-

Aſpira ſempre ao raio matutino;
E na inſignia de huma áncora prepara
A doce eſpectaçaõ da luz preclara.

A *Charidade* ſegue a companhia
Deſtas duas Irmans: a ſimpathia
De hum intrinſeco incendio as tem diſpoſto
A formar outro terno, outro compoſto
De graças celeſtiaes: ardente hoſpeda
Emcima da cabeça a labareda,
Que do peito reſulta; e a meſma chama
Acende, move, impelle, incita, inflamma
Tudo o que anella, tudo o que reſpira,
Emprende, anima, alenta, ama, e ſuſpira.

Naõ ſe aparta a *Concordia* deſtas gemeas:
Na eſpadoa de hum Geriaõ o throno exalta:
Rubicunda lauréola lhe eſmalta
A dourada madeixa, com os gomos,
Com as flores, e folhas deſſes pomos,
Que a meſma natureza tem coroado
Em final do frondoſo principado.
De ardentes coraçoens, que tem unido,
Com doce inclinaçaõ, melhor Cupido,
Se compoem toda a gala da Carroça:
A harmonia do affecto ſe alvoroça

Na

Na brilhante expreſſaõ; e eſta elegancia
Eſtimûla, e requinta a conſonancia.

Cercado de verſateis reſplandores
Hum milagre felîz de excelſo empenho
Apparece no candido deſenho
De outra rara donzella: ao Ceo levanta
Continuamente a viſta: a Pomba ſanta
Hum raio lhe introdûz no peito ancioſo:
O ſemblante de agrado venturoſo
Sempre banhado eſtá: toda a alegria
Do ſeu luzente roſto ſe confia:
Em tudo quanto anîma, quanto abraça
Se alenta, e ſe proſpêra a lûz da *Graça*.

Neſte maravilhoſo ajuntamento
De apparatos ſymbolicos, unida
Em huma nova eſquadra, o movimento
Segue deſte concurſo, outra partida
De emphaticas imagens: *A Paciencia*
Por inſignia produz hum pelicano:
Foge a *Contemplaçaõ* no horror profano
Com as azas da aguia: A *Continencia*
Empunha hum ramo de frondoſo louro:
A *Contriçaõ* compoem o ſeu thezouro
Em hum cofre de eſpinhos: A *Humildade*

Leva

Leva hum jugo: hum delphim leva a candura
Da affavel *Manſidaõ*: naõ ha figura,
Que em nobre impulſo, ou émphaſi ſublime
As virtudes excelſas naõ anime.

Orientou finalmente hum aureo coche
Onde o Sol os ſeus raios felicita:
Nem roziclêr, ou joia, airaõ, ou broche
Tantas luzes nas cores depoſita:
Brilha entre chamas de hum reflexo ardente
Toda a pompa da maquina luzente:
Quatro Elephantes com modeſto arrojo
Fazem mover as rodas: huma nuvem,
Taõ candida, taõ pura, como a neve,
Com outra fórma eſplendida deſcreve
O throno, em que ſe oſtenta mais glorioſa
Da *Religiaõ* a imagem luminoſa.
A Sacroſanta Tiara na cabeça,
Das veſtes Pontificias adornada,
Na maõ direita a Pagina Sagrada,
Na eſquerda as chaves: tanta luz divina
Todo aquelle concurſo predomina.
Vinha o Herôe com honeſta gravidade
Junto à baſe do ſolio: em fundo de ouro
Trâz hum manto de purpura: a grinalda
Se tece no eſplendor de huma eſmeralda,

Em

Em que tem novo alento a planta eſquiva:
Parece que huma palma ſe cultiva
No agrado, com que a empunha: o fado e ſorte,
O Mundo, a Carne, o Inferno, a Enveja, a Morte,
Debaixo dos ſeus pés ſe repreſenta:
A Cidade ſe anima, o ar ſe augmenta
Na doce variedade, com que as vozes
Repartem pelos circulos velozes,
De acordes inſtrumentos ſocorridas,
Os muſicos eſtrondos: divididas
Com varia conſonancia em varios choros,
Mais feſtivos expoem, e mais canoros
Mais nobres, mais alegres, mais ſolenes,
Mais glorioſos, eſplendidos perenes,
Mais inclytos, com tantos artificios,
Os cantos, os tropheos, os Epinicios.

Sit laus Deo Patri,
Summo Chriſto Decus,
Spiritui Sancto;
Tribus honor unus.